

A LINGUAGEM FALADA CULTA NA CIDADE DO RECIFE

2

Vol. II - Elocuções Formais

Maria da Piedade Moreira de Sá
Ana Maria Costa de Araújo Lima
Miguel Oliveira Jr.
Dóris de Arruda Carneiro da Cunha
(organizadores)

A LINGUAGEM FALADA CULTA NA CIDADE DO RECIFE



fonUFAL

PROJETO DE ESTUDO DA NORMA LINGUÍSTICA
URBANA CULTA DO RECIFE
(PROJETO NURC/RE)

A LINGUAGEM FALADA CULTA NA CIDADE DO RECIFE

- Materiais para seu estudo -

Vol. II - Elocuções Formais

MARIA DA PIEDADE MOREIRA DE SÁ
ANA MARIA COSTA DE ARAÚJO LIMA
MIGUEL OLIVEIRA, Jr.
DÓRIS DE ARRUDA CARNEIRO DA CUNHA
(organizadores)

Catálogo na fonte:
Bibliotecária Kalina Ligia França da Silva, CRB4-1408

L755 A linguagem falada culta na cidade do Recife, vol. 2 : elocuções formais [recurso eletrônico] / Maria da Piedade Moreira de Sá...[et al] (organizadores). – Recife : Ed. UFPE, 2017.

Acima do título : Projeto de estudo da norma linguística urbana culta do Recife (Projeto NURC/RE).

ISBN 978-85-415-0911-4 (online)

1. Língua portuguesa – Português falado – Recife (PE). 2. Língua portuguesa – Aspectos sociais – Recife (PE). 3. Linguagem e cultura – Recife (PE). 4. Sociolinguística. 5. Norma linguística. I. Sá, Maria da Piedade Moreira de (Org.).

469.79834 CDD (23.ed.) UFPE (BC2017-061)

Este trabalho foi realizado sob a coordenação das professoras Maria da Piedade Moreira de Sá (UFPE), Dóris de Arruda Carneiro da Cunha (UFPE), Ana Maria Lima (UFPE) e do professor Miguel Oliveira, Jr (UFAL).

Colaboraram na transcrição e revisão dos inquéritos que aqui se publicam os bolsistas Ângela Alves da Silva, Fábio Cruz da Silva, Júlio Vilanova, Niede da Rocha Guedes, Paola Maluceli Lins, Valéria Azevedo, Verônica Cabral, Ebson Wilkerson Silva, Tibério Teylon Correia, Remildo Barbosa da Silva, Ingrid Paranhos Rodrigues, Maxwell Costa Teodosio dos Santos, Clara Barros Tibúrcio Cataldo da Silva, Nayara Bárbara de Araújo Leite, Julyana Thiago da Silva, Diego Lessa Arnoldo, Vinícius de Farias Pereira, Juliete Lays de Almeida Melo, Maristela Oliveira dos Santos e Reimildo Barbosa da Silva.

As gravações das entrevistas deste volume foram realizadas pelos professores e bolsistas Cristina Barros, Edileuza Dourado, Ednah Nascimento, Eneida Martins, Gilda Lins, Ítala Wanderley, Jesonita Ribeiro, Núbia Borges, Piedade de Sá, Ricardo Barreto, Rosângela Papaleo, Simone Reis, Valéria Azevedo e Verônica Cabral.

SUMÁRIO

Apresentação	9
Normas para transcrição	14
Inquéritos	
EF 334 - faixa etária I - sexo feminino	17
EF 270 - faixa etária I - sexo masculino	49
EF 339 - faixa etária I - sexo feminino	69
EF 341 - faixa etária I - sexo masculino	97
EF 345 - faixa etária II - sexo feminino	117
EF 171 - faixa etária II - sexo masculino	137
EF 337 - faixa etária II - sexo feminino	151
EF 273 - faixa etária II - sexo masculino	173
EF 054 - faixa etária III - sexo feminino	197
EF 259 - faixa etária III - sexo masculino	205
EF 343 - faixa etária III - sexo feminino	215
EF 344 - faixa etária III - sexo masculino	243

APRESENTAÇÃO¹

Adair Pimentel Palácio

PROJETO NURC - Recife: objetivo dos inquéritos

Os dois principais tipos de documentos que compõem o acervo do Projeto NURC são os dos inquéritos DID e D2.

O inquérito do tipo DID registra a fala de um informante auxiliado por um pesquisador, o documentador. A sigla refere-se a uma entrevista da qual participam o documentador e o informante, em que o pesquisador participa minimamente da gravação, apenas para orientar o informante, estimulá-lo para que seu depoimento se mantenha ativo e para que ele não se afaste da área semântica selecionada para aquela gravação.

Já o documento do tipo D2 refere-se a um diálogo entre dois informantes que são direcionados por um documentador visando também a uma área semântica selecionada.

Esses dois tipos de documentos constituem a base principal, em termos quantitativos, dos dados da língua falada por uma camada selecionada da área metropolitana, no caso do Brasil, de cinco cidades brasileiras.

Essa documentação é feita em fitas gravadas por informantes de ambos os sexos, com bom grau de escolaridade, divididos em três faixas etárias, para dar depoimentos sobre uma de vinte e cinco áreas semânticas.

1. Apresentação feita à 1a Edição deste volume, publicada em 2005, pela Ed. Universitária da Universidade Federal de Pernambuco.

No momento em que foi montada, a pesquisa se propunha a cobrir a maior parte das regiões de língua castelhana, tanto na Europa como na América Latina. A metodologia adotada para esses tipos de registro deveria envolver um falar espontâneo, em uma situação de fala em que o informante discorresse sobre temas semânticos que fugissem de sua especialidade e assim oferecer um registro de fala distenso, sem um vocabulário especializado e sem policiamento de sua apresentação.

Naquele momento não se cogitava que o português viesse a fazer parte da pesquisa, mas depois de uma importante reunião de pesquisadores linguísticos no México, ficou decidido que tanto Portugal como o Brasil deveriam tomar parte nesse levantamento, visando obviamente à documentação do castelhano e do português falado por uma faixa de pessoas consideradas cultas, e representativas de áreas urbanas.

Para tanto, o material que havia sido preparado para o levantamento do castelhano sofreu alguns ajustes culturais e linguísticos para englobar os traços referentes ao português. O Brasil, por ser um país jovem, grande e diversificado, apresentava alguns aspectos para o levantamento dos dados que não eram coincidentes com o que havia sido proposto para situação análoga na Espanha e na América Latina. Um exemplo que nos ocorre é o dos nomes dados às missas católicas em homenagem aos mortos, que, no Brasil, ficam restritas à missa de corpo presente, missa de sétimo dia, missa de trigésimo dia e de aniversários de um, dois, três anos, etc., enquanto que em espanhol há uma nomenclatura muito extensa para referir-se a essas solenidades. Assim, houve necessidade de adequar inquéritos aos casos específicos de cada sociedade.

Foram muitas as discussões para estabelecer os critérios de definição de língua culta e quais deveriam ser as cidades representativas do falar brasileiro, assim como para decidir sobre muitos outros detalhes, que, pelo menos aparentemente, não existem nas sociedades seculares europeias.

Finalmente foram selecionadas cinco cidades como as mais representativas do falar brasileiro, tomando-se como critério a data da fundação dessas cidades, 100 anos, assim como sua concentração demográfica, 1.000.000 de habitantes. Segundo esses critérios as cidades selecionadas foram, portanto, Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

Além dos tipos de inquéritos descritos acima, também estavam previstos os registros de uma elocução formal, EF, e uma gravação secreta.

A elocução formal deveria ser constituída por uma conferência, palestra, aula, etc., um tipo de apresentação oral em registro tenso, um tipo de fala em que o informante tem todo o domínio de sua apresentação e não requer a participação de um documentador. Acredita-se que por sua própria natureza este seja o tipo de documentação de fala mais tensa e mais policiada. Geralmente, nesse tipo de documentação, observa-se que o informante apresenta um pequeno nervosismo no começo da gravação, o que parece diluir-se à proporção que o informante evolui no seu discurso.

A gravação secreta é um tipo de documentação em que o informante só tomaria conhecimento do registro a *posteriori*, quando ele deveria autorizar que o material gravado pudesse ser usado na pesquisa.

Por vários motivos esse tipo de gravação não foi feito no Brasil nem temos conhecimento de que tenha sido realizado em qualquer outro país onde a pesquisa vem sendo feita.

Um dos motivos que possivelmente inibiu esse tipo de registro no Brasil foi a situação político-social do país no momento em que foram iniciados esses trabalhos. As pessoas convidadas a participar temiam deixar registradas em gravação as suas opiniões pessoais sobre vários assuntos, principalmente os de cunho político, e assim se comprometerem com autoridades das mais variadas tendências políticas.

Os tipos de registro usados para o estudo da fala, segundo a metodologia usada no projeto NURC, permitem a observação de vários graus de tensão da fala, desde um discurso menos tenso, descontraído e menos policiado, como no caso das gravações D2, que, por ser um diálogo em que os dois informantes são levados a estabelecer uma conversação em que discorrem sobre experiências pessoais, chegam a estabelecer um nível de certa intimidade, como pode ser observado em várias dessas gravações.

As gravações DID, por serem de depoimentos, em que o pesquisador procura não interferir na fala do informante, este se sente muitas vezes inibido a continuar sua exposição, precisando receber estímulos do documentador. O diálogo, que é a forma mais natural de interação linguística, tem na documentação do tipo D2 a forma mais adequada de representação da fala normal.

A EF, que é a representação do registro mais formal, exige do falante uma atitude mais tensa e, consequentemente, uma fala mais policiada.

Assim é que nesses três tipos de registro da fala podemos observar três graus de atitude por parte do falante que oscila entre um tipo mais natural e menos tenso, como nos inquéritos D2, a um grau de tensão intermediário, como nos inquéritos do tipo DID, e ao maior grau de tensão nas gravações de EF, em que o informante é o objeto da atenção de seus ouvintes, pelas próprias circunstâncias da situação de fala.

Para observar alguns aspectos do falar diário, é conveniente focalizar-se as gravações dos inquéritos D2, por serem eles os que oferecem a possibilidade de uma fala mais espontânea. Para verificar se determinadas realizações já foram incorporadas na fala diária dos falantes, é conveniente observar se elas ocorrem nos inquéritos EF; se determinadas realizações forem encontradas nas realizações de fala mais tensas, elas têm todas as possibilidades de já se haverem incorporado ao falar do dia-a-dia. Pode-se tomar como exemplo uma realização tão frequente quanto estigmatizada no falar recifense, que é a substituição de uma consoante fricativa por uma fricativa glotal surda, como as realizações do /v/ inicial ou intervocálico de “vamos” ou “estava” pronunciados [‘hamu] e [is’taha]; assim como o /j/ intervocálico de ‘a gente’, pronunciado [a’henti]; e o /s/ em final de sílaba de “mesmo”, pronunciado [‘mehmu]. Alguns falantes selecionados para tomar parte na pesquisa realizaram essa substituição no decorrer das gravações, não como uma constante, mas como uma realização preferencial em momentos de descontração. Muitos desses informantes abominam essas realizações e não acreditam que elas fazem parte de suas falas. Tivemos a oportunidade de constatar a opinião de alguns participantes sobre essas realizações e obtivemos afirmações categóricas sobre a inadequação de tais pronúncias.

Entre as gravações realizadas, como era de se esperar, muitas ficaram fora do acervo do Projeto por vários motivos, a maioria delas por problemas de ordem técnica. Essas gravações formam a “marginalia”, o material que, embora não tendo sido aproveitado na pesquisa por fugir aos objetivos da análise, oferece boa fonte de observação, uma vez que os informantes são pessoas selecionadas para a pesquisa. Algumas dessas gravações nos permitiram observar que, mesmo em realização de um discurso tenso, alguns dos fenômenos pouco apreciados pelos falantes fazem parte de suas falas.

O acervo de que dispõe o Projeto NURC - Recife é formado por um material gravado por um grande número de recifenses. A maioria são pessoas nascidas e criadas na cidade do Recife e filhos de pai e mãe recifenses, em igual número de homens e mulheres, todos com terceiro grau completo e divididos em três faixas etárias: de 25 a 35 anos, de 36 a 55 anos e com mais de 55 anos. O tempo estipulado para cada gravação varia de 40 minutos a 1 hora e 20 minutos, dependendo do tipo de inquérito.

NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLOS ¹
1. Pausas	... (pausas micro e média) (xs) (pausas acima de 2 segundos)	espinhos... pretos... escuros bom (3s) outra coisa
2. Ênfase	MAIÚSCULAS	tubarões brancos IMENSOS
3. Alongamento de vogal	: (pequeno) :: (médio) ::: (grande)	barriga che:ia falando de ca::rne ele sai planan:::do
4. Silabação	-	desaparece o pêlo com-ple-ta-men-te
5. Interrogação	?	não é que aquilo é gostoso?
6. Segmentos incompreensíveis ou ininteligíveis	()	parece que o nome era () sei lá um nomezinho assim
7. Truncamento de palavras ou desvio sintático	/	agora porco deve ser la/ dar banho no porco
8. Comentário do transcritor	(())	bata ((ri)) com dois dedos ((rindo)) fiz um pirão e comi
9. Citações	“ ”	eu digo “junte o sangue e vá baten:- do com vinagre... batendo até ficar espumoso”
10. Superposição, simultaneidade de vozes	[	Inf. - que mais meu Deus [do céu? Doc. - [outras aves

OBSERVAÇÕES:

1. Nomes de obras e nomes estrangeiros aparecem em *itálico*;
2. As maiúsculas são utilizadas também em siglas (DDT, etc.) e em iniciais de nomes próprios (Brasil, Monteiro Lobato, etc.);
3. Conforme regra estabelecida pelo Projeto NURC, nenhum inquérito deve ser identificado. Por essa razão, todos os nomes próprios (de pessoas) que aparecem nos inquéritos, podendo revelar a identidade dos informantes, são substituídos por suas iniciais (“tem um ganso ali perto da casa de E. que é o CÃO”);

4. Os números aparecem por extenso (“tinha uns três ou quatro”);
5. Sinais de pausa típicos da escrita (vírgula, ponto e vírgula, dois pontos e ponto final), bem como o ponto de exclamação não são utilizados na transcrição;

* Exemplos retirados do Inq. NURC/RE no 150 DID.

Projeto NURC/RE - Inquérito nº 334 - Tipo: EF - Data: 04/06/86 - Duração: 60 min - Tema: Psicologia - Informante nº 403 - Sexo: F - Idade: 31 anos (1ª faixa etária) - Formação: psicologia - Profissão: professora

Inf. - bem a gente vai continuar hoje a aula sobre a pesquisa (3s)
() vocês se lembram de alguma coisa sobre o que a gente disse sobre a origem dele? que é que ele tá pedin:do quais são as funções que ele está pedin:do... que é que ele conside:ra?... o que () considera como sendo:... leitura e escrita (14s) () pode falar ((ri))

L.A. - () inclusive eu comecei a: ler uma tese dele né?... eu parei na metade ainda... na metade não bem no iniciozinho eu me lembro que ele fala de um processo: ()...

Inf. - () porque...quando ele começou com os estudos dele começou... em mil novecentos e:... mais de mi/ mil novecentos e vinte oito vinte nove... porque o primeiro teste mesmo saiu em mil novecentos e vinte oito vinte e nove... nessa época... ele éh:/ as primeiras Tarefas os primeiros testes depois ele foi modifican:do... passou de vinte duas... vinte dois testes pra:... oito testes ele foi eliminando os que eram desnecessários tratam da mesma coisa... ficando só com oito tarefas... éh então... na NA época em mil novecentos e trinta... vinte e oito vinte e nove trinta... tá havendo muitas modificações em termo de TEoria dentro da psicologia... na época... né? ainda se usava estímulo e respostas... antes... e nesse período () Piaget dentro da teoria da GESTALT... entendeu? é quando começou a: haver o desenvolvimento das teorias psicológicas... uma ênfase no indivíduo como um to:do () comportamento total global do indivíduo... agora eu acho que ele explica muita mais coisa e não explica direito... ele fala mas não diz quais são as tendências teóricas na época... ele cita Piaget... mas não fala direito o que é... o que é que Piaget fala sobre isso... eu acho que tento:u... fazer um apanhado hisTÓrico do que é leitura e escri:ta...

éh as mudanças teóricas... mas ele não se detém muito em explicar... vocês não sei se vocês notaram que o: o livro é basicamente... o resultado de pesquisas... depois como teste sobre a... a previsão... do teste... se ele é tão bom () né?... a validade ()... então... éh: discuti com as meninas... a gente vê assim como:... é: é:... é denso o livro... ele dá muitas informações... mas tem muita coisa que não fica clara... então o que fi/ o que ficou claro pra mim?... não é?... do que ele apresenta... é que pra ele o processo leitura escrita é um processo global... é um processo dinâmico... e que... éh: ele enfatiza muito a ação... do indivíduo... mas aí eu acho que ele enfatiza a ação muito mais aquela questão do movimento dos o:lhos... movimento... das mã:os... movimento... do do aparelho de fonação... quando ele fala muito em ação/... não sei se voCÊS chegaram a ler essa parte... éh: porque não é bem como... como Piaget fala não é?... embora ele faça uma referência a Piaget mas eu acho que ele não está falando em ação nesse aspecto... certo?... ele tá dando ên:fase... éh: éh o ato do aspecto psicomotor... mas nã:o... o as/ esse éh o aspecto cogni/ o aspecto do conhecimento como Piaget fala... a ação pra Piaget como:... o: o meio não é?... de se: se conhecer... o ambiente... e de se conhecer também... então éh: quando ele fala sobre diferença entre leitura e escri:ta... ele fala de todo sobre todo o processo...ele descreve o processo... DESde o quê?... de:sde a percepção discriminação visual... que é uma discriminação disfarçada não é?... () DESde a discriminação visual... que é a discriminação das... das pala:vras das le:tras... das sílabas e das le:tras... e: a decifração desses... sinais em sons... e que aí entra... a coordenação dos movimentos dos o:lhos... entra a coordenaçã:o... não é?... do: movimento da... do aparelho de fonação (3s) () (5s) então no momento que ele descreve todo o proce:sso... ele vai dizendo quais são as funções que ele considera importante... e também... outra coisa... que ele ele coloca... como sendo objetivo do seu teste é ver... a maturida:de da criança... para aprender a ler e escrever... o nível de maturidade... é que pra ele não é o que é importante... ele acha que não tem relação... entre o nível de maturida:de e o nível de:/... que

não há relação entre aprendizagem da língua escrita e o nível de idade cronológica e o nível de idade mental... o que era éh: um dos pressupostos da época... se a criança tem tal idade cronológica significa que ele pode... aprender a ler e escrever... ou se tiver determinada idade mental... certo?... então ele:... no começo do livro... ele começa a questionar esses aspectos... por mostrar que tem crianças que tem aquela idade estabelecida...que é em torno de seis anos... mas que não consegue aprender a ler e escrever... como também tem criança que tem idade mental... também que corresponderia a seis anos... mais ou menos... e que também não consegue aprender a ler e escrever... então pra eles/... éh não quer dizer que a idade cronológica e a idade mental não sejam importantes... né? porque o nível de maturação da criança tá relacionado com o seu nível... éh: sua idade cronológica... mas que: éh existe algu/ existem algumas funções não é?... que são:... mais importantes pra esse processo de leitura... e escrita... então essas funções que ele considera importantes... são aquelas que ele... descreve ... quando ele: passa no processo... de le/ de ler e escrever... são aquelas funções que eu coloquei na semana passada... coloquei dez ou doze não me lembro

L.A. - dez

Inf. - que é a... a percepção visual... é a memória visual... a percepção auditiva... a memória auditiva... a coordenação psicomotora... a coordenação visomotora... é a capacidade de prolação a resistência à ecolalia... se lembra o que é capacidade de prolação resistência à ecolalia?... está ligada à questão da pronúncia das palavras se ele diz palavras... ou não... éh:... que mais?... éh (4s) resistência à inversão que está ligada à coordenação visomotora... não é?... a compreensão verbal... reais ou de mentira... certo?...como também... o índice () se a criança é capaz... éh de executar determinadas tarefas sem se cansar...então... pra isso... pra variar essas funções... ele desenvolveu... esses oito... essas oito tarefas... quer dizer... ficou com essas oito tarefas... desenvolveu mais... mas () ficou só com essas oito... éh e em cada... tarefa

de:ssas dessa... está medin:do... não é?... mais de uma mais de um aspecto... mais de uma função... então ele também considera como um teste dele... como um teste... que ele chama... sintético por analogia... chegaram... chegou a ver isso A.?

L.A. - não

Inf. - é um teste que ele diz assim... que não... que procura ver as funções de uma forma integra:da... mas não é/ não vê as funções realmente na situação... éh: (3s) () na situação real... que não vê... a:: essas funções na [alteração/... o [quê?

L.A. - [()... [()

Inf. - se fosse isolada seria analítica [que diz/

L.A. - [()

Inf. - sintético por analogia... então é sintético porque é transmitido como:/... éh: as fun/ as funções de modo global... o processo globa:l... ele não tá querendo dizer que ca:da função isoladamente... ele tá querendo ver essas funções na forma integrada... então seria um teste sintético... e é por analogia... porque ele não tá estudando a situação real... já na situação real... no caso da produção da língua oral e escrita seria a leitura e a escrita... eles não estão estudando a criança lendo e escreven:do... ele tá estudando... a criança... EM situações... né?... em que essas funções da leitura e escrita aparecem... por isso que ele considera como um teste sintético por analogia... ele não procura estudar por exemplo memória... a memória... separadamente dá atenção a função separadamente... a compreensão só... ele só precisaria disso integrado... então essas esses testes não medem cada coisa separadamente... medem mais de uma coisa geralmente... embora tenha um aspecto ou uma função que seja mais importante... mas todos estão interligados

L.A. - e essa outra que você falou é como?

Inf. - é porque não é a situação real... certo?... porque a

interpretação que dão para a leitura... ele não está medindo... a criança no processo/ na leitura e na escrita ele está vendo a criança em situações... [()

L.A. - [()

Inf. - exatamente em que essas funções aparecem... mas não são... éh:... não são as situações reais... de leitura e escrita

L.A. - e o aspecto que ele () da idade ()?

Inf. - porque ele não estuda a:/ por exemplo não tem um teste só pra memória... um teste só pra... raciocínio... um teste só pra aquisição... certo?... essas funções entram... então/... em várias tarefas... embora eu ache a própria definição que ele dá... assim meio abstrata (4s) então eu vou mostrar pra vocês quais são os testes... né?... como é que a gente aplica... e vou dar um caso (10s) sim outra coisa... quando eu falei que o objetivo dele era... ver o tipo de maturidade da criança pra aprender a ler e escrever... éh ele a partir disso... né?... ele supõe ou não é nem ele supõe... ele espera não é? que a partir da avaliação de cada criança... da sua capacidade... a partir do diagnóstico da criança... ele possa fazer um prognóstico sobre a aprendizagem... então se ele... vê que a criança apresenta as funções necessárias para aprender a ler e a escrever... significa que essa criança terá Êxito... ou não no processo de alfabetização... certo? então o: TESTe dele... os testes dele procuram... diagnosticar a capacidade da criança para prever a aprendizagem... e a partir então dessa: desse prognóstico... ele sugeria a a: constituição de classes especiais... ou classes seletivas... então ele procurava o quê?... no momento em que ele via o nível de desenvolvimento das crianças... ele separava as crianças por níveis... então a gente vai ver que ele classifica as crianças em três níveis... médio... inferior e superior... então ele tentava colocar em classes... as crianças de nível superior... em outras classes a criança de nível inferior... em outras classes a criança de nível médio

L.A. - [()

Inf. - [não veja... ele avaliava se tinha condições... então ele via o nível de maturidade da criança... que ele considerou três níveis... médio inferior e superior... certo? no momento que ele conseguia saber os níveis de matura/ maturidade e maturação da cri/ das crianças... ele colocava as crianças em CLAsses... separadas... isso aí ele chama classes seletivas... então ele colocava a a/ fazia classes homogêneas... quanto ao nível de maturidade... então com isso o que é que acontecia?... a: a professora tinha muito mais dis/ MENos dispêndio de de: de energia de tempo de tudo... porque... se todos estavam mais ou menos no mesmo nível as tarefas seriam mais ou menos as mesmas... a forma de trabalhar seria mais ou menos a mesma... numa classe heterogênea o que é que acontece?... as crianças estão em níveis bem diferentes... a professora tem dificuldade de trabalhar... com as crianças nesses diversos níveis... certo? então... a homogeneidade da da turma facilitaria o trabalho da professora... e ele esperava com tudo isso aumentar o rendimento da turma... porque as crianças mais fracas estariam todas numa mesma sala... e então a professora ia dar TArefas específicas para aquelas dificuldades das crianças... certo? porque também... no fim do livro... ele faz propostas de revisão de TArefas... né? que devem ser executadas ou... efetuadas né?... que a professora iria dar pra essas crianças... em função dessas dificuldades... então se a criança tivesse dificuldade em coordenação visomotora... então ele daria taREfas para o desenvolvimento dessa... habilidade... dessa função... se a criança tem dificuldade em compreensão verbal... então ela ia executar tarefas... né? que levassem... a criança... a prestar atenção a a TExTos de de histó:rias... éh ia ver a compreensão da criança ia desenvolver seu vocabulário... certo? então... a partir dessa avaliação... ele também faz propostas de tarefas... (6s) então o teste dele tem esse objetivo de diagnosticar e prognosticar certo?... nesse sentido de prever qual seria a aprendizagem da criança... e nisso não é? ele ele faria isso através/ ou isso

facilitaria o ensino através das classes seletivas... então isso aí ele faz muito em São Paulo... pelo que eu entendi ele deveria trabalhar ligado à Secretaria da Educação de São Paulo... éh: ele coloca sobre:/... ele coloca assim que:... no período éh em que se/... éh: se insistiu né? se constitui das classes seletivas... a partir dos resultados dos seus testes... houve um maior rendimento... maior aprendizagem... diminuiu o índice de reprovação... nessas escolas públicas... e que depois não é? com com a mudança de governo... que não se faziam mais essa seleção... das classes... houve de novo... uma queda do rendimento... então ele tá mostrando com isso que as classes seletivas... levavam a um maior rendimento escolar (4s) então agora vamos ver

L.A. - ôh: L. quer dizer que ele colocando cada pessoa... cada criança em um nível... isso ia facilitar porque as classes () conforme ()

Inf. - é e ele também faz um estudo ()... dentro dos estudos de validade/ eu coloquei ali as partes... dentro dos estudos de validade do teste... ele mostra aí... que num mesmo período havia classes seletivas... e classes não seletivas e que o rendimento das classes seletivas eram melhores... o rendimento era melhor nessas classes ((rindo)) seletivas do que nas classes nas classes não seletivas... né? porque às vezes a professora diz assim “nas classes não seletivas... os pobres num instante aprendem”... né? e ficam lá: porque a professora tem que acompanhar o nível das outras... das outras crianças... então a criança pobre ela não vai além... porque não é dada... à criança condições não são dadas condições para ir além... porque a professora tá preocupada com o quê?... com: a média do grupo... quando ele faz o seu prognóstico e divide as classes em média inferior e superior... aí ele considera o seguinte... que a criança no nível superior... ela tem condições de ser alfabetizada num semestre... a criança do nível médio só consegue ser alfabetizada no período de um ano... e as crianças de nível inferior... dificilmente serão alfabetizadas... certo? então quer dizer durante o período letivo... em que há aquela mistura

de crianças... a criança que está no nível superior... antes de chegar a ao meio do ano já consegue domi/...já consegue ler e escrever... enquanto que as de nível médio ainda estão... não é? mais lentamente no processo... e aquelas que têm dificuldade não estão conseguindo... certo? agora.../ era uma coisa que a gente estava discutindo não é? () / () que eu: levantei foi o seguinte... será que a questão era se a classe era homogênea ou não?... né? porque... se a classe fosse heterogênea mas a professora desse tarefas adequadas pra cada nível das das crianças... o desenvolvimento... o rendimento até seria o mesmo... e () no momento que uma criança de nível menor junto com uma criança de nível maior... ela POde se sentir estimulada a desenvolver-se né?... e ir além: do que ela... tem... condições... se exige mais dela... e no momento que ela está com criança de um mesmo nível ou de um nível inferior... ela... não será estimulada... será: só esti/ se tirar dela o mínimo

- L.A.** - é... e mesmo () colocar no meio de pessoas que estão um pouco... () você faz tudo pra poder acompanhar né? ()
- L.A.** - e eu acho que como a escola deve ser... ()... ela já não é uma coisa que ela vai ter que enfrentar na vida dela e depois que ela sair daquelas classes ()
- Inf.** - porque o que ele ele coloca não é?... o a justificativa pra essa separação... é que as crianças com dificuldades se sentiam frustradas e não tinham o êxito das outras... pode acontecer... quer dizer é uma coisa que pode acontecer realmente... mas aí... depende do trabalho... de pesquisa: da professora que eu também acho que... é difícil () o trabalho da professora () é/... ela faz uma avaliação inicial do nível de desenvolvimento da das crianças... e depois então a professora vai fazer TArefas de acordo com esse nível de desenvolvimento... é a quer dizer classe heterogê:nea... agora o lado do trabalho... tem que ser heterogêneo também... a professora não vai querer... éh dar as mesmas tarefas para todas as crianças... isso eh eh: aumenta o trabalho da professora... não é?... é muito mais difícil fazer isso... e se tiver alguém que () você

tem que ver a média da turma... não é?... como as escolas particulares elas fazem não é?... SE a média da turma pode fazer determinadas tarefas pode... éh: obter determinados conheciMENTos então vai ser em função dessa média da turma... quem tá além nu/ não pode ir além... quem poderia ir além não vai além... não é dada condições de ir além... quem está abaixo... TEM que se esforçar pra acompanhar o resto... quer dizer não é dado um tratamento especial

L.A. - ()

Inf. – na escola pública... a gente vê assim... tem a as filas né?... então na ÚLTima fila lá... a gente vê um monte de crianças que estão... são as que não conseguem... a professora diz que ela não consegue ser alfabetizada de jeito nenhum... ficam lá no canto da sala... elas dão aqueles papéis de desenho pra fazer coordenação motora... co:pia... ou então a partir de exercícios de coordenação motora... elas... ficam isoladas assim... quer dizer... não é dado um: um tratamento... diferenciado que ela: que ela: que as professoras dão pra: outras crianças () tarefas de coordenação motora ()... e ficam trabalhando com a média com o resto do grupo... com aqueles que estão conseguindo... éh fazer as coisas () (4s) então esse: o teste né/... o á-bê-cê... ele é constituído:/... os testes não é?... são espécies de tarefas de aplicação individual... certo? não podem ser aplicados coletivamente... e a aplicação gasta em torno de oito minutos... e uma coisa assim:... para aqueles que queriam fazer que ele é um teste... não específico de psicólogo ele não exige eh especialização... o professor pode aplicar o teste... tanto é que ele era vendido em livrarias não era teste vendido em distribuidor... distribuidor de teste psicológico... como os testes que vocês compararam até agora... então foram testes criados por eles mas foram utilizados pelas professoras (3s) ()... que assim a a aplicação né?... a gente tem que ter uma conversa inicial... como todos os testes... não é?... que vocês têm visto e que: a orientação que ele dá é que () é como fazer jogos e brincadeiras... não não dizer ()... antigamente a palavra TAREfa não tinha conotação de

jo:gos... não é?... mas ago:ra... como na escola o termo usado é tarefa... então fica um termo éh:/ usar tarefas associado com as tarefas escolares... então ele coloca mais usar termo... jogo...brinquedo... brincadeira... como também pode usar qualquer teste não é?... e: aqui ele chama muito a atenção pra observar o comportamento da criança... tanto antes quanto durante a aplicação do teste... então observar se a criança... éh tá segura ou não... se a criança... está inibida ou não... se a criança coopera em fazer as tarefas ou não (3s) se a a criança está atenta às instruções... como também às tare:fas... embora aí no/ é um aspecto de de dos testes mas você pode/ DÁ pra observar isso... observar se a criança é rá:pida no desempenho ou não... observar se a criança está interessada na tarefa... motivada... ver quem éh:/ não querer fazer a tarefa né?... os testes éh: uma dificuldade real da criança... é não motivaçã:o... é a ansieda:de (4s) principalmente se há má pontualidade no trabalho... se a criança... SEMpre é rápida... SEMpre é lenta... SEMpre ela demonstra segurança... decisão (7s) outra coisa também que ele coloca é que... o teste pode ser aplicado por duas pessoas né?... então quando a gente for fazer o trabalho... TANTo nessa na parte: nessa parte cognitiva como nessa parte de teste... vocês procurem dividir... porque todo mundo pode passar pelas duas experiência de teste... como na experiência do:... da avaliação cognitiva... então... pode ser/ o teste pode ser aplicado... embora seja um teste curto... ele pode ser aplicado por duas pessoas... certo? então uma fica de um a quatro outra fica de... cinco a oito... tem que seguir a mesma ordem... mas pode ser dividido

L.A. - e a outra?

Inf. - bom a outra você dividem uma faz a parte de realismo nominal... outra faz a parte de compreensão de escrita

L.A. - só pode ter duas pessoas?

Inf. - não mas aí no caso de ter uma terceira então vocês têm que ver porque aí... também... não dá pra dividir assim... mas... o teste () mas nem com a parte de: compreensão...

de escrita ()... porque as tarefas... DÁ pra dividir assim
realismo dividido em compreensão e escrita... certo?

L.A. - a outra fica observando

Inf. - mas é bom que ela participe de uma das partes... não é?... Todas
todos todos aqui estão observem agora não dá para as três
aplicarem/ fazerem as mesmas aplicações... não vai dar pra todas/
se são três não dá para as três fazerem um caminho... avaliação
cognitiva... e nem dá para as três fazer a parte do teste né?... aí al
alguém vai deixar de fazer alguma coisa... vocês resolvem entre
você... mas é bom que todas três PAssem pelo processo

L.A. - mas se alguém vai deixar de fazer alguma coisa como é que a
gente vai ()?

Inf. - sim então ela vai deixar mas

L.A. - aí então a gente vai terminar fazendo o quê? uma faz a parte
do da avaliação cognitiva e as outras duas dividem... agora
() tá entendendo?... são três... duas ficam com a parte
cognitiva e a outra com a

Inf. - eu acho que mesmo a parte da cognitiva não devia ser
dividida certo?

L.A. - () mas pode dividir?

Inf. - po:de... agora só pode dividir em duas pessoas... porque em
três fica muito partido... certo?... depende/ HÁ uma sequência
no momento que você pa:rte... seja no realismo na parte de
de escrita como mu:da o tipo da tarefa... então a mudança do
examinador não não vai criar problema... mas no momento
que você tem dentro do campo do realismo nominal... uma
parte uma faz aí quando chega naquela parte “áh a parte () é
a parte... maior” por mim () não é? e daí mudar... porque há
uma sequência certo?... e aí eu acho que aí não deveria mudar

L.A. - então uma fica com o realismo nominal e as outras duas
dividem o resto... aí [()/

Inf. - [mas a outra/ mas podia ser... uma

fica com o realismo nominal e o outro fica com o nível de compreensão... e no á-bê-cê... dividi/ ou dividiria ou uma só ficaria... agora eu acho que mesmo a parte a parte cognitiva... como vocês não têm muita experiência... principalmente quem não/... se alguém faz psicolinguística... então poderia éh: deixar que as outras que não fazem psicolinguística fiquem com essa parte da tarefa cognitiva... porque na psicolinguística vocês vão fazer isso certo?... e até quer dizer... tem a parte das leituras de história tem/ é mais um trabalho... então se no grupo tem pessoas que fazem psicolinguística e pessoas que não fazem... então quem não faz psicolinguística ficaria com essa parte da avaliação cognitiva para ter experiência certo? (4s) então outra coisa que ele enfatiza não é? éh ele ele tá querendo com o teste ver essas funções... mas ele... considera importante o indivíduo como um todo... então pra ELE é importante ter uma avaliação da saúde do sujeito... éh em termo de nutrição... em termo de visão de audição... não é? se a criança tem:... teve um problema de audição e visão... ver a questão do:: da:... estabilidade emocional da criança... o relacionamento... da criança... ter uma ter uma avaliação global da criança... não só dessas funções... ter uma avaliação da idade mental da criança no tem/ NA Época... não é? em mil novecentos e vinte os teste só eram testes de idade mental e testes de qi... atualmente é que tem o teste () não é? que é a a () a unidade mental que é a ()... mas na época a () era a idade mental... então ele não despreza a avaliação da idade mental... mas ele acha que só isso não é importante... como ele também acha que só as funções avaliadas por ele não são importantes... tem que ter uma avaliação global da criança (3s) então agora vamos ver os testes (9s) o material do teste... tem aquele manual que eu dei pra vocês... nesse manual tem todas as instruções... tá aí

L.A. - que manual é esse?

Inf. - olhe... é ... porque o manual/ esse aqui... porque quando eu cheguei na sexta-feira... parece que vocês já tinham saído... então eu deixei com H. porque eu fui logo eu fui logo na

turma de E. e estava K. mas K. disse que não ia poder vir na segunda-feira não foi? e ficou com H. que ele vai() passar pro grupo... porque geralmente o pessoal que é de outra turma reclama que:... pega o material depois... então eu fui logo pra eles pra trazer pra vocês... então A. já pegou não foi A.?

L.A. - ()

Inf. - então não sei com quem está

L.A. - está comigo

Inf. - está com [você?

L.A. - [quer dizer... comigo agora não... tá com:: a menina que () tirar xerox

Inf. - já está aí esse [material

L.A. - [()

Inf. - não eu eu tirei eu eu resumi eu só tenho as partes principais ()... porque isso aqui é o o é o livro todo... certo?... então eu tirei partes ma/ tirei xerox mais da parte de () de atividades o que é que ele tá pedin:do e: os::... os testes como aplica e como corrige

L.A. - () sobre todas aquelas coisas que a gente viu não é isso?

Inf. - uhm-hum... é é: aquele material que eu dei pra: H. como também... tem as folhinhas né?... eu coloquei as folhinhas... então eu tenho o livro... que tem todo o material e se vendia antigamente nas livrarias as folhinhas do teste... eu coloquei também atrás pra vocês... então nessas duas folhas aqui tem uma que diz como que como aplica... a outra como corrige... essa aqui é a folha onde tem a parte de reco:rte e onde a criança tem que fazer o desenho das figuras... e aqui são as figuras que a criança vai desenhar... e aqui é o material... pra ver... a parte de memória visual e como não pode tirar xe/ tirar xerox de tu:do... ficou na metade... metade metade... então vocês tem que... éh: juntar colar... ou bota

numa cartolina e se der pra juntar aqui mesmo... vocês ()... porque ele orienta que coloque cole isso aqui na cartolina

L.A. - mas tem uma página que tá riscada ()

Inf. - é que eu tinha dito pra não tirar e tiraram... quando eu fiz () ontem de noite eu risquei e botei não... então lá embaixo devem ter tirado... o que tiver escrito não é porque não é pra tirar... então vamos começar... o primeiro teste é o teste de () (3s) então são essas... três figuras aqui... a primeira é esta... a segunda e a terceira... então a gente dá um papel pra criança... é um papel que tem aqui... teste um... reprodução de figuras... a gente dá à criança se ()... a posição que a gente deve ficar... ele orienta que a gente fique de Lado da criança... do lado direito da criança... pode ficar em frente... mas pra aquele teste então TEM que ficar realmente de lado

L.A. - de que lado?

Inf. - de lado do lado direito da criança... agora pra mim eu acho melhor de ficar do lado esquerdo... também pode do lado esquerdo... mas/ e a criança escreve tá com a mão na frente... a gente do lado direito fica ruim às vezes de observar... mas a orientação que ele dá no manual é ficar do lado direito

L.A. - mas ()

Inf. - a orientação que ele dá agora eu acho pra MIM... não sei se vocês quando aplicaram o teste ficaram de lado... ficaram... porque tem lo/ tem posições que ficam melhor... por exemplo se eu estou escrevendo... a criança que está do meu lado direito... ela não está vendo porque ela nessa idade a criança não lê não é? então não sabe se eu estou escrevendo ou não... () mas se ela... ela é destra se ela está escrevendo aqui e eu fico do lado de cá...às vezes fica difícil pra eu ver o que ela está escrevendo... quer dizer... no caso são desenhos... então como no/ talvez só é a parte de desenho que a gente tem que observar... que a criança vai ter que escrever alguma coisa pode ser que... independa ficar do lado direito ou esquerdo... nesse mo/ nesse caso... mas se uma pessoa que

esCREve... vai fazer um teste e tem que escrever muito... ficar do lado direito pra mim atrapalha... se ela for destra... porque impossibilita dificulta ver o que ela está escrevendo... mas aí vocês vejam o que ficar melhor pra vocês fazerem... a posição que fica melhor (3s) então a cópia disso tudo esse primeiro mostra por aqui... né? mostra a ela ... pode colocar em cima da mesa... e dá um papel pra então ela desenhar... não dá borracha só o lápis... depois que ela desenha... você mostra a outra figura... e pede pra ela desenhar também igual

L.A. - primeiro é essa?

Inf. - umh? primeiro é essa... eu acho que a primeira devia ser o quadrado não é? que é uma coisa mais conhecida da criança... mas pela... numeração que tem aqui A é o losango... então tem que fazer de acordo com... ele manda né?... então primeiro o losango depois o quadrado e por último essa última figura... então aqui o caso que eu vou dar pra vocês é pra criança de: três anos e dois meses... isso foi feito em dezembro... no final do ano passado... ela estava no jardim dois... então eu pedi pra que ela fizesse um desenho das figuras... então ela desenhou né?... da dá-se mais ou menos um minuto pra criança fazer cada desenho... eu marquei o tempo que ela gastou só pra ver que ela/ mostrar que ela foi rápida que ela terminou antes do tempo (3s) no () resta saber () é um minuto pra cada criança... então depois que a gente/... a AVAliação também não precisa ser feita na hora como é o caso de () a gente pode fazer a avaliação depois... então no caso dessa criança ela fez três desenhos... então quando a gente vai fazer a avalia[ção

L.A. - [qual é a () do desenho?

Inf. - uhm?

L.A. - () do desenho?

Inf. - então vamos ver que ponto se daria pra essa criança (4s) vale a/ o quê?

L.A. - ()

Inf. - é... porque na avaliação a pessoa tem que ver/... tem vários critérios... tem vários critérios pra se estudar em função desses critérios... quando é quantidade de palavras... é mais fácil... mas aqui é mais difícil... então a pontuação varia de zero... a três... ze:ro é quando ele/ tem a/ ele tem aqui... tem aqui os critérios... aqui zero que significa nulo... não teve desempenho nenhum... UM:... significa desempenho fraco ou inferior... m significa desempenho médio e:... que seria o dois... dois pontos... e três pontos significa desempenho superior... certo? então ele classifica de zero a quatro... zero a três desculpe... porque são quatro classificações não é?... de zero a três... e:... éh ele faz essa classificação... em termo de inferior médio e superior... porque ele não só ele quer ver o nível de maturidade mas como ele também quer ver as várias dificuldades da criança... certo? então ele vai ver/... vai começar pelo perfil... cadê a folha disso? ((em voz baixa)) pra cada teste... tem teste de um a oito... pra cada um a gente vai ve:r... a po/ a posição da criança... vai fazer o perfil dela... então vai ver se a maioria da da:s... dos testes se ela está no nível médio... se ela está no nível inferior vai ver as várias dificuldades... né? (3s) então essa criança aqui... eu vou ler o nível três né?... que significa três pontos... quando essa reprodução do quadro estiver perfeita... ou com dois lados apenas... sensivelmente maiores... conservando todos os ângulos retos... eu li errado... quando a reprodução do QUAdrado... se disse do quadro estiver perfeita... ou com dois lados apenas sensivelmente maiores... conservando todos os ângulos retos... o losango com os ângulos bem observados... e a terceira figura reconhecível... eu vou ler dois pra gente ver se é três ou se é dois não é?... quando a cópia do quadrado tiver dois ângulos retos... e as demais figuras forem reconhecíveis (4s) você acha que é o quê?

L.A. - dois

Inf. - dois? (4s) porque tá muito pequenininho né?

L.A. - eu acho que tá certinho ()

Inf. - olhe... a gente ficou discutindo se seria dois ou três... a gente achou que deveria ser três

L.A. - eu acho que não... quadrado ()

Inf. - sim agora... éh esse seria mais um quadrinho não é?

L.A. - áh o quadrado é [segundo?

Inf. - [o quadrado é esse... esse aqui é o losango

L.A. - ()

Inf. - então veja o losango... os ângulos são bem observados né?... a gente dá pra ver os quatro ângulos... o quadrado... houve () perfeita... a reprodução é perfeita... ou com os DOIS LADOS APENAS sensivelmente maiores... e a terceira figura é reconhecível... quando chega em dois pontos é o quê?... quando o quadrado tiver dois ângulos retos (5s) e as demais figuras forem reconhecíveis (3s) um ponto a gente vê pior ainda

L.A. - eu acho que ficou mais pro três do que pro o dois

Inf. - é... uma coisa que eu/ que a gente/ que vocês vão observar é... que ele coloca TRÊS classificações... quatro com o zero quadro a criança não faz nada... ou que começa no meio... aí meio... HÁ uma distância muito grande... entre uma e outra às vezes... às vezes tem coisa que a gente acha que deveria estar no meio e não não tem a classificação... então a gente colocou como sendo três... quando a gente fez a avaliação... porque... sincera/ um adulto fazer um quadrado bem certinho... nem sempre às vezes às vezes ele ele consegue fazer... tanto é que ele faz um lado maior do que o outro... quanto mais uma criança... ()

L.A. - e também... ela poderia ter feito um erro muito maior () dois se fosse [()

Inf. - [é porque... se a gente for ver aqui...esse ângulo seria considerado como reto... esse seria...e esse daqui não está próximo... eu acho que está pior esse daqui de cima... não é? acho que esse lado ainda está maior... porque tá um pouco troncho também

L.A. - não eu () qual é a última figura... qual é a última?

Inf. - é reconhecível... a ultima figura é essa é na figura é re/ tá reconhecível não é?... é diferente das outras (3s) certo? depois foi que a gente considerou como sendo três

L.I. - agora ()?

Inf. - pode... é co/ a cópia você deixa pra ela ficar olhando certo?... e termina o primeiro teste... então o que é que esse teste tá querendo medir?

L.A. - sim... e se a criança errar... quiser desmanchar pode?

Inf. - quiser desmanchar o quê? quiser fazer outro?

L.A. - e se ela quiser fazer outro?

Inf. - veja... ele não dá o tempo? não é?... então dentro do tempo ela [pode fazer outro

L.A. - [ela faz o que quiser

Inf. - então agora o que é que ele estaria pedindo?... () aquelas funções que a gente viu na aula passada... então vamos ver o que é que ele está pedindo (7s) é aqui mesmo coordenação

L.A. - coordenação visomotora...

L.A. - percepção visual...

L.A. - mas não é:... é só pra ler/ não é: tanto na escrita quanto na cópia de figura então ele () pro lado de cá

Inf. - mas aí... qual? seria essa não?... mas deixa eu te explicar... ele está considerando o quê?... se é reconhecível ou não... não está levando em consideração se está/... porque o quadrado e o losango elas conseguiram fazer né?

L.A. - ()

Inf. - não é?... a a posição/... ela poderia fazer o losango numa posição diferente desta... poderia fazer assim... mas não há posição invertida... o a única que mais seria a reprodução

de uma posição invertida seria esta... mas no critério de correção... ele não coloca se está invertido ou não... entendeu A.?... ele coloca o quê?... se é uma figura reconhecível ou não... então nesse caso a inversão não é importante o importante só/... principalmente a coordenação visomotora... a percepção visual... se subentende não é?... pra se/ haver... você vê a coordenação visomotora precisa discriminar... e que haja a discriminação visual... TODos os testes que for ver o aspecto visual é importante a discriminação visual... uma percepção visual... já se subentende que o teste visual ()... então o aspecto principal dele é a coordenação visomotora (3s) agora o outro teste é o teste dois... esse daqui... vocês mostram pra criança não é?... durante um tempo... deixa eu ver quanto minutos... segundos (4s) trinta segundos... você mostra a ela trinta segundos... não é? pede pra/ tem mais folhinhas não é?... você pe/ mo:stra e diz a ela... quando ela acabar o teste... quando você pedi:r... ela irá dizer o que foi que ela viu... se a criança quiser dizer durante... se ela () melhor é dizer... você pede pra ela “espere um pouquinho... só quando eu pedir você me diz”... então mostra durante trinta segundos e pede a ela pra dizer o que ela viu... então a resposta dessa criança (4s) chave carro mão copo e gato... então ela disse cinco palavras... então dizendo entre quatro e seis palavras... a criança tem dois pontos... então nessa nesse teste ela ficou com dois pontos... o que é que esse teste tá querendo dizer?

L.A. - ()

Inf. - o aspecto principal desse teste é a memória visual... agora ele também está atento... éh o vocabulário da criança... uhm?

L.A. - qual o nome desse teste?

Inf. - á-bê-cê

L.A. - não... o [primeiro que só teve de figuras?

Inf. - [deno/... denominação de figuras (3s) então ele está vendo a memória visual é o aspecto principal... está vendo o vocabulário da criança... e a compreensão verbal

L.A. - por que?

Inf. - sim... porque ele associa compreensão verbal com vocabulário é como se fosse uma coisa só... então o aspecto principal aí é o vo/ é o vocabulário... não é? a criança... conhecer... não é?... as denominações daquelas figuras... não é obrigado ela dar o nome que você... você tem na:: folha de correção... por exemplo aqui tem um cane:co... a criança aqui não disse caneco disse copo... certo? o: ga:to... a criança não diz gato... diz o bi:cho ou diz uma: onça sei lá um leopardo... então a gente considera... considera como certo... então o importante não é dizer o nome... que você tem na folha... de avaliação... é você poder associar aquele nome àquela figura... pra você ver o vocabulário da criança... e outra coisa que a gente também vê aqui... é o índice de atenção da criança... é a atenção dirigida... que ela pra... poder... memorizar aquelas figuras ela precisa... estar atenta embora eu ache que todos os te/ todos os testes precisam da atenção... pra criança poder executar bem todas as tarefas ela tem que estar atenta a todas as tarefas... agora vamos ao terceiro teste

L.A. - () visualmente correto... geral o vocabulário? e a memória visual?

Inf. - visual... o principal é a memória visual

L.A. - é o ()?

Inf. - é (4s) porque ela precisa dar atenção pra isso e o voca/ o vocabulário você vê pelas palavras que ela ()... você tem um conhecimento do vocabulário dela... as palavras que ela vai coloca/... porque ela PO:de se lembrar da figura e também não não saber o no:me daquilo... ela não vai conseguir dizer (4s) agora é a reproduções de movimentos... são essas três figuras... então pra Esse teste você tem que ficar do lado da criança... porque você vai fazer no ar... o movimento dessas TRÊS figuras (3s) e:: vai pedir pra que ela repita o mesmo movimento... no ar e depois no papel... então você vai ter que fazer pra criança... minha orientação aí... tem que ficar de costas pra vocês né?... é esse movimento daqui... tem que

fazer assim (3s) certo?... se você fizer ao contrário você só tá
inverten:do... mesmo certo () a inversão ... tem a setinha
indicando é... aí você tem que fazer o movimento igual... certo?

L.A. - não é esse que tá tá aí não?

Inf. - o quê?

L.A. - porque senão ele vai fazer igualzinho... o ()

Inf. - como é ()?

L.A. - porque você fez pra trás ()

Inf. - não eu estou fa/ eu estou olhando daqui... eu estou tentando
fazer igual... veja... não está igual [não?

L.A. - [áh: estou entendendo

Inf. - certo... tem a se:ta... tem que fazer o movimento igual... aí
eu faço no ar... você vai dizer “preste atenção ao que eu vou
fazer com o de:do... e depois você vai fazer a mesma coisa...
aí você faz e pede pra criança fazer igual... depois que ela faz
no a:r... você dá o papel... esse papel aqui... e pede “agora faça
no papel... o que você fez no ar” (3s) então pra essa primeira
figura... a criança quando fez no ar fez na direção certa...
quando ela foi fazer no papel ela fez invertido (3s) ela fez ao
contrário... rodando ao contrário... por isso que você tem que
fazer ao lado da criança... porque se você fizer do lado... de
frente ela vai ver invertido realmente... não é? (3s) a outra...
seria esse m então você fazer não é?... o m

L.A. - () faz no ar?

Inf. - no ar faz

L.A. - ()

Inf. - não... você olhe você faz... no ar ela tem que prestar atenção
no que [você faz no ar

L.A. - [()

Inf. - não o papelzinho é pra você ela não deu o papel... então veja é uma memória do movimento que foi feito... esse teste envolve a memória do movimento (2s) então ela não vê a figura... então ela tem que fazer do que ela se lembrou... certo? tanto no movimento quanto: no pa/ ou no ar quanto no papel... então às vezes a criança pode fazer igual ter o mesmo desempenho no ar e no papel... e fazer () diferentes... como foi o caso dessa criança... que a primeira ela inverteu... no ar ela fez certo depois ela inverteu (6s) e aqui olhe... a segunda como foi que ela fez... eu não apliquei esse teste com muitas crianças... eu só apliquei em três... então eu observei o seguinte que... elas não fazem só o m... elas continuam... quer dizer elas vêem o movimento então continuam fazendo... certo? o mesmo movimento... então a gente considerou como sendo certo... desde que o movimento fosse... na direção correta... que ele [()

L.A. - [()

Inf. - não a gente faz assim com o m... certo? mas a criança continua... certo?... ela ela não pára... não termina o m... ela continua fazendo o movimento

L.A. - ela não faz ()?

Inf. - nã:o... ela tem que olha:r... e depois e que ela faz... ela não pode fazer durante... ela tem que fazer depois... então nesse caso aqui... essa criança... ela inverteu... esse daqui a gente considerou como sendo certo porque o movimento foi certo... e esse daqui também... embora... tenha dado uma subida... mas ela... fez... o mesmo movimento... certo? desse daqui (6s) então a gente considerou... veja... ela fez uma boa reprodução de duas figuras né?... independente da da outra... ou então dois () a boa reprodução de duas qualquer que seja a do outro... ou três pra cada menos perfeito desde que lembre os modelos não invertidos... então a gente considerou como sendo dois por por esses dois daqui... a gente avaliar como sendo [de acordo

L.A. - [ela faz no papel

o [teste?

Inf. - [é primeiro no ar depois no papel

L.A. - no papel a gente tem que ()

Inf. - é... tanto no ar como no papel... mas na avaliação só vale no papel... né? então nesse caso aqui se não fosse... a direção a gente con/ as três estariam certas

L.A. - então a gente não [()

Inf. - [é... tem que fazer de uma em uma... então o que é que esse teste estaria vendo?

L.A. - ()

Inf. - é.. coordenação moto/ visomotora e a resistência de [inversão

L.A. - [e memória visual não?

Inf. - ele não considera como memória visual... ele ele coloca como memória motora... que aí... precisa do visual...tem que ver o movimento... a coordenação visual

L.A. - mas qual é o: aspecto principal [()?

Inf. - [é a resistência/... a coordenação motora com a resistência á inversão (5s) deixa eu ver se eu teria mais alguma coisa que ele fez... não... agora o quarto teste... que é o teste de... reprodução de palavras visuais... a gente diz SEte palavras pra criança... e pede a ela depois pra dizer as sete palavras... o que é que significa as sete palavras... digam as palavras que eu falei"... então a resposta dessa criança... eu vou () perdendo (5s) as palavras que ela falou... árvore pedra cachorro e flor... e disse CARRO também... carro foi da primeira... da parte visual... não tinha carro aí... mas ela ainda se lembrou do carro ()... então ela só acertou quatro palavras... então entre quatro e seis palavras ela ganha dois pontos (3s) então o que é que esse teste tá querendo dizer?

L.A. - memória auditiva

Inf. - memória auditiva... que mais ele estaria vendo? (8s) ele está vendo a capacidade de prolação e a resistência á ecolalia... quer dizer a a/ como a criança pronuncia as palavras

L.A. - ()

Inf. - uhm-hum... é está certo... agora/

L.A. - [()] você falou?

Inf. - [()]

L.A. - ()... memória [auditiva

Inf. - [auditiva... a capaci/ a resistência à hipolalia e a capacidade de prolação... prolação é a pronúncia... se a criança pronuncia a palavra corretamente... como como a criança pronuncia a palavra?

L.A. - prolação?

Inf. - prolação

L.A. - e: a resistência [a ecolalia

Inf. - [resistência a ecolalia

L.A. - e: [prolação

Inf. - [prolação... capacidade de prolação

L.A. - é muita coisa

Inf. - agora... veja... em outro teste... ele fala... que a criança... que que:: está atingindo a resistência à ecolalia... e a:: resi/ e a: capacidade de prolação... que a pronúncia onde entram os movimentos do aparelho de fonação... ele diz que o teste está medindo a coordenação auditivo-motora... então eu me pergunto “por quê que esse teste não está medindo também a coordenação auditivo-motora?”

L.A. - repita a pergunta

Inf. - quer dizer se ele está medindo a resistência á ecolalia e a... capacidade de prolação por quê ele também não está medindo a coordenação auditivo-motora?... que é importante pra... esses dois processos?... então no antigo manual vocês não acham como sendo um objetivo... mas eu considero que É um objetivo... certo?... o outro agora... o quinto teste... que é a narrativa de histórias (3s) reprodução de histórias ou de narrativas... a gente CONta a história pra criança

L.A. - por que isso () resistência [()]?

Inf. - [olhe a resistência á ecolalia

L.A. - e não ()?

Inf. - não é resi/ não porque: eu não lembro qual foi o dicionário que eu procurei significado porque: ele no: no manual ele não define o que/ nem o que é prolação nem resistência à ecolalia ... então a ecolalia ele entende como a: reprodução de alguns sons

L.A. - certo

Inf. - e não a reprodução de todos os sons da palavra... então no momento que ela reproduz alguns sons... como o eco... ela não: pronuncia a palavra corretamente... ou toda a palavra dada... então eu digo bo-ne-ca aí ela re/ ela diz neça ou eça... [entendeu?

L.A. - [() o eco ()

Inf. - é... é você pronuncia alguns sons... não é? então a resistência à ecolalia... é você/ é: a resistência a você não pronunciar só alguns sons que ficam

L.A. - [()

Inf. - [é você... [conseguir

L.A. - [pronunciar toda a [palavra

Inf. - [exatamente... quer dizer...
é foi como eu entendi... certo? porque: eu acho que foi

no dicionário que eu: procurei o significado porque no manual não tem não... certo? eu acho que os dois estão juntos... a: prolação e a resistência à ecolalia... então agora vem a historinha... então tem uma his/ no manual tem uma historinha PRA menina e uma historinha pra menino... na historinha do menino é o seguinte... João éh:

L.A. - é o cinco?

Inf. - é o teste cinco... João comprou um cavalinho... era um bonito cavalinho de massa... o cavalinho tinha as pernas pretas e o corpo amarelo... mas no mesmo dia em que João o comprou... o cavalinho caiu e quebrou... o João chorou muito... então a gente pede à criança pra contar a história... e vai ver se ela se lembrou das três ações principais... que é comprou... quebro:u e choro:u... e se ela lembra das três... dos três detalhes... que é um cavalo de massa... de perna:... preta né? e o corpo amarelo parece ((ri)) perna:... é perna ama/ preta e corpo amarelo... se ele se ele se a criança se lembra desses... seis aspectos... se LEMbrando desses seis aspectos a criança vai ter três pontos... a história que a criança contou... era uma vez... João foi comprar um cavalinho de massa... as patas era amarela... pre:ta... e o corpo era amarelo... um dia ele deixou o cavalinho cair... o cavalinho se quebrou todinho... ele chorou muito... então ele se lembrou de compro:u... né? cai:r... quebro:u e chorou... então se lembrou das três ações... disse que era de massa... e a pata que ele dizia que era amarela depois ele disse PREta... então eu considerei como sendo certo... e o corpo ele disse que era amarelo... então ele se lembrou das três ações e das três dos três detalhes... então tirou três pontos... que é que esse teste está querendo medir?

L.A. - a memória auditiva?... é a mais a: parte ()

Inf. - [eu foi o que eu perguntei

L.A. - [()

Inf. - eu botei a pergunta... por que é que ele não tá medindo a

memória auditiva?... é a memória... precisa da memória precisa memorizar... no momento ele tem que decorar essas ações e esses... três detalhes... agora a memória é lida dentro da compreensão... não é? deixa você compreender toda a história

L.A. - e eu acho ()

Inf. - é e ele não considera importante... porque... porque:: é muito mais o significado... o que () pra ele... quais são as palavras... assim essas palavras essas ações chaves... ele pode até botar um: outro... um sinônimo... ele não precisa dizer realmente a mesma palavra... mas ele tem que determinar as três ações... agora os detalhes têm de ser os mesmos

L.A. - eu acho que numa narrativa você pode avaliar a pronúncia porque quando você pede pra pessoa repetir... () porque nessa hora ela está escrevendo

Inf. - mas você veja... a pronúncia entra... você tem um dado por fora... você está... em todos os testes... no momento que a criança está falando você está vendo como a criança... pronuncia as palavras... você está vendo: o seu vocabulário você está vendo se está tendo uma compreensão GERAL do que tem que fazer... você está vendo a atenção da criança... agora... cada teste... tem um objetivo específico pra... colocar aquilo em evidência... entendeu A.? então você está vendo ... você está tendo uma avaliação da pronúncia da criança no momento que ela está contando a história... mas o objetivo principal é a compreensão... é a atenção também... eu coloco como objetivo a atenção dirigida... não é?... a criança precisa estar atenta... que aí é o negócio que eu digo a atenção está em tudo... não é?

L.A. - agora... eu não acho que a () mas eu acho que esse teste () é exato () mas eu acho que esse teste mede mais funções isoladas do que os outros testes tá entendendo? o de: C. mesmo a gente nunca sabe o que: um teste está medindo... ele pode estar medindo várias coisas... e nesse eu acho que dá () principalmente ()

Inf. - o que ele quis dizer... quando ele fala () assim () o aspecto modal... é no sentido de que é: você não tem um teste só pra memória... você/ e memória na forma bem abstrata... memória... só pra memória... você não tem um teste só de atenção... porque a atenção está entrando em todos... embora ele não considere o aspecto mais importante... então ele não está/ cada teste desse não só tem um objetivo não fazem só uma coisa... certo? então... pra você ter mesmo teste... sintético... você tem que dar uma tarefa de leitura e escrita pra criança... mas ela:... é dentro é: dentro... dessa forma de avaliar... a criança não está lendo e escrevendo... que ela ela ainda não foi pra alfabetização... você está querendo saber se ela PODE ir pra alfabetização... agora no caso da avaliação cognitiva... você pode dar um papel pra criança ler e escrever... mas o o que ele tá querendo ver é a compreensão que a criança tem da leitura e da escrita... independente... não é? dela... saber ler e escrever... é co/ as palavras corretamente... mas ela... pelo menos ter a compreensão do processo do sistema

L.A. - () da narrativa da criança...

Inf. - uhm-hum

L.A. - não dá é: porque é muito sério ()

Inf. - aí tem [aqui

L.A. - [pode incentivar ou não?

Inf. - não... você pede pra contar a história... que você vai contar... uma das crianças que apliquei ela disse que sabia contar história... então eu fiz o seguinte... eu insisti ela disse que não sabia contar “não eu não sei contar história... eu não sei a história que você contou” aí eu pulei pra outra certo? passei pra outro teste... quando ela fez o outro teste... aí eu digo “e agora você se lembra da história que eu contei?” aí: ele começou a contar... e contou a história... entendeu?... ele na hora se negou a fazer... então eu pulei aquela tarefa... eu não pa/ eu não contei mais a história... mas ele/ tanto é que ele sabia a história que ele contou a história todinha

L.A. - ()

Inf. - não sei... a orientação que ele dá: é de... que/ vo/

L.A. - é () porque o teste () é tudo muito certinho né?

Inf. - () então você tem que terminar sua () pra contar a história... você pode talvez () mas ele diz “comprou um cavalo o cavalo caiu”... aí... o que mais?... pra ver se ele... continua... mas assim perguntar a ele como era o cavalo:lo [o que foi que o menino fez

L.A. - [()

Inf. - mas nesse caso () não é? você está fazendo perguntas diferentes... que outras crianças do meio [()

L.A. - [eu acho/ eu acho que é isso ()... porque se ela me perguntasse... dependendo do meu estado do meu estado de humor eu ia dizer ()

L.A. - é e você já ()

L.A. - e eu... nem por isso... eu sou incapaz ()

Inf. - não tem a compreensão não é? ((risos))

L.A. - é

Inf. - [veja/

L.A. - [() pra... contar história tem de ser detalhada né?

Inf. - é porque é assim... eu vou contar a história... depois você vai contar a história do jeito que eu contei... ou a história que eu contei... certo? [e dá... diga

L.A. - [()... eu posso dar muita importância ao fato de comprar um cavalo o cavalo cair o menino chorar [e ()

Inf. - [faz parte... exatamente

L.A. - e muito mais a criança não é? () feito esse menino aí ele podia muito bem... ()

Inf. - quer dizer ele () mesmo tendo os testes... mas no momento que o teste tá procurando ver... o teste está procurando ver quem é que cria mais do que o outro não é?... está querendo fazer diferenças individuais... não está querendo ver do que a pessoa é capaz... independente de ser mais ou menos que o outro... então no momento que o a ele PARte desse pressuposto que um... é mais do que o outro... que um: éh:: que o TESTe é pra ver QUANTo é que um tem mais do que o outro... você tem que saber tudo rigorosamente... como é/ uma criança que você já aplicou o teste pode ser feita essa pergunta... mas outra pessoa quando aplicou o teste não fez a pergunta... EU... voltei né?... pra história... então ele tirou os três pontos... mas outra pessoa não voltou... ele se negou a responder não o sei quê e disse que não sabia que não sabia... e tira tira zero... então foram dois comportamentos diferentes... eu eu voltei... embora não tenha mais contando a história mas eu achei que deveria voltar pra saber se ela sabia a história ou não... e ele sabia... e a () dessa criança... ela está querendo brincar... entendeu? () ele gostava muito de se negar... ele sabe mas ele se nega a fazer

L.A. - ()

Inf. - mas aí a mesma coisa com o filho... quando a gente pergunta “que é mais?” tem criança que só dá uma resposta... não dá duas duas três alternativas

L.A. - e nem por isso ()

Inf. - exatamente () mas aí é a falha () ao processo...não é? ao instrumento utilizado... não é nem o instrumento... é a metodologia... que é assim... entendeu? às vezes as pessoas utilizam o teste mais preocupadas com o aspecto qualitativo do que o quantitativo... então se ela faz esse uso ela pode fazer essas perguntas... ela pode ir além... entendeu? é porque ela está preocupada com a quantidade... aí ela está preocupada com o... processo... com o que a criança é capaz...

mas geralmente um teste é usado pra... ver... quanto se faz e
comparar a pessoa com o o () agora o próximo te/

Projeto NURC/RE - Inquérito no 270 - Tipo: EF - Data: 11/10/79
- Duração: 50 min - Tema: O Problema do Banditismo na Música
- Informante no 300 - Sexo: M - Idade: 33 anos (1a faixa etária) -
Formação: história - Profissão: professor

Inf. - () foi a razão da gente tá começando mais tarde... éh: de minha parte realmente: éh:... eu lamento... eu tinha: avisado inclusive que hoje não poderia chega:r... à hora... éh dos dias anteriores... não é? eu tinha dito que chegaria às oito... quer dizer éh lamentavelmente cheguei meia hora mais tarde oito e meia... mas: éh:... vamos lá... com as nossas considerações de hoje ((ruído)) nós:... temos hoje como:... tema... ((ruído))... o problema do:: banditismo e cangaceirismo... na música... AO falar sobre banditismo e cangaceirismo na música... nós levantamos... um problema... que é um proble:ma... do próprio: legado... do cangaceirismo... que é o problema do que ficou não é?...((ruído)) (9s) que é o problema do que ficou do: do cangaceirismo (4s) e do banditismo... porque uma coisa... é uma ocorrência histórica ou seja... a existência... de:: bandidos e de cangaceiros reais... que viveram num determinado TEMPO histórico... que viveram em determinadas circunstâncias históricas... e:... cuja vida... ou:... tudo quanto se relaciona não é? com eles... vem sendo pesquisado vem sendo:... objeto de uma pesquisa permanente... e nós tivemos exemplo disso... quando assistimos/ eu mesmo estava aqui era a única noite que eu tinha... disponível em que eu não dava aula à noite... e eu mesmo pude vir aqui e assistir uma PARte da: conferência do padre Frederico Maciel não é? e nós assistimos assim aque:la figura... de pesquisador... inteiramente dedicado... a um determinado personagem histórico... que é dessa forma que nós podemos chamar Lampião... inteiramente: familiarizado com esse personagem... e: a todo momento fazendo éh: novas descobertas... éh:: acrescentando novas informações a respeito de tudo quanto sabemos... então Esse... é um personagem real né? nós temos portanto o cangaceiro real

nós temos os jagunços que tiveram existência real... nós temos... os chamados bandidos sociais ou vingado:res ou... quem não aceitar esse tipo de denominação mas finalmente... nós temos toda essa galeria de personagens que viveram realmente não é?... que fizeram história à sua maneira... e nós temos por outro lado... ah:: toda uma simbologia relacionada com esses personagens... no nosso caso... interessa TANTo o personagem que teve existência real... quanto... tudo... quanto foi criAdo... em torno dele em termos de cultura... tudo quanto foi elaboRAdo e reelaborado... tendo esse personagem como fonte de inspiração... essa conversa toda a respeito do leGAdo do cangaceirismo que talvez pareça estranha... porque muita gente pode dizer “qual o legado afinal que fica... de uma série de: tropeli:as de: tirote:ios e de: crimes de: violên:cia?... como é que se pode falar de legado?”... essa conversa toda a respeito do legado foi motivada por uma: conversa que eu tive... há uns dois dias atrás... com a jornalista e também professora lá do Curso de História L. R.... nós éh nós preparávamos uma matéria sobre o tema... e exatamente... ela perguntava por que eu não acrescentava alguma coisa sobre o legado do cangaceirismo nesses termos né? do que ficou... do que permanece hoje em dia... bem o que ficou e o que permanece... em um/ é em larga: escala... a presença de um verdadeiro ciclo do cangaço... de um verdadeiro ciclo do banditismo... nas artes em geral não é?... de um verdadeiro ciclo do cangaço no cinema... na literatura... éh: e na música que é o tema... dessa noite que nós vamos falar sobre isso... ao fala:r... de banditismo e cangaceirismo na música... nós temos algumas: colocações a fazer ((ruído))... em primeiro lugar... existe uma música do cangaço... existe uma música: produzida pelos próprios cangaceiros e: em: particular pelo próprio Lampião... em segundo lugar existe: uma música SObre o cangaço SObre o banditismo... essa música sobre o cangaço sobre o banditismo... nós temos a própria música popular por excelência a música de cordel... a música dos cantadores de viola de feira... e nós temos... um outro tipo de música... que é:... o que nos interessa mais de perto... que é exatamente a

música produzida... muitos anos depois... pela classe média urbana... pela classe média citadina... por compositores com toda uma formação intelectual... QUE vão... utilizar esse tema de variadas formas... mais particularmente... interessa a sua utilização política ou seja... há toda uma simbologia política na figura do bandido social... na figura do cangaceiro... essa utilização política... ela: é encontrada... não apenas na música... mas nas artes em geral... e na própria política... como tal... assim... no cinema nós temos toda uma associação do cangaceiro... a: determinadas ideias... a determinado ideário político... nós temos a mesma coisa... em outras manifestações artísticas... e: na música também vamos encontrar e eu trouxe inclusive aqui hoje... algumas músicas que nós poderemos acompanhar... e ver o próprio conteúdo das suas letras... e de que modo foi feita uma determinada proposta política através dessas músicas... a esse respeito... nós temos a assinalar portanto... QUE... esse tipo de música... ou seja essa música... que tem assim uma preocupação... política... essa música ela faz parte... ou ela: tem uma série de dados... NÃO tanto sobre a história do cangaceirismo... não tanto sobre quem foram os cangaceiros reais... ela permite não tanto uma compreensão do fenômeno histórico cangaceirismo... essa música é importante muito mais... para a compreensão da:... história política mais recente do Brasil... ou seja de: que ideologias... ou que formulações políticas que não chegavam a ser ideologias... estavam em jogo... que propostas foram levantadas... e até que ponto essas diferentes propostas procuraram incorporar... a:... figura do cangaceiro do bandido social... como procuraram incorporar também... outras manifestações relacionadas com o tema cangaço... nas músicas que eu trouxe aqui hoje... nós temos por exemplo músicas que falam não propriamente do banditismo ou do cangaceirismo... mas que falam da valentia em geral... ou procuram através da valentia... éh: fazer como que a afirmação... de determinadas características... éh: do sertanejo... não é? o sertanejo aí como que encarnando... determinado: Tipo de brasileiro ou determinado ideal do

brasileiro... essa utilização já foi feita pelo próprio Euclides da Cunha... quando dizia que: lá no sertão... ou entre os sertanejos estava o próprio CERne da nacionalidade... essa mesma... esse mesmo pensamento... nós encontramos na: famosa frase de Euclides também a respeito de o sertanejo ser “antes de tudo um forte”... e é curioso que uma das letras de música que eu trouxe aqui hoje lamentavelmente... creio que essa música não chegou a ser gravada... ela:... foi uma... das premiadas no festival que houve aqui em Recife... essa música é de Marcus Vinícius... e se não me engano Ana Leão se não me engano... e essa música terminava exatamente dizendo a mesma coisa que a frase de Euclides... quer dizer “antes de tudo um forte” em relação ao sertanejo... então... nós temos portanto toda uma:... um capítulo da nossa história política cultural... e esse capítulo: é exatamente:/ nós encontramos as fontes para a reconstituição dessa história... através dessa utilização política éh: da figura do cangaceiro da figura do bandido... quer dize:r ela info:rma portanto não tanto sobre o cangaceiro real que várias vezes ela inclusive CRIa uma imagem estereotipada do que foi o cangaceiro... uma imagem que não corresponde à realidade... mas ela informa muito mais a respeito das tentativas... de se: desenvolver... determinados... tipos determinados tipos SÍNtese... ou seja tipos que sintetizem éh: determinados ideais de brasilidade de nacionalidade... como uma forma de se fazer uma motivação... em termo de obje/ em torno de objetivos políticos... entã:o seriam assim algumas considerações iniciais de ordem geral... que teria a fazer... antes de começarmos... a apresentar algumas músicas... e fazer alguns comentários em torno delas... vocês vão ter um pouco mais de paciência porque ainda tenho aqui outras... considerações a fazer eu tinha pensado de início em ficar ao mesmo tempo falando... e: apresentando músicas mas isso aí ((rindo)) torna-se muito éh: difícil... de modo que vou falar de um modo geral... e fazer umas observações de: cunho geral... e depois então éh: começarei a fazer alguns comentários em torno de algumas músicas... bem... a respeito do: do cangaceiro... eu teria portanto dessa música sobre o

cangaço... teria de um modo geral essas... considerações... iniciais a fazer e uma e/ algumas outras... que gostaria de fazer em seguida... quer dizer o cangaceiro no que diz respeito assim a: a sua simbologia... a simbologia: contida na figura do cangaceiro que nós vamos encontrar também na música... nós temos de ver em primeiro lugar que... de uma certa forma o cangaceiro representa um ideal de aventura... ou representa: como que uma figura meio nômade... uma figura: que representa aquilo que nós abandonamos... num momento em que nos integramos no processo produtivo... num momento em que: passamos a: levar nossa vida no escritório no trabalho ou em qualquer... outro ambiente urbano fechado né? então até certo ponto portanto essa: imagem do cangaceiro essa imagem de:... éh:: essa simbologia contida nele... tem raízes mais profundas... ela:... tem raízes assim universais... de um modo geral... o homem... urbano um membro de uma civilização sedentária... ele nunca abandona inteiramente... o ideal nômade... do mesmo modo em que a sua vida concreta a sua vida real... é uma vida sedentária... ele necessita de toda uma série de compensações culturais... de toda uma série de mecanismo de compensação... que: lhe proporcionem uma vida imaginária não é?... contendo TODos aqueles elementos que a sua Vida do cotidiano não tem... quer dizer:r... esse seria essas seriam as observações... a respeito do: encanto ou do fascínio que todo esse mundo sertanejo interiorano... esse mundo de: comunidades messiânicas... esse mundo de banditismo social... esse mundo do coronelismo... quer dizer: todo o fascínio que: esse mundo interiorano... sertanejo exerce... em particular sobre... áh:: o imaginário não é? urbano... quer dizer:r... nós temos... todo um ciclo portanto nosso de músicas... que estão exatamente associadas a essa imagem... ou associadas a essa simbologia... essa simbologia eu dizia que tem raízes mais profundas porque: nós temos outras imagens... da: literatura universal ou da música... ou das artes em geral onde encontramos a a mesma simbologia... quer dizer... ALÉM por exemplo do do:... do próprio cangaceiro que nós citamos agora... nós temos também... éh: nessas

músicas... por exemplo algumas músicas de Sérgio Ricardo que eu trouxe aqui pra gente fazer algumas considerações sobre ela quer dizer nós temos uma própria imagem do que determinados compositores... julgaram em determinado momento... ser assim a trajetória do povo brasileiro... ou a trajetória em particular das populações nordestinas... em busca assim de um caminho não é?... do ponto de vista histórico ou seja... um caminho que lhes permitisse sair daquela situação ou daqueles impasses... gerados pelo próprio subdesenvolvimento pela própria pobreza pela própria miséria e pela própria falta de uma identidade cultural precisa determinada não é? quer dizer então nós temos por exemplo tem uma das músicas do Sérgio Ricardo... éh: *Pé na estrada*... que: me lembra muito uma imagem que vi uma ocasião num filme de Bergman... es/ nessa imagem de Bergman é um é um filme sobre a época das cruzadas na Europa *O sétimo selo* não sei se alguém aqui teve oportunidade de ver esse filme... mas nesse filme de Bergman... a morte... que é um personagem não é? é um é um: um homem com rosto humano... bem então a morte que inclusive estava no meio das pessoas sem que sem que as pessoas soubessem que era a morte... mas no fim do filme a morte sai conduzindo... todos os o o os... personagens principais do filme... e vai desaparecendo com eles não é? à proporção que o dia nasce... então o sol vai vai nascendo de um lado... e: no lado oposto ao do nascimento do sol numa espécie de ciranda assim macabra vai a morte desaparecendo... puxando pelas mãos não é? o cavaleiro medieval sua espo:sa seu escude:iro et cetera... e: somente três personagens não são conduzidos não são levados pela morte... que é exatamente um casal de saltimbancos e seu filho... e exatamente por isso mesmo por serem inocentes... por não terem ainda a sabedoria e não estarem impregnados assim do mundo são eles que de certa modo/ de certo modo representam assim o futuro... quer dizer Sérgio Ricardo tem uma música... que faz/daquele filme *A noite do espantalho*... onde ele... do ponto de vista musical ele reproduz essa imagem... a música é *Pé na estrada*... não é? a letra da música

diz “olha a morte chegando”... éh: “na dança do amanhecer” né? e então ele descreve como todos os capetas todos os demônios todas as almas penadas todas aquelas figuras TRÁgicas do sertão não é? elas vão como que sendo: éh: conduzidas pela morte vão com ela desaparecendo se internando e et cetera... essa imagem de Sérgio Ricardo é uma imagem universal... é uma imagem própria de qualquer povo em crise... é uma imagem própria de qualquer ajuntamento humano... de qualquer comunidade... que está à procura da sua identidade cultural... quer dizer essa identidade cultural... a sua:... o seu caráter não é ela não tem ainda um caráter definitivo... nós vamos... perceber por exemplo... que: o próprio cangaceiro é um herói ambíguo... quer dizer para as populações urbanas... com muito maior facilidade o cangaceiro é visto como um herói... para as populações interioranas não... ele o/ ele: é visto como herói mas é MUIto visto também como vilão... quer dizer isso mostra assim a ambiguidade do personagem... quer dizer e explica não é? toda: todo o caráter aparentemente contraditório... não é? da: do da figura enquanto assim um um um tipo histórico enquanto um tipo que contém todo um simbolismo éh: nele mesmo... há uma série de músicas que eu lamentavelmente eu não tenho e não pude obter... mas que são muito interessantes... eu gostaria de lembrar... porque nelas o tema banditismo o tema messianismo éh: estão contidos assim aparecem de uma maneira:... éh bem presente... por exemplo quando houve aquele famoso festival *O Brasil canta no Rio*... em: mil novecentos e sessenta e sete... que foi aquela música *Modinha* a vencedora... essa música do Marcus Vinícius que foi apresentada aqui... ela tinha uma letra muito interessante a esse respeito... era uma descrição de um modo geral no sert/ do sertão... onde exatamente essa imagem de: caminha:da ou de procu:ra ou de bu:sa de alguém que está meio perdido essa imagem voltava... quer dizer essa imagem nós vamos encontrá-la com muito frequent/ com muita frequência... nessas músicas sobre o cangaço... nessas músicas sobre o banditismo o messianismo o sertão... de um modo geral... por exemplo alguns trechos

dessa música do Marcus Vinícius da letra... éh: a música dizia o seguinte “neste chão que só tem perigo eu vou... neste pó neste reino sem rei eu vou... vou com o sol bem forte... brilha alto lá no alto deste céu”... éh: “no desencantado desse reino desse norte... eu vejo a sorte não só a dor... e a dor que esse povo tem não sei... e a dor de seguir ou viver sem lei... sem chão... sem cor... sem mar e amor... no sertão também... no desencantado desse reino desse norte eu vejo a sorte sem ninguém... é hora de brisa e sol chegar neste chão de mundo calado... nordeste povo afiado... na cor do desencantado... vejo o rosto de quem já não quer chorar... vejo o braço de quem resolveu lutar”... e conclui... dizendo... “antes da vida a morte... antes da luta a sorte... antes da vida... a morte antes de tudo um forte” quer dizer essa é uma imagem muito comum... em todas essas músicas que tratam do tema NÃO... a música produzida por cantadores por violeiros do interior ou pelos próprios cangaceiros mas a música produzida exatamente por essa classe média urbana... essa classe média que: faz uma reinterpretação não é? do fenômeno cangaço... outras músicas uma outra música muito: interessante... era uma música de Paulo Guimarães né? um compositor pernambucano que há algum tempo está no Rio... mas há uns: dez doze anos atrás ele tinha uma música *Infinito*... chegou a gravar um compacto... de um lado a música *Infinito* de outro lado uma música de Sebastião Vila Nova... éh: *Severino do Sertão*... nessa música *Infinito*... ele:/ os versos diziam mais ou menos o seguinte éh:... “canto de fechar é Ogum... saravá” não é? alusão a toda aquela:... ah aquelas rezas aquelas fórmulas mágicas pra fechar o corpo et cetera éh: “bala de matar é dum dum camará”... alusão à bala dum dum... era uma bala muito: comum muito frequente muito usada pelos cangaceiros que muitas vezes a própria polícia não tinha... essa bala dum dum...? a bala que:: depois de de de: dado o tiro ela explodia mais duas vezes não é? e esse essa bala inclusive era RArA aqui no no no interior do nordeste... eu me lembro que em conversa com a: a: viúva do coronel J.B. ela dizia que: numa ocasião em que J.B. estava perseguindo Lampião... um grupo de cangaceiros foi tentar

sequestrá-lo lá em em: Piranhas... e eles atiraram com bala dum dum... não é? ela atirava muito bem também... atirava melhor do que o próprio J.B.... e ela disse que ficou sufocada durante o ataque... porque as balas quando batiam na parede não é? ela dava mais duas explosões... então levantava aquela nuvem de pó né? de de de de de poeira... no fim já estavam sufocados eles se livraram desse ataque porque acidentalmente... um tiro atingiu a a cartucheira do CHEfe do ataque e a cartucheira explodiu na sua cintura e ele então éh ficou com as vísceras de fora e o pessoal pensou que era a polícia que tava chegando né? então fugiram... mas nes/ essa música de: de Paulo portanto faz referência... a elementos assim da: da:... do cotidiano do cangaço mas ao mesmo tempo há um projeto... político dentro dela né? porque depois ele começa... a dizer que:: espera o futuro... em que:.... só pode ser no mundo dos homens em que o homem éh: e e em que se trabalha muito e não come não é? e termina dizendo... que:.... “a verdade está na terra logo ali bem acolá são três léguas de distância são três léguas pra chegar” não é? e então começa... éh éh essa é a temática dessa música *Infinito* lamentavelmente hoje em dia deve ser um um disco raro éh: a tiragem foi pequena e eu não não... não pude trazer não pude obter essa esse disco pra trazer aqui hoje... também nos festivais... os próprios compositores do nordeste eles/ o tema foi muito:... explorado não é? saíram várias músicas por exemplo a música *São o os do norte que vêm* de Capiba... a:... música sobre Jesuíno Brilhante de: Capiba e Ariano Suassuna... a: *Canção do cangaceiro que viu a lua cor de sangue* não é?... como também outros compositores como Antônio Carlos e Jocaifi... éh: como Ruy Mauriti e a a utilizaram esse tema Ruy Mauriti tem uma música belíssima que lamentavelmente também andei procurando... éh: e não não consegui... que é a música *Serafim e seus filhos*... não sei quem conhece essa música aqui... essa música *Serafim e seus filhos* trata de uma família de bandidos... quer dizer o pai Serafim... éh: orientava o: esse grupo de bandidos e um deles não queria... não é? seguir... a a trilha do pai e dos irmãos... então por conta disso o pai e os irmãos resolvem matá-lo não

é? mas depois de matá-lo ele vira assombração vira alma penada... e começa então a a a espantar a assombrar... a a própria família né? quer dizer é uma música muito interessante... e que tem uma curiosidade porque é uma música tratando de uma realidade bem brasileira e com muita propriedade... no entanto já:... no estilo em que se mescla muita influência de música americana não é?... quer dizer é é uma música interessante que eu estou citando aqui essa música... porque: não... não pude obtê-la não pude trazê-la aqui... outro tipo de música que eu também não estou trazendo aqui no disco... são as músicas de Volta Seca... ou seja as músicas produzidas éh: no próprio... pelos próprios cangaceiros... quer dizer essas músicas de Volta Seca são muito conhecidas não é? é por exemplo *Acorda Maria Bonita* é a mais conhecida delas... éh: por exemplo há uma série de outras músicas de Volta Seca... todas elas... muito:... com uma uma: série de imagens assim que são o oposto da vida do cangaço... quer dizer são imagens assim: de uma vida tranquila sossegada o tema... geralmente é o tema do amor não é? eu me lem/ tem uma das músicas de Volta Seca que ele diz... fala da laranjeira que não bota flor... e diz e pergunta “minha andorinha onde é teu ninho? é lá na lar/ na laranjeira ou no meio dos espinhos?” e depois conclui “assim é quem ama sem ser amado amando sempre e sempre desprezado” essas músicas em certa época tiveram uma grande aceitação não é? foram muito ouvidas... em toda parte... éh: mas... a própria *Acorda Maria Bonita* que: cuja autoria... é contestada muita gente diz que não foi... que a música era do próprio Lampião... e não de Volta Seca... isso já foi levantado aqui em palestras anteriores... e eu também ouvi a esse respeito depoimentos... inclusive: mais de um cangaceiro... éh: que disse que a música realmente era de Lampião não era do Volta Seca não é?... há uma série/ a música finalmente a mais famosa delas *Mulher rendeira* essa eu trouxe aí... a *Mulher rendeira*... numa versão... que vocês vão achar muita graça porque é cantada por Joan Baez não é? essa música... percorreu é:... o mundo inteiro não é? quer dizer talvez junto com *Tico-tico no fubá*... éh: *Aquarela do*

Brasil... Garota de Ipanema... Mulher rendeira seja das músicas mais conhecidas no exterior não é? das músicas brasileiras mais conhecidas no exterior... eu não sei se a família do Lampião... recebe alguma coisa quanto a direito dessa música porque realmente né? Essa de autoria de Lampião a própria *Mulher rendeira* com uma INfinidade de versos não é? alguns deles... éh: satíricos... por exemplo Lampião... era:/ o seu mais terrível inimigo era o major... éh: Lucena não é? de Alagoas... e em determinado momento... éh:: a música foi utilizada... tanto... tanto pelo: pelos cangaceiros como também pelos volantes não é? ora faziam versos... ora faziam versos éh: procurando ridicularizar ou ou ou ou fazer chacota com a figura do próprio Lampião... ora faziam versos procurando fazer chacota com a figura do próprio Zé Lucena... eu tenho aqui um verso muito interessante... é a respeito de quando o: a a esposa do José Lucena teve um filho não é? então os cangaceiros fizeram o seguinte improviso éh “a mulher de Zé Lucena teve um menino chorão... o povo anda dizendo que é filho de Lampião” quer dizer ((rindo)) essa não é? é uma que mostra assim como a música éh: foi utilizada... ma:s... tem uma outra: tem um outro verso aqui que é exatamente cantado pelos integrantes da volante com a música de *Mulher rendeira* “Lampião diz que é valente é mentira é corredor... correu da mata escura a poeira levantou” e uma infinida:de de outros versos não é? que nós não vamos aqui passar a noite toda éh: repetindo esses versos... tem uma outra música aqui também... cuja letra é muito interessante produzida também pela: pelos próprios cangaceiros éh: é um xote não é?... essa música é “ia pra missa ia chorando e a polícia vinha atrás” éh “acalentando” essa música saiu muito certamente quando saiu essa música de Volta Seca essa saiu muito eu ouvi muito pela Rádio Universitária... na época... “ô deixa disso deixa de brincadeira... mas a polícia vem tomar uma carreira”... então... quer dizer esse tipo de música era música assim produzida... pelos próprios cangaceiros uma música ora alegre... ora: uma música assim:... falando do/ eu tenho uma de uma música de Volta Seca que eu não encontrei a

letra dela... mas eu me lembro de de dessa letra da música de Volta Seca que foi muito cantada também na época... que é: so/ falando muito sobre o próprio drama dele não é? que tão cedo entrou no cangaço tão cedo também foi preso com dezessete anos... passou vinte anos na cadeia não é? então a música começa dizendo num tom assim bem dolente bem arrastado éh: “nunca pensei... que ainda tão criança” não é? “na flor da infância padecesse assim” depois começa a associar a música a uma desilusão amorosa não é? “ainda te vejo nos braços de outro arrependida chorando por mim”... e continua né? “ela chegou bem juntinho a mim... ela pediu meu coração eu dei... meu peito ardia nosso amor queimava banhado em lágrimas a seus pés jurei” e depois começa a música... cuja música é muito bonita... diga-se de passagem... começa a musica a: fazer um levantamento não é? do que aconteceria se aquela jura fosse quebrada “que Deus do céu te mande o maior perigo” et cetera... quer dizer esse: é um outro tipo de música também muito associado ao próprio cangaço... bom ma:s tinha portanto... dentro dessas considerações de ordem geral ainda... éh: (4s) ((ruído de folha de papel)) eu tinha algumas considerações ainda de ordem geral a fazer (6s) ((ruído folhas de papel)) por exemplo a respeito da utilização... da utilização... da ou da tentativa de utilizar o cangaceiro como símbolo... não só em relação à música mas em relação a cinema em relação à arte em geral... nós temos... eu teria umas perguntas a a colocar e discutir aqui... por exemplo Maria Isaura: Pereira de Queirós faz uma observação muito interessante... a respeito: de:... da do cangaço e da sua simbologia... quando ela diz o seguinte... que é um grande erro... procurar fazer da obra de arte... muitas vezes uma uma fon:te histórica... interpretá-la como uma fonte capaz de reconstituir a realidade histórica ao que aconteceu no passado tal qual aconteceu realmente... e ela diz o seguinte... ela diz “em primeiro lugar trata-se para o historiador de tentar reconstituir um universo... em que: as figuras viveram uma experiência histórica definida... em segundo lugar”... a tare/ e aí a tarefa do historiador confunde-se com a do crítico de arte... “trata-se de de determinar... que

funções simbólicas... a as figuras desempenharam” o nosso caso aqui a figura do cangaceiro... ou pelo menos esse desempen/ ou têm desempenhado em diferentes épocas... Maria Isaura Pereira de Queirós... em excelente estudo sobre o cangaço no Brasil... define o problema em seus em seus devidos termos... “o erro é pois... confundir tanto obra científica e obra de arte... quanto os julgamentos proferidos diante delas... ao julgarmos uma obra científica... temos de verificar se ela se aproximou satisfatoriamente do real... a verificação só é válida... quando rodeada... dos mesmos cuidados científicos com que foi realizada a pesquisa... ao julgarmos uma obra de arte... fazemo-lo em função da transmissibilidade da emoção... que ela é capaz de operar... isto é... fazemo-lo em função de sua comunicabilidade... e de sua aproximação dos padrões estéticos”... então por exemplo se nós vamos ouvir aqui músicas sobre o cangaço sobre o tema cangaço... o que nos preocupa não é tanto saber até que ponto a o cangaceiro ou o bandido ou o sertão... descrito ne/ nessas músicas apresentado através dessas músicas... correspondeu ao cangaceiro ao sertão real... vamos julgar essa música em função do seu valor como música... em função do seu valor intrínseco estético... em função enfim: dessa intensidade de emoções que elas sejam capazes de transmitir... porque é esse o veículo... próprio... não é? da da:... é esse o o campo específico da obra de arte... então... e que ela é capaz de operar... isto é “fazemo-lo em função de sua comunicabilidade... e de sua aproximação dos padrões estéticos ... não cabe de modo algum compará-la com a realidade... tomemos um exemplo preciso... o romance Os cangaceiros de José Lins do Rego... tem de ser julgado pela suas qualidades literárias ou estéticas... não tem a menor importância saber se retratou fielmente... os cangaceiros reais... dentro dessa perspectiva... se justificam também... todas as liberdades tomadas por Glauber Rocha... quando trata do tema cangaço”... e mais adiante... no mesmo trabalho... ao comentar que funções simbólicas o cangaceiro poderia ter representado para a arte... e a política no Brasil... acentua no caso Maria Isaura... “mais uma vez o papel... a

abordagem específica do cientista social... ao analisar o tema... “as atitudes da arte e da sociologia diante dos símbolos... são diversas... a arte sugere espontaneamente os símbolos... a sociologia pesquisa para descobrir... QUE relações sociais... ou que fatores fazem com que certos símbolos sejam bem sucedidos”... é exatamente esse mesmo tipo de interrogação... que eu me proponho fazer aqui... discutir aqui... quer dizer... até que ponto... a o cangaceiro ou ou a a figura do cangaceiro principalmente na arte em geral mas na música em particular... que é o nosso tema hoje aqui... até que ponto esse esse essa figura TEve sucesso ou não... quando nós falamos aqui em sucesso falamos sucesso enquanto: éh símbolo capaz de motivar uma série de atitudes éh: de um maior ou menor nacionalismo assim por diante... como também até que ponto teve um maior ou menor sucesso comercial... por exemplo se nós notarmos o que acontece com uma figura até certo ponto equivalente... ou parecida ou aproximada como a do cowboy norte-americano... nós notamos que o cowboy serve para/ tem várias finalidades... o *cowboy* enquanto símbolo... que por sinal é muito diferente do *cowboy* real de carne e osso que existiu realmente mas enquanto símbolo ele teve uma série de funções ele reforço:u assim a nacionalidade americana... ele... reforçou também toda uma série de preceitos... sobre lei ordem enquanto símbolo por exemplo da justiça... ele reforçou portanto/ ao mesmo tempo foi um produto comercial exportado com muito sucesso... não só no cinema... como também na música... todo um ciclo musical em torno da figura do *cowboy* e até mesmo no estilo de vida americano muito associado à figura do *cowboy*... aí nós perguntamos por exemplo até que ponto... áh tentativas semelhantes com o cangaceiro por exemplo no Brasil... tiveram ou não sucesso e por quê... não é? geralmente esse tipo de investigação a resposta dificilmente é: teve ou não teve sucesso mas teve até certo ponto... ou por tais ou tais razões assim por diante... éh:... assim: repetimos... ou seja agora já: deixando de lado a observação de Maria Isaura... principais problemas estão muito bem equacionados nos

trechos do trabalho supracitado... trata-se em verdade... de ampliar o objeto de estudo... ao invés de somente o cangaceiro... éh: podemos tentar levantar as mesmas coordenadas em relação a outros tipos... comparando-os com o cangaceiro... e indagar os possíveis resultados de tal investigação... transferida... para o domínio da história comparativa... ainda utilizando a linha de raciocínio anterior... as principais questões a serem levantadas... numa segunda etapa de tal empreendimento seriam as seguintes... qual a intensidade da transmissibilidade de emoção... por exemplo do tipo cangaceiro... em comparação vamos supor com um tipo com outro tipo... paDRÃO de uma outra cultura como por exemplo o *cowboy* norte-americano...? a partir de que época um e outro tipo surgiram?... não o tipo historicamente falando o que viveu uma experiência histórica determinada... mas o tipo socialmente aCElto... o tipo de fácil assimilação... e difusão cultural... out/ outra pergunta quais as razões do maior ou menor sucesso de um e outros tipos?... outra pergunta quais as funções simbólicas que ambos os tipos representaram e continuam a representar?... por exemplo a: maneira de ver o cangaceiro at/ através das artes da música do cinema... et cetera tem passado também por modificações e não tem sido visto do mesmo modo... tem havido certas modificações... a QUEM... grupos classes sociais et cetera... interessava ou interessa... a representação social... de determinadas funções pelos tipos em questão?... eu vou dar um exemplo... por exemplo: no momento: em que os Estados Unidos... o capitalismo norte- americano... ele:... saía da sua fase de livre... concorrência de livre iniciativa e entrava na fase do monopólio... começo do século vinte... é exatamente a época em que o cinema começa a difundir a imagem do *cowboy*... o *cowboy* passa a representar... todas aquelas qualidades... que: passam a ser exigidas das pessoas... não é? representava assim o espírito aventureiro representava assim o otimismo... representava assim a aquela figura em/ empreendedora et cetera enfim... todas aquelas qualidades com as quais as pessoas deveriam sonhar... mas que objetivamente não poderiam mais ter... porque objetivamente

não havia mais lugar para a criatividade para a livre iniciativa para nada disso mas era importante que as pessoas continuassem a sonhar com isso... eu faço a mesma pergunta aqui em relação ao cangaceiro... por exemplo em determinado momento da nossa história houve uma tentativa de utilizar o cangaceiro como símbolo nacional... essa tentativa a música ilustra muito... quer dizer... até que ponto por exemplo o cangaceiro poderia realmente servir... não é? como símbolo... até que ponto ele poderia ser utilizado como símbolo... e poderia inclusive ser digerido... como símbolo... se/ bem... outra:... éh:... no que diz respeito à história do cangaceirismo é possível determinar TANTo o aparecimento do cangaceiro ou dos cangaceiros e veremos por que... de existência real... fato histórico... sociológico et cetera... quanto o aparecimento de modelos de cangaceiros... surgido da evolução das ideias... e dos padrões e necessidades artístico-intelectuais quer dizer é outro ponto... que nós pretendemos... ir... discutindo aqui né?... outra:... outro aspecto que nós gostaríamos... éh:: de discutir ainda né?... para concluir... essa série de observações preliminares (6s) ((ruído)) seria um pon/ uns um um uma comparação assim por exemplo entre a figura do cangaceiro e a figura do *cowboy* e sua repercussão nas artes né?... vamos éh: na realidade... éh: em primeiro lugar por exemplo o *cowboy* ele é um fronteiro é uma figura da fronteira situado numa fronteira num local onde a: civilização americana em expansão... encontra os índios... em segundo lugar... éh: a ocupação progressiva dessa fronteira por exemplo nos Estados Unidos recompensava largamente... a iniciativa individual... havia condições para formação de pequena e média propriedade havia condições para um enriquecimento individual em largas camadas da população... em terceiro lugar o *cowboy* é um herói não rural mas urbano... representa... a cidade... porque: éh:: não podemos separá-lo por exemplo do bar do do do do saloon... não é? do do da mesa do jogo assim por diante... éh:: e finalmente ele é um símbolo assim do otimismo... se nós fazemos uma comparação com a figura do cangaceiro... inclusive o

cangaceiro na música... nós notamos o seguinte... que o cangaceiro é também um fronteiroço... ele surge da necessidade dos grandes proprietários de combaterem os índios... mas o cangaceiro... de que nos ocupamos aqui ou seja aquele que fazia parte de um bando independente... ele surge no momento de crise... e não no momento de expansão de uma fronteira... ele surge no momento de crise aí por volta de de mil novecentos e vinte... aí por volta do começo do século até: aproximadamente mil novecentos e vinte... quer dizer ao mesmo tempo o cangaceiro é o protótipo do homem rural e não urbano... de uma sociedade rural cada vez mais invadida não é? e agredida por um mundo urbano em expansão... por exemplo Lampião é um exímio montador de cavalos é um exímio fabricante de arreios... de selas et cetera... quer dizer é um protótipo de um homem assim rural... mas se continuamos ainda a comparação nós notamos que os dois tipos se desenvolveram em sociedades de estrutura diferente... enquanto nos Estados Unidos havia larga margem para a: pequena e média propriedade... aqui... por exemplo no sertão nordestino toda terra na época em que o cangaço surge... já está ocupada já está dividida... entre os grandes proprietários o cangaceiro surge exatamente como como um tipo marginal dentro desse contexto... de modo que ele é necessariamente um tipo carregado também de de pessimismo né? ele é um tipo que não pode servir como símbolo assim do ponto de vista cultural com a mesma facilidade com: com que o *cowboy* por exemplo vai servir... finalmente... éh:: (4s)((ruído)) isso vai explicar um pouco o caráter ambíguo... o caráter assim de herói ou de vilão... que o cangaceiro vai assumir... e:u... em seguida gostaria de:... áh coloca:r começar a colocar algumas músicas aí pra que nós analisássemos... exatamente vendo um pouco a: a temática dessa música não é?... primeiro: essa música: descritiva das condições gerais do banditismo... nós temos toda uma música que descreve a terra... ou que descreve o coronelismo ou que descreve o messianismo... ou que: em comparação... com a situação do meio rural descreve a indiferença urba:na diante do crime diante da da da violência

não é?... nós temos também um outro tipo de música que é a música assim voltada para o fenômeno valentia... quer dizer essa música voltada para o fenômeno valentia não é apenas do nordeste... nós encontramos ela em todo o Brasil... e em toda e em toda a América Latina inclusive... por exemplo nós podemos pegar música do Rio Grande do Sul... do meio rural falando assim do guerreiro sulista do gaúcho et cetera... e encontrar o mesmo tipo de música por exemplo da Argentina... ou de outras partes da América do Sul focalizando o mesmo tema não é? e o mesmo tipo de música aqui nos nossos cantadores de viola... contando assim as suas proezas contando do que são capazes et cetera... finalmente a própria música do cangaço... não é?... essa de que: nós falamos aí quando falamos das músicas de Volta Se:ca do próprio Lampião et cetera... o cangaço na música de cordel... nós temos aí inclusive éh: uma a música da: chegada de Lamp/ discussão de Lampião com São Pedro não é? cantada... por poeta de cordel em que é muito interessante a gente ver assim a associação... tanto do inferno quanto do céu... com certas realidades aqui da terra né? certas realidades aqui do nosso mundo por exemplo tanto no inferno como no céu tem armazém... tem livro de conta né? tem lugar onde estão anotadas as dívidas... éh do dos trabalhadores né? e: inclusive num grande incêndio que há no inferno... o livro onde estavam anotadas as dívidas... esse livro é queimado não é? quer dizer há uma série de transposições... de para: das realidades vividas nessa música não é? nessa música de cordel... e finalmente... essa música é sobre o cangaço né? que é uma música... produzida por uma classe mé/ pela classe média urbana... principalmente do sul... muito mais do que aqui no nordeste... e onde nós encontramos assim um tipo de cangaceiro... mas essa música ela tem uma proposta política... ela pretende ser didática do mesmo modo como o cinema novo brasileiro... pretendeu ser didático e não conseguiu porque falava uma linguagem que não era acessível à população né? em geral... então essa música ela pretendia ser didática ela pretende ser didática e aí nós temos de ver não tanto o tipo de cangaceiro descrito

nessas músicas... mas aquilo que eu insistia no começo muito mais as ideias... que deram origem a esse tipo de música e o seu maior ou menor sucesso... então vamos lá a essa segunda parte não é?...

Projeto NURC/RE — Inquérito n° 339 — Tipo: EF — Data: 24/03/87 — Duração: 60 min — Tema: Filosofia e filosofar — Informante n° 409 — Sexo: F — Idade: 34 (1 faixa etária) — Formação: Filosofia — Profissão: professora universitária

Inf. - então... tirando da própria visão etimológica da palavra né? filosofia:.. então nós dali deduzi:mos... ser filosofia um tipo ((ruído)) de saber uma sabedoria né?... e essa sabedoria... teria teria de fle/ implicações... ao limite humano né?... nós poderíamos dizer... éh: filosofi:a... é um saber... que se... busca que se procura né?... que se questio:na que se problematiza não é um saber... irrefletido um saber natural como nós vimos... de uma sabedoria proverbial de uma sab/ sabedoria denominada sabedoria dos anciões... nem tampouco era uma sabedoria revelada não é?... que era a sabedoria revelada nós teríamos o campo delimitado da te-o-logia... propriamente dito... então visto/... claro que... quando nós colocamos a definição nominal e: de forma alguma nós queríamos esgotar... o assunto sobre a definição de filosofia... nós montaríamos... posteriormente algumas... alguns filósofos propriamente dito e vamos analisar algumas definições... dos próprios filósofos o que é que eles acham... o que é que seria filosofia... e como nós di/ di/ dizemos na aula anterior:r... né?... o próprio Garcia Morentes no Fundamento de filosofia ele disse que só é possível definir... fundamentalmente o que é a filosofia através de uma vivência... não é?... sem a vivência não é possível que haja uma definição... é preciso que nós tenhamos caminha:do... não é?... o caminho... pelo menos por menor que seja dentro do campo da filosofia... para que nós possamos tomar uma posição... não é? termos uma viVÊncia própria do que seja... a filosofia... então... HOJE... não é? nós vamos falar sobre/ ainda falar alguma coisa sobre filosofia... sobre o filosofar... não é? como nós dizemos até:... o livro de/ éh: nós estávamos até aqui na aula anterior que nós falávamos como se dizia... éh perguntava sobre a ciên:cia né? sobre a filosofia como... como entidade LÓgica... abstrata

independENTE... do filosofar... nós dizíamos que era uma consequência é claro que no momento atual... ela já existe o filosofar o pensar huma:no... que é a história do homem... ela existe depen/ independente de mim... eu não posso deixar de pensar... a minha realidade como humano não é? que isso é impossível... mesmo porque no próprio forma de agi:r... não é?... na própria vivência do sujeito ele já tem uma visão de mundo... mesmo que isso... se dê:... de foi na nós poderíamos dizer não pode ser tão com com muita clareza pode até de ser de forma indireta né?... porque:... os conteúdos da nossa consciência nem sempre estão a nível consciente... inconscientemente a gente manifesta determinadas atitudes... na vida... QUE... leva... ao observador a concluir uma determinada visão de mundo que nós temos a partir... daquela postura daquela vivência prática que nós proferimos num é?... então isso leva com que nós... possamos compreender qual seria a visão de mundo implicada naquela vivência daquele sujeito... então dessa forma... seríamos todos filósofos no sentido... ma:is... abstrato no sentido mais concreto da da da palavra né?... mas dizemos também que a filosofia propriamente dita né?... filosofia no sentido acadêmico é preciso que exista uma atiTUde... num é?... do sujeito... que ele se disPO:nha né?... através de métodos né?... a fazer uma interpretação de mundo... e... orGANizar... esses sistemas de ideias através... de uma redução teórica... fazer... nós poderíamos dizer... um evento né? UM filosofar propriamente dito... deixam.. pra posterioridade a história do que foi esse seu pensamento né?... colocar através de método sistemático... essas ideias deixar... para que a posterioridade possa vir a analisar e a/ até... propriamente até o seu próprio éh: o seu próprio momento já possa ser um crivo de crítica como fo:i... a própria filosofia de Jean Paul Sartre que foi um homem que viveu muitos anos e que... ele pô/ ele pôde... em vida assistir todo o desenvolvimento do seu filosofar... propriamente dito como era que era e:ra... pela civilização como esse essa realidade era tomada... e era admitida... então... é por isso que:... nós poderíamos dizer... que: filosofar é um é um interrogar... não é?... é um questionar... filosofar é

um pro-ble-ma-ti-zar... não é?... toda vez que nós estamos interrogando que nós estamos questionando que nós estamos problematizando... uma realidade... nós estamos... filosofando... filosofi:a... é questionar... o conhecido... não é? porque... o que dizem... as mentes pensantes os maiores pensadores?... que aquele sujeito que acha tudo muito natura:l... que acha tudo muito óbvio né?... que: não não vê problemas e mistérios diante da realidade ou seja... que diz “a vida é algo... que se dá ao meu conhecimento através da minha visão sensiti:va... e que eu não preciso muitos questionamentos pra poder analisar essa realidade e perceber essa realidade... ela me é dada... pela vista... pelos órgãos sensórios”... então essa pessoa jamais poderá fazer filosofia no sentido acadêmico no sentido rigoroso... se ela não vê mistérios e problemas para descobrir... então para aquele a a quem tudo é ó:bvio tudo é mu:ito natural jamais poderá... fazer filosofia porquê... está implicado na própria filosofia... tornar a realidade... um problema... a ser questionado a ser refleti:do... a ser pro-ble-ma-ti-za-do... porque... vejam bem por isso que ele diz “é conhecer o conhecido”... aquilo que já é conhecido mas é conhecido de uma maneira... sensó:ria de uma maneira... natural... a percepção se dá através das ciências... particulares as ciências... denominadas/ nós poderíamos no nosso momento de ciência da natureza... ou esse conhecimento se dá através... da nossa vivência do dia-a-dia... mas essa vivência né?... que pode se tornar filosófica no momento em que:... eu desço ao fundamento à RAIZ dessa realidade... eu vou procurar... o não LAdo... que se apresen:ta que está... num é?... aparen:te... para... se:r questionado mas sim... o fundamento dessa realidade o PORQUÊ... essa coisa se manifesta dessa realidade né?... se nós temos um mundo de trabalho um um uma uma:... nós poderíamos dize:r também... uma vida social uma vida política uma vida econômica nós vamos em última... instância... procurar o fundamento dessa realidade... como nós vamos procurar perguntar os porquês dessa realidade questionar problematizar... essa realidade não ver essa realidade como algo simples... como algo... éh:: muito óbvio muito concreto...

diante de nós e sim algo que precisa ser... abstraído algo que precisa ser tirado... ser tirado das suas últimas instâncias... ((bate na mesa)) é aí nesse minuto em que nós estamos... éh:... filosofando... éh» então como nós já dizíamos... que:: esses temas filosóficos... que podem ser um interrogar da realidade do homem... ele:... acontece de acordo com as épocas históricas existem problemas específicos do homem... do homem moderno existem problemas que foram específicos do homem... do homem... medieval... do homem antigo... existem problemas que são específicos do homem contemporâneo como o problema das armas... não é?... do do das armas nucleares... o problema da era atômica... todas essas realidades o problema... da/ nós poderíamos dizer... da: preservação da natureza através de o do equilíbrio... da ecologia não é?... você vê vocês verem que o de/ o derramamento... desses... desses detritos das fábricas o co/ o problema ecológico que... que tá ocorrendo nos rios não é?... rios que tinham... condições de de manter uma Vida saudável... às populações... através mesmo até de um de uma questão de sobrevivência não é?... dali: daquele meio o homem tirar seus meios de sobrevivência... através da pesca não é?... e: isso tá sendo impossível hoje em dia porque o índice de poluição nesses rios... são tremendos... então essas questões são questões do homem contemporâneo do homem de agora... não é? que não foram questões... que:... aconteceram no homem antigo no homem... medieval... porque nós não tínhamos um avanço tecnológico que possibilitava uma ciência... e: e: uma... uma tecnocracia nós poderíamos dizer... uma uma revolu/ revolução industrial que... possibilitasse... não é?... uma avanço tão grande no campo... da da ciência e da técnica que daria também... exatamente pelo motivo... qual foi o motivo de que essa técnica... veio... a gerar esses problemas... todos não é?... porque ela não foi feita a serviço do homem não é?... para o homem pensada e repensando... essa condição do ser humano não é?... ela foi feita desenfreadamente sem que se questionasse... sem que se problematizasse o os fundamentos dessa técnica até onde ela ia levar... onde ela era um avanço...

onde era um retrocesso... então foi isso porque não houve uma filosofia implicada dentro dessa técnica... então isso gerou exatamente... na no nosso ponto de vista um retrocesso não é?... então hoje em dia nós assistimos... o desejo do homem de um retorno... à natureza não é? NÃO... como: nós poderíamos dizer aos moldes da primitividade porque não há condição porque já houve um avanço... na ciência que nos possibilita através dela... um bem-estar maior não é?... um maior uso... de produtos que apareceram de ferramentas também que foram geradas a partir... dessa técnica... que nós diríamos... nós precisamos fazer... o quê?... a superação... mas a superação... observando o que foi o passado não é?... extraindo o que houve de... de grandioso... elevando esse conhecimento a nível superior... para que eu possa olhar o meu presente agora... com o olhar de um observador... não é?... de um observador crítico que vá fazer a o... a crítica histórica desse meu momento... desse meu momento e enxergar exatamente essa dimensão do homem... que tá sendo esquecida... o problema do homem... então: o éh... DENTro dessa própria técnica do problema quando o homem coloca o problema da técnica o problema... do avanço que leva... à própria destruição do homem... ele coloca... o problema primordial que é o problema do homem... o problema que... per-pa-ssou a história não é?... do homem desde os primórdios que o homem vem... éh: querendo buscar uma certeza para a sua vida para o seu destino... para esse acontecer que é o homem... quem eu sou?... de onde eu vim? para onde eu vou? então quando você... se insere e mergulha no problema você volta... à pergunta do homem que é uma pergunta tão antiga... quanto é a existência do homem na terra desde que o homem... já as próprias formas do homem do domínio da natureza é exatamente uma busca de uma resposta... pra essa realidade... do humano...

L.A. - ()

Inf. - bem... nós poderíamos como nós já vimos que a filosofia: inicia como os/ com... os gregos né?... como uma ciência universal... preocupando-se não só com uma determinada

realidade... como seria a preocupação premente das ciências... das ciências no sentido moderno do termo... mas... tendo um objeto próprio específico... que a torna disTINta das demais ciências não é?... porque exatamente É um dos problemas de na/ filosófico que nós vamos questionar aqui... é o problema do próprio objeto da filosofia não é?... mas fica premente não é?... para nós... fica com muita clareza que embora a gente não pode delimitar assim... um objeto específico pra filosofia como () mesmo dizia... que é in/ inadequado... não é? no sentido téc-ni-co... da palavra... objeto aquilo que está diante DE:... a filosofia propriamente dita nós não poderíamos dizer que ela teria... UM objeto específico né?... porque quando eu digo que o objeto de uma filosofia seria o TODO... não é?... TUDO que possa ser questionado... tudo que possa ser refletido... tudo aquilo que possa ser... alvo de uma pergunta de um questionamento de uma reflexão por parte do sujeito... ou seja tudo aquilo que é cognoscível... tudo aquilo que é capaz de ser conhecido e ser absorvido pelo sujeito... seria alvo de uma indagação poderia ser alvo de uma indagação de uma reflexão filosófica... então:o... nós diríamos né?... que:... esse... objeto... que:... seria o todo a realidade tudo aquilo que possa ser questionado seria... exatamente no sentido não... no sentido técnico mas no sentido mais universal do termo por isso a universalidade da filosofia... porque tudo aquilo que éh... possa ser conhecido poderá ser alvo de... indagação... de uma reflexão filosófica por isso que na aula anterior:r... nós já colocávamos a... impossibilida:de... dessa neutralidade... éh: da filoso/ entre a filosofia e os diversos campos de saber... não é?... porque quem faz o filosofar?... quem filosofa? é um ser pensante... esse ser que pen/ ser que pensa que vive em sociedade... é um ser social é um ser político não é?... éh: ele vive num determinado... éh região é um ser econômico... que exatamente vive dentro de uma realidade dentro das possibilidades dependendo do do regi:me... do sistema ele terá uma realidade econômica... a que:... onde ele de/ deverá realizar... o seu trabalho e tirar dele os meios de subsistência né?... então não existe essa neutralidade na medida em que

eu estou fazendo filosofia não é?... eu estou questionando esse homem... politicamente socialmente economicamente... não é?... sendo que aqui nós observamos... que os campos se distinguem... não é?... são realidades distintas não é?... se nós dizemos que elas são dis/ filosofia é a ciência elas são dis/ não são... não são separadas mas elas são campos distintos de conhecimento... porque enquanto vejam bem... no campo da filosofia... eu não vou descer a especificações não é?... de determinado aspecto... do ponto de vista ma/ meramente social meramente político meramente econômico... não é?... meramente moRAL... não é?... eu vou analisar essa realidade... no conjunto da sua totalidade... para tirar as consequências lógicas e filosóficas daquela realidade... as outras ciências não elas vão delimitar o seu campo... e vão estudar... essa realidade em cada um dos aspectos do de/ de/ desse saber... não é isso que se faz assim essas determinadas ciências?... a física a química a biologia a moral a ética... a estética não é? então vai estu/ estudar determinados campos do conhecimento... enquanto que eu faço análise filosófica eu vou buscar o fundamento último... daquela realidade que implica TODos esses campos de conhecimento... SEM que eu me deTENha sobre uma: dessas realidades... ess/ éh por isso que diz Garcia Morentes que: o objeto da filosofia no sentido... no sentido... no objeto... não material mas no sentido do objeto forma: a maneira como eu encaro esse meu objeto de conhecimento... seria da explicação fundamental dessas coisas... então o filósofo... não é?... na sua essência ele vive... tentando através... dessas idéias que ele profere não é?... a visão de mundo que ele traz através das suas idéias... trazer uma solução para os principais problemas que aflige a natureza humana... problemas esses... não é?... que dizem respeito a vários campos do saber... estariam implicados aspectos sociais aspectos... econômicos aspectos políticos... e aspectos fundamentais dessa própria realidade... a própria dinamicidade da filosofia... e nós sabemos que dentro do campo não é? e quanto... no rigor de cada uma das ciências em especial... eles têm uma tendência particular... a buscar uma solução para... cada um desses problemas... éh:...

especificamente falando em cada um dos campos o campo da moralidade o campo... éh:... éh: do do dos objetos... caracterizados no ponto de vista das suas relações médicas no campo da física no campo da química não é?... o problema da realidade substancial desses corpos... dentro do campo da filosofia não... eu vou buscar... o cerne... o que existe... o fundamento dessa realidade o PORQUÊ... acontece essa realidade né?... então isso em última instância não se prende a nenhum dos campos do conhecimento... embora... esteja em MÚTUA relação com essa realidade eles não estão desligados dessa realidade porque essa realidade... em última instância... que dá o fundamento a esse tipo de conhecimento... então se se o pensar humano é feito por um ser pensante... que vive numa sociedade com/ num todo social... que existe uma realidade dinâmica política social econômica todas essas realidades... vão ser... não é?... vivenciadas para que eu tenha um questionamento mais LÚCIDO... dessa minha realidade... porque eu/ então essa minha análise filosófica... seria uma análise desligada da minha realidade... e a filosofia de forma nenhuma muito embora... nós possamos dizer que o o: conhecimento filosófico ele não tenta de forma nenhuma retratar a realidade num é?... não é um retrato... pensar a realidade:de... não é retratar a realidade... é exatamente tentar uma solução... não é?... a ní:vel... mental... a nível inteligível para a o aqueles problemas não/... tentar quando eu penso eu penso... como o próprio Marx dizia tentando TRANSformar essa realidade... adequar essa realidade... a... ALgo... que me seja... satisfatório a algo que venha solucionar os meus problemas eu não penso ela... retratando ela... trazendo ela tal como ela sur/... ocorre como ela... se manifesta... não é?... eu penso ela... tentando transformar... essa realidade... mas exatamente... a essência da filosofia... como os pensadores dizem... estaria muito mais... na busca do saber... não é?... do que na sua posse porque... por que que a essência da filosofia estaria muito mais na busca do saber do que na sua posse?... porque:... se nós observarmos na história da humanida:de... os diversos sistemas filosóficos nós vamos verificar o quê?...

que:... essa história... que é a história do homem e do pensar humano... nós vamos encontrar um número infinito de soluções... divisões de mundo... cada uma das quais... se nós formos analisar essas visões de mundo com RIGOR... não é?... com rigor... buscando os últimos fundamentos dessa realidade... nós vamos dizer que nenhuma dessas visões... não vão se aproveitar alguma coisa dela... éh... a superação dela se dá... porque nós estamos vivendo um outro momento histórico... não é?... se aquele pensar... foi objeto de uma determinada época de um determinado momento histórico não é?... é através dele que nós estamos... tomando conhecimento da história desse: ho/ do homem... o que foi o homem naquela determinada época?... quais foram as implicações sociais políticas econômicas et cetera filosóficas... morais... não é?... até mesmo no campo como é que se manifestava sua arte tudo em último fundamento?... então... nessa/ dessa maneira nós vamos tirar daí... não é?... um conhecimento do sujeito do homem... dessa realidade a partir... DESSE conhecimento mas... esse conhecimento... né? que deverá ser superado... não deverá ser de forma nenhuma adequado... à minha realidade porque nós vimos que a ciência... a técnica... o próprio pensar humano ele avançou na medida em que... os seus conhecimentos vão se aprimorando não é?... então não há uma superação... mas há... de certa forma... nós vamos ver... que aqueles conhecimentos muitos daqueles conhecimentos... que foram adquiridos pelo homem medieval pelo homem contemporâneo... no início da idade contemporânea... pelo homem moderno são conhecimentos tão atuais quanto os conhecimentos nossos não é?... que ainda o homem está encaminhando dentro dessas esferas desse determinado saber... que ele ainda não tem soluções e... achamos possível que não exista nenhuma solução de imediato para esses determinados problemas... porque já se coloca que a filosofia éh... quer dizer a tarefa da filosofia se resume na reflexão... que a essência da filosofia está na busca do saber e não na sua posse... porque vejam bem... se o homem se julgasse... através desses deseliminados sistemas filosóficos dessas visões dessas

ideias... de POSSE do conhecimento de posse do saber... o que era que aconteceria?... ele fechava essa realidade... não é?... fechava esse seu conhecimento... tornaria o conhecimento acabado o conhecimento completo e degeneraria essa sua forma de pensar... que primordialmente seria um: pensamento filosófico... numa ideia/ ideologia que deverá ser manti:da... para defender os interesses de um determinado sujeito de uma determinada classe... então o pensamento filosófico ele... contrariamente ao pensamento ideológico ele é sempre um pensamento aberto... não é?... então as soluções que os homens têm dado na história da humanidade... são soluções... provisórias são solu/ soluções precárias... nenhuma delas satisfa/ satisfaz até agora ne:cessidades... primordiais do homem... não é?... e ele vai continuar... por isso que:... uma grande professora aqui da Universidade Federal de Pernambuco ela escreveu Diálogo e Meditação do Viandante... que o homem é um caminhante... é um viandante... ele está... permanentemente em busca... dessa sofia da sabedoria suprema... onde ele teria a posse e o conhecimento perfeito de todas as coisas... e era para o homem... não é? a sofia... a própria sabedoria o ideia:l a atingir... ele era um andante... como o próprio termo etimológico ele está buscan:do... sempre buscando esse conhecimento... e nós verificamos em realidade... que nas diversas fases do nosso desenvolvimento desde o período... em que nós... tomamos o conhecimento com as primeiras realidades... que é exatamente é uma escala ascendente né? que cada vez mais a gente vai:i... tentando chegar ao conhecimento mais aprimora:do... melhorar... não é?... isso... a própria história do homem em termo de pensamento vem mostrando os diversos sistemas... filosóficos o rigor como vai... a separação quando áh se faz uma análise crítica de uma determinada... determinadas ideias se coloca não para derruba:r mas para mostra:r... exatamente os os defeitos daquele determinado sistema de ideias... é com a tentativa exatamente de aprimorá:-lo de melhorá:-lo de TRANSformá:-lo... de torná-lo mais adequado a uma realidade... que seja... exatamente uma resposta para os

determinados problemas que aflijam... essa natureza humana... então... toma como ponto de partida como com Kant o conhecimento para deduzir sua visão do mundo não é?... o absoluto como foi em Hegel... não é?... ou a problemática do ser que está Aí do ser humano de Heidegger ou filosofia do caráter existencial então os caminhos são diversos... para chegar a essa compreensão dessa realidade... mas nós não vamos no campo filosófico que é importante que nós nos si/ nos situemos desde o início não é?... uma determinação... não é?... uma determinação de um objeto específico para estudar... não filosoficamente falando... a filosofia vai se interessar por pelo todo... por toda a realidade... TOda e qualquer... realidade que possa ser problematizada que possa ser questionada ou seja... aquilo que é capaz de ser conhecido porque nós... também:... na real dentro do humano existe determinados mistérios... que: ultrapassam né? os limites do conhecimento humano... desde que nós sabemos que nós utilizamos... o Mínimo do nosso potencial de inteligência... né? então isso... dá:... determinada limitação uma finitude à razão humana que ele dali... seria uma escala do dos conhecimentos que nós diríamos escapa à minha compreensão não é?... à minha racionalidade ali: um mistério se forma diante... daquelas coisas... então ali o homem não não se situaria não é?... como... apenas um es/ um espectador não é?... diante dessa realidade ele tenta penetrar nessa realidade o que que ele tem mostrado nessas realidades... que ele não consegue um domínio sobre ela... a história do homem tem demonstrado que ele tenta ultrapassar esse seu limite essa sua finitude... em busca da compreensão dessas determinadas realidades é isso o que tem feito o homem né?... mas chegamos... a ter a compreensão plena e perfeita de que existe realidades... cam:pos de conhecimento em que se se encontra totalmente vela:do... não é? para o homem ainda onde está quase impenetrável a realidade do homem ainda não conseguiu... chegar a essas determinadas realidades... então nesse sentido o que nós poderíamos dizer né?... que o progresso da filosofia... não deve ser... éh: caracterizado como: um fruto

exclusivo de um determinado filósofo... ou uma determinada época... então eu jamais eu posso dizer que o progresso da filosofia se deve a Kant se deve a Hegel se deve a... a Platão a Aristóteles... isoladamente... não é?... há um outro sistema... de ideias montadas... não é? em uma determinada época que foi mais produtiva filosoficamente então... o progresso da filosofia estaria ali... mas não... ah o progresso da filosofia se o filosofar é a história do homem... nós vamos dizer... que o progresso se deve a TODos os se/ homens todos os seres que pensaram... e a todas as épocas... então é a humanidade inteira... não é? nós não estamos imunes... imunes a essa realidade... desde que nós somos seres pensantes... nós temos a obrigação... até certo ponto né?... de... nos engajarmos nessa busca das respostas para minha realidade QUEM é que não... não já se afligiu né?... é um problema que: perpassou... a história o problema da morte né?... que fi/ é alvo de uma fi/ de uma filosofia... de uma densidade como de Martin Heidegger é um problema que norteia toda sua filosofia o problema da morte... e quem é que não já perdeu umas duas horas de sono pelo menos... questionando:do refletindo sobre essa realidade que vem a ser a morte né?... qual de nós que... não é? por mais que a gente tente escapar dessa realidade às vezes ela nos toma de surpresa... e a gente fica... né? principalmente nos momentos... em que nós vivemos situações limites na nossa vida né?... então que se coloca o problema da morte né?... da opção do homem né?... será que o homem tem opção ou não opção... né?... de:... éh:... usar... não é?... como bem quer... desse hábito que seria o viver... de... fazer opção de continuar ou não continuar a viver né?... então isso... pelo menos nesse sentido não é?... nós/ acho que já afligiu a nós já em algum momento da nossa vida nos já tirou um... um pouco da da das nossas preocupações cotidianas e nós nos fixamos diante dessa realidade não é?... então nesse minuto... nós estamos sendo... filósofos no sentido rigoroso do termo quando nós estamos mergulhando na própria realidade existencial do homem... e tentando buscar uma resposta... pra esse problema que aflige tanto a natureza humana... porque perpassada essa esfera né?... da

realidade material... uma um mistério se forma diante... de nós então... por mais... que nós adotemos uma postura religiosa... mas a a reação do homem perante a morte é sempre uma reação inesperada não é?... porque é algo de desconhecido... algo que ele não tem o Mínimo domínio é a parte do mistério da vida né?... porque a as diversas filosofias... orientais e tudo diz que isso apenas... é o início da minha morada do meu conhecimento ao próprio Heidegger deixa... nas no no seu livrinho... nos poemas A Experiência do Pensar não é?... que ele diz... que exatamente isso aqui:... é o iNício... não é?... que MORRER... é começar a viver... com a morte começa a vida a partir da morte... porque:... o homem deixa de ter TOdas as... limitações... todas as finitudes... então tem poemas... beLíssimos dele né?... filósofo da da da filosofia da existência que ele ele não gosta nem não gostava nem de ser chamado... de existencialista inclusive... Maria do Carmo Miranda teve uma convivência pessoal com ele... e: e esse livro da Experiência do Pensar o: prefácio foi feito por ela... quando ela éh teve na Alema:nha lá... teve uma convivência pessoal com ele com Heidegger e ele dizia que não se julgava... de forma nenhum/ nenhuma um existencialista... que achava inadequado esse teimo ele era muito mais um filósofo... da existência... então como nós dizemos... éh:... o filosofar foi um esforço... de todas as épocas e de todos os sujeitos que se dedicaram a essa atitude né?... mesmo às vezes... não de forma rigorosa dentro de determinado que nós falávamos né?... que seja... um determinado pensado:r... que se dedica à literatura nós temos uma... implicações filosóficas profundas dentro da sua obra... que nós podemos... através da análise desses determinados conteúdos... verificarmos... a visão de mundo daquela determinada época mesmo que... na na naquele determinado momento... nós não tivemos produções filosóficas né?... visões de mundo... nó:s... se nós... éh:: nos... dirigimos ao campo... da literatura... nós vamos ver através das determinadas obras literárias uma visão de de mundo uma filosofia... implicada nos conteúdos de pensamento desses... desses literatos propriamente ditos... então... em todos os

campos não é? mesmo que não seja de forma rigorosa dizendo eu estou fazendo filosofia quando o homem tenta explicar... tenta dar uma visão do mundo tenta questionar e problematizar a sua realidade como humano... ele está fazendo ((ruído)) filosofia... não é?... não... academicamente falando porque até hoje em dia existe éh: uma fauna pejorativa de pensar sobre a filosofia no sentido acadêmico... que deve ser uma coisa muito mais aberta um questionamento a uma a uma aos problemas... do que a formação de um determinado sistemas de ideias... o que nós temos na atualidade é muito mais não sis/... formação de sistemas... mas como visões de mundo né?... questionamento problemas que se... colocam... a partir dessas determinadas... épocas... ((ruído)) (11s) sim... então nós dizíamos que a tarefa fundamental da filosofia se re/ se resume... no na: na não na busca... e não na posse do saber né? (4s) e:: que o ato de filosofar... inclui... determinada responsabilida:de determinado compromisso né? (3s) e:... como todos os éh éh os compromissos e as resposta/ responsabilidades... ele impÕE o ato de filosofar determinadas condições... porque... filosofar diríamos é comprometer-se com o real... e com sua verdade... então a fidelidade ao real... ser fiel ao real... é a tarefa fundamental do filosofar embora... como nós dizíamos... nós não através do conhecimento filosófico e não retratamos o real... mas temos de ser fie:l a esse real... não é?... nós pensamos essa realidade... na na medida... e: com o desejo de transformar essa realidade... mas nós... nos comprometemos também com o real com a sua fidelidade... com a sua verdade... porque nós não podemos fazer uma filosofia... que esteja... FOra da realidade de forma nenhuma né?... inadequada com o real... então isso foi o grande erro de determinados... como... aos/ alguns filósofos contemporâneos nossos... determinados sistemas filosóficos do passado né?... que olhava... a realidade de uma forma... totalmente... éh: idealista... né?... não descia... do plano das ideias para o plano da realidade... então se formou uma visão do mundo... toda formada através de conceitos... e formas como o próprio sistema... hegeliano né? através de siste/ de de conceito de

formas lógicas ele tentou... deduzir TODA armação do universo através... desses conceitos e formas lógicas né?... então ele/... por isso que se chama o idealismo absoluto no no sistema de Hegel... porque... ele não se volta sobre a pro/ a própria realidade... ele analisa a realidade... do de um ponto de vista... nós poderíamos dizer como... alguma coisa que ti/ pairasse acima do sujeito né?... o real o compromisso com o real... fica de certa forma comprometido e por isso que: a tarefa de Marx é fazer essa transformação... desse sistema... de ideias né?... que:... fora arquitetado todo através de sis/ de um de uma lógica rigorosa... claro que foi auxiliada a própria dialética hegeliana que deu possibilidade... a um pensar materialista não é?... ele ela foi tirada dialética hege/ hegeliana... a dialética marxista... foi tirada da dialética ma/ ma/ hegeliana apenas mudando os termos dessa realidade... mas que possibilitou... toda essa pe/ esse princípio por isso que nós dizemos... que mesmo que nós não concordemos com um todo com um determinado sistema de ideias... nós vamos ver... que dele nós vamos tirar um aproveitamento muito grande para a vida para as nossas experiências... e para as nossas vivências... nó?... então autenticidade... com o real é uma fidelidade com o real... seria... algo... premente que estaria dentro do campo da filosofia... não é?... porque o homem está sendo sempre o intérprete dessa realidade nó?... as suas de/ as suas/ quando o homem... faz ciên:cia... ou faz... filosofia... ele está tenTANdo interpretar essa realidade então se ele está intentando interpretar essa realidade... e ele não procura ser fiel a essa realidade... ele abdica dessa fidelidade ao real... esse seu sistema jamais vai ser exatamente... uma resposta... para... os determinados problemas que... estão... norteando essa realidade essa vivência do homem... nesse determinado momento... então... diga

L.A. - ()

Inf. - ele às vezes é ideal às vezes ele é material... certo?... porque nós temos realidades (3s) como no no campo de determinadas ci/ ci/... ciências nó?... que nós trabalhamos... com objetos idea:is... mas que ele tem uma realidade porque

ele nos dá uma visão de totalidade... dessa realidade você me entende?... esses objetos ideais os objetos da matemática... eles existem enquanto meramente pensados eles não têm uma existência concreta... independente do meu ato de pensar essa realidade... mas MESmo assim... vejam bem... ele disse esses objetos ideais... mesmo que eles não sejam pensados os objetos da matemática os objetos... éh:... dos no no campo da mora:1 no campo... da a:rte que existe a parti:r... do momento em em que é pensado esses objetos... MESmo que o sujeito... vejam bem... ele nã:o procure conhecer... esses objetos... ele... manifesta uma realidade que extrapola o campo do meu conhecimento (3s) então existe independente as formas e as figuras... não é?... existe independente do meu ato de pensar... então que são objetos que não existem que não têm uma realidade... que nós podemos di/ dividir os objetos reais... o objeto real... que tem uma essência realizada... que são tudo que existe... não é?... os objetos reais objetos que: têm uma essência... real... mas que é possível de uma realização... que são... todos os... os seres que nós poderíamos colocar diante dessa esca:la... dos objetos... reais possí:veis... aquilo que é os seres da ciência né?... são possíveis de realização... nós dizemos nós não temos dentro do nosso conjunto da nossa realidade... de seres nordesti:nos... né?... nós não temos um... nós poderíamos dizer... um PRÉdio de quatrocentos andares... mas é um ente real possível... desde que... não é?... nós podemos ter uma ciên:cia... ou uma tecnologia... que venha favorecer... o nordestino e que ele possa fabricar um prédio de quatrocentos andares né?... um mundo sem guerra né?... é um ente real possível... né?... que até... dentro das condições do humano se toma um ente real ideAL né? porque... ficou... áh:: nós poderíamos dizer... o próprio homem ele: parece que faz parte da própria natureza dele a destruição... que ele mesmo chama para si a guerra e a destruição né?... porque... é muito difícil... não é?... porque são condições... como diz filosóficas implicadas dentro dessa realidade que le:va... não é?... a esse conjunto de realidade às vezes a gente se revolta... quando a gente vê... uma boa vontade de uma prefeitura de

começar a limpar as canale:tas e tudo e que vê... uma família
 que se faz uma propagan:da né?... na na televisã:o... que
 acondicione seu lixo na porta da sua casa que agora nós
 temos um carro passando e que nós vemos alguém jogando
 dentro de uma canaleta daquela lixo nós ficamos um pouco
 revolta:dos né?... mas o que é isso? (3s) que é falta de
 educação de um povo não é?... não existe essa neutralidade
 você diz “não mas o governo tá dando essas soluções pra esse
 problema de agora”... mas nós não temos um povo educado...
 é um processo e é preciso que se dê condições melhores de
 vida... que o povo não seja tão revoltado porque às vezes eles
 fazem mesmo sabendo que estão errado... mas porque estão
 revoltados por sua condição de inferioridade de vida então
 uma sé:rie de realidades estão por baixo... disso né? que DÁ
 uma resposta pra essa realidade... então nesse sentido nós
 temos... e nós temos um mundo de seres ideais que são... os
 seres simbó:licos os seres da matemática... os seres da
 metafísica... mas que eles de certa forma têm uma realidade...
 enquanto objetos de pensamento... agora... num determinado
 momento histórico não é?... se caracterizou... é claro que nós
 não concordamos com todos... de dizer... que o sistema de
 Hegel o sistema de Platão Aristóteles e TOda a filosofia que
 veio an:tes da filosofia materialista... seja uma filosofia
 meramente idealista... que é que o:/ o:/ o:lha o: o mun:do...
 por por prismas por conceitos... ló:gicos... que não desce até
 o real... porque vejam bem se não se faz a pon:te... não é?... a
 PONte de identidade do meu pensar... não é?... é exatamente
 o real... a adequação a fidelidade a esse conhecimento a essa
 realidade... SE EU fico... apenas... através de conceitos... de
 formas lógicas te/ tentando deduzir... a estrutura do universo
 e tudo do que dele se manifesta... eu... talvez vá... éh::
 fazer um sistema de ideias que não se adequa... dentro dessa
 determinada realidade... nós não concordamos em todos não
 é? porque existe sempre uma certa radicalidade... quando se
 coloca um determinado problema novo para o
 questionamento... que SEja... todos os os questionamentos de
 uma filosofia anterior ao momento da filosofia materialista...
 seja uma filosofia... que não esteja adequada com o real...

esteja Fora do real... o fato... de an/ de utilizar como premissa... não é?... é algo que está dentro dos objetos ideais a busca... de um absoluto a busca de uma compreensão da realidade através do conhecimento não quer dizer... que isso esteja de inadequado com o real... e os problemas implicados naquela forma de saber... vão exatamente me reenviar ao momento daquele ser humano e uma compreensão daquele ser humano e... que ele não fazia... só uma filosofia desligada do real porque dentro do seu próprio pensamento e dentro do seu sistema de ideias... ele vai tratar determinadas esferas do conhecimento... e da realidade... que lhe vai dar uma ponte de conhecimento com o real... agora acusação premente não é? desses determinados sistemas é que eles utilizavam... como premissa principal algo que não estava... adequado com o real... era a redução... de um conhecimento que começava... através de um conceito através de um determinado objeto que não era um objeto real é algo que se manifesta... algo que está diante do sujeito... mas... éh:... vejam bem... o homem... ele tem feito... e continua a fazer... filosofia né?... continua a questionar continua... a problematizar... continua a interrogar continua a não se satisfazer... com aquilo que se manifesta... diante dele... né?... com a realidade tal como ele se manifesta ele busca procurar os últimos fundamentos dessa realidade... a problematizar essa realidade quando ele busca... os últimos fundamentos dessa realidade ele está... nada mais nada menos... do que... filosofando tentando buscar soluções para os determinados problemas e esses rótulos... não é? isso é muito... muito comum a determinadas épocas a determinados sistemas você vê... se nós formos analisar... a Física né?... aristotélica... nós vemos um nível de realidade muito grande dentro da física de de Aristóteles... se nós... nos colocarmos dentro de determinado momento... não é? a situação histórica que ele vivia a ciência da época e tudo houve um det/ um avanço enorme... com a física... aristotélica é tanto que... ela teve um peso tão grande né?... na história da humanidade... que até: o início da Idade Moderna era o único conhecimento rigoroso que se tinha... em

termos... propriamente... de filosofia... no sentido rigoroso se voltava sempre e se VOLta ainda agora... ao Aristóteles... em busca de determinadas compreensões para determinados conteúdos da minha realidade... porque... esse acontecer que a história do homem que é o filosofar... é algo que me... que me FAZ voltar ao passado... para compreender as determinadas etapas eu não posso... simplesmente dizer “agora eu quero fazer filosofia”... mas eu vou esquecer a história do homem eu vou esquecer o homem... medieval o homem... anti:go... o homem... não é:?... o homem moderno e vou começar a fazer filosofia através a partir de um determinado momento um: um: fazer um corte nela... e eu vou estudar filosofia daí você vai cometer erros... enormes porque o os próprios filósofos dessa determinada época né?... que você vai estudar... ele... ele está constantemente... buscando a compreensão: o para/ e o significado da sua dessa da da da sua compreensão da sua visão de mundo... das suas ideias... nos filósofos do passado... então se você... vai analisar uma filosofia de hoje eles estão sempre citando estão sempre... trazendo o pensamento do passado para o presente... para que eu possa... através... dessa Ligação existente entre os determinados conteúdos... fazer uma compreensão mais rápida mais... mais adequada da realidade porque... é como diz éh não eu não posso colocar uma uma tábua rasa né?... e anular todos os conhecimentos né?... o máximo que eu posso fazer é utilizar... a dúvida metódica... cartesiana né?... mas aí ele vai com o pressuposto ele vai reanalisar todo o conhecimento toda a ciência... para dali tomar uma postura... encontrar um método próprio ele não vai simplesmente negar todo aquele conhecimento anterior... ele vai criticar...

L.A. - seria um repensar num tipo ()?

Inf. - é isso... pode ser (3s) não só do antigo como do homem como um todo a história do homem do momento... em que ele começa a pensar até o momento de agora... porque é impossível fazer... não é?... tá premente num determinado sistema se eu me esqueço... éh: é claro que:... pode um

determinado sistema de ideias você vê mesmo na filosofia... materialista... propriamente a filosofia marxista de Marx... ele faz críticas severas né?... às filosofias anteriores mas... a própria... tese dele de doutoramento foi sobre um filósofo da época antiga de Epicuro...

L.A. - Epicuro

Inf. - é... entendeu? e isso aí: ele estudou aquilo... ele só é capaz de analisar e de negar aqueles conteúdos daquele pensamento... porque pelo conhecimento prévio... negar rejeitar uma coisa sem um conhecimento prévio... é uma atitude pouca inteligência da de/inteligente da humanidade então aquele que se quer... dizer... um pensador um filósofo ele tem de voltar à época pra ele fazer a a compreensão do que é que foi essa história do homem nem que seja... para superá-la é claro que nós não vamos... achar... que: a história do homem não evoluiu não houve um processo evolutivo... não é?... o homem de hoje não não... norteia esses problemas e conteúdos que não foram... comuns ao homem antigo... mas isso... fica preeminente também... que eu tenho de fazer essa análise né?... essa situação porque... filosofia é... crítica a atitude de filosofia se ela... não for crítica se ela não descer a... a essas especificações de buscar o a compreensão íntima desses conteúdos que foi a história do homem... ele ficará flutuando... num mar de incertezas... não é?... porque: o meu momento atual não me dá... subsídios... né?... para compreender toda essa realidade se existe uma história se existe um acontecer... um fazer humano...

L.A. - ()

Inf. - ciências das primeiras causas dos primeiros princípios já dizia Aristóteles... buscar o fundamento porque as as ciências não ()... né?...

L.A. - ()

Inf. - sim uma coisa bem interessante... porque: eu sou muito indisciplinada em termo então eu tenho que escrever

alguma coisa pra me organizar senão eu chego aqui... fico numa indisciplina total termino não dizendo nada do que eu gostaria de dizer... então o homem... ele acha-se... tão atarefado no imediato do seu viver... que geralmente ele não filosofa por quê?... podemos dizer que nós gastamos a maior parte do nosso tempo... né?... projetando construindo um arranjo... de vida que nos dê sensação de bem-estar e de segurança... não é?... e que as condições materiais do meio nos leva também... a exatamente a se se arquitetar... a... deixar o nosso maior parte do nosso tempo ocupado... né?...

L.A. - () ao sistema?

Inf. - não muito/ muito mais nós poderíamos dizer no sistema... eu acho que: a nível universal... ah... porque existe interesse... interesse de um determinado partido né?... então eles querem que... os sujeitos pensem... isso não é próprio somente do: do sistema capitalista não que você vê toda uma literatura dos países comunistas também existe o interesse... ideológico do sistema... em que as mentes sejam voltadas para determinados problemas então toda a literatura todo o conhecimento se volta para aquilo... todos os interesses se voltam para aquela determinada realidade... e infeliz daquele que:... se desviar para o outro caminho né?... porque as penalidades são terríveis... entende?

L.A. - ()

Inf. - é:... então se esCAPA também alguma coisa né?... nós fizemos... nós achamos muito interessante... fizemos um curso... sobre servidão voluntária... a nível de pós-graduação na Católica com a professora... éh: ela é formada em filosofia: e que era uma militante né?... militante sessenta e quatro foi presa... foi exilada né?... então ela teve uma vivência... em vários países... socialistas (3s) então NÃO foi/ éh tem as pernas uma coisa absurda... toda queimada de ácido... no em plena praça pública no Rio de Janeiro... inclusive ela tem até dificuldade de andar... mas ela disse... que não é questão porque não não é por covardia né?... com essa vivência né? ela viveu em determinados países... que ela

descobriu que essa presença... liberdade... não é?... ela não encontrou ela encontrava muita angústia também... nas pessoas né? na convivência o ME:do... não não não não havia liberdade de expressão de você conversar... abertamente livremente porque os interesses né?... são voltados para uma determinada/ em NOME... de uma maioria claro que a gente... TEM a compreensão que essa liberdade do homem sonhado... e deseja:do não se alcança no regime nenhum dos regimes totalitários... porque UNS... no regime capitalista... é claro é a serviço de uma minoria... o outro a serviço de uma mi/ maioria... mas que oprime também... que não deixa que o outro pense de forma diferente...

L.A. - ()

Inf. - é claro... é claro e por isso que: que: uma tomada de de não é?... de Rosa Luxemburgo que só pode haver uma revolução propriamente dita... através da re/... da (3s) da própria revolução através da derramamento de sangue que é impossível... alguém... não é?... uma tomada de consciência e: nós... vejam bem... nós estamos com... vinte trinta anos não é?... eu com um pouquinho mais do que de que isso né?... então nós estamos habituados e acostumados né?... a essa determinada forma de vida nossa né?... que tinha... temos... essa liberdade asseada de dizer alguma coisa... de que de tomar... as cervejas quantas eu quiser no fim de semana com os amigos não é?... de conversar... sobre assuntos múltiplos que houve um momento em realmente... que essas conversas eram... as... éh éh: colocadas em centros muito fechados no no momento da opressão ninguém... se arrogava numa mesa de bar ou então numa sala de aula a:... colocar problemas de natureza política mas que... por situações que nós temos a compreensão de/ com muita clareza por causa da... do... poder econômico né?... a situação econômica do país ele ela estava agonizante o homem de a/... teve de... de abrir uma abertura política para que se continuasse... exatamente... éh:... trazendo as mentes ocupada para uns determinados problemas e que elas não iriam pensar essa realidade não viessem a pensar essa própria realidade... então nós

assistimos isso... e vemos... que esse arranjo né?... de vida que nós somos levados... a estar... situados... o homem... enca/ incansavelmente buscando as/... não é?... as condições para sua sobrevivência leva a ele a não pensar a sua realidade não repensar... o seu ser e é ISSO... que leva justamente ao homem não fazer filosofia e sim... um pensamento fechado um pensamento acabado que corresponda... ao republicanismo o: o: o: a democracia com... entre aspas né?... expressão da burguesia de um sistema capitalista... não é? que são sistemas meramente fechados e até eu trouxe até um texto... aqui de Arcângelo Búsero falando sobre esse aspecto... Introdução ao Pensar... de Arcângelo Búsero é muito interessante para o iniciante... esse... você conhece?... é muito interessante esse foi até ele ele éh:... desse professor... os coordenadores dele é até o:... o que é:... Arcângelo e: e: Leonardo Boff... que foi exatamente a teologia... da teologia da da teologia da da libertação... Introdução ao Pensar... Arcângelo Búsero... então ve/ vejam o que ele diz sobre essa realidade (3s) é bem interessante... Búsero (9s) ó “o pensar está tão ligado ao mundo... ao arranjo existencial de uma época... à interpretação de um grupo... que facilmente se constitui em ideologia... mantida para defender interesses... CLARos ou ocultos daqueles que dela se servem... ideologia não é filosofia... a ideologia é um pensar... elaborado... acabado... fechado... ela não se transcende... por exemplo... o republicanismo é uma ideologia política... o capitalismo é uma ideologia econômica... a ideologia nasce do impulso do homem... de situar-se... da ânsia de segurança... do desejo de definir uma posição... um campo aberto das possibilidades que é a vida... o homem não suporta o pulo aberto... ele define o seu espaço”... perdi (3s) “ele define o seu espaço constrói um habitáculo... mora SEMpre numa casa... ideologia é a casa... a circunstância... interpretada... o arranjo definido... no exemplo mencionado o capitalismo organiza a terra e os meios de subsistência... ele define esse campo... esta concreta definição ou sistema sócio-econômico-político denominado capitalismo... o mesmo se dá... com as... todas as demais ideologias... elas definem... em definindo se fecham

(6s) o campo exclui outras possibilidades... até a ciência... e a técnica... são ideologias... porque são uma DEcisão... de interpretar... a experiência do ser... nas promessas da racionalidade"... aí vem mais adi/ então ele fala da ideologia do passa:do e da ideologia do porvir e da ideologia do passado... "Hitler... no desempenho que se atribuiu... de impor à nação germânica o projeto nazista... ilustra a tirania do pensamento ideológico... no nazismo o cidadão exercia uma função determinada a priori... pelo sistema... as profissões eram consideradas como ofícios de manutenção do regime... () oficial do regime... o a/ o artista deveria glorificá-lo... o poeta cantá-lo... o filósofo justificá-lo... era o cerco ideológico... em contraposição à ideologia... presa as malhas de um arranjo existencial... a filosofia é um pensamento abe:рто... in-de-fi-nível... filosofia é BU:Sca da liberdade que ani:ma a ideologia... é crítica da situação... porque mostra que o dado efetivamente realizado... não é ainda humano... que este concreto mundo visualizado e organizado não é ainda o sonhado e perseguido pelo homem... em geral... o homem está tão atarefado de imediato no seu viver... que gasta a maior parte do seu tempo ou o melhor de suas energias para construir... e:... proteger... proteger um arranjo de vida que lhe dê sensação de bem-estar e segurança material... quer isso dizer que em geral o homem não filosofa... não discu:te os pressupostos do seu acerto de vida... e quando pensa... faz mais ideologia que filosofia... isto é... pensa elucubrando teorias e sistemas que garantam a sobrevivência do seu projetar do modo de vida"... então pensa fechado... projetando arquitetando que DÊ exatamente esse... essa segurança a ele pra esse... modo de vida... que está... se realizando neste determinado momento... então é difícil se fazer exatamente por causa dessas circunstâncias o homem está preso... não é? esse arranjo de vida ele está... numa situação... que é muito difícil pra ele filosofar... é muito mais fácil ele pensar fechado

L.A. - [()

Inf. - [exatamente... aprender a voar não é?... a raciocinar independente dessas coisas e é isso... exatamente no no

momento em que nós encontramos... essa rebeldia maior é na adolescência nos momentos em que:... nós vamos encontrar... o a/ florescer da genialidade dos pensamentos né?... é na adolescência porquê... nós nos... é verificamos que existe... por parte... de/ daquele ser em formação... uma tendência própria de rejeitar e negar... esses determinados sistemas fechados de ideias... de discutir ele mesmo os pressupostos da sua própria realidade... de arquitetar o seu modo de vida né?... então é exatamente o momento mais perigoso né?... onde houve um controle maior... nas universidades nos primeiros momentos... né?... nas escolas de segundo grau no momento da opressão... ela ficava sob vigilância e POR ISSO mesmo que a filosofia... foi tirada das escolas de segundo grau... porque exatamente estava no momento crítico... precisávamos ter mentes... que não pensassem essa realidade... que eles aceitassem esse arranjo de vida... né? como algo... inquestionável... como algo feito como algo acabado... não é?... então TODA a escola... brasileira a escola... não é?... nossa todo o sistema é foi montado desse jeito querendo... não não não desejava... termos... alunos críticos mentes pensantes né?... que não aceitavam aquela realidade tal como ela se apresentava o melhor... era exatamente que aqueles conteúdos fossem jogados e que houvesse uma aceitação... sem questionamento sem reflexão sem um amadurecimento dessas determinadas questões (4s) então após isso fazer uma quase uma... uma pequena distinção... né?... entre a filosofia e o filosofar... vamos... colocar... agora o problema das causas do filosofar... quais são as atitudes básicas né?... que leva o homem a filosofar?... então a primeira dessas atitudes... que leva o homem a filosofar... nós vamos buscar nos gregos (3s) em Platão e Aristóteles... o que leva o homem a filosofar né? então essa resposta nós vamos buscar... fundamento da filosofia o que leva o homem a filosofar nos gregos... então DIZ Platão e Aristóteles... que o que leva e o que tem levado e o que levará o homem a filosofar... é o sentimento de espanto... de admiração... diante do desconhecido... porque ele diz vejam bem... isso é até de um de um texto dele... é:: “uma das... essências e principais

condições da pesquisa filosófica... é um... certo estado de espírito... uma certa disposição de ânimo... com isso quero dizer que para se filosofar... é necessário uma capacidade de perceber... e de sentir... isso... tanto no mundo das realidades sensíveis... tanto no mundo dos objetos ideais problemas e mistérios... com isso quero dizer... que no filosofar... ou no comportamento filosófico... faz-se necessário uma colocação diante desse misterioso universo... assi/ assumir uma atitude de curiosidade e de admiração e de perplexidade"... então... se não/ o sujeito não se admira... não é?... e não... a... a realidade o mistério... o objeto... que se manifesta a ele... não é capaz... de manifestar nele a curiosidade... o desejo de conhecer a admiração como ele diria no sentido grego né?... ele jamais poderia filosofar... então uma das causas primeiras do filosofar segundo os gregos segundo Platão segundo Aristóteles... seria o admirar... então... por que ao admirar seria uma das causas uma atitude primeira? ele di/ vejam bem como é que ele diz... "então... através do comportamento admirativo... o homem é levado a tomar consciência de sua própria ignorância"... né?... quando ele se vê diante do mistério diante da realidade... que se apresenta a ele... e que não é ele não é capaz de compreendê-la e:ssa... apresentação... dessa realidade... LEva o homem a tomar consciência... não é?... da sua ignorância... quando... quando essa consciência... né? que ele toma da sua própria ignorância... leva ele... a:... TENTAR SUPera:r... a ignorância né?... então através da supressão da ignorância da chegada né? ele... indagar... levar ele a questionar... a problematizar... então haver supressão da ignorância e a chegada do conhecimento... então através da chegada do conhecimento há a sofia o conhecimento... há sabedoria... então no momento em que ele questiona que ele problematiza né?... a realidade que ele se admira... diante da coisa que se manifesta como misteriosa... e que:... leva ele... à... curiosidade ao deSEjo de conhecer... ele toma consciência de sua ignorância... consciência essa que levará ele a interroga:r... a questiona:r... a problematiza:r... e a ver através daí a supressão... da ignorância e a chegada ao conhecimento... então... levaria o quê? ao filosofar...

partir daí

**Projeto NURC/RE - Inquérito no 341 - Tipo: EF - Data: 25/09/87 -
Duração: 60 min - Tema: A pólis grega - Informante no 412 - Sexo:
M - Idade: 35 - Formação: Arquitetura - Profissão: arquiteto, pro-
fessor universitário e técnico em planejamento**

Inf. - eu vou hoje falar sobre formação do povo grego... todas as variáveis que contribuíram pra formação do caRÁter... desse povo... seria interessante agora... concentrar a atenção sobre essa:... circunscrição... territorial... ao mesmo tempo essa:... entidade política que faz do grego POLis... eu fiz algum/ estabeleci algumas diferenças... com vocês entre o que seria... o conceito de ciDAde... atual... e o conceito de cidadela (3s) se vocês imaginarem... éh Duarte Coelho chegando em Olinda... estabelecendo... no alto... da sé... com: uma catedral um palácio um:a uma cerca... uma paliçada... pra se defender... dos índios... vocês podem imaginar o embrião... de uma cidadela... ou seja... uma área delimitada... onde vai haver um núcleo de vida... fortificado... delimitado por um espaço... e com... um:: um:a forte conotação de defesa... tá? então... a POLis... ela tem origem... no agrupamento... de aldeias... a polis na realidade... passa a ser... o agrupamento... de pequenas aldeias... o exemplo dos exemplos quando nós nos referimos à Grécia (3s) é Atenas... daqui a um pouco nós vamos ver alguns... alguns diapositivos alguns slides... sobre:... a situação de Atenas... de onde nós podemos visualizar melhor... essa conformação da polis (3s) como eu disse a vocês então... é uma circunscrição... no espaço... mas é também uma entidade porque pros gregos era muito mais importante... eles cultivarem (3s) o que eles chamavam de liberdade coletiva... do que se preocupar com a liberdade a nível individual... ou seja a consciência... de viver naquele grupamento... era mais forte... do que a consciência... de viver isoladamente ou de agir isoladamente ou DECIDIR isoladamente como cidadão... tá?... então no caso de Atenas especificamente (4s) nós encontramos... um:: padrão que foi bem comum entre os gregos... eles procuraram... eles

procuraram se organizar... numa/ num promontório numa
 parte alta numa parte elevada... assim como o exemplo que
 eu dei de:... Duarte Coelho... então eles se organizaram
 inicialmente numa parte elevada... que corresponde
 atualmente à acrópole... de Atenas (3s) nessa acrópole (3s)
 ainda no... no período de reis... antes... da democracia...
 grega... antes portanto do século quinto... antes de cristo...
 século oitavo século sétimo (3s) os gregos... se instalaram lá...
 e construíram um palácio... fizeram o palácio do REIno...
 então esse palácio do rei... rei...grego... de basileu (3s) então
 esse palácio... teve inicialmente... éh: funções privadas... de
 habitação do rei... mas depois... com a democracia ele passa a
 ser um edifício público... passa a ser um edifício: de caráter
 institucional... ele passa a ser um templo... tá? (3s) todos os
 edifícios que foram construídos inicialmente... na acrópole...
 os edifícios éh: de uso particular foram dando lugar a
 edifícios de uso institucional... na parte elevada da acrópole...
 então... a ocupação do espaço... foi-se dando... de cima pra
 baixo... se espalhando pela: pelos flancos... pra colina... até
 chegar... à planície... a acrópole então... o promontório da
 acrópole então... passou a ser... com: o passar do tempo...
 passou a ser... ELE TODO... um monte sagrado... na medida
 em que... cada recanto... da: da colina da acrópole... foi
 explorado... e ocupado... pelos gregos... então os planos na
 subida... do promontório... era povoado por pequenas capelas
 pequenos santuários pequenas paradas... se vocês
 imaginarem por exemplo... a subida dos fiéis... no:: no morro
 da conceição... lá em cima está o santuário... a diferença
 evidentemente entre o que eu estou colocando e uma
 peregrinação dessa até lá em cima... é que no caminho... não
 sei se é possível encontrar isso no morro de casa amarela...
 não é? porque nos santuários éh: locais onde: se faz... votos
 o:u promessas ou se coloca velas ou pequenos crucifixos
 pequenas capelas alguma coisa desse tipo... então está
 evidente que ali no morro de casa amarela a função é:
 primordialmente... de habitação... e re/ voltando lá para o
 exemplo... de Atenas... o exemplo da Grécia (3s) a... a
 ocupação... dessa colina como um todo... passa a ter um

caráter institucional... passa a ter um caráter... sagrado... e aí na medida em que a vida a ocupação... se dá pelas pelos flancos da colina... e que se espalha... pela planície (3s) a acrópole passa a funcionar... como um ponto de referência... vertical... na organização do espaço... eu diria a vocês por exemplo... que um dos... uma das dificuldades pra um estrangeiro que chega... ao Recife... é ter um ponto de referência vertical... a que ele possa se referir e que: o auxilie nessa: organização visual... da cidade... não sei se vocês têm conhecimento de um fato por exemplo durante muitos anos... em: Aracaju... as pessoas se referiam... ao INPS... que era o único edifício o único arranha-céu que existia em Aracaju... isso há uns... talvez uns quinze vinte anos atrás era o único edifício alto que existia... e aí fizeram/ criaram algumas piadas em torno disso algumas anedotas... em que as pessoas saíam de Aracaju e iam pra outro lugar ficavam abismadas porque havia MUITOS inps... nas outras cidades... né? ((risos)) então ((ri))... na realidade... a gente percebe a importância... de um elemento vertical... nesse processo de organização... da cidade... no caso do: do:... do Recife Recife por exemplo foi:... tratou-se da ocupação de uma planície... uma planície de aluviã:o... nas eras... ternárias e quaternárias... ah... essa: essa planície do Recife começou a se consolidar... mas antes disso... o que havia... era um delta... e saída de vários rios... os rios que a gente conhece atualmente... né?... e essas colinas que partem de Olinda passando por Beberibe Dois Irmãos várzea etcetera tal até:... o Ibura... elas delimitavam... e:ssa bacia... esse:... estuário... o delta... e com o passar do tempo então... o que se observou foi... uma consolidação... desse solo... através da ação... dos mangues... que é uma vegetação que se adapta à água marinha... à água marinha e à água salobra... há um processo de floculação... floculação dessa água que começa a a: ficar indistinta ela começa a ficar salobra... não é... nem água... do mar nem água dos rios... não é? é o encontro... então eles po/... provocam um processo de floculação... então algum material sólido começa a vir à tona... eles começam a se agarrar... nas raízes dessas árvores... bom e ao longo do

tempo... formaram-se várias ilhotas... depois aí os portugueses os holandeses todo o processo que vocês conhecem de aTerro da cidade... então Recife é isso aí essa cidade plana assentada sobre uma planície de aluvião (3s) vocês como eu é muito possível que não tenham um hábito muito grande de:... de se referir ou de/... de partir de um ponto de referência ALto... não é?... mas o estrangeiro que chega aqui... a leitura da cidade do Recife pra ele é meio difícil... não é uma coisa imediata não... se você... levar um visitante que chegou pela primeira vez ao: ao prédio do: da prefeitura... do Recife... ele vai ter uma noção bem melhor do que você chama de Recife... é a Ilha do Recife a ilha de Santo Antônio e tal as pontes... porque se não a leitura é um tanto quanto difícil... diz Gilberto Freyre no... guia prático histórico e sentimental da cidade do Recife... que o Recife diferentemente do rio de janeiro... e da cidade de salvador por exemplo... ele não se oferece ao turista à primeira vista... quem chega de navio ou de barco... não vai perceber o que é a cidade de maneira nenhuma... vai ver altos planos... tá?... então não tem esses contrastes... que existem no rio de janeiro ou em salvador... pra você ter uma leitura mais imediata da cidade... então PARA os gregos... era importantíssimo... esse... ponto de referência vertical... que era a acrópole... como eu disse a vocês inicialmente a ocupação se DEU na acrópole... e a partir daí desceu... pelas encostas para a planície.... de tal maneira que... a vida que agora se organizava na planície... tinha como ponto de referência vertical... a acrópole... é aquela:... aquela noção caricaturada... do: do INPS lá no centro da cidade... quando você se sente perdido você: se volta e tá lá... tem a direção... não é?... ()

L.A. - ()

Inf. - eu falei a vocês sobre a importância de um ponto de referência vertical na organização do espaço... para os gregos... seria interessante agora... visualizar alguma coisa em imagem (4s) os gregos sempre procuraram se situar próximo ao mar... pelas dificuldades de... pelas dificuldades

de:... comunicação... que havia por terra... tendo em conta o relevo... muito acidentado... então eles sempre procuraram... tomar como ponto de referência... o mar... pra efeito de comunicação e comércio... no entanto... essa proximidade do mar (3s) não implicava com que eles se situassem realmente na beira do:... do oceano... então mais uma vez... vocês vejam... o exemplo de Olinda... com relação ao Recife... quando os portugueses se instalaram em Olinda... o mais importante pra eles foi... uma situação que oferecia condições de defesa... em moldes... éh: medievais... ou seja... eles encarapitados lá em cima... do monte... o mais importante pra eles foi a condição... de defesa... do que a condição de porto (3s) Olinda não oferecia condições de um porto... todos vocês sabem disso... o porto então utilizado era o porto do Recife que ficava a uma certa distância... cujo acesso não era:... não era tão tão imediato tão fácil era através de um istmo... e tudo mais não é? [então

L.A. - [()

Inf. - [pequeno comércio... uma espécie de cabotagem até... a:... até o porto do Recife realmente... algumas barcas chegavam até... o varadouro... no caso de Atenas então... aqui está a mancha... da cidade de Atenas... a mancha inicial da cidade de Atenas... aqui está o: o litoral... e o porto do píreo então... ficava a uma distância... de lá de cima... do promontório... era possível se avistar... mas... vocês percebem... que não era um contínuo... atualmente a mancha urbanizada da cidade de Atenas... Atenas atual Atenas contemporânea... é tudo isso... mas quando eles se instalaram... lá em cima da acrópole... e depois se espalharam pela planície... a mancha inicial estava aqui... e isso então... foi comunicado através de:... de caminho fortificado... através de muralhas... tá?... havia uma comunicação... por muralhas... num determinado momento... entre esses dois pontos... a concepção de defesa... dos gregos... assim como a concepção de defesa dos portugueses estava ligada... a uma situação alta... e de difícil acesso... diferente por exemplo da concepção de defesa dos holandeses... em mil seiscentos

e pouco aqui... em Pernambuco... e se referenciava... ao mar a defesa dos holandeses significava a possibilidade de escapar... pelo mar... não é?... então... os gregos ao se organizarem... se organizaram PRÓximo... de um porto... mas não necessariamente... no PORto... então essa era uma das características de Atenas (4s) voltando

L.A. - ()

Inf. - aqui uma vista de: Atenas atual (4s) tomada de cima do: da acrópole... vocês veem que esse casario aqui... é todo atual... esse aqui é o templo de Zeus (9s) isso aí são as proximidades de Atenas (8s) isso aqui é uma planta... da acrópole de Atenas (3s) merece algumas... algumas considerações (3s) os gregos ao tratarem... o terreno... e: eu poderia insistir com vocês e dizer... que os gregos deram bastante importância ao meio natural (3s) então... os gregos ao tratarem o terreno... não tinham a intenção sobretudo no caso da acrópole... não tinham a intenção de alterar NADA... do terreno... então vejam... quando vocês recebem a:: a tarefa de um:... projeto de um estudo de um esboço atualmente... muitas vezes vocês optam... pela terraplenagem do terreno... um aterro mais adiante... um corte aqui... não é?... isso não é nada:... não é nada raro hoje em dia... tem que se levar em conta... os custos e as dificuldades... desse trabalho... a: secretaria de habitação por exemplo... ao fazer os seus estudos atuais... e ao implantar os seus conjuntos habitacionais... está partindo pra:... alterar o mínimo possível o terreno... existe uma lei... estabelecida pela fidei por exemplo... determina que: o terreno com mais de trinta por cento... de ocupação... ou trinta por cento de inclinação desculpem... aí não será permitida a ocupação... áreas com mais de trinta por cento de inclinação... não deverão ser ocupadas...((pigarreia)) no entanto a secretaria de habitação... está partindo pra ocupar essas áreas... criando pequenos terraços... fazendo pequenos aterros... tá? então lá no caso dos gregos... quando eles... ocuparam a acrópole... eles tinham tanto respeito... pela paisagem... que a intenção era implantar... seus elementos suas construções seus volumes sem alterar... o terreno... é importante se dizer o

seguinte que na organização... de um espaço coletivo... como a acrópole... os gregos não se pautavam eles não se baseavam necessariamente... por um princípio de simetria... não havia simetria ao nível... do global... ao nível do urbanístico... o que havia é o que se pode chamar de ponderação de massas... ponderação de massas... se você tenta compor... deixando de lado o princípio da simetria se você tenta compor em arquitetura... com elementos variados... o que vai importar é um JOgo... que você vai... éh éh: atribuir um certo peso... a cada elemento... você pode jogar com vegetação de um lado... e com edificação do outro... e conseguir um equilíbrio não é verdade?... ou você pode estabelecer um diálogo entre certos elementos com proporções diferentes... eu daria o exemplo da casa da cultura e da: defesa... em que... em ambos partidos... você tem uma composição horizontalizal/ horizontalizada... e um elemento vertical que domina... a composição... está evidente que as proporções... são diferentes... mas na casa da cultura... você tem... três eixos ou três raios... depende da vis/ da horizontalidade... e uma cúpula... que domina... a composição... no caso da defesa... não existe uma simetria de partido... como existe na casa da cultura... mas a composição... o principal da composição se distribui horizontalmente no terreno... e você tem uma torre... que domina... a composição... eu não poderia responder a vocês exatamente dizer que é Essa... foi Essa a intenção... dos arquitetos... um dos arquitetos... autor do projeto é m. d. que é professor aqui... o outro é um sueco... que já trabalhou no brasil... tem uma GRANde vivência... eu não poderia afirmar a vocês que a intenção foi essa... mas me parece que há um diálogo bem estabelecido... entre intenções entre: partidos... não é? e depois há um elemento... que dá uma ligação... a todo aquele conjunto que é a vegetação... da beira do rio... vocês se colocarem no cais José Mariano... vocês vão ter uma leitura... éh:... continuada... por esse elemento... que uniformiza... a paisagem que é a vegetação... então... lá no caso dos gregos... o importante não era a simetria... ao nível do global... ao nível do urbanístico... o importante era a PONderação das massas... ou seja... que se

tivesse em conta o peso... visual... de determinado elemento com relação a outro... e esses dois elementos por sua vez... integrados... num cenário natural... numa paisagem natural (4s) esse princípio de simetria... que não presidia... à organização do T_Odo... por outro lado ele era importantíssimo e essencial na definição... do volume... da edificação... a edificação sim... essa... era... totalmente simétrica... a partir de eixos... perfeitamente... definidos... antes de nós visualizarmos... es/ algum alguns exemplos desses templos ou edificações... eu diria mais alguma coisa sobre a organização... da acrópole... então... já que não houve intenção... de torna:r... simétrico nem regular... N_Ada... em cima da acrópole ao nível da organização global... e porque era importante pros gregos era uma inTEgração com a natureza... eles tiveram o cuidado de definir um caminho... desde baixo... em que a pessoa que penetrasse... a pessoa que... subisse a acrópole... e penetrasse no recinto sagrado... ela tivesse... vistas de diferentes ângulos... vistas sempre em perspectiva ou seja... os volumes das edificações percebidos a partir... de ângulos... e nunca vistas frontais... que são relativamente:... gratuitas... não é?... gratuita no seguinte sentido... a leitura... é dada facilmente... a leitura... é muito é muito PL_Ana... e não oferece... nenhum contraste... você não tem:... você dificilmente vai ter condições de estabelecer... relações... de proporção... na sua cabeça... quan/... quando você vê... uma edificação em ângulo... em perspectiva... você começa a relacionar a profundidade... com a largura... com a altura (3s) então... o caminho... estabelecido... pra se chegar ao alto da acrópole... ele serpenteava um tanto quanto... pelas colinas... da acrópole... até finalmente se chegar à entrada de todo esse recinto sagrado... que eram os propileus... os propileus então eram pórticos... que davam entrada... a toda essa área (3s) e aí nesse momento é interessante a gente... caracterizar o que é que o que é que vem a ser um pórtico... os gregos se utilizaram bastante... desse elemento... pórtico... muitas vezes... pra comP_OR... o ambiente... pra comP_OR o cenário... e ao mesmo tempo... criar sombras... criar sombras levando em conta que o clima era bastante ensolarado...

então os propileus... são uma porta... mas ao mesmo tempo funcionam como uma edificação... são uma porta que dão entrada que dão acesso... mas ao mesmo tempo funcionam como uma edificação... então quem penetra na acrópole... vai se sentir... varando... furando uma edificação... na realidade... não é? ou quem penetrava atualmente os propileus estão em ruínas como todo o resto... ((pigarreia)) então são portas... que acompanham... a entrada... da pessoa que penetra na acrópole... e na época oferecia espaço pra algumas atividades... que as pessoas permanecessem... ali... naqueles pórticos... aqueles pórticos frequentemente... eram utilizados... como... local de descanso local ameno local de sombra...((pigarreia)) de/ então depois de penetrar... na acrópole... a partir dos propileus... então você repare... com relação... ao parthenon... que é o elemento dominante... na composição de toda a acrópole... depois de penetrar... a partir dos propileus... qual é a visão que você tem... do parthenon? é uma visão... em perspectiva... tá? a partir daqui... tem uma visão em perspectiva... você não vê o parthenon de frente... ou de lado... e na medida em que você vai tentando encontrar o seu caminho pra chegar ao parthenon... você vai sempre... quebrando... você vai sempre... girando em ângulo... de tal maneira que você vai ter o parthenon... sob diferentes visadas mas sempre... em perspectiva... porque o caminho que lhe é oferecido é esse (4s) ((pigarreia)) alguns elementos importantes... nesse:... nessa área da acrópole... eu já falei do parthenon... mas está aqui o erecteion... que é o templo mais antigo... que:... que subsiste na:... na acrópole (3s) o erecteion provavelmente está construído no local... onde existiu o palácio dos reis (3s) da acrópole de Atenas (7s) tá de cabeça pra baixo eu não estou conseguindo ver muito bem não... mas eu acredito que aQUI... houvesse um templo pequeno que era o templo de atena niké... aqui... houvesse um pedestal... um pedestal... uma estátua gigantesca que: tratada.... ricamente... não é? de o:uro e essa coisa toda... funcionava como:... um ponto de referência (3s) ((pigarreia)) dentro desse: desse: recinto como um todo... e: segundo alguns depoimentos era visível desde o Porto do Pireu... na

medida em que o sol refletia sobre o ouro... no: no CASco
 do:... do:... da escultura... da estátua... bom... ((pigarreia))
 esse recinto como um todo... foi... povoado foi ocupado por
 uma série de edificações que não existem mais (3s) a
 organização disso aqui... não segue... não segue nenhuma:...
 tendência: geométrica o:u ou ou regular... do tipo tabuleiro:
 xadrez ou alguma coisa desse tipo... a intenção... é uma
 intenção... de quem viveu... de quem... sentiu esse espaço...
 que procurou procurar organizar... procurou localizar... os
 edifícios... conforme esses sentimentos... se você vai
 entrando... e vê um: uma parte do terreno que se eleva aqui
 então você coloca o seu edifício pra lá coloca o outro mais
 atrás e tal... mas respeitando o terreno dispondo os seus
 edifícios... de tal maneira... a conservar... o caráter... do
 terreno do relevo... ao mesmo tempo que você alterou...
 colocando os seus edifícios né?... esses edifícios então vão
 passar... a COMplementar um jogo que já existia... de
 volume... na própria natureza... tá?... essa é a intenção da
 organização da:... da acrópole (7s) tá aqui uma
 reconstituição... do que seria a acrópole aí nos seus tempos
 áureos... os propileus (3s) todo esse acesso de escadarias (7s)
 que aliás... os propileus estão aqui... isso aqui é: é uma parte
 fortificada os propileus são isso mesmo aqui... então vocês
 repa/ reparem... a implantação... do todo... é evidente... que é
 obra humana... não é? a intenção é deixar bem claro que foi
 obra humana... fruto de uma racionalização... de um
 pensamento racional... mas ao mesmo tempo... o terreno...
 continua escarpado... e a colocação dos volumes... sobre o
 terreno... é variada ao extremo... ou seja em função... dessa
 variação do próprio terreno... eu disse a vocês então que a
 colina como um todo ((pigarreia)) foi povoada ao longo do
 tempo por pequenas... reminiscências de pequenos templos
 de: ex-votos de: de: relíquias... tá aqui... um elemento
 qualquer... não sei pode ser... uma dessas coisas que eu estou
 dizendo uma pequena capela... um pequeno túmulo... tem
 um outro elemento aqui se vocês perceberem... tem um
 OUTro pequeno templo aqui (4s) entende? depois da
 penetração... através dos propileus como eu disse a vocês...

era uma espécie de porta mas ao mesmo tempo se tornava uma edificação... um exemplo... éh:: da nossa era... os propileus construídos... pra dar acesso... a uma área da cidade são os propileus de Berlim... mandados construir por Hitler... né? Berlim oriental... Berlim oriental tem um:... em plena cidade tem construção muito parecida com essa... diga

L A. - () muralhas não é? ()

Inf. - veja bem... aqui a gente está se referindo à acrópole... acrópole exclusivamente... a acrópole... foi inicialmente... ponto de ocupação da cidade... mas depois passou a ser... quando... a ocupação desceu... passou a ser uma área... institucional... uma área sagrada... tá certo?

L.A. - ()

Inf. - não () (5s) então... o ponto de referência... principal... é o parthenon... que é esse elemento aqui quando nós falarmos de templo... vamos fazer colocações mais precisas... mas de qualquer maneira... eu posso... dar como referência a vocês que o parthenon foi construído durante o século quinto... deixa eu ver... no governo de Péricles (3s) ((pigarreia)) dentro de:: padrões... que já fugiam um pouco ao que os gregos consideravam realmente clássico... então (4s) há oito colunas aqui na frente... que foge ao padrão inicial que era seis... e o dobro... dezesseis... também fogem ao padrão inicial que eram que era doze... então o parthenon é considerado:... o auge... o: clímax de uma linha de evolução... onde:... já se denota... alguns elementos de decadência... desses padrões... tá aqui então o pathenon como elemento principal... aqui está o erectêion... erecteu... foi um dos reis de... de Atenas... o erectêion... BEM aqui... nós vamos ver algumas imagens depois mais precisas... está o: pórtico das cariátides... virado pra cá... esse templo é um tanto quanto suntuoso é formado por:: partes de edificações de diferentes épocas... aqui TÁ (3s)... a estátua de:... Atena panatenéia... o templo de atena niké... pequeno templo... onde: ainda se pode: localizar... os alicerces da base... tá aqui... e a penetração então... ela é feita... um pouco... acima (6s)

L.A. - ()

Inf. - sim pra CÁ... o porto do pireu está pra cá... aqui é o sul...
então pra cá já se vê uma: uma certa ocupação ()

L.A. - então quer dizer que que era a urbanização de Atenas

Inf. - a urbanização de [Atenas?

L.A. - [() acrópole ()

Inf. - não... ATEnas... ou melhor a Grécia como: sociedade:... tal qual a gente conhece começou a se tornar madura a partir do século oitavo... eu situaria... essa primeira ocupação... lá em cima da acrópole... por volta século oitavo... e a partir daí como um processo contínuo... a ocupação foi se dando pra baixo... no século quinto... toda essa área da acrópole... já funcionava como recinto sagrado... ninguém morava mais aí... né?

L.A. - por que tanto templos heim ()?

Inf. - oi?

L.A. - por que tanto templos?

Inf. - por que tanto templo?... e por que SÓ templos né?... e não residências ou: ou outros... outros exemplos... bom... isso aí é um ponto... bastante importante que eu espero aprofundar quando nós... tratarmos de templos... mas eu poderia dizer... de ago/ já... pra vocês o seguinte... TUDO aquele progresso a que nós nos referimos... que os gregos obtiveram do conhecimento da pessoa humana de suas potencialidades... fizeram com que... os gregos desenvolvessem uma filosofia... uma maneira... de ver a vida... em que eles... eram o ponto central... e isso é retomado depois no renascimento... não é? por razões diferentes... então: o homem... é o ponto central é a medida das coisas... então... sendo... o ponto central e a medida das coisas... os gregos por exemplo criaram os DEuses... à imagem deles próprios... diferente... das crenças ocidentais em que nós somos a imagem de deus... não é?... os gregos então... criaram os deuses às suas conveniências...

os deuses... é que se adaptavam um pouco a tudo aquilo que eles conceberam... que convencionaram e criaram... e aí... na medida em que a sociedade começou a se urbanizar... não é? e que eles deixaram de ser simples éh::... agricultores ou pecuaristas ou... ou lavradores... na medida em que eles se fortificaram por exemplo século quinto antes de cristo século de Péricles... uma parte da população pelo menos um terço da população... já não trabalhava... e se dava ao luxo de pensar... o mais importante pra eles o que havia de mais/ BEM mais importante pra eles era... a disponibilidade do tempo... era TER disponibilidade de tempo... a gente sente um pouquinho isso hoje em dia não é? como era bom se a gente pudesse parar pra ir pra um bar... ou pra fazer surfe... ou pra fazer aMOR... ou alguma coisa desse tipo que é bem bom se... tivesse alguém trabalhando pra gente né?... pros gregos.... pros cidadãos gregos havia... então... quando eles começaram a se urbanizar e a sociedade começou a amadurecer como sociedade urbanizada... é evidente que nesse momento começam a surgir edificações importantes... e a e a edificação mais importante... para os gregos... foi aquela... onde eles colocaram... todo esse sentimento de superioridade... todo esse sentimento abstrato... de divinização... da mente humana... isso não teria sido colocado numa residência... não é?... teria que ser colocado numa coisa que se referisse... a uma crença coletiva... então isso foi colocado no templo... foi espelhado no templo... e o templo então passou a ser... ele como volume... ele como: peça... colocada num cenário... o templo passou a ser... o próprio reflexo... dessa superioridade dos gregos... o templo passou a ser um espelho... desse espírito... dessa vaidade de certa maneira... e: dessa consciência de:: (3s) de se sentir conhecedor de si mesmo... o templo passou a representar tudo isso... então... é natural que a coisa chegasse... a a: (2s) a uma certa mania mesmo... () por que tanto templo?... os gregos em diferentes épocas então puderam... traduzir espelhar colocar lá na paisagem... algo que traduzisse... todo esse espírito... toda essa consciência a que eles chegaram... de que maneira?... através de proporções exatas... de um

equilíbrio perfeito... de uma:... inserção... na paisagem...
sem alteração dos elementos e tal... por isso que a gente tem
ocasião pra [()]

L.A. - [()] consciência né? () criaram deuses () e
depois eles éh: ()

Inf. - eu eu posso substituir a palavra “eles criaram deuses” pela
expressão... eles adaptaram... fizeram com que os deuses se
adaptassem... às suas conveniências é muito possível que eles
acreditassem... em divindades anteriormente é isso que você
quer [saber

L.A. - [é

Inf. - sim não estou afirmando que eles tenham criado
deuses a partir daí... mas eles adaptaram as divindades e
conceituaram/... vocês viram por exemplo a a ... a lenda que
justifica... a força de Aquiles e: n. referiu-se na aula passada...
e a vulnerabilidade dele a partir do calcanhar e tal... tudo
isso está baseado: em algo que os gregos criaram... isso é
evidente que é a lenda... pra justificar... o fato de Aquiles
ser forte e ter só um ponto vulnerável que é o calcanhar
(8s) bom essa é uma visão atual... que subsiste em Atenas...
então vocês vejam... a área dos propileus... aquela entrada
aquela entrada muralhada que estava aqui embaixo.... aqui...
os dois volumes... a partir daqui você tem a região dos
propileus... aquela:... estátua... não existe mais... o templo
de atenas niké existe alguma coisa... aqui... existe alguma
coisa que se refere a ele aqui... a silhueta do pathenon é
bem visível bem: destacada.... mais pra cá... é o erectêion
(3s) essa fotografia deve ser bastante antiga... o cara ainda
usa o chapéu... o chapéu:... como é o nome: (3s) cartola...
cartola (4s) bom... aqui uma silhueta... do promontório... da
acrópole de Atenas (8s) esse é um corte... norte-sul... não
é?... o porto do pireu tá pra cá... aqui é sul pra lá é norte...
então... o parthenon aqui... o erectêion... lá... a entrada da
acrópole então seria nesse sentido (6s) bom uma outra
vista... a do alto... da acrópole (6s) uma vista dos propileus...
do que resta dos propileus (9s)... ()... bom isso é uma

reconstituição então... da ágora... de Atenas (5s) da acrópole (18s) éh: vocês me desculpem eu comecei a dizer que isso é a ágora mas tem escrito alí no *slide* que é a: acrópole e eu não estou reconhecendo nada da acrópole ... isso é... todas as... as alterações romanas provavelmente que houve mas... por exemplo essa colunata... ela é típica dos espaços públicos... como a ágora... esse elemento aqui... nunca existiu na acrópole que eu saiba... ((risos)) ou a: etiqueta do *slide* ()... ou então isso é numa época... que eu não consigo imaginar... pra mim isso não é acrópole não... bom tá aí uma vista do:... do parthenon... então todos aqueles elementos que nós vimos quando estávamos discutindo o que era linguagem clássica... uma base... que é o estilobato... as colunas... dóricas... que é considerado o mais puro o mais simples dos estilos gregos... ábacos e equinos... aqui bem simplificados... formando o capitel... e todo o conjunto da ()... um fuso... formado por... tríglifos... e métopas... depois a cornija... com seu pingadouro que não tem bicos... o frontão triangular ou tímpano... tímpano... as oito colunas... de frente... como eu disse a vocês... e dezesseis... laterais (7s) isso é uma visão do parthenon a partir do erectêion (5s) novamente... as colunas dóricas do parthenon (6s) uma visão bem aproximada... do parthenon (6s) uma outra visão... com secção superior... então se vocês perceberem... é essa... a visão que é oferecida a quem penetra na acrópole... essa visão em ângulo... tá? em que você percebe... a volumetria em todos os seus detalhes... por outro lado... as fotografias frequentemente são tiradas de uma maneira... que não é aquela que os gregos desejariam ou seja são tiradas frontais ou laterais... a próxima por exemplo (3s) não é?... a visão é um tanto quanto mais pobre... quando ela é... frontal... como essa... se você comparar com a seguinte (4s) você tem... o ângulo... e a perspectiva... você capta muito melhor... a leitura... pronto aí o erectêion... como eu disse a vocês é composto... de: partes de edificações... de diferentes épocas... então aqui há algo muito especial... que é um corte formado por... éh: colunas com formas humanas... são as cariátides... você aqui tem... um trecho... com colunas... em estilo jônico... são colunas delgadas... éh: esguias... capitéis

em volutas... e uma outra parte lá por trás ainda... tudo indica que é jônica também (4s) pronto aí uma visão mais próxima das cariátides... atualmente isso não... não se suporta muito bem... e há esses elementos auxiliares aqui metálicos (5s) uma outra visão das cariátides... do pórtico sul... do... erêctêion (3s) uma visão aproximada

L.A. - ()

Inf. - há muito tempo que tá sem: uma sustentação... vale a pena dizer que por exemplo a acrópole... já foi alvo de:... diferentes processos de destruição... do TEMpo... ou... da ação humana mesmo... durante o período de dominação turco otomano... o:/ Atenas... a a acrópole de Atenas ficou ocupada pelos turcos e o parthenon ficou funcionando como um paiol... de guerra... um local de de de... onde se guardava... munição... e aí numa dessas ocasiões... acertaram o parthenon e ele explodiu... não é? então o que sobra ali ainda é o resto de uma explosão

L.A. - ()

Inf. - isso é uma visão parcial... da ágora... de qualquer maneira com algumas interferências românicas... não é?... isso aqui é nitidamente uma interferência romana... os gregos nunca trabalharam com cúpulas desse tipo... e muito menos combinando... frontões triangulares com cúpulas... seria interessante a gente ter uma visão mais global da da ágora

L.A. - ()

Inf. - hein?

L.A. - ()

Inf. - sei A.... eu estou dizendo que isso é de influência nitidamente romana... após a dominação dos romanos... isso é uma visão parcial da ágora (5s) bom então sobre a ágora... no caso de Atenas a ágora... era o resultado... ela se:/... como como espaço físico ela foi a resultante... do encontro... de algumas vias de peregrinação ou de viagens

ou de deslocamento... das populações... vizinhas... então... os gregos que se deslocavam... naquelas proximidades... sempre tomavam aquelas rotas e elas se cruzavam próximas... à acrópole... e daí então... a: agora começou a se formar como um ponto natural de encontro das pessoas... não não seria difícil... imaginar uma situação dessas... se vocês pensassem que a gente tem um bairro uma localidade chamada encruzilhada... não é?... na medida em que:... éh: a cidade do Recife foi sendo ocupada... o deslocamento de Recife... para Olinda... ou se fazia pelo istmo... ou então tinha que ser feito... pela retaguarda... porque toda aquela área por exemplo... da cruz cabugá... a cruz cabugá é uma avenida reta... não é por acaso... não é?... ela é resultado de um aterro no início desse século... a cruz cabugá é um aterro... porque nada daquilo se passava... depois... não faz tanto tempo assim vocês provavelmente se recordam... toda aquela área do: do complexo de salgadinho... que era também de mangue... não é? então o caminho... de Recife... para Olinda... normalmente... se fazia... pela encruzilhada... então vários caminhos... se cortavam lá... e por beberibe lá por trás... não é?... também pra Olinda... atualmente está bem mais simplificado não é?... se eu viesse... dar aula às sete horas da manhã pelo caminho dos holandeses eu ia me atrapalhar um bocado... lá por beberibe e tal... bom então a: agora... era isso... inicialmente a ágora... era um local onde:... onde imperava a palavra... é assim que... () se refere... onde imperava a palavra... era um local onde onde se trocava... palavras... então... todas essas tentativas por exemplo de humanização da cidade... no fundo elas... causam... elas se baseiam num sentimento parecido... naquela época em que se colocou::u... bancos na rua:... nova... primeiro... a interrupção do tran/ do trânsito na rua nova na rua Imperatriz.... depois a colocação de alguns bancos... e luminárias... de:... postos de telefone... a gente sente... que a rua nova... ela funciona como um PONto de encontro e já funcionou muito mais... não é? nos tempos... dos nossos PAIS... nem tanto mas no tempo dos nossos avós com certeza... era ponto de encontro de discussão... da política... do: áh: paquera não é? o velho de paletó branco

L.A. - o savoy né?

Inf. - hein?

L.A. - o savoy

Inf. - savoy... mas não com o mesmo caráter da rua nova... eu estou me referindo à rua nova... as confeitarias que haviam na rua nova... não é?... o ponto de parada... a igreja de conceição dos militares... a sloper... aí já tinha assim doutor fulano de tal... todo mundo já sabia que seis horas da tarde ele estava de paletó branco parado defronte da sloper fazendo o quê?... paquerando... esperando que aparecesse algum amigo dele pra bater um pa:po... e daí sair para uma confeitaria ou tomar alguma coisa por ali... mas isso era:... típico não é? a quantidade de: senhores ali de:... paletó branco... e: gravata chapeuzinho e tal pra converSAR... eu não sei se vocês se deram conta mas quando... partiu para aquele processo de humanização do centro da cidade que se colocaram banquinhos e tal... uma afluência de de sobretudo de velhos não é? que dispõe tempo e tal que vão éh: reviver outros tempos... se reuniam ali... bom... então... a ágora... era assim... um ponto de cruzamento... de passagem... das pessoas... como eu disse a vocês... os gregos se serviram frequentemente... de pórticos... de colunatas... pra:... se proteger... do sol... e ao mesmo tempo... desenvolver algumas atividades... éh:: confinadas definidas no espaço... os gregos levavam uma boa parte de sua vida... no espaço exterior... mas essas colunatas... eram um ponto de referência pra delimitação do espaço... eu tô dando exemplos... todos separados pra vocês perceberem... eu me referi ao caráter... da rua Nova... mas eu agora vou me referir a uma uma uma forma... a uma forma... que talvez complementasse... o caráter da rua nova... se vocês perceberem... o ca/ o o: a FORma... da avenida Guararapes... aqueles aquelas passarelas cobertas... aquilo dali tem a ver... com esse princípio dos gregos... de criar uma colunata... em que você::... não distingue muito bem o que é espaço exterior o que é espaço inferior... aquelas colunatas... aquele passeio coberto da Guararapes... como

é que você pode definir aquilo? é espaço exterior é espaço inferior? faz parte da edificação não é?... no entanto: está em contato aberto o tempo todo... com o exterior... então imagine se a Guararapes... tivesse um outro caráter... como tem a rua Nova... e não fosse um GRANde ponto de parada... o terminal da cidade... não é?... a função da Guararapes com certeza estava deturpada... não há nenhum ponto de PARada realmente por exemplo... no meio da... Guararapes há uma ilha... muito simplória com umas palmeiras raquíticas não é?... é o que a gente tem... no meio da: da Guararapes... então a função tá completamente:... deturpada... mas se nós associássemos... aquela FORMa... que são... as colunatas... ao caRÁter... que tem por exemplo uma rua nova... que já TEve... atualmente: é ponto de encontro só dos camelôs e só... não é? a rua nova... mas enfim se a gente associasse o caráter que a rua nova já teve com a FORMa... da Guararapes a gente começa a visualizar um pouco o que é que era... a ágora para os gregos... era o ponto onde as pessoas se sentiam à vontade pra:... pra passar o tempo... como?... conversan:do... trocando ideias... filosofan:do... ou:: acompanhando a conversa de alguém mais ilustrado que podia ser eventualmente um filósofo... ou em algumas situações... em alguns... em alguns períodos do desenvolvimento da sociedade grega como eu disse a vocês fazendo amor... ou apascentando assim... animais (4s) uma tropa de ganso por exemplo... não devia ser algo... desusado não passar assim na beira do riacho... porque a ágora de Atenas era cortada por dois pequenos riachos... dois córregos... não é?... então essa função da ágora... que inicialmente... era um local onde reinava... a palavra... passou a ser transformada... e até deturpada pelos romanos a partir da:... a partir da dominação romana... passou a ser também um local de comércio... e aí... a versão... não era a mesma coisa... mas a versão... desse local de encontro... dos gregos era a ágora... entre os romanos passou a ser o fórum... por exemplo... e aí no livro de: de () que é: urbanismo e sociedade... que está relacionado aqui na bibliografia... ela faz algumas... algumas... associações... entre a função da ágora... e a função do shopping center moderno... não é?...

que é o local onde: sábado à tarde você vai... passar o tempo... você vai fazer o quê?... a última coisa que você vai fazer lá é comprar numa loja não é? você vai: paquera:r... ou:... sentar ali tomar alguma coisa ou ve:r... as últimas modas que saem embalando e tal () vão () tem que ficar em dia e vai lá e... passa uma boa parte da tarde sem por exemplo se dar conta do que é que você está fazendo realmente... bom... dificilmente você vai ver um grupo: falando sobre filosofia né?... lá dentro do shopping center... mas sobre negócios com certeza você vai encontrar... sobre política... é possível... não é?... a moçada de hoje não vai estar falando nada disso... mas... alguns grupos é possível que você encontre falando de política ou sobre:... negócios... então algumas das funções... da ágora... modernamente segundo essa autora... () estariam lá no shopping center... que é uma invenção americana... não é?... de agrupar... várias dessas funções... a fase intermediária antes de se chegar ao shopping center... é o supermercado... que também segundo essa autora... destruiu completamente esse sentido de encontro das pessoas... o mercado... o supermercado é um tanto quanto frio não é? você com o carrinho vai em todas as prateleiras buscando o que precisa... terminou... vai embora... é uma coisa um tanto quanto fria... quando você vai a um merCAdo... é diferente... a um mercado público... você tem que paRAR em cada lojinha discutir o preço... com o vendedor escolher o melhor comparar entre lojinhas de mesma natureza... que vendem produtos iguais... então o mercado ainda era o local de encontro de conversas de trocas... de fofocagem e de intrigas também... mas... o mercado público ainda tinha esse caráter... o supermercado passa a ser algo frio... e quebrou todas essas relações... o shopping center... então ele reencontra algumas das funções que tem no mercado público... e que haveria... lá na ágora... no fórum romano

Projeto NURC/RE - Inquérito no 345 - Tipo: EF - Data: 12/05/88
- Duração: 50 min - Tema: purificação da mente Informante no
416 - Sexo: F - Idade: 50 (2a faixa etária) - Formação: Geografia -
Profissão: professora universitária

Inf. - ele faz/ ele faz letras também?... eu escolhi esse te:ma...
porque/... a título de colaboração... certo?... como seria uma
coisa enfadon:nha... pra: falar duran:te... alguns minutos...
sobre metodologia de estudos sociais... eu achei por bem
escolher um tema... que vocês pudessem até certo ponto
tirar algum proveito... certo?... por isso que eu escolhi... sabe?
(3s) mui:ta gente... diz que uma da/ que a maior descoberta
da humanidade foi a penicili:na outros dizem que foi a
eletricida:de... outros dizem que:... cada pessoa tem a su:a
né?... pode dizer... que a maior () a maior descoberta da
humanidade foi... a invenÇÃO do relógio... então existe ene
coisas que são ciTAdas como uma das maiores descobertas
da humanidade... e há pessoas que dizem e eu até aceito... que
a maior DEScoberta da humanidade foi o funcionamento
da men:te... certo?... e foi esse tema que eu escolhi:... agora
baseada o tema baseado na filosofia numa filosofia espiritual...
que eu faço parte... certo?... os estudiosos da men:te dizem
que a menTE... tem uma parte... muito conscien:te e outra
parte que é a mente (3s)... inconsciente ou subconsciente (11s)
HÁ quem DIGA que a mente consciente é apenas cinco por
cento... quem acha que a mente consciente é apenas cinco por
cento então... a a mente subconsciente é noventa e cinco por
cento... quem acha que é dez:... mente consciente aqui seria
noventa por cento... Outros ainda acham que são quinze por
cento e aqui oitenta e cinco... mas essa divisão não é uma coisa
matemática e essa divisão aqui não existe na mente da gente
daqui até aqui é consciente... isso apenas é: uma: um gráfico
pa:ra visualizar melhor... a pessoa tem uma melhor ideia... do
que essa mente consciente ou inconsciente (4s) vocês poderão
dizer “isto não é uma coisa tão simples” como nós vamos
idealizando... porque... muitos estudiosos da mente o próprio

cient/ o próprio Freud certo?... o que ele ensina sobre a men:te certo?... mas eles ficaram todos os que estudaram a mente... os psicanalistas que estudam baseado em Freud e outros outros seguidos... de... do: Freud... acontece que eles veem um proble:ma... eles estão num caminho cerebral... certo? e a nossa filosofia ela tem um RESpaldo espiritual... daí o problema... se tornar simples... na maneira que nós expomos... certo? deixa de ser complica:do... pela:... pelo respaldo espiritual que temos certo?... então... eu acho que facilitaria melhor se nós lêssemos aqui (3s) “o subconsciente é também reservatório... de sentimentos reprimidos” ... diz o doutor M. ()... “os psicólogos deram à mente o nome de consciência e à sua parte superficial de cuja ação tomamos conhecimento... deram o nome de... consciente”... a mente consciente que nós pusemos ali né?... “e denominaram subconsciente” a OUtra parte que fica oCULta de cujo movimento NÃO tomamos conhecimento mas que é responsável pela maior pal/ PARte dos trabalhos da nossa men:te”... certo? nós estamos aqui: quan/ éh: com a nossa mente éh consciente nós estamos tomando/ é uma mente éh:... nós estamos tomando... conhecimento das coisas aqui no momento eu estou aqui na frente falando sobre... o funcionamento da mente baseada no doutor M. ()... e vocês me ouvindo... com a mente consciente... agora se eu pergun:to ao amigo ali como é o seu nome?

L.A. - J.

Inf. - J.... J. pode ter uma parte mas acontece que a pergunta ()... oh J. você se lem:bra... que quem foi a sua primeira professora primária?

L.A. - ()

Inf. - sabe o nome dela?... mesmo que não se lembre o nome... você se lembra em que bairro... você morava? Em que bairro ficava a escola se lembra?... aconteceu alguma coi:sa... na escola que lhe marcou?

L.A. - aconteceu... eu me lembro de uma vez... eu fui ver se a porta estava fechada ()... subi na escada () eu corri... chutei

Inf. – então lhe marcou né? agora veja só... o que nós queremos dizer... é que esse esse isso marcou você porque foi uma coisa até:... que dava pra marcar mesmo porque... mexeu até fez chora:r né? você sentiu dores... acontece que NAda passa em nossa vida em brancas nuvens... certo? TUDO nos marca... tudo... o nosso:... o nosso inconsciente como diz o doutor M. () é um reservatório dos sentimentos reprimidos... não só... sentimentos reprimidos... nós poríamos aqui... um: traço negativo certo? sentimentos negativos que nós temos muito no nosso inconsciente... bem como também... nós temos muitas coisas positivas na nossa mente... certo?... que marcaram a nossa mente né?... agora acontece que... as coisas negativas... têm poder muito grande tanto quanto as coisas positivas... e por conta de outras coisas então:... as coisas negativas que nós temos na nossa mente inconsciente... vai aumentando cada vez mais... porque também... o mundo em que nós vivemos... as conver:sas... nós vivemos numa:... grande poluição da palavra... tudo isso contribui para auMENTAR (3s) o aspe:cto... as coisas negati:vas que foram gravadas pela no/ nossa mente inconsciente... às vezes uma coisa... MUITO SIMPLES... a gente pen:sa que não tem problema nenhum... mas aquilo um dia vem à tona... e o nosso comportamento consciente... se modifica por conta de coisas que foram gravadas na nossa mente inconsciente ... porque o PEso... o que dá força mesmo... na nossa vida o que direcio:na... é a nossa men:te inconsciente... aqui:... todo mundo está muito calmo a PEsoa pode ser calma ela pode até dizer que não tem medo nenhum de inseto nenhum não tem medo de bara:ta... que ela arruma a ca:sa e não tem medo... critica até qualquer pessoa que faça um esCÂNdalo... em cima de uma mesa por conta de uma barata... ela está dizendo isso... a nível consciente ã é?... mas se aparece aqui uma barata e começa... chega perto dela se ela tiver... com MEDO mesmo... um daqueles que chega a ser quase até um medo neurótico que a pessoa tem... então: isso aqui é uma força e o comportamento dela vai se modificar... não é verdade?... agora eu não vou entrar em deta:lhês... desse aspecto da coisa da bara:ta... por con:ta de:... nosso objetivo

ser outro... mas o fato de um/ uma pessoa ter medo de
 barata de RÃ: de rato... Freud explica... isso é um símbolo
 existe uns simbolizados certo?... mas aquilo é um símbolo...
 MAS Freud faz psicanálise eu não enTENDo de psicanálise...
 não vamos entrar/ o que nós fazemos... nessa filosofia é outra
 coisa... não é realmente psicanálise... porque a psicaná:lise
 consis:te em trazer justamente à tona... aquilo que está
 perturban:do... uma pessoa modificando o comportamento
 até da pessoa... expor isso certo?... explicar... que aquele
 problema não é tão sério assim como uma pessoa pensa que
 a pessoa/... agora isso CUS:ta né?... demora muito
 psicanalis:ta... fazer um tratamento deste com uma pessoa...
 então... doutor M. () ... baseado em psicologia... em
 parapsicologia... ele estudou:... todos os estudiosos da
 mente... e sobretudo por inspiração diVina... Ele... nos ensina
 uma série de mecanismos... a fim de que nós... possamos...
 nos libertar de certos problemas que nós temos... na nossa
 mente a nível inconsciente... certo? então... uma das
 práticas... muito bonitas... profundas... é... a purificação da
 mente... a pu-ri-fi-ca-ção... a purificação da mente (6s) agora
 antes de... falarmos... nesta prática nós desejaríamos retomar
 aqui... a fundamentação... de que nós estávamos falando
 sobre funcionamento da mente continuando a leitu:ra... que
 nós temos aqui nessa revista que diz... olha... “UM submarino
 atômico”... o doutor M. () tudo que ele faz... ele dá uns
 exemplos superinteressantes com coisas... muito atuais... ele
 diz que os submarinos atômicos/atômicos... estão
 produzidos... pra entender melhor... então desenharemos
 aqui... imaginaremos aqui um navio né?... e ele diz que “o
 submarino atômico (3s) quase não aparece na superfície do
 mar... mas se ele carrega BOMBas atômicas... a sua força
 destrutiva é eNORme... da mesma forma... o nosso
 subconsciente... é imperceptível... mas além de memorizar
 fatos e coisas e ser responsável pelas funções fisiológicas... ele
 ainda carrega em seu interior... os sentimentos destrutivos e
 agressivos que foram reprimidos”... quantos sentimentos ... a
 criatura humana... reprimiu... certo?... há pessoas que têm
 um sentimento de... rejeição... como?... como o sentimento

negativo e como o positivo ele não está só... a pessoa que tem sentimento de rejeição ela é uma pessoa ciumentosa... ela é uma pessoa insegura... ela é uma pessoa medrosa... certo? porque... isso são os sentimentos que... se assemelham... e que têm a ver com o outro... com aquele... com aquela: aquele fato que ocorreu na vida da pessoa... e que a marcou... e em muitos casos as vezes um fato é suficiente... para... ter criado uma um uma ciúme/ podemos dizer eu estou usando uma palavra que veio me veio aqui à mente uma espécie... não é nem cicatriz... é uma espécie quase que de ferida na nossa mente... então... a pessoa QUER se livrar... olhe não EXISTE sentimento pior do que o ciúme? não existe... É TERRÍVEL... o ciúme a pessoa ciumentosa... ela até emite dela vibrações negativas... e começa então a: afastar a pessoa que ela mais desejava atrair não é verdade? Em conversas na sua própria atmosfera pessoal... na sua insegurança... certo? ela começa a ir pra trás para o outro... então... muitas pessoas vão... com problemas sérios de ciúme de sentimento de rejeição e ... fazendo determinadas práticas que o mestre () orientava... então a pessoa se vê livre daquele problema... não é COMUM... de modo nenhum a pessoa/... nós podemos... levar uma pessoa/ensinar uma pessoa a se harmonizar com o sentimento negativo... eu... conversando uma vez com um colega... que ele é PSICÓLOGO... ele disse que: fazia terapia em uma moça que odiava a mãe dela... não é? () ela telefonou pra mim ontem e eu disse pra ela “você tem que se abrir... você tem que ACELtar essa situação... você não tem culpa não/ de/de odiar a sua mãe”... “puxa vida () você é um psicólogo”... existe... existem maneiras... de uma pessoa... deixar de odiar outra... calcule a própria mãe... ninguém pode... ficar com ressentimentos... com raivas... se sentindo machucada... principalmente com esse sentimento negativo em relação à mãe: porque... isso na vida... vai acarretar problemas sérios... no relacionamento dela... como mulher... para o esposo... de mãe... para os filhos certo? (5s) então dizia... dizíamos aqui... que o subconsciente é também reservatório de sentimento reprimidos né?... “da mesma forma... o nosso subconsciente é imperceptível mas além de

memorizar fatos e coisas... de ser responsável pelas funções fisiológicas... ele ainda carrega em seu interior... os sentimentos destrutivos e agressivos... que foram reprimidos... quando essa CARga oprimi:da atinge o ponto de saturação... pode explodir... em forma de loucura ou alienação mental... e levar a pessoa a machucar os outros... ou em forma de tumores malignos e outras doenças graves no seu corpo”... os estudiosos da mente dizem que para TOda doença existe um correspondente mental... entã:o... é preciso... procurar situar a causa gerado:ra... de um determinado sentimento... que está acarretando uma doença... as vezes uma pesso:a... se opera... de uma determinada doença séria como um CA... e a doença às vezes volta... porque o médico tratou... da consequência da doença mas... a usina gerado:ra que acarreta/dava origem àquela doença... continuo:u funcionando... continuou contribuindo para que a doença/ ela tinha () em determinado órgão ah esse problema surgisse em outro órgão... então: (3s) uma das práticas... que doutor M. ()... orien:ta... é... essa purificação da mente que consiste em uma pessoa escrever numa folha de papel... todos os sentimento/todos os sentimentos negativos... então que sentimentos são esses? ódio... éh: ciúme (4s) até mesmo preocupações há pessoas que se preocupam com tudo né? preocupações (4s) agora isso deve ser escrito assim... “eu odeio fula:no” ... e se for possível... ele diz que a pessoa deve exterioriza:r... o que foi que acarretou aquele ódio... contar uma si/ éh passar para o papel a cena... que ocorreu... que levou a pesso:a.. ficar com ódio daquela outra sabe?... ciúme... porque uma pessoa tem ciúme certo? por que tem ciúme do outro? então fazendo a análi:se a pessoa vai observar que se acha insegura... vai ob/ vai vai notar uma série de coisas que está faltando em SI... certo? e... o máximo/ o que a pessoa puder fazer para escrever NO pape:l... o que... a a pessoa... uma sondagem... que a pessoa faz no seu conhecimento que não é Fácil... porque não é em só di:a nem em uma só ho:ra que a pessoa vai conseguir de modo nenhum... pôr em um papel... numa folha de papel... todas aquelas coisas que: estão perturbando a pessoa... quer

se achar livre e é li:vre... mas acontece que está amaRRA:da... por... pensamentos e por sentimentos negativos... porque se um pensamento é uma força motriz... é uma FORça que move a pessoa... o sentimento é uma força motriz MUITO mais forte:... porque o sentimento envolve emoção... e a emoção... mexe com o aspecto não só mental da pessoa emocional... bem como... do próprio físico... uma pessoa com ó:dio... ela fica transformada né?... o próprio semblan:te de:la... o coração ()... o batimento no coração:... a circulação sangui:nea muda... as/a/éh: as suprarrenais passam a jogar mais adrenalina no san:gue... então existe toda uma perturbação fisiológica no organismo da pessoa... e:... o ciúme e o ódio... levam a pessoa a crimes passionais né? ou então ao suicídio...o sentimento que mais leva a pessoa ao suicídio ou então matar o outro é o ciúme... se o ciú:me acarreta tudo isso... por que a gente vai:i... achar que é um traço de minha personalidade eu sou ciumenta nasci assim... pensa que nasceu assim:... e fica... cultivando esse ciúme que não vai lhe levar a nada... MUITO pelo contrário... vai lhe levar a um aBISmo... não só ela e como outras pessoas né?... agora esta prática escrito isso... no papel... feita as as devidas anotações... este papel daqui... era queimado numa cerimônia religio:sa... é queimado à luz de uma vela... agora a ve:la... simboli:za... no ato da cerimônia... o amor de Deus... a sabedoria de Deus... que não/ que apaga todos os males da pessoa... Jesus... quando estava na cruz que um ladrão diz pra ele... “Jesus lembra-te de mim quando entrares no rei:no” ele disse... “hoje mesmo estarás no paraíso” né?... entã:o.. esse FOgo daqui é considerado um fogo purificador... quando as pessoas/... cada/ as pessoas que são convidadas... para... fazer a cremação dos papéis... então cada uma vai pegando o pa/ cada papel põe na mão... fazendo a prece... queima e põe num num numa vasilha... de ba:rro... e põe o sal em cima... sabe? e isso... o sal é... considerado purificador... a Bíblia... considera o sal... um purificador em todas as religiões... lá no orien:te... dão muita importância ao aspecto físico englobando o sal certo? (4s) isso aqui é pra dar apenas uma visão geRAL certo? da:... da purificação da mente... de uma

DAS maneiras... de se... purificar a mente... éh Z. deu pra entender assim em linhas gerais? você devia assistir era ah uma prática... () estou tentando... dizer porquê... muitos médicos dizem “isso é uma doença psicossomática”... diz que é psicossomática... mas não explica o que é que se deve fazer... para... eliminar a causa... certo?... é essa a preocupação que têm os estudiosos da mente e a filosofia ser hegemonia... eu mesma quando eu fui pra () eu tinha o corpo... cheio de panos pretos vivos mesmo sabe? a testa o nariz... por baixo dos braços... eu comprava remédios caros... me receitei certa vez ()... gastei MAIS que o que o meu ordenado... eu era professora primária naquela época... e não consegui ficar boa... e mas eu... encobria as manchas que ela me passou um remédio... que eu usava só para encobrir... mas eu não podia ir à praia nem também podia... eu tinha vergonha de me apresentar a uma pessoa durante o dia... e a PRAIA... assim ficava as manchas ficavam mais éh: ()... então... quando eu descobri LENDO a literatura... eu fui descobrindo... que eu era... uma pessoa desarmonizada sabe?... com as autoridades... com os meus pais certo?... meu pai... eu fui descobrindo que... até em... certas ocasiões ele poderia dizer até assim “olha... não pense que porque você fez faculdade você sabe mais do que eu”... certo?... então se ele estava dizendo isso pra mim é porque ele estava a/ ele estava querendo ir além... da autoridade dele... não é verdade? outras coisas mais... aí fui vendo... que: o meu problema estava relacionado com:/ eu estava desarmonizada... e o problema de desarmonia sempre surgem problemas no nosso corpo... e com o tempo mais de seis meses... eu lia... com muita assiduidade das/às vezes levava TRÊS horas por dia LENDO... porque quando eu... encontrei com um ativista... que comecei a ler realmente os livros... então eu disse “era ISSO que eu precisava” certo?... aí comecei a comprar todas as coisas que eu éh:: que eu aprendia... para provar... não era ai/eu não fazia nem por () eu fazia como se/ para provar ... se aquilo realmente... iria éh:... iria acontecer o que o mestre havia dito... e assim eu fui... pondo em prática em todos os setores da minha vida... e

os problemas foram se solucionando... então Essa daqui É
UMA DAS PRÁTICAS certo? para... eliminar os problemas...
de/da nossa mente do inconsciente... outra/ (3s) outra coisa
muito muito importan:te que/ a dizer é a leitu:ra... leituras de
livros... leitura de livros éh:... espiritualistas (5s) leitura de
livros esperi/ espiritualistas... outra coisa também muito
importante é convive:r... convive:r... com pessoas (5s) que se/
têm um certo grau de espiritualidade sabe? e e... e
espiritualizadas no sentido que esta pessoa... buscar... certo? a
verdade... pode ser de qualquer religião... porque: o mun:do...
é cheio de... gente confusa... vida confu/ é mente confusa vida
confusa... E se: a pessoa tem problemas... e vai conversar os
seus problemas com outra pessoa que tem mais problemas
ainda e começa a dizer... “olha se eu/ fosse eu faria assim” ()
querer... passar receitas para os outros ainda diz “se fosse
eu”... ninguém pensa “se eu fosse você no seu lugar com a sua
histó:ria com a sua idade” certo?... tendo pa/... tendo ()...
tendo feito parte... da sua constelação familiar... sendo você
realmente/ você... como é o seu nome?

L.A. - ()

Inf. - como?

L.A. - P.

Inf. – P? sendo P. e:... não vai levar a nada... se a pessoa já tem
problemas... vai ativar cada vez mais esses problemas... certo?
esse emaranhado essas: podemos dizer assim teias de aranhas
que nós temos na nossa mente (3s) outra coisa que é muito
importan:te... é:... são as normas... pôr em prática as normas
fundamentais (6s) pôr em prática as normas fundamentais
então: são Oito normas: fundamentais... a primeira é
agradecer a TOdas as coisas do universo... certo?... nós nos
baseamos... isso é uma percepção até INTuitiva... e: por eu
estar dizendo isso... eu não posso assegurar que vocês... irão
aceitar na íntegra tudo o que eu digo... mas:... eu repito... são
os estudiosos da mente que dizem isso () muita
espiritualidade e existe uma ÚNICA mente e uma ÚNICA
vida... e isso é até bíblico... então... agradecer a todas as coisas

do céu e da terra... quando a gente agradece às coisas... quando a gente agradece às pessoas ... a gente vai se sentindo unido às pessoas certo?... e quanto é importante isso... quando a gente se sente unido às pessoas então a gente... não se sente só... no mundo de hoje... que as pessoas vivem de baixo de muito estresse... vivem com medo de tudo: do medo de não ter um lugar pra trabalhar... medo de perder o lugar... medo disso medo daquilo... uma das maiores causas... do enfarte é esse estresse da vida moderna que nós vivemos principalmente nas zonas urbanas... eu li uma entrevista muito interessante com o professor Z... na revista Manchete... e: na entrevista ele dizia todas as causas do enfarte... causas físicas certo? ele explicava... mas o que me chamou atenção inclusive ele explicava com gráficos como o funcionamento do coração etcetera... mas... ele disse que as causas muito/ que aca/ que as causas do enfarte são mais de ordem psicológicas... e a última pergunta que o repórter fez pra ele... foi: “o que é então que uma pessoa deve fazer... para não ter enfarte?” sabe o que ele respondeu? “tornar-se querida” eu achei tão interessante sabe Z?... porque diz que uma pessoa/ aí eu: interpretando com a luz da filosofia né?... uma pessoa: que é querida ela se sente segura... ela não vai aCHAR que alguém daquelas pessoas que ela estima... que são suas amigas... vão lhe fazer mal... não é verdade? e uma pessoa quanto mais se fechar... mais insegura fica fic/ mais estressada fica... e consequentemente o coração não AGÜENTA... tanta pressão né?... () morre do coração eu eu não entendo i/ éh de de... com a profundidade... dos () coração... mas isso também não é/ não faz parte da minha:... da mensagem que eu estou querendo passar aqui... apenas... vendo problema de enfarte como um problema psicossomático... o médico cuida ... do: corpo... e:... áh os estudos/doutor ()... a Bíblia também: os estudiosos da mente... com o respaldo espiritual... cuidam da parte psicológica da doença né?... então é muito importante como tão simples agradecer a TODAS as coisas do universo... a profundidade disso vai muito... por quê?... como se aqui tivesse o universo?... como se aqui fosse um arquipélago... certo? e um arquipélago... nós

observamos apenas essa parte daqui da ()... mas essa aqui não é uma coisa só né? é uma coisa só... se o mar... se as águas do mar baixassem até duZENtos metros... a Inglaterra... a Grã-Bretanha sabe? estaria unida à () ela faz parte da Europa mas ela seria... estaria unida porque Aparentemente ela está separa:da... mas ela está unida pela plataforma continental... assim MESmo fazendo uma analogia... é a nossa vida a nossa MENte... então quando nós agradecemos a uma pess:oa por muito longe que ela esteja... nós estejamos desarmonizados com ela no mundo da mente... mas aqui... no profundo do nosso mundo da nossa mente nós estamos em perfeita harmonia com ela... e: a nossa... vibração de amor... de harmonia atinge essa pessoa onde ela estiver certo? (3s) isto agradecer a todas as coisas do universo não é apenas agradecer... às pessoas é a TODas as coisas do universo... o mestre diz “se você quiser saber como é que é a sua vibração... procure saber se você agradece mais ou reclama mais”... se durante o dia a gente reclama mais as coisas do que agradece né? pelo menos elogi:a... e outras coisas... então: esta pessoa... tem uma vibração negativa... então apesar de estar uNida... com todas as coisas do universo... e não é somente () a vida das pessoas... a VIDA da planta a vida do animal a Vida é uma só... certo?... ficou claro esse exemplo que eu tentei dar aqui?... a vida e a mente é uma só (3s) outra coisa também... ver sempre as partes positivas das pessoas COIsas e fatos... e NUNca as suas partes negativas isso é uma NORma... e NORMA... é o a/ se a gente for ao dicionário... vai encontrar como norma uma prescrição... não é?... uma REgra que se deve seguir... então... ver sempre as partes positivas das pessoas coisas e fatos e nunca suas partes negativas (3s) então:... se eu tenho essa coisa negativa aqui né? a minha men:te é marcada por algum fato negativo sentimento negativo quanto MAIS coisas negativas eu... observar nas pessoas eu ver nas pessoas MAIS aumen:ta essa parte negativa em mim... então quanto mais coisas positivas eu ver no outro... então eu consigo cada vez mais fazer um trabalho na minha mente a nível inconsciente... ver sempre as parte positivas das pessoas coisas e fatos e NUNca as suas

partes negativas... isso é uma norma muito bonita muito importante e muito difícil... mas a pessoa tem que... se esforçar e pôr em prática (4s) ser atencioso para com todas as PESSOAS COISas e fatos... olhe ser atenciosa para com todas as pesso:as já é MUITa coisa não é? e ele manda ser atencioso com todas as pessoas COISas... e fatos... o que significa isso? () com TOda reverência como se fosse a primeira ou a última vez que você estivesse fazendo... porque: isso tem uma importância muito grande em... trabalhar a nossa mente inconsciente porque essa mente inconsciente é trabalhada através da própria mente consciente... que foi a própria mente consciente... foi através dela que os problemas foram criados... então agora através dela... com o uso correto da palavra do pensamen:to é que nós iremos... trabalhar a nossa mente inconsciente é como se fosse um antídoto... a própria palavra porque... éh: uma vaci:na... a va/ a vacina contra varíola... ela é: fabricada da do próprio vírus da própria varíola eu disse varíola não foi?... então: da: tuberculo:se... então éh a vacina ou melhor... a penicilina... é preparada com o próprio bacilo da tuberculose (7s) manifestar out/outra norma muito importante é manifestar o amor... em TO:dos os atos... manifestar o amor em todos os atos... isso quer dizer que muitas vezes os problemas/ a nossa vida não anda bem... em qualquer setor... mas temos que pen:sar “será que eu pus amor nisso?” ... “será que a pessoa fazer tudo para o outro essa/ isso é amor?” certo? a gente não tá passando a Energia porque uma/ na/ quando a gente faz uma coisa com amor... além daquele objeto que se dá:... uma mesa que você põe para o outro... existe aquela energia do amor... não é?... então são oito: normas... mas eu só estou citando aqui: apenas algumas... e a última norma é:... iluminar a mente... pra/ praticando a meditação chissotã todos os dias sem falta... a meditação chissotã é uma meditação que a pessoa:... se senta na cadeira ou então (3s) tanto pode ser sentada no tatame mas aqui nós que somos fora fora do/ somos do ociden:te a nossa posição é esta e isso/ existe uma importância muito grande a pessoa se pôr aqui nesta posição... mas vamos ficar por aqui em termos de: meditação... chissotã... porque

existiria muitas coisas para se explicar... sobre a meditação chissotã (3s) outra prática também que o mestre aconselha para purificar a nossa mente... é fazer mentalizações ou afirmações (16s) mentalizações ou afirmações... mentalizar uma coisa... é dizer que uma coisa é...CONtra todas as evidências a pessoa estar vindo de uma situação () mas a pessoa mentaliza que aquela situação é correta certo?... a pessoa está sem dinheiro afirmar “eu sou próspera... eu sou harmoniosa... eu sou a capacidade pura de Deus” certo?... o marido arranhou uma professora... então a pessoa dizer “fulano... você é leal... você é honesto... você avisou... você é o melhor marido do mundo” isso é fazer mentalização certo?... você afirmar... porque uma coisa... é ser e outra é estar... pode não estar sendo ainda (3s) esTAR... são dois verbos diferentes... estar e ser... nós acreditamos na perfeição originária da criatura humana... agora ela essencialmente... ela está... a/se apresentando como uma pessoa desarmoniosa em qualquer situação... quer seja em... doença quer seja de ordem financeira éh:... de desarmonia familiar mas... mas... na essência ela é perfeita ela é harmoniosa... então nós () fazíamos as mentalizações ou afirmações agora isso não é feito... por pouco tempo... porque nós lidamos com:... A concentração exige MUITO tempo da pessoa... persistência mesmo... utilizando o poder da palavra... nas mentalizações... quem quiser que experimente... pôr em prática... fazer uma afirmação... consigo ou pra outra pessoa obrigada Deus pelo amor e harmonia que existe entre fulano e beltrano... olha a gen/ no mundo de hoje a gente não está vendo harmonia e desarmonia está vendo o desamor certo?... mas você afirmar... “obrigada Deus pelo amor e harmonia que existe entre fulano e beltrano”... e se () diariamente ler...e concentrar... eu conheci uma senhora que ela pôs isso... no fogão... o marido dela vivia ()... e ela pôs “obrigada a Deus pelo amor... pelo amor e harmonia que existe entre EU e meu marido”... e:... um dia o marido vai lá visitá-la e vê ele se tocou () né?... ele podia estar desarmonizado com ela no nível/ a nível superficial de mente certo? () ego... mas no: profundo da alma... dos dois havia amor... agora cumpre

salientar... que há o problema da palavra... que: faz ocorrer... a pessoa exteriorizar aquilo que É... certo? aquilo que é... não é a palavra/ a palavra... é um meio... é como:... a água que vem para a nossa casa... a gente não pode dizer que tem água em casa porque tem os canos não pode dizer porque a encanação está perfeita... os canos... a encanação é o meio... da água chegar porque a água... quem deu foi Deus é uma dádiva divina... ela já existe... apenas o cano... a encanação vai trazer a água:...o fato que com essa purificação () e chega as nossas casas... assim mesmo fazendo uma analogia... é o uso correto da palavra... não é a palavra/ não é que a palavra... vá: fazer você ser harmoniosa... você JÁ É certo?... Deus não criou nada imperfeito tudo que Deus criou foi perfeito... esse mundo que está AÍ... confuso... não foi criado por Deus... porque o mundo que Deus criou... é aquele que foi feito de amor quando o coco é verde é um coqueiro que só põe aquele/ só dá aquele coco verde né? quando é: daquela marronzinho só dá marrom a roseira quando ela é amarela a rosa é amarela quando é a vermelha é: a vermelha e assim sucessivamente então o mundo que Deus criou é de harmonia... agora o mundo... que nós vivemos... esse foi criado pela mente humana... certo? então... na mentalização... nas normas... convivendo com pessoas espiritualizadas... fazendo () quando a pessoa faz: uma percepção intuitiva descobrindo as coisas que estão certas e se estão erradas... e tendo consciência convicção MESMO do que é certo certo? e pondo... pra fora como o mar faz... pondo pra fora todas as coisas sargãos qualquer coisa ruim uma pessoa morre afogada o mar não fica não retém põe pra fora e a criatura humana por não ser divina ela está sempre... esperando o que não presta sabe? e é preciso fazer uma LAVAGEM realmente e não é fácil... daí a psicologia fazer a psicanálise... e: na: aqui na: filosofia se faz ()... todas essas e existem outras práticas a purificação da mente... essa daqui tem uma profundidade MUITO GRANDE esta daqui eu citei em primeiro lugar porque ela se assemelha... a: (3s) ela se assemelha a: psicanálise... o que na psicanálise chama-se car/ de/ catarse a pessoa pôr pra fora as coisas que estão no seu inconsciente a

a filosofia leva a pessoa a se ARREPENDER... certo? mas sem se angustiar... leva a pessoa a se arrepender assim no sentido... de:... se sentir de se sentir satisfeito com aquela situação porque não é pra viver... daquele jeito certo? quando o homem se conscientiza do que ele é... então... as coisas se transformam porquê... se o homem não encontrar o reino de Deus dentro dele ele não vai encontrar em canto nenhum também se ele encontrar esse reino de Deus dentro dele em todo lugar que ele estiver ele: levará a paz porque o exterior é um reflexo... do meu interior... é o mundo é como se fosse um espelho (3s) como se fosse um espelho... se: (4s) se eu estou () olhando pro espelho eu vou aparecer nele né? agora se eu estiver (5s) com raiva... então as minhas vibrações emitem... Z. que é casada vive com certa dificuldade com o marido pode observar isso... quando você está com o astral alto como se chama?... então... seu esposo também está né? um é o reflexo da vida do outro... se ele chega em casa preocupado e você também está se a mente dele está ainda mais forte do que a sua () está preocupada então você é absorvida um passa a ser o espelho do outro certo? agora se você estiver num astral alto a RAIVA dele você vai conseguir detectar certo? porque... a luz é mais do que as trevas... as trevas não vai poder nunca com a luz... milhões de anos () num instante desaparece a escuridão não é? assim são as trevas das coisas erradas dos dos ressentimentos que: éh em religião se chamaria pecado porque estes sentimentos negativos começam a ocorrer na nossa vida coisas que são chamadas de pecados... e o pecado nada mais existem muitas causas () são comportamentos errados né? o pecado nós chamamos de comportamento errado porque nós... estamos quebrando determinados regulamentos da vida né? em lugar/ as regras do bem conviver... da: mora:l do po:vo da nossa família certo? mas aquele/ qualquer que seja o comportamen:to que nós chamemos de pecado ele tem suas CAUsas e as causas não estão na mente consciente e sim na mente inconsciente (3s) mas eu acho que eu falei demais sabe? Z. você deveria/ e eu: eu procurei... expor o assunto sem eu nem/ eu deveria ter feito () foi a falta de tempo

como eu tinha prometido chegar aqui hoje eu não tive não/ não/ não ia chegar aqui com nenhuma desculpa certo?... mas eu desejaria que Z: que nunca foi lá a uma reunião fizesse alguma pergunta Z. eu sou muito desentendida certo? algum esclarecimento que você

L.A - ()

Inf. - eu: queria apenas frisar que uma vez o professo:r o professor I. disse assim “e mente salva?” então isso é muito importante porque aí as pessoas/ pensam que a gente está querendo dizer que a mente salva mas a mente não salva não é? e o problema dessa salvação que se pensa muito pós morte a salvação tem que ser aqui e agora a pessoa resolver todos os problemas aqui nessa vida porque o que a gente pode fazer nessa vida não pode fazer do lado de lá a/ assim mesmo as coisas que a gente pode fazer do lado de lá não pode fazer aqui... então tem que aproveitar a VIDA aqui Deus criou o homem para ser feliz... e quando ele deu condições aos homens de descobrir o funcionamento da mente... se a gente descobre o funcionamento de uma coisa é PAra pôr em prática o bom funcionamento desta coisa... certo?... então: não é a mente que salva eu disse/ aí no momento eu pensei na analogia me veio à mente o professor I. não é? a mesma coisa que eu disse é um ca: no é como se fosse um cano pra trazer a água certo? porque neste gráfico aqui... no inconsciente... se a gente pudesse éh: materializar uma coisa que é imaterializável... o reino de Deus estaria aqui certo? no profundo caos da ordem... ele está aqui além de de aqui ter coisas negativas como nós dissemos coisas positivas (3s) ele está aqui agora o que a gente precisa fazer é isso conseguir trazê-lo aqui à tona agora pra ele... () a nossa vida a gente tem que anular o ego e pra anular o ego a gente preci:sa ter consciência do que a gente é... que é pra a gente se ver livre de muitas coisas que estão: tirando a nossa liberdade certo? (3s) porque do contrário ele não pode () nesse reino de Deus não pode se exteriorizar e a gente não está dando passagem à vida... agora isso gente pode ocorrer... em um momento na vida de uma pessoa a pessoa descobrir e pode ser um processo

que dura Anos... há pessoas que têm ódio tão GRANDE dos pais que eu nunca pensei que fosse possível uma pessoa odiar o pai mas certa vez eu fui orientar um cidadão... eu disse/ eu vi logo que ele tinha problemas com o pai dele... eu disse “o senhor acha que deve fazer quantas vezes a oração do perdão?” e foi uma coisa que eu me esqueci de pôr aqui também (4s) a oração do perdão (4s) “quantas vezes o senhor acha que deve fazer a oração do perdão?” ele disse “acho que umas MIL VEZES por dia” certo? porque a própria pessoa que acha que esse seu ódio é tão grande pra ir por aqui pra fora... pra contar uma história resumida ou: uma lição... eu certa vez ouvi um diretor contar... que... foi procurado ele foi fazer um seminário numa cidade do interior e foi procurado por uma moça... ela contou que havia necessidade que havia um orientador então expôs o problema seguinte... que o pai bebia muito e ela resolveu sair de casa comprar uma lojinha com uma amiga e que o pai agora saía de casa apesar dessa loja ser distante até ela ir/ ele ia diariamente e ficava na loja sentado chegava lá bêbado certo? e ficava () então o preletor disse “a senhora” ela disse “eu quero saber o que é que eu faço pra me ver livre do meu pai”... ele simplesmente disse “a senhora mora daqui a quantas horas?”... ela disse “duas horas” “pois a senhora... quando se sentar no ônibus no ônibus... simplesmente agradeça a seu pai muito obrigado papai muito obrigado papai muito obrigado papai” ela disse “mas EU? vou agradecer a meu pai? mas eu vim aqui pedir uma orientação o senhor me manda agrade”/ “olhe eu não tenho mais o que lhe dizer” então ela foi embora indignada até... quando se sentou no ônibus não tinha outra coisa a fazer se lembrou e começou a agradecer muito obrigado papai fechou os olhos muito obrigado papai muito obrigado papai muito obrigado papai aí quando ela/ quanto mais ela pedia aquilo mais internalizava aquilo certo? então começou a vir à tona a infância dela o pai levando ela pra praça () fazendo viagem e tudo aquela cena da infância veio à tona né? e ela agradecida agradecida depois ela começou a chorar e ali agradecendo ela pediu perdão ao pai “papai o senhor me perdoe papai o senhor me perdoe” () ela não pensou que

fosse um negócio tão simples e ela foi para casa entendeu? () e no primeiro dia o pai não apareceu e no outro dia o pai não veio mais... sete dias e o pai sem um recado mais na loja () ela pediu a colega pra tomar conta da lojinha que ela ia em casa saber enfim o que estava acontecendo com o pai dela... quando ela chega em casa (3s) “mãe cadê papai?” “áh seu pai saiu está aprontando o quê? meu pai está plantando cuidando da roça? está “mas não é possível... eu quero falar com ele...” “mas espera aí desde quando meu pai está assim?” “minha filha ele disse () a plantação vai dar muito dinheiro aí () não sei o quê faz mais ou menos oito dias que ele está assim... se acorda cedo não bebeu mais ()” olha sabe o que aconteceu? () ela perguntou pra mãe “então meu pai se libertou certo? de mim?” libertou deixou de beber certo? porque houve uma perfeita () principalmente as pessoas que fazem parte da mesma família não é por acaso () então é muito mais fácil a pessoa abusar dum membro da família certo? ela desamarrou o pai que estava amarrando com o ÓDIO dela ná? () e quando ela conseguiu... perdoar o pai dela... ela levou o pai a deixar de ter sentimento de culpa se ele bebia alguma coisa () ele tinha que levava à bebida... e assim inúmeros casos... de resultados feitos através da oração do perdão... então não foi a oração não foi a palavra ao se dizer “fulano eu lhe perdoei você me perdoou papai eu lhe perdoei o senhor me perdoou muito obrigado papai” não foi isso a palavra foi um meio certo?... e foi a própria palavra que criou todas os problemas na mente no inconsciente (3s) do: pai... desta moça... agora com essa explanação eu apresentei... uma visão geral muito grande... por quê? Em cada coisa desta teríamos muita coisa para falar... porque se nos nos tivéssemos detido apenas em um aspecto deste... não daria pra vocês terem uma visão geral e ao tentar dar uma visão geral talvez tenha ficado geral demais... certo? porque além disso... há outras coisas (3s) porque a filosofia é reencarnacionista certo? acredita na reencarnação... acredita na influência dos antepassados na vida de uma pessoa... há muitos aspectos pra se observar... mas nós procuramos nos deter apenas naquele aspecto... que:... e até pequeno sabe? o

aspecto que a gente guarda aqui (3s) da responsabilidade... que nós temos aqui... na nossa vida... um quarto... ele diz que este outro quarto daqui é intrínseco aos nossos antepassados e esse daqui ainda é de vidas passadas... mas essa parte daqui esse quarto daqui POde fazer uma transmentalização e: e a gente ter os carmas os débitos que nós adquirimos em vidas passadas... nós podemos através do amor... dar uma guinada de trezentos e sessenta graus MAS (3s) seria outro assunto pra se explanar e se: começarmos falar deste assunto aí sem ir: aos mínimos detalhes do que: a filosofia diz... nós iremos criar confusão na cabeça de vocês porque esse livro daqui tem uma parte mais tem um volume nove e dez porque o mestre escreveu só dessa coleção daqui que a () quarenta volumes... além dos quarenta volumes ele escreveu mais de trezentos livros que eu acho que não foi ele que escreveu não sabe? porque uma pessoa não pode escrever mais de trezentos livros... eu acho que foi somente ditado por Deus foram livros criados por inspiração divina (3s) porque não pode ter sido de outro jeito e ELE mesmo sabia... ele dizia que: quem escrevia não era ele era com inspiração divina... mas Z. você (4s) faça alguma pergunta de alguma coisa ()

L.A. - ()

Inf. - eu queria () tudo isso ()

Projeto NURC/RE - Inquérito nº 171 - Tipo: EF - Data: 10/11/78
- Duração: 40 min - Tema: A norma social - Informante nº 053
- Sexo: M - Idade: 47 anos (2ª faixa etária) - Formação: Direito -
Profissão: professor

Inf. - bom o assunto de hoje é: a norma social... e nós já vi:mos...
que: interação social SEria:... ação relacionada e exteriorizada:...
entre pelo menos dois compostos sentimento ideia e vontade...
a partir daí não é difi:cil... definir a norma social... a norma
social seria simplesmente... o compo:sto sentimento ideia e
vontade comunicado na interação social... eu vou escrever no
quadro a: aquela fórmula geral da interação... porque aí a coisa
fica mais simples de entender (15s) cada um desses po:los SIV...
e essa é uma fórmula meramente simplifica:da... pode se:r...
individual ou grupal... e não só grupal como marca de um
um ato grupal de tal so:rte... que a resultante... da cadeia sócio
interativa:... global... tomando-se... um determinado ponto de
referência... pode ser uma sociedade global... então cada um
desses polos SIV... não é de maneira nenhuma... necessariamente
um polo individual no processo... mas cada emissão SIV SIV...
em si mesma... é uma no:rma... e nós já vimos que há uma
comunicação normativa... dos polos sócio interagentes... isso por
uma razão muito simples... toda vez que se associa... sentimento
e ideia... se tem uma avaliação automaticamente... então a mente
humana... sendo uma sé:rie de emissões SIV... automaticamente
é uma sé:rie é um éh de emiSSÕES avaliativas... porque ca:da
associação sentimento e ideia é uma avaliação... toda vez...
e sempre ocorre isso na realidade... toda vez... que... ideia e
sentimento... se JUNTam... e na realidade: social... histórica
esses elementos são indissociáveis... se tem... automaticamente
uma avaliação... uma avaliaçã:o ou um padrã:o ou uma no:rma
ou um modelo que tudo isso é a mesma coisa... então nós
temos o seguinte... cada emissão mental SIV em si mesma é um
padrão... é uma avaliação... de tal sorte que há uma mensagem...
normativa... dos polos sócio interagentes

L.A. - e a generalidade da norma?

Inf. - como?

L.A. - a generalidade da norma... em geral... seria ()

Inf. - bom... cada padrão SIV... poderá ser genérico ou não... porque:... a ideia... a que se associa o sentimento pode ser uma ideia genérica ou pode ser simplesmente uma ideia do concreto... então o padrão SIV... pode ser um padrão genérico ou um padrão relativo ao concreto... porque a ideia humana... é VÁria... ela vai desde a mais sofisticada e genérica ideia filosófica... até a simples percepção imagem do concreto

L.A. - mas ela no concreto assim é norma?

Inf. - ela no concreto na terminologia que nós estamos usando é norma... porque nós estamos identificando norma simplesmente com padrão com modelo ou com avaliação... então... vocês teriam o seguinte... se: interação social... é a ação relacionada e exteriorizada entre pelo menos dois compostos SIV... NORMA social seria simplesmente um composto SIV comunicado na interação social... então norma social não é necessariamente norma social genérica... nessa perspectiva pode ser ou não... porque pode ser simplesmente uma norma social relativa... ao concreto... ou uma norma social cuja ideia informante... é uma ideia do concreto (4s) vocês já percebem... através... dessas deduções teóricas... que se elas são realmente válidas... norma social e ação social são a mesma coisa... isso é importantíssimo para uma consideração dinâmica do social... tradicionalmente... nós somos habituados a... caracterizar aquilo que se chama norma social... como algo de exterior... à ação social... nessa perspectiva que: estamos apresentando... a Norma social não é exterior à ação social mas ela se identifica com a própria ação social

L.A. - você tá querendo dizer que no caso toda ação social seria normativa?

Inf. - toda ação social em si mesma... é um padrão ou norma... porque toda ação social... é uma comunicação SIV de um polo ao outro... da interação social... e: essa comunicação SIV É ação social e ao mesmo tempo é norma social porque... basta que haja uma associação S I para se ter automaticamente um padrão ou norma... essa perspectiva teórica é bastante sutil: é bastante abstrata... é bastante difícil de apreender de imediato... porém ela fornece possivelmente... uma chave... razoável para o entendimento da dinâmica do social... você pode TER... normas sociais MAIS genéricas e normas sociais menos genéricas... as normas sociais mais genéricas podem endereçar o seu comando... às normas sociais... MENos genéricas... porém... norma social nessa acepção... que nós estamos dando a:... a:... a essa expressão norma social... não significa... necessariamente... norma genérica... eu vou explicar de outro modo... e: ficará a coisa mais simples... a ação mental... é uma ação SIV... porque a nossa mente... é: basicamente... um jogo energético desses elementos sentimento ideia e vontade (4s) e CADA ação mental... é automaticamente... uma emissão normativa... porque:... a associação sentimento ideia de si própria já é um padrão... mas SE:... um composto SIV se comunica na interação social... ele DEIXa de ser um padrão mental... e se torna... um padrão social... É ao mesmo tempo... UMA ação social e um padrão social... porque cada ação mental... como cada ação social implicando... éh: como emissões SIV que SÃO... associação entre sentimento e ideia automaticamente... constituem padrões e normas

L.A. - professor e: teria:: a prevalência de um desses elementos na norma? ou eles teriam...

Inf. - bom esses elementos variam em sua intensidade energética... quando definimos a norma social em geral não cuidamos de prevalência porque a definição está colocada num nível mais geral de abstração... mas é claro... que... os elementos SIV nos padrões sociais têm uma variação energética... numa determinada relação pode ter o predomínio o:/... ter predomínio o elemento V... por exemplo na relação de

controle social... em outra determinada... relação poderá ter predomínio o elemento I... como no caso da socialização do processo de socialização

L.A. - agora

Inf. - AGORA

L.A. - eu gostaria que você esclarecesse melhor: r... essa relação aí... entre ação social... e: e: norma... porque me parece que você... assim... identifica você identifica ação com a norma

Inf. - [identifico

L.A. - [é isso que eu gostaria que você esclarecesse melhor

Inf. - claro

L.A. - e precisasse mais esses conceitos [de norma

Inf. [pois não... com muito prazer... e: esse esclarecimento mais adequada: do... se terá... provavelmente... a partir do conceito geral de ação... então a:... as... relações... seriam os seguintes... ação... é diferente... de norma... social... porém... ação social... é igual a norma social... por que ação... é diferente de norma social... e ação social é igual a norma social?... é porque ação... nesse contexto nosso... significa... um conceito genérico... altamente abrangente... ação ou conduta... ou reação humana... teria a seguinte fórmula aliás muito conhecida... a reação... é função da personalidade e da situação (3s) então... AÇÃO ou reação ou conduta... humana: nas... seria... algo de altamente genérico e abrangente... ação humana em geral... abrangeria... não só:... o físico químico... e o biológico como suportes da personalidade... mas ainda... o psicológico INTRA-orgânico... e finalmente o sis/ o situacional... externo EXTRA-orgânico... em suma dizendo isso de maneira simples... a ação humana... não é... se... entendermos ação humana como um conceito global... não é somente ação social... não é somente ação mental... mas é ainda ação físico-química do organismo humano... a ação bioLÓGica propriamente dita desse

organismo... a ação psicológica e a ação social... então eu não posso dizer que:... norma social é igual a ação... porque ação... extrapola o âmbito conceitual da norma social... ação em geral... compreende... a atividade meRamente mecânica motora do organismo atividade neurovegetativa do organismo... a atividade físico-química no organismo... a atividade bioLÓgica do organismo... a atividade psicoLÓgica do organismo... e nada disso é ainda o social... o social só começa... quando... os PÓ:los mentais... se comuNICam ou pelo menos um dele... apresenta uma comunicação ao ou:tro... na interação social... entendeu agora?

L.A. - sim ficou clara a distinção entre: ação e ação social... então no eu queria que você agora explicitasse essa correspondência da ação social e norma social

Inf. - a correspondência da ação social e da norma social é muito simples pelo seguinte... porque nós reduzimos... o mental... sem uma redução pré:via não se pode entender bem isso... com a redução se torna claro... se NÓS reduzirmos... o mental... a: basicamente a sentimento ideia e vontade... a interação social... só pode ser... uma interação entre polos mentais... seja esses polos mentais individuais ou grupais... mas como os polos mentais individuais ou grupais são essencialmente sentimento ideia e vontade... então... automaticamente... a interação social... é: entre polos sentimento ideia e vontade os QUAIS... têm... forma normativa éh normativa porque cada um desses polos... associando sentimento e ideia são automaticamente um padrão ou norma... você quando tem ideia de alguma coisa... você automaticamente sente... agradabilidade ou desagradabilidade... você sente... se algo DEVe ou não deve ser... se você sente que algo deve ser você sente ou experimenta a:... agradabilidade... se você sente que algo NÃO deve ser você experimenta a desagradabilidade (5s) entã:o... esse elemento afeTivo... o elemento S... coLO:re de dever ser... ou: de normatividade o composto SIV automaticamente... e você notem... que o homem não é nunca apenas ideia... ele é sempre... ideia e sentimento

e vontade... então no ser humano concreto o processo avaliativo ou normativo é ininterrupto... eu posso por abstração dizer... “o conhecimento em si mesmo apenas É... ele não pertence ao domínio do dever ser”... mas isso é uma ME:ra abstração... que o conhecimento do homem concreto está SEMpre ligado ao sentimento... é por isso que o próprio processo cognitivo ou processo do conhecimento é SEMPRE... um processo avaliativo (3s) não pode haver... uma:... neutralidade afetiva total do observador NUNca... a única coisa que se pode pedir ao observador científico... é que ele tanto quanto possível não se de:ixe... guiar por preconceitos... por premoções... mas ele AUtomaticamente fará sem:pre como ser humano concreto uma avaliação... do SEU conhecimento e do conhecimento alheio... ele sempre verificará por exemplo se a sua concepção... É ou não é adeQUAda... à realida:de e se as concepções alheias são ou não são adequadas à realidade... então automaticamente fará sempre um julgamento de valor... automaticamente e/ ele emitirá... um: padrão emitirá uma no:rma... positiva ou negativa... afirmando por exemplo que a sua concepção deve se:r e que a alheia não deve ser sob determinado ponto ou o conTRÁ:rio... mas sempre uma avaliação... apenas a avaliação científica se faz... tanto quanto possível... nã:o no sentido ideoló:gico... mas se faz apenas numa aferição tanto quanto possível apenas... de correspondên:cia do formulado com a realidade fática... então uma teoria deve ser se corresponde à realidade dos fatos... e não deve ser se não corresponde... mas de qualquer maneira os cientistas estão constantemente a julga:r... se suas concepções ou as alheias devem ou não devem ser... então ciência... como ALgo ... apenas do plano do se:r... somente se tem essa noção... se se abstra:i... o aFETI:vo... dos compostos sentimento ideia vontade... mas evidentemente isso é uma mera abstração... porque na realidade concreta... sempre há uma ligação de sentimento ideia e vontade... percebeu agora?... se não [você

L.A. - eu pude entender... () quer dizer foi o próprio ((ruído)) o próprio conceito seu de norma social... consistiria na: reação

do indivíduo de agradabilidade ou desagradabilidade diante daquilo que... ele faz ou deve fazer... quer dizer esse seria por exemplo... [esse seria o critério... esse seria é seria o critério ()

Inf. - [seri/ seria seria isso seria isso... seria isso mas não só isso... porque: um padrão normati:vo ou a no:rma... por exemplo... porque padrão normativo é uma certa redundância... a no:rma ou padrão ou o normativo... não existe apenas... pelo elemento S ou pelo sentimento ou pelo aFÊto mas exi:ste na con:junção na combinação aliás FA:ticamente INdissociável... de ideia com sentimento... pra você ter um padrão ou norma toda vez... que você tem uma associação ideia e sentimento... ora no homem concreto essa associação existe... to:do o tempo... todo o decorrer da vida menTAL e social humana... é um decorrer de associações de ideia e sentimento... ninguém pode separar no homem concreto a ideia do sentimento... então toda a nossa vida mental e social é uma sé:rie... ininterrupta de avaliações... ou de padrões ou de normas.... que tudo isso fundamentalmente é o mesmo... você não POde perceber... com clare:za... a identificação de ação social e norma social a não ser... a partir de uma redução teó:rica... porque:... comumente em sociologia... o que se afirma... é que as NO:RMAS... sociais... regulaMENtam a conduta... huMAna... quando essa fórmula não é teoricamente:... éh... tanto quanto possível exata... que sem:pre são no:rmas que regulamentam outras normas... isto é há normas sociais gené:ricas... que determinam normas sociais menos genéricas... mas TOda emissão mental... e social humana é uma emissão sempre normativa... aliás isso está... NÃO... através de uma redução teórica como nós... apresenta:mos... mas de uma maneira mais gené:rica... menos específica:da... isso está já na tradição clássica por exemplo de Durckheim... Durckheim define o fato social... como um fato obrigaTÓRIO... ora o que é um fato obrigatório senão uma norma ou um padrão?... ou um modelo?... ou uma avaliação em sentido mais la:to?... e:... notem que ele define o social... mais ou menos textualmente do seguinte modo... “maneiras de agir FIxas ou não... capazes de exercer... sobre o indivíduo

uma coerção exterior"... ora isso evidentemente é norma... isso é padrão... isso é modelo... é estranho que após essa tradição durckheimiana... tão intensa... e hoje: em moda... os sociólogos ainda insistam... em grande parte... a olhar a Norma social... como alguma coisa EXTERIOR à ação social... quando a norma social e ação social se identificam... [e... e mais AINDA... não só uma coisa exterior

L.A. - [então ()

Inf. - como uma coisa secundária às vezes em relação à ação social

L.A. - no caso você admitiria se fosse o caso digamos... Toda Odo fato social seria... éh: intrinsecamente um ato coercitivo?

Inf. - todo fato social tem alguma força coercitiva maior ou menor... alguma pressão... e: na verdade isso está... em todos os autores... éh considerados sociologistas... mas: isso não é um dado que se possa ser considerado de sociologista é simplesmente a meu ver um dado sociológico... porque Todo Padrão... ou ou norma se impõe... não necessariamente se impõe através de uma coação física... mas sempre há uma imposição... mesmo o: o padrão moral por exemplo que seja válido apenas... para determinadas pessoas... esse padrão moral se impõe... a essas pessoas na medida em que elas os aceitem os aceitem... os padrões morais uma vez aceitos se impõem... àqueles que os aceitam... isso... parece evidente... notem que SEM uma redução teórica

L.A. - eu queria... eu queria dizer... ((ruído)) eu me recordo que noutros encontros nós já tivemos oportunidade de discutir um pouco essa questão né?... sei lá talvez a gente pudesse um tanto... reduzir ESSE problema relação indivíduo sociedade... então... me parece que isso é proposto como um sistema de relação assim fechado em que... o su/ o o o indivíduo... ele estaria sujeito às determinações da sociedade às determinações ne/ normativas coercitivas da sociedade... me parece que no princípio essa seria a formulação... do

problema aí... Aí é que e:u... eu eu introduziria essa questão então como é quer dizer o próprio Durckheim explicaria... dentro dessa co:isa... o problema né ? do do: comportamento harmônico né?... uma rela/ uma situação harmônica DENTro da sociedade... como a gente explica:r o comportamento desviante não só de indivíduos mas mesmo de grupos sociais às vezes até... numericamente expressivo?... quer dizer ISSO me parece que... éh: implica numa ruptu:ra com... o sistema normati:vo... o sistema de regulamentação de ação social essa coisa toda né?

Inf. - a observação de F. é uma observação importantíssima... realmente... se a preSSÃO social fosse um absoluto... se a pressão social ocorresse sem:pre e fatalmen:te... isso... seria... nesse cará:ter... mecanicamente: determinista... já algo inicialmente pelo menos suspeito... então me permitam agora... e talvez a: observação seja esclarecedora... que eu exponha... uma modesta perspectiva no:ssa sobre a diferenciação entre NORma individual e NORma social... nós até o momento distinguimos a norma social... norma social seria... o composto SIV ou composto sentimento ideia e vontade comunica:do na interação social... mas então o que seri:a a norma individual?... a norma individual a nosso ver... seria simplesmente... o composto... sentimento ideia e vontade... NÃO comunicado na interação social... mas qual seri:a... o composto... sentimento ideia e vontade... que NÃO É comunicado atualmente na interação social e que nunca O foi?... só há um tipo de compo:sto... aliás bastante raro... que apresenta essa possibilidade... é o composto SIV cujo elemento I... é uma reAL inovaÇÃO... uma real criaÇÃO... e não uma mera posição eclética... que vocês sabem que na posição meramente eclética não há rigorosamente criação: originalidade... apenas uma combinaçã:o do socia:l pré:vio... a combinação pode apresentar maTIZES ou nuances... diferentes... porém... no fun:do não há propriamente aí uma criação... apenas um recolhe:r e um combina:r... eventualmente de novas formas... mas sempre do material social preexistente... mas QUANDO... ao contrário... o

elemento I ... é uma real inovaçã:o... uma real criaçã:o... aí
 não exi:ste a pressão do social... simplesmente porque o
 composto SIV basea:do... em/... cujo elemento I é uma real
 inovação... NÃO foi comunicado em qualquer processo sócio
 interati:vo em um primeiro momento... no momento da
 NÃO comunicação... ou suPON:do que não tenha sido
 comunicado em um primeiro momento... no processo de
 interação social... isso seria uma norma individual... então a
 pressão do social... tem... um limite negati:vo... não há
 pressão social... onde haja criação individual... isto É... não é
 que não haja um condicionamento social da criação... mas é
 que há um PONto na criação... em que EStá é diferente do
 social anterior... que se não houve:r um PONto na atividade
 criativa e que esta seja diferente do social anterior... essa
 atividade não é realmente criativa... então o homem se
 liBE:Rta da pressão do social... através da criação... seja a
 criação no campo da: da filosofia... no campo da ciên:cia... no
 campo da a:rte... ou simplesmente no campo da técnica...
 qualquer invenção ou descoberta... por mais técnica que seja
 por mais PRÁTica que seja... por ME:nos que dependa de
 ideias gerais... na medida em que SEja realmente... uma
 invençã:o uma criaçã:o uma descobe:rta... são diferentes do
 social anterior... e nisso também há liberdade... na: no no
 limite da criação... da pressão do social anterior... agora é
 claro... que o criador... como ser social... é condicionado no
 geral de sua vida pelo social... agora no:tem que a criação
 autêntica... aquilo que não é ME:ra atividade eclética aquilo
 não é mero produto eclético... é raRÍssima... isto é...
 somen:te... raros indivíduos criam... e:... esses indivíduos que
 criam só criam em momentos muito ra:ros de suas vidas...
 porque no geral esses indivíduos se comportam mais ou
 menos como homem comum... então a pressão do social...
 não é... uma ideologia... tudo indica que é um dado de
 ciência empírica... e essa pressão do social... é uma constante
 na nossa vi:da... mas nós temos a possibilidade de escapar a
 essa pressão... na medida em que:... progressivamen:te nos
 tornemos... como seres humanos... pessoas... criativas... ficou
 claro agora?... a essa altura... à luz dessa redução teórica... nós

poderemos avançar MAIS um pouco... e: aprofundar... de modo agora MUITO: menos inexato... uma distinção entre o mental e o social... que é a... a grande dificuldade da teoria sociológica como é também a grande dificuldade da teoria psicológica... porque o mental e o social se inter cruzam no homem concreto... e como se faria essa distinção?... do seguinte modo... o mental... seria composto... de sentimento... ideia e vontades... e notem que: GENETI-camente o social depende... de maneira: estreita... dessa... desse movimento sentimento ideia e vontade... que na sua origem... na sua ORIGem... é um movimento mental... que só se torna social como resultado... de um sistema sócio interativo... então o mental compreenderia em primeira linha... a PRODUÇÃO... de sentimento ideia e vontade... movimento ou a dinâmica sentimento ideia e vontade... MAIS AINDA... o mental... compreenderia... naturalmente o mental individual... compreenderia... o social... incorpora:do pelo sistema mental (7s) (e mais ainda...) de modo eventual... e raro... compreenderia a criação... e eventual armazenamento... de normas individuais (5s) notem portanto... o mental... compreende o INTERmental exterioriza:do... e processado mentalmente... interiorizado... mas não compreende o intermental... exteriorizado em processo (4s) a distinção é sutil... se num determinado momento... por exemplo dois grupos interagem... duas sociedades interagem de algum modo através de seus representantes... República da/ Federal da Alemanha através do:... seu embaixador o governo brasileiro uma hipótese... se: em qual/ em determinado instante do tempo... essas sociedades interagem... o intermental exteriorizado no caso está em processo... então nós temos aí o social... ou um exemplo mais simples... João interage com Maria... conversa com Maria... essa conversa... essa interação é um fato social porque os polos cíveis se exteriorizam... nesse processo de comunicação... isso ocorre num determinado momento do tempo... o intermental... entre esses polos está em processo... isso É o social... suponham porém... de/ que depois de ocorrida essa interação... em processo... um desses polos... ou

individuais como João ou Maria ou representante de
 macrogrupos como aquele:... exemplo anterior... se
 recordem... em suas mentes... daquela interação social
 havida anteriormente... então: o... nós temos um social...
 processado mentalmente... e que se tornou mental porque já
 não é não o social é um intermental em processo mas é um
 intermental processado mentalmente... isto é... o social se
 interiorizou mentalmente... então qual é a diferença... entre:
 o social e o mental a partir dessa redução teórica?... o social...
 é o Intermental em processo (5s) e o mental... é: o
 intermental Processado (3s) não sei se perceberam (5s) se
 eu me lembro... de um fato social no meu íntimo isso
 evidentemente é um mental... se bem que eu me lembre
 daquela conversa daquela comunicação: o... e... isso só não é o
 social porque... não está em processo... está processado está
 memorizado... mas SE fosse uma cena empírica... real...
 fática... ocorrendo em determinado momento da conversa
 entre dois polos... ou da comunicação de um modo mais
 geral entre dois polos... então: o... que exteriorizassem SIV isso
 aí seria o social (4s) notem ainda... a norma individual... quer
 é s/ que é: sempre mental... porque é a não comunicada em
 processo de interação social... tem a mesma forma SIV da
 norma social... a diferença não é da composição SIV... a
 diferença... é: do tônus... eventualmente do tônus energético
 da composição... mas a diferença básica é que num caso... no
 caso do mental não há comunicação no processo de
 interação social... e no caso do social HÁ comunicação no
 processo de interação social... aqui e agora num determinado
 segmento de tempo e não apenas a lembrança mental de
 uma comunicação (5s) agora ninguém pense insisto mais
 uma vez... que quando a referência é feita sentimento ideia e
 vontade os polos sejam necessariamente individuais...
 porque: é evidente... que: há uma imersão... mesmo quando
 há um relacionamento social entre polos individuais esses
 polos individuais estão num contexto social amplo...
 sem: pre... então uma teoria sociológica que fizesse uma
 referência apenas a polos... mentais... individuais... no
 máximo alcançaria os pequenos grupos... e não seria

evidentemente uma teoria sociológica abrangente... então por favor não haja confusão... se bem que todo social seja... na sua origem na sua gênese... individual ele não se confunde com o individual porque é uma resultante... de: INterações... entre polos mentais... os quais polos mentais de maneira nenhuma enquanto polos de interação social... não apenas... polos... individuais... mas pelo contrário... a ambiência...da conduta individual... é uma ambiência... geralmente social e ampla... se a conduta é exteriorizada sempre há ambiência social ()... está claro isso ?... ((dirigindo-se aos documentadores)) é suficiente?... se quiser gravar mais não tem problema

Projeto NURC/RE - Inquérito nº 337 - Tipo: EF - Data: 11/09/86
- Duração: 60 min - Tema: A sociologia do direito: definição,
necessidade e tarefas - Informante nº 407 - Sexo: F - Idade: 50
anos (2ª faixa etária) - Formação: Ciências Sociais - Profissão:
Professora universitária

Inf. - quer dizer o que que você tá fazendo?... rapidamente não?...
olhe isso aqui:... as duas... estão fazendo uma pesquisa... não
é? com os professores...

L.A. - ()

Inf. - pronto ((risos))... nós somos... não é? todos nós aqui...
bem... eu fiz o seguinte.. eu contei... a aula passa:da... quantos
grupos estiveram... aqui presen:tes... fazendo aquele trabalho
de:... definiçã:o tare:fas e necessidades da sociologia do
direito... como grupo de trabalho... e conte:i os seguintes
grupos o grupo a... o b o c o d o e o f o h... e o i... portanto
temos entre oito e nove grupos... no máximo... talvez eu
tenha deixado algum grupo... de fora... contei também o
número de estudantes... quarenta e um... e... eu tenho quase
certeza embora não tenhamos a lista... que vocês: são... no
total... cinquenta e um... quer dizer sempre está faltando...
não é? um pouco... então eu gostaria que a presença fosse...
ma:is... compacta melhor... prometi também que a aula de
ho:je seria... alguma coisa... não é? liga:da... a esse estudo que
vocês fizeram... e prometi... também... prometi também...
que: diria a vocês se... eu iria exigir cobrar... algo do que
vocês já fizeram... e que deixaria isso para dizer hoje... pois
bem... não vou pedir por escrito... cobrança nenhuma...
ma:s... eu tenho aqui... isso porque eu tenho aqui... os grupos
com os nomes... e essa relação... vai servir... quando da
avaliação de vocês... a primeira avaliação... vocês notam com
isso... como é importan:te... a presença a frequência... em
classe... que vez por outra... eu farei esse tipo... de estudo...
dirigido... em grupos ou individualmente... não cobrar:e:i...

só em circunstâncias muito especiais... mas... a cobrança será a própria frequência... porque eu perceberei à medida que vou perguntando... sendo consultada em grupos... do que se trata... bem então... aí vocês já têm uma resposta... não é?... à pergunta da aula passada... vai haver... um retorno desse pedido de leitura... e: perguntas e respostas numa aula toda ou não?... então já têm a: resposta... a aula... então versa sobre... aquele capítulo primeiro... já lido pro vo/ por vocês fica fácil... dessa maneira... vocês vão notar... a primeira pergunta foi por que o direito é um fenômeno social?... eu acredito que... a grande maioria... conseguiu... responder... e se não individualmente pelo menos... o grupo ajudou... à resposta (3s) a resposta... é muito fácil... o direito é um fenômeno social... ele nasce da sociedade... eu acho que a maioria conseguiu dizer isso... portanto o direito está inserido na própria realidade social... porque ele é FRUto... da interação social... quem colocou isso... e eu acredito que muitos porque com alguns eu conversei... estão corretos... TODas as regras de conduta social... são imposições... a segunda pergunta diz assim o que significa dizer que as regras de... conduta social são imposições? foi a segunda pergunta... tem uma parte que complica um pouquinho essa resposta... complica pelo seguinte porque diz... que são... imposições... e tem algo ligado com imposições de conhecimento... aí vou explicar não é? a vocês... o que significa isso... eu já expliquei eu me lembro porque algumas pessoas tiveram dificuldade... mas agora para todos... toda sociedade... à medida que socializa o indivíduo... vai fazendo através do elemento... do composto... sentimento ideia... e vontade do elemento ideia... então toda norma... é... conhecimento... e... padrão... conduta... imposição de comportamento... então DAÍ... ter escrito... na página DOze... o seguinte... “as regras são compostas... imperativos indicativos... imperativos quando imposição... e indicativos enquanto conhecimento”... entenderam mesmo essa parte?... quer dizer alguém aqui: não entendeu isso?... que eu expliquei

para... alguns grupos... e outros não... mas se tiveram alguma [pergunta

L.A. - [quais os () mesmo?

Inf. - imperativo indicativo... não é?

L.A. - imperativos e [indicativos

Inf. - [é porque olhe quando/ uma vez que você tem conhecimento e que deve fazer uma coisa de um jeito e não de outro... o que é que acontece? aquilo se torna uma imposição... as regras jurídicas... são... as normas de conduta... MAIS intensas eu acho que vocês leram isso entre as páginas doze treze e catorze... por que mais intensas?... são as mais fortes... as mais aceitas... as que gozam portanto de maior aceitação da comunidade são as mais abrangentes... as mais amplas... mais do que por exemplo... isso eu expliquei... uma/ eu acho que na segunda ou terceira aula... mais do que as religio:sas mais do que: as regras morais etcetera... eu acho que expliquei isso... então vamos passar... por cima disso... ainda um outro ponto... não é?... a segunda resposta vocês têm de uma maneira... um pouco rápida porque já leram... eu volto somente se alguém tiver alguma pergunta

L.A. - professora... é o seguinte em relação ()

Inf. - segundo... é [segundo

L.A. - [()... segundo [()

Inf. - [uhm-hum... questão

L.A. - é o seguinte... os homens... o homem é quem faz as regras

Inf. - exa:to

L.A. - e porque... as pessoas concordam com as regras... a sociedade não: o não reprime? apesar de ()

Inf. - na/ [olhe eu entendo... uhm-hum

L.A. - [()

Inf. - não eu entendo é o seguinte... também se diz não é? para complementar isso que você: acaba de dizer... a lei é feita para o homem... para proteger o ho:mem (3s) e no entanto o homem está... sujeito e até certo ponto escravo da lei... mesmo quando a lei está... em/ vamos dizer assim não... adequada... à realidade social mas MESmo assim... o homem TEM de obedecer à lei... e você vai dizer “mas se o homem faz a lei por que ele fica ele se torna escravo da lei?”... em parte porque... quan:do... nós... nascemos... somos socializa:dos... nós já encontramos... uma quantidade... BEM grande de leis... aí você pode colocar leis jurídicas não é?... leis mora:is religio:sas... e de outras naturezas econômicas etecetera... mas aqui nos interessa aqui... são justamente as regras jurídicas... pois bem então essas regras já estão aí... e elas já... possuem aquele aspecto que você está aprendendo na faculdade de direito... através da disciplina introdução... ela já contém não é? aquele aspecto formal... o chamado formalismo jurídico... que requer uma interpretação também... muito pró:pria muito SUA... então isso faz com que... a pessoa... embo:ra... que:ira fugir da regra... não consiga... não é?... por isso a sociologia do direito... essa tal de sociologia dois aqui... para mostrar que... há possibilidade... dependendo... do grau de conhecimento... de um jui:z... de um advoga:do... de um promotor... enfim de um profissional de dire:ito... de... interpretar....de maneira MAIS ou menos menos fechada a lei... aqui fazendo uma: um parêntese porque... o pessoal da pesquisa não é de direito... não é?... então aí eu vou... adiantar um pouquinho... inclusive a matéria... por conta disso por conta delas delas não é? são duas... HÁ TRÊS perspectivas e vocês leram de novo... isso aí para vocês duas mais do que para eles... eles apenas como reforço didático porque inclusive já... le:ram... e tiveram um pouco (3s) o que significa isso? há três perspectivas... em olhar não é? o direito... o fenômeno jurídico... você olha... o fenômeno jurídico... através de uma perspectiva...

chamada/ querem me ajudar alguém?... de uma perspectiva/ F. você que/... F. M. [mesmo

L.A. - [eu sou E. [()

Inf. - [E. desculpe...
E. me diga uma coisa ((risos)) é a segunda vez eu acho já outro dia também eu já chamei você de F. eu chamei de Luís agora E.... E. me diga uma coisa... tenho uma: digamos assim perspectiva ou li:nha.. ou manei:ra de:... olhar o fenômeno jurídico... ou o direito

L.A. - [()

Inf. - [exa:to... eita você está dando os três vá ó:timo... pronto... então... [e:ssas

L.A. - [muito bem E.

Inf. - são as [trê:s

L.A. - [muito bem E.

Inf. - não é? perspecti:vas... elas SÃO... complementa:res ou não E?... há um um sentido de complementariedade ou não? ou são assim... cada uma que se vire e: que não olhe a outra?... você [diria

L.A. - [()

Inf. - é... uhm-hum... A. não é?... faz uma... complementação NO TEXTO ou PELO TEXTO há existe complementariedade... bem NÓS VA:mos não é?... admitir... aqui... em aula... que: existe uma... complementariedade... entre esses três saberes... ou três conhecimentos... olhe isso eu repito... porque... geralmente naquela primei:ra avaliaçã:o... eu co:bro... um pouco... esse aspecto eu acho importante bem importante mesmo... não é? essa complementariedade... embo:ra... os socioloGISTas... não é o sóci/ os sociólogos do direito não... os sociologistas... não é? entre aspas... do direito... sendo mais radica:is então diriam “não há de jeito nenhum complementariedade”... a mesma coisa os

filósofos do direito... diriam “não tem nada a ver com a dogmática jurídica... e também não para não dizer e muito menos... com os sociólogos do direito”... e ainda... o pessoal da dogmática jurídica também... faria a mesma... coisa... pensando... “sociologia jurídica é uma coisa... filosofia é outra e NÃO:DA... tem a ver... uma com a outra”... então... sociologia do direito... ou sociologia jurídica?... eu perguntaria agora e vocês já poderiam responder... J.... existe uma diferença... entre sociologia jurídica... e sociologia... do direito?

L.A. - depende do:... do enfoque que você der... é o mais comum é a gente achar que sejam iguais né? sociologia do direito e sociologia jurídica

Inf. - uhm-hum

L.A. - mas tem quem diga que não que sociologia so direito é estudada por quem faz ciência social... sociologia jurídica: quem estuda são os jurídicos quer dizer... eu fico com:....
[com quem diz que:... é igual... [é igual

Inf. - [fica em dúvida? [é igual... exato... olha... é mais fácil... pensa:r... que não há distinção... a distinção é uma distinção mais verbal (3s) é uma distinção somente que algumas pessoas fazem...e que na nossa língua... não tem sentido... nós poderíamos sim distinguir esses... a lei:l... não é? e a sociologia do direito... porque a sociologia do direito por exemplo... ela não estuda somente a lei... ela estuda A lei mas NÃO somente a lei... também a lei... em relação ou em adequação com a própria realidade... social... então J..... SE... não é? na próxima avaliação... eu pergunto... ou eu AFIRMO eu posso afirmar também... “sociologia do direito é igual... a sociologia... jurídica... correto?... ou errado?... justifique sua resposta” vamos supor... eu já coloquei isso

L.A. - então vai perguntar de uma maneira maniqueísta correto ou errado... porque isso aí não é nem correto [nem errado

Inf. - [mas eu mas eu
coloco um pouco mais justique... então aí J. se você justificar

da maneira... como você me responde:u... eu coloco correto... porque você disse PARA ALGUNS... auto:res... ou alguns estudiosos... não é? existe diferença... mas: para outros ou na minha opinião... não existe por tal motivo ou tais motivos... aí você colocaria por exemplo... que para você... é sinônimo... ou são sinônimos... e para outros não então... esse é um aspecto... voltando à... complementariedade... o primeiro vamos dizer assim aspecto importante para entender essas três... perspectivas é isso... é notar... que quan:do... eu pergunto... o que estuda a sociologia do direito?... eu poderia perguntar também o que estuda a sociologia jurídica?... e eu estaria... fazendo... a mes:ma pergunta... não importa se sociologia jurídica ou sociologia do direito... e o que estuda isso?... alguém já poderia me dizer?... A. você que/

L.A. - ()

Inf. - mais ou menos A.... se quise:r não é? não tem problemas estamos não é? em sala de aula o [ca/

L.A. - [() o direito como um fato social [()

Inf. - [uhm-hum... pronto você di:ss e ... qua:se de maneira completa

L.A. - é na verdade ()

Inf. - é olha você qua:se que repete o que ele disse... utilizando outras palavras ((risos)) não está errada de jeito nenhum

L.A. - ()

Inf. - é que está faltando exatamente o que falta na definição de A.... uma coisinha a mais... tá certo estu:da o fenômeno não é?... éh social jurídico

L.A. - através de métodos [... éh: empíricos etecetera

Inf. - [pronto... foi o que faltou... uhm-hum pronto... para complementar... ((os alunos aplaudem)) pronto

pronto J. complementou... [certo

L.A. - [só tem o J. é?

Inf. - estu:da não é?... pode sair não tem problema não... pode sair... ãhn?... então investiga o fenômeno socia:l não é? em correlação com a realidade socia:l... o que vocês dois... vocês dois disse:ram... e... complementando para se tornar realmente uma ciência a sociologia jurídica... que é através de métodos e técnica de pesquisa... e empírico... ou seja... observan:do... no local... ou in loco a realidade social... isso é importante... primeira portanto perspectiva... olhando vocês duas de letras não é?

L.A. - aí é que tá desse in loco daí é que vem minha pergunta por que que:... o experimento em laboratório é mais válido do que o experimento in loco?

Inf. - bem... o de laboratório é mais válido J.... sempre que você pode fazer porque normalmente é difícil você fazer o experimento de laboratório... é mais válido... porque você... tem o homem como se o homem estivesse... DESPIDO... de: ideologi:a... de sua cultu:ra... de seu: sentido... de religiosidade... tanto quanto possível é claro que isso a gente/ nós já explicamos em classe... porque QUAN:do ele vai aferir ou vai investigar experimentar o ho:mem não é o que o homem diz... do experimento de laboratório... mas sim o que o homem realmente está pensando... porque você pode estar pensando uma coisa e dizendo outra... mas quando você coloca... não é? nos seus dedos... ALGO que... vai medir a sua:... energia... então na realidade... através das emoções que você está tendo naquela ocasião... é ló:gico... que... não vai levar em consideração... que você diga que é... desse jei:to... ou daquela maneira... mas sim o que realmente você está sentindo... a sua emoção... daí ser mais... rigoro:so... ser mais sério... ser mais fidedigno... portanto mais... verdadeiro... mas nem sempre se co/ podemos colocar... não é?... essa técnica de pesquisa como uma técnica de pesquisa... primei:ra... melho:r... única... para tudo... ou para todas as pesquisas... estão entendendo mesmo?... vamos

agora para... a dogmática jurídica... a dogmática jurídica
vocês... terão durante/ isso eu disse não é? na aula passada...
cinco anos... na faculdade... em todas as disciplinas... vez
por outra... vocês terão assim... um pouco... da sociologi:a...
ou da psicologi:a... ou... da ciência econô:mica... ou mesmo
da histó:ria... dan:do certos... certas pinceladas eu diria...
no ensino jurídico da faculdade de direito... mas... de um
modo geral... isso em proporção mínima... muito pequena
mesmo... a maioria é através... dessa perspectiva ou da
linha... da dogmática jurídica... e que linha é essa?... vocês
agora... eu acredito que já tenham tido... seis aulas... de
introdução à ciência do direito... e também entre: cinco e
oito aulas de teoria geral do estado... portanto... já devem
estar... mais ou menos por dentro até do linGUAjar... da
técnica jurídica (3s) então a perspectiva essa da dogmática
jurídica... como é que ela funciona?... ela funciona dan:do
uma interpretação... LÔ:gico formal... da lei... e é isso que
vocês vão aprender... essa técnica de interpretar... cada lei...
não é?... de uma maneira puramente lógico-normativa... há
também existe também... não vamos diminuir... uma sista/
sistematização... e aná:lise... para um leigo... pode parecer...
eu falando assim na sociologia jurídica é que estu:da... não
é?... essa realidade em adequaçã:o... com a lei... ou a lei em
adequação à realida:de... é que é realmente científica porque
utiliza métodos e técnicas de pesquisa... então de novo PARA
o leigo pode parece:r... que eu estou diminuindo em MUIt...
a dogmática jurídica... e também... ah... transmitindo para
vocês... que não há nenhum estudo sério... e que não é nem
mesmo ciência... J... um momentinho porque eu encontrei...
uma definição... não é? lendo agora um trabalho bem
recente... uma definição... na qual... mostra realmente/ não
está no livro porque é recentíssima é uma é uma definição...
não é?... ligando as três perspectivas... de um artigo de mil
novecentos e oitenta e seis... então atenua um pouco... a
hostilida:de que existe entre as três/ três perspectivas... que é a
seguinte eu vou ler J. depois... falamos... talvez até coloque...
para vocês isso é uma maneira também de pedir... que
prestem atenção... não é?... esse... trequinho ou essa citação...

de um artigo... diz assim aspas mesmo podem colocar... não quer dizer não escrevam não eu digo podem colocar nas cabeças de vocês... ou à medida que vão usu/ que vão ouvindo... “esses saberes fundamentais sobre o jurídico... são ciências”... esses três saberes não é?... “são ciências no sentido de que... representam um conjunto ordenado de definições... CLASSIFICAÇÕES e proposições... sobre relações... pertinentes ao direito”... então mostra... não é?... nesse trechozinho... ou nessa citação... que os TRÊS... saberes... ou três perspectivas... ou três linhas... ou três maneiras de se olhar o direito mostra que... todas três... na realidade... definem... classificam... e têm... proposições... sobre as relações... pertinentes ao direito... isso é importante... agora... você J. fez uma pergunta... de [novo

L.A. - [queria fazer

Inf. - faça

L.A. - a psicologia do do direito ela ela ela faz uso de métodos e técnicas de pesquisa

Inf. - e as outras

L.A. - aí é que tá o AB/ o TGE a TGE por exemplo a Teoria Geral do Estado... é objeto do estado

Inf. - uhm-[hum

L.A. - [tem método também uso o método técnico-jurídico o método indutivo o método dedutivo... o analógico... então por que é que não tem que se considerar ciência?... já que é objeto de método dedutivo?

Inf. - olhe tem... método não é?... utiliza técnica... mas você note que são... métodos e técnicas... formais... lógico-formais... eu não sei quem... está ensinando a você atualmente... a teoria geral do estado... [é B.?

L.A. - [é B.... é B.

Inf. - pronto B.... deve saber... que... só... pode ser considerado...

não é?... na perspectiva da dogmática... a teoria geral do estado... dentro de uma linha... também:... ou MERAMENTE que eu chamo não estou diminuindo também não... muito cuidado... não é? ma:s... é sempre naquela interpretação/ você tente perguntar a B.... em sala de aula... se no social o aspecto social não podemos levar em consideração?

L.A. - ()

Inf. - já fizeram essa pergunta a B.?

L.A. - não [()

Inf. - [não?... ain/ tentaram não é?

L.A. - [tentamos

Inf. - [pois bem porque eu conheço B.... é uma excelente professora tem MUIto conhecimento... da teoria geral do estado... ma:s... eu sei que a B. defendeu... a dissertação dela de mestrado... não é? den:tro... dessa linha bem fechada... do direito... essa perspectiva que nós chamamos né? a perspectiva lógico-normativa... lógico-formal... em outras palavras na perspectiva... dogmática... do direito... o que eu sei é isso... não é?... então voltando

L.A. - a diferença então é a experimentação

Inf. - ah não é só a experimentação não... é mais ainda... a sociologia... que é:... ou que... dá entrega... concede... ao direito... as SUAS técnicas... que são as técnicas de outras ciências (3s) entrega um instrumental realmente científico... por exemplo o pessoal de teoria geral do estado... e:les... como estudiosos não estão preocupados... em colher uma amostragem por exemplo... ele não estão preocupa:dos (3s) ah... na maneira de fazer um questioná:rio... de não induzir a uma resposta (3s) pode ser que um ou outro... tenha essa preocupação mas não como uma preocupação realmente científica... mas como uma preocupação... um tanto intuitiva... um ton/ um tanto de bom senso... mas não como uma preocupação realmente... de homem de

ciência... empírica (3s) homem que: TESt a realidade... uma duas três vezes para ver se o resultado... é realmente... aquele encontrado na primeira vez (4s) você tá entendendo J.? agora a diferença?... não é que o estudo não seja sério é sério também... como eu falei antes... A sistematização EXISTE a sistematização (5s) existe análise também (3s) eu diria que existe até MESmo (3s) ((rindo)) um olhar assim um tanto voltado à realidade... mas... fazer uma análise... um estudo sistemático... SOMen:te... aí é que está... a diferença somente vamos grifar... somente levando em consideração... a realidade social... em adequação... à lei por exemplo... ao direito... vigente... aí:... somen:te a sociologia do direito... porque a filosofia do direito então... voltando agora... à: à dogmática jurídica... a dogmática jurídica... se reveste por exemplo... de formas... até:... na aula passada nós conversamos com um grupinho... e fizemos uma analogia... compara:mos... não é? entre moldu:ra... de um qua:dro... e a tela propriamente dita o quadro em si mesmo... até conversamos eu não me lembro qual foi o grupo não... de estudo... diz A.

L.A. - eu conversando com um advogado né?

Inf. - [sim

L.A. - [aí ele diz que direito é bom senso... aí você pergunta de onde vem esse bom senso () de onde é que vem esse bom senso?... a sociologia () responde essa pergunta?

Inf. - olha de onde vem o bom senso?... nós falamos ainda há pouco em intuição... não foi?... TO:dos nós uma vez... que somos socializados... ou seja que nos tornamos gen:te essa possibilidade de... sentir como o outro... de ver como o outro... de falar como o outro (4s) então o que acontece?... nós criamos... expectativas de comportamento... nós sabemos como devemos nos reagir... em/... nas situações ou em cada circunstância... então... claro... o pessoal... de direito o profissional de direito... en:tra também... nessa... de... bom senso... o leigo qualquer um... usa... de bom senso... e é isso que... ainda está salvando o formalismo

jurídico... por isso que ele ainda persiste... tão somente... na maioria das vezes... eu não quero ser radical aqui... não é? porque: eu estou habituada... a ler sentenças de juízes... on:de esses juízes colocam... uma interpretação... nas suas sentenças (5s) fundamentando-se em conhecimentos... não somente da psicologia... mas também... da sociologia da economia... não é? e usam:do... não é? mais do que o simples bom senso... usando conhecimentos de biologia... de:... qualidade de vida... ligada à saúde pública... para dar o parecer... porque entre nós por exemplo... há muita ignorância... nós até já conversamos sobre isso... então é difícil se torna difícil... você... formular uma sentença... rigorosamente fechada... baseada de novo... Rlgorosamente... numa interpretação formal... essa de... TTodo mun:do tem de conhecer a lei... é algo... um tanto... frouxo... para não dizer furado... a maioria não conhece a lei... vamos além... a gran:de maioria NÃO conhece a lei... e muitos cometem... desvios... transgressões... à: le:i não é?... não ao direito... percebam... à lei... por ignorância... e o que ocorre?... um juiz mais aberto... ele TENdo possibilidades... ele possuindo argumen:tos... científicos... para... colocar na sua sentença... ele coloca... [no sentido de/ [diga

L.A. - [agora/... [qual é a proporção de jurídico que faz isso?

Inf. - é mínima

L.A. - isso é em decorrência de que? da subordinação do poder judiciário ao executivo?

Inf. - eu diria que... é mais sério do que isso... embora... isso seja seríssimo... eu digo que é mais sé:rio devido... à PRÓpria mentalida:de... que se cri:a... entre profissionais do direito... e é uma mentalidade que não se tem... tentado... acaba:r derruba:r aniquila:r... nas faculdades de direito (4s) por isso que algumas disciplinas... raríssimas... tentam um ou outro professor (5s) tenta... ()... fazer alguma coisa... mostra:r possibilidades... de se modificar... quan:do eu já... mencionei a vocês... sobre a crise positiva do direito... eu

queria mostrar... que realmente... a fama do advogado... a crise do direito... se DEve... sobretudo à mentalidade... que é formada não ANtes de se entrar na faculdade de direito... mas enQUANto se está na faculdade de direito... essa mentalidade e interpretação pu:ra e simples fechada... da lei... isso aí eu acho que esse ponto vocês... perceberam já não é?... e finalmente... a terceira perspectiva... a filosófica... o:u como nós colocamos... filosofia do direito... o que estuda?... estuda o fenômeno jurídico... aprofundan:do... a partir... dos conhecimentos... científicos... ou da PRÓPRIA dogmática... do direito (4s) esse fenômeno... então novamente... a filosofia do direito... é nada mais do que... um tipo de estudo... um conhecimento... que aprofunda... MAIS... aqueles outros DOIS... seja como conhecimento... não é?... sociológico ou conhecimento... normativo... lógico-normativo... vamos dizer que o conhecimento... da filosofia do direito... não é?... sobre o fenômeno jurídico... ele transcen:de... à pesquisa... isso significa... daí não haver o rigor no estudo... ele vai além: de... ele diz como o comportamento deve SER... independente do que ele É... como ele deveria ser... vocês realmente estão percebendo gente? estão compreendendo mesmo?... é mais fácil... apreender assimilar uma aula depois de terem lido do que quando não leem nada?... ou se torna mais monótona também?

L.A. - é melhor porque [()

Inf. - [é mais fácil né? [ainda bem

L.A. - [() o que a gente já viu... colocando em dia [o que a gente

Inf. - [uhm-hum

L.A. - ficou em dúvida durante a leitura

Inf. - é a não ser quan:do por exemplo... em relação àquele primeiro... capítulo... que eu chamei de introdução... ali é diferente porque ele é facilímo ele é DESde o início até o final ele é fácil... mas em re/ e também em relação ao método

de técnicas de pesquisa... a linguagem é mais clara... e... o próprio conteúdo... substantivo... é bem fácil... mas quando se trata... da: disciplina mesmo não é? sociologia jurídica... esse primeiro capítulo... então se torna mais complicado... outras perguntas... se torna mais fácil para mim também... ir respondendo às perguntas que eu... fiz pra vocês... uma foi as descomplementariedades... que acabamos de... verificar se existe ou não... outra pergunta foi a seguinte... existe diferença... entre... ciência do normativo... e uma ciência normativa?... vocês têm a pergunta aí não é?... inclusive eu coloquei ciência normativa... entre aspas... para mostrar... que... não é propriamente uma ciência que se chama ciência normativa... o que é que vocês diriam... sobre isso?... quem encontrou uma resposta... que encontre como satisfatória... para os demais (6s) tudo indica que a resposta está: na:... um dois...no terceiro parágrafo... da página dezesseis (8s) não deixe-me ver... normati/ vocês encontraram onde isso?... ou podem me dizer

L.A. - no quarto

L.A. - no quarto

L.A. - quarto parágrafo

Inf. - pronto... no quarto e me digam o que vocês... encontraram... expliquem com suas próprias palavras o que foi que vocês encontraram?... existe diferença? Há diferença ou não?... talvez seja a pergunta MAIS difícil de TUDO o capítulo... quem tem? quem escreveu alguma coisa sobre isso?... J. você fez alguma coisa?

L.A. - [()

Inf. - [bem alto para todo mundo [ouvir

L.A. - [a ciência do normativo seria ou é...uma ciência direcionada a uma só coisa... ou seja baseada em dogmas... enquanto que a ciência normativa... é uma ciência (4s) [normativa... [a ciência normativa é uma ciência mais ampla

Inf. -[não... [não dá para perceber?

L.A. - ou seja... o todo que estuda... o normativo em seu aspecto

Inf. - alguém tem uma outra resposta?

L.A. - eu tenho

L.A. - professora

Inf. - diga J.

L.A. - a ciência do normativo seria por exemplo a teoria jurídica numa boa parte e a ciência normativa seria a dogmática jurídica que () que se apoiaria apenas em normas

Inf. - pronto... foi mais fácil ainda J. do que a sua resposta... não é? ele foi mais prático ((risos)) vamos dizer assim... não é que você esteja incorreto de jeito nenhum... mas é que ele foi: ele resumiu... não é?... ele foi bem rápido pronto... eu me contento... ou me contentarei... não é? na avaliação... se vocês simplesmente colocarem... que:... não é?... a ciência do normativo... é: a ciência... qualquer ciência... que estuda valores... normas (4s) como elas se apresentam... como elas SÃO... independente... de como elas deveriam ser... entendeu mesmo J?... quer dizer... independente de como... você... pensando por exemplo em termos de ética... como deveria ser... como a sociedade deveria ser?... qual é o ideal de um macro grupo?

L.A. - ()

Inf. - não não vamos pensar isso... porque então nós estamos... numa faixa diferente... não é mais a faixa da ciência DO normativo... mas ciência normativa... que é a ética ou como disse J.... a própria dogmática jurídica... não é? se enquadra... muito mais nesse tipo de... ciência

L.A. - mas tem uma faculdade de direito lá.... () já diz ao contrário do que [você diz

Inf. - [eu sei...

L.A. - o contrário com é e não a forma ideal que seria

Inf. - é... então eu deixo com vocês... a análise de... através da própria observação de vocês... ou vivência... da realidade social essa que vocês conhecem... porque VIVem nela... têm de conviver... com ela... quer dizer o que é... viu A.?

L.A. - ()

Inf. - por isso que a definiç/ quer dizer a resposta de J. no inicial era correta... quando ele diferenciou sociologia jurídica de sociologia do direito... e quando também... eu disse alguns dos sociologismos... não é?... ou os dogmá/ quer dizer... dogmáticos? os dogmáticos mais radicais... não eu tenho que fazer isso... sabe por quê? ô ô... A. porque existe mesmo... alguns que são muito fechados... e que chegam a dizer que não há acordo... que não há... de jeito nenhum complementariedade... e: existem outros... da minha linha... que é uma linha mais moderada vamos dizer assim... que... acreditam... na possibilida:de de uma complementariedade algumas ocasiões... não há mesmo como fazer... ciência... então você tem de recorrer mesmo... àquilo que já existe... que é a dogmática (4s) e interpretar e dar a sentença... não é? com BOM senso... porque você não possui ainda... fundamentação (3s) áh... científica... então você não faz sociologia do direito... porque você não tá fazendo ciência... mas você está tentan:do... aferi:r... aquele tipo... de:... fato jurídico... da melhor maneira possível como você disse o bom senso funciona ou não... para então poder... dar a sua sentença... então às vezes você só tem mesmo a dogmática jurídica (3s) e para que não dizer... que em certas ocasiões.. bastante SÊ:RIA... muito rebusca:da... e lindíssima... quer dizer uma lógica de ferro... vocês vão sentir isso no final do curso... olhe que eu sou de sociologia... muito mais do que... de direito... e eu vejo isso... a linGUA:gem... o raciocínio LÓ:gico... abstrato... do jurista... bem claro que não é de TOdos... deveria ser de todos... é bonito... é algo bem... pró:prio dele... tanto que os sociólogos... do direito... dizem que... não é?... a dogmática jurídica... o direito como ele é estudado é uma técnica... não é ciência... chegam a esse radicalismo... de dizer “não... é uma técnica”... porque

realmente vocês aprendem a ser técnicos... no fazer... no interpreta:r... e no... áh: exigir... cobrar... a lei... impor... a lei... não é isso?... então essa é uma parte que... é importante [diga

L.A. - [eu também posso dizer que:: ciência normativa é ciência () e: a [normativa é () através do ()

Inf. - [ciência... é ciência de novo... [ciência

L.A. - [do normativo

Inf. - do normativo

L.A. - é do ser

Inf. - do ser exato do que é... daquilo que existe uhm-hum [tá certo

L.A. - [()

Inf. - exa:to que é a ética do dever ser do ou do que deveria ser ainda mais entendeu?

L.A. - agora eu entendi

Inf. - olha antes que eu esqueça um parêntese... na realidade social... talvez eu esqueça isso de futuro por isso vou dizendo logo agora... o ser e o dever ser... na realidade social... eles se:... áh:... complementam andam juntos... o ser e o dever ser... ou seja... o mundo real... e o mundo ideal... ou irreal eu não não/... como vocês queiram chamar... esses dois VIVem... lado a lado na realidade social.. quando eu digo que o homem a natureza humana é muito rica... e quero tirar com isso um pouco não é?... da depressão de alguns em relação até ao próprio ao próprio curso... é porque eu realmente realmente acredito... que há muita riqueza quando vocês olham... homens... semelhan:tes... e dissemelhantes... ou sejam... homens... bem diferentes... e homens iguais entre si se alguns... conseguindo viver juntos... vocês veem... os homens... vivendo o SE:R... e o dever ser... simultaneamente... ter na cabeça... e agindo... de acordo com o individual e o coletivo... todo o tempo... levando em consideração o que

eu quero e o que os outros querem... quer dizer o que é que nós queremos mais?... a riqueza é muito grande... então com isso eu acho... que vocês... chegam a... a muitas conclusões... como por exemplo o homem é FEItO... lo:go nós podemos refazer o homem... essa é uma um primeiro vamos dizer assim indicativo... não é? de toda aquela argumentação da... do prefácio... ele:... ele é feito alguns podem até dizer... “não ele se faz”... eu sou péssima eu digo ((rindo)) “ele é feito”... não é? pelo menos fazendo uma caricatura... às vezes ou vez por outra a gente tenta... se fazer... conseguimos um pouco

L.A. - depois que é feito

Inf. - J. éh acrescentou agora... nós tentamos depois que já é feito

L.A. - [()

Inf. - [não é isso? então isso é muito sério... e a responsabilidade de vocês... como futu:ros profissionais do direito ainda se torna maior... porque vocês de novo vão estar com aquilo que é mais importante... que é o ordenamento jurídico... então para concluir eu vou... da:r a vocês... transmitir a vocês uma citação... de Jean Carbonier... essa citação... FAZ... uma diferença entre... o que são mores... costu:mes... u:sos... há:bitos sociais... e lei... ou fenômeno jurídico... lei aí: tô confundindo de propósito com o direito não deveria mas estou confundindo... diz assim... é na página dezessete... “a pessoa que”... prestem bem atenção “a pessoa que no restaurante... tendo começado pela sopa... termina pela sobremesa... e que não deixará em seguida de pedir a conta”... isso é o mais normal... a gente começa pelo salgado termina pelo DOce... e finalmente... “por favor me dá a conta” um pouco constrangido às vezes não é?... não querendo até mesmo pagar mas... não é?... solicitando a conta... evidencia o quê?... evidencia primei:ro um fenômeno de usos... aquela de ingerir o salgado antes do doce... ou do açucarado... ele obedeceu a um ordenamento não escrito... das sociedades ocidentais... isso na realida:de... é um enSAIO... para futuramente... atendermos às normas jurídicas ao direito... nós estamos diariamente ensaiando...

através da socialização... COmo obedecer a ordenamentos NÃO-jurídicos... e SÓ futuramente como diz Carbonier... é que nós entramos... não é?... para compreender e obedecer... o fenômeno do direito... onde está aí... embutido o fenômeno jurídico? onde vocês diriam?... no fato da pessoa... se sentir obriga:da a pagar a conta... aí está o direito... obrigação e deveres... vocês distinguiram?... o que é costu:me?... numa citação muito simples... tola mesmo... primeiro vocês sentem todo aquele usos costumes pá pá pá começar/ imagine se alguém começa... “por favor quer me dar... um: pastel de na/ de nata uma torta”... o garçom estranha um pouco mas tudo bem ele só quer comer pastel de nata “quantos o senhor deseja?”... quando ele termina ele diz assim “bem agora por favor quer me trazer a sopa?”... ou então começa pela conta... ((risos)) uma coisa um tanto estranha né? como?... como é possível isso?... po:de acontecer quan:do... você tem um padrão... de menu né?... você tem aquele padrã:o pede aquilo e pronto... aquele prato do dia... ou pratos do dia e pronto “eu quero aquele prato ali”... ou então o prato do dia não sabe nem o que é é surpresa

L.A. - ()

Inf. - aí paga né J.? aí J. entra logo... com a música não é?... aí ((risos)) então essa é uma citação de Carbonier que eu gosto muito... a outra citação/ vocês querem tirar? não?... a outra citação... é a su/ a citação de Durkheim... essa talvez até vocês conheçam... através de E.... é uma citação... para levantar assim não é?... o humor de vocês... quanto ao direi:to... é a citação... que mostra... a importância... do fenômeno... do direito... do fa:to jurídico... vou ler para vocês também na página dezessete... diz assim Durkheim não é?... “a vida social... onde quer que exista”... quer dizer ONde exista vida social onde os homens estejam juntos (3s) áh:... “de forma duradoura”... portanto formando um macro grupo um sistema social uma sociedade enfim ou uma comunidade... “inevitavelmente ten:de a tomar uma forma definida” vocês sabem disso... nós temos um caráter social porque nós temos uma forma... não somente geográfica do Brasil... mas

uma forma definida pelos padrões... comuns... a todos os brasileiros por exemplo... então tende a isso tende a FORMa... diz Durkheim... e a organizar-se... não tem po:vo que não ten:da a se organizar... e o direito... aí vem assim não é? como diria J.... tcham tcham tcham tcham não é? para o [direito

L.A. -

[()

Inf. - e o dire/... o di/... eu esqueci... e o direito não é? ((risos)) nada mais é:... não é?... que esta organização mesma... então o direito nada mais é/ é a fra:se... que eu saliento dessa... desse trecho de Durkheim da citação de Durkheim... “é o direito nada mais é do que essa organização” então vocês notam como o fenômeno jurídico é o mais importante... é a PRÓpria organização... o direito... no seu caráter então complementando gente A. perai A. eu sei que é sobre... a matéria mas eu estou querendo terminar tá certo?... ah “no seu caráter mais estável e preciso... se então pode ocorrer que certos tipo de solidariedade... social se manifeste apenas através de usos” que são mo:res “são TIpos certamente muito secundários”... ou seja PAra ele: Durkheim... primeiramente vem o direito... o/ até mesmo os mo:res que vocês estudaram... vêm:... de maneira secundária... o principal... já... no tempo né?... de Durkheim era o direito... como o máximo... não é? para impor... normas... e... finalizando ME:Smo... “o direito reproduz... TODAS as formas essenciais... e é apenas... estes que precisamos conhecer”... ve:jam... sin:tam como Durkheim... fo:i fechado aí... quer dizer ele está com o direito... e só com o direito (3s) de novo... e é somente... estas ou essas... que nós precisamos conhecer... as formas jurídicas... as formas do direito.. eu não vou fazer a chamada hoje... e vou considera:r... a frequência... passa:da... porque a aula... foi uma explicação do questionário... não é? passado

NURC/RE - Inquérito nº 273 - Tipo: EF - Data: 18.10.79 - Duração: 45 min - Tema: Franz Kafka - Informante no 303 - Sexo: M - Idade: 47 anos (2ª faixa etária) - Formação: Direito - Profissão: advogado e professor universitário

Inf. - em primeiro lugar... eu tenho de agradecer... ao... à coordenação do mestrado... pelo convite que me fez... para essa palestra... em segundo lugar... agradeço/ agradeço também... às pessoas aqui presentes... um dia meio feriado... e que se prontificam a assistir uma palestra... sobre Franz Kafka... esta... palestra... como eu estava dizendo ainda há pouco ali sentado... é bastante informal... o ano passado... eu escrevi um pequeno ensaio... sobre Franz Kafka... e revendo as notas deste ensaio... verifiquei que havia uma lacuna... essa lacuna... dizia respeito... à... à relação entre Kafka e os comunistas... então eu julguei... que fosse oportuno... e: tendo em vista que a bibliografia sobre o assunto... aqui no país... é muito RArA... muito PObre a palavra é esta... eu julguei oportuno... trazer a debate... a perspectiva socialista... a respeito de Franz Kafka... mas Kafka... como vocês conhecem através dos textos... é um escritor... que cede muito à ambiguidade... e à medida em que eu ia lendo... e tomando as minhas anotações... com as vistas voltadas para... o comunismo... e Franz Kafka... verifiquei que era impossível... dominar o tema... dentro deste aspecto... o tempo todo... sempre havia uma área de dependência muito grande... quer com: o existencialismo... com a fenomenologia... quer também com: certo setor... da: crítica literária mais aberta... e: quer até mesmo com os aspectos biográficos de Kafka... que de vez em quando chegavam a impressionar... os próprios marxistas e até a confundir os marxistas na interpretação da obra... começavam a apanhar certos aspectos... da vida de Kafka... e tomar... esses aspectos como parâmetros para uma interpretação extensiva... da obra do escritor tcheco... ora... então eu me desviei do tema... e me desviei... bastante... e refleti sobre esse assunto “será que esse desvio... tem alguma

validade?”... a resposta que:... eu dei a mim próprio... foi bastante simples... Kafka é um escritor... como já/ estava advertido disso... desde as minhas primeiras leituras... isto é desde os dezessete anos quando eu li Kafka pela primeira vez... é um escritor que não se deixa interpretar... não que:... a obra de Kafka tenha um sentido oculto... como comumente se julga... ela tem um sentido mascarado... mas não quer dizer que essa máscara... oculte... éh:: mantenha em segredo ou em estado... latente: um significado oculto... essa forma de despistamento... que existe em Franz Kafka... tanto pode aparecer na obra... quanto até em certas atitudes da sua vida... como nos revela Max Brod... na famosa biografia do escritor... ora... isso é um aspecto... só inicial... a maneira como me foi impossível... me fixar dentro do meu tema que era Kafka e os comunistas... até mais ou menos mil novecentos e quarenta e oito... Kafka é considerado dentro dos países socialistas... como um escritor interditado... bloqueado... estou dizendo bloqueado não no sentido brasileiro do termo... bloqueado mesmo... NÃO divulgado... não lido... pouquíssimo interpretado... a não ser por... grupos de de críticos... que conseguiram furar... o bloqueio socialista... isto que aconteceu a... por volta de mil novecentos e quarenta e oito... é válido também... para a própria Tchecoslováquia... a terra do:... de Franz Kafka... ora... Essa forma de CENSurar Franz Kafka... nos países socialistas... derivava de uma posição essencialmente dogmática... quer dizer Kafka era fechado pelo marxismo dogmático... por um erro de interpretação... esse dogmatismo marxista... encarava Kafka como um escritor... que desafiava o princípio de autoridade... o princípio de autoridade era visto pelos marxistas... e os marxistas que eu... a que eu me refiro... os marxistas que: giravam em torno da escola de George Lukács... por exemplo a esta época... eles encaravam o princípio de autoridade de Kafka... como o princípio que fazia uma contestação violenta... da racionalidade... que é... própria do partido comunista... o partido comunista tem uma ideologia racional... uma ideologia materialista... FUNDada na/ essencialmente na razão... e eles acreditavam

que Kafka era demasiadamente irracional... e que essa irracionalidade punha um RiSCO... a própria segurança metodológica marxista... éh: e podia interferir MESMO no pensamento dialético... essa inSÍdia que eles éh encaravam em Kafka... era explicada... por um ângulo... primário... Kafka é um escritor adulto... de uma mentalidade tipicamente pueril... uma mentalidade infantil... e a mentalidade infantil... é uma mentalidade que se defronta com o princípio de autoridade... o enFREntamento do pai... e consequentemente não aceita... nenhuma razão... nenhuma razão de esta:do... ou para citar Georges Bataille... numa: num: artigo faMOso sobre esse assunto... Kafka põe... éh::... em RiSCO... aquilo que os comunistas chamam a atividade eficaz... do Estado... esse é um primo/ uma primeira prerrogativa sobre a qual poderei voltar voltar adiante... mas em mil novecentos e cinquenta e seis na Rússia... ocorreu um congresso do partido comunista... o congresso do partido comunista... de cinquenta e seis... foi promovido... mas foi oficialmente promovida... uma reabilitação de Franz Kafka... ora Franz Kafka morreu em mil novecentos e vinte e quatro... e a sua obra só... começou a ter repercussão... depois da segunda guerra mundial... e com todos esses... esses essas objeções a que eu estou me referindo... essa reabilitação... ocorreu na própria Rússia... no congresso do partido comunista foi o vigésimo congresso do partido comunista... dentro do partido comunista duas correntes se formavam... a dogmática... e uma corrente de a/ de abertura... então passou-se a encarar Kafka de um outro ângulo... esse outro ângulo... bastante favorável... à própria perspectiva social... então Kafka encarnaria (3s) assim de uma forma... universal... apenas um princípio... que era um princípio... éh::... da... de polêmica um princípio polêmico um princípio de contestação violenta... contra a burocracia... a pseudo justiça... o::u contra... toda e qualquer forma... de FALsificação... éh:: éh:: da liberdade do homem... e essa essa posição... do congresso comunista... objeto do congresso comunista... é um uma posição... fabricada... nada autorizava... dentro da obra de Kafka... a levar a esse tipo de

interpretação a essa reviravolta... da da do significado possível da obra de Kafka... entre os comunistas... era um: uma uma posição... ap/ incipiente... apenas se esboçava uma tese nesse sentido... ve:r em Kafka o combate à burocracia... à pseudo justiça... e consequentemente um alia:do... um aliado não intencional... do próprio comunismo... em mil novecentos e sessenta e dois... volta à tona... o debate de Franz Kafka ainda em Moscou... dessa vez no congresso pela paz... foi uma posição mais incisiva... sobretudo porque... compareceu ao congresso... Jean-Paul Sartre... e Sartre como vocês sabem... tomou o partido de Franz Kafka... mas tentando uma união... entre... a questão burocrática que Kafka encarna... éh: e do outro lado também o problema existencialista... que já ti/ havia sido... éh: apresentado... por Albert Camus... desde O Mito de Sísifo... que se não me engano é de mil novecentos e quarenta e seis... o congresso da/ de paz em Moscou... propunha... segundo Sartre uma DESmilitarização... da obra de Franz Kafka... o termo é um termo oficial do partido é uma palavra oficial do partido... desmilitarizar... Franz Kafka... para evitar com isso... e Sartre nesse ponto foi muito hábil... que os inimigos dos países socialistas aproveitassem Kafka como um cavalo de batalha... CONtra o próprio comunismo... então se tratava de fazer uma nova imagem... de Franz Kafka e essa imagem foi construída... muitos ensaios foram escritos a partir... a partir daí... dentre os mais famosos ensaios... nós temos o de Roger Garaudy... que é um: realismo sem fronteiras... o ensaio de Roger Garaudy... já havia inclusive sido publicado antes disso mas foi refunDido em função... do congresso de paz de Moscou... por uma ironia... já: há pouco tempo mil novecentos e setenta... Roger Garaudy não só por essa posição em favor de Kafka... mas dentro do próprio partido comunista francês... foi... depurado... foi expurgado do partido foi disseminado... pra usar a terminologia judaica a respeito dos comunistas... em PRaga em sessenta e três... na própria pátria... de:... Franz Kafka realizou-se um novo congresso... um congresso internacional... de novo com a presença de Sartre... com a presença de Ernst Fischer um

austríaco... marxista... e com a presença de Roger Garaudy... que insistia ainda nas suas teses... essas teses serão desenvolvidas... adiante... ora... esse é um panorama... do itinerário que Franz Kafka atravessa... entre os comunistas... entre quarenta e oito... e mil novecentos e sessenta e três... bom... eu comecei... prevenindo... que era impossível manter... o debate... nessa relação Kafka e os comunistas... em primeiro lugar... porque a formação... da obra de Kafka... independe de uma formação de princípios ou um engajamento... a determinadas filosofias... eu tenho lido muito a respeito de Kafka... pelo menos tenho lido o que veio à às minhas mãos... o que tenho a meu alcance... e: todos os escritores honestos... alguns são bastantes tendenciosos... que: depuseram sobre Kafka inclusive contemporâneos... são unânimes em afirmar... que não é possível uma vinculação de Kafka com nenhuma corrente filosófica específica... até mesmo dentro do judaísmo... é contraditória... a posição de Kafka... primeiro porque... os anos místicos os anos religiosos de Kafka... ocorreram... já na proximidade da sua morte... entre mil novecentos e vinte e dois... e mil novecentos e vinte quatro... em segundo lugar... porque a sua posição de judeu... era bastante problemática... como vocês sabem Kafka nasceu em Praga... de uma família de comerciantes... e morava... justamente no setor Velho da cidade... o setor judeu... mas a sua educação... era uma educação tipicamente alemã e clássica... ele estudou num colégio num liceu... um: liceu... que seguia aquela orientação germânica... é à Goethe quer dizer aquele classicismo humanista... é da linha... de Goethe e Goethe foi também uma das suas admirações... mas... Judeu escrevendo em língua alemã... ele se sentia totalmente deslocado... primeiro porque a língua alemã... que Kafka utilizava era a língua alemã literária... aquela que ele aprendeu... desde Goethe... e na: na: Tchecoslováquia do seu tempo... me refiro à fase que vai de mil oitocentos e oitenta e oito a mil novecentos e vinte e quatro... o império... dos Habsburgos austro-húngaros... na Boêmia... o a o alemão... é:... é não não era uma língua... é: que se pudesse usar literariamente artisticamente... é os alemães de:... de

Pra:ga... eram alemães que já haviam esquecido... de certo modo a sua nacionalidade... e a sua tradição... não escrevendo em judeu... Kafka se ressentia... por ter assumido essa posição... era preferível que ele escrevesse... na língua iídiche... e ele insistia com os amigos em que a posição certa seria escrever... dentro da língua judaica... mas não era possível... pela sua formação... e não era possível também pela receptividade e irradiação da sua obra... mais adiante que ele esperava que essa obra se irradiasse pela Eu/... Europa inteira... por outro lado também... ele não possuía uma nacionalidade tcheca... ele só conseguiu a nacionalidade tcheca... também perto da sua... da sua morte... aos quarenta e um anos... por volta dos trinta e nove anos... e ficava... entre três culturas a cultura judaica... é que era cultura que vinha da sua família... é: meio judeu... a cultura alemã Clássica... que é a cultura da sua formação... e da língua em que ele escrevia... e a: a ausência de qualquer tipo de cultura específica... na sua própria pátria que é a: Tchecoslováquia a antiga Boêmia... ora... então ele se sentia entre três culturas... numa situação... totalmente ambígua... e por isso mesmo ele não perfilou nenhuma filosofia não seguiu nenhuma filosofia... é com determinada objetividade... não é que ele fosse avesso à filosofia... ele tinha preferências literárias... e entre essas preferências... é possível citar Kleist... é possível citar Flaubert... também Charles Dickens... Kierkegaard que foi uma influência marcante... na sua obra... de uma leitura repetida... em todos os momentos da vida... Dostoiévski... que talvez tenha dado o plano para A metamorfose... é: e :: inclusive uma leitura superficial e não podia ser de outra forma... de PROUST já àquela época ele havia lido Proust... cuja obra estava apenas se... iniciando... e uma... infi/... uma legião de escritores... de origem judaica... cujos nomes hoje no/ nós não lembramos mais... são totalmente esquecidos... afora isso... Kafka não era um leitor... assíduo... a sua formação... literária... não era uma formação crítica era uma formação... imaginativa... e muito espontânea... bom... ora... se você lê o ensaio de/... vocês leem... o ensaio de Walter Benjamin... que é um judeu... se eu não me engano esse

ensaio é de mil novecentos e trinta e seis... a respeito de Kafka... você encontra... um: um espírito... talvez o espírito mais próximo da interpretação de Kafka seja o de Walter Benjamin... esse ensaio de Walter Benjamin sobre Kafka.. considerava a obra de Kafka do ponto de vista da:... parábola... isto é... do ponto de vista... eminentemente judeu... Kafka era um escritor... cujos cuja o:bra... se voltava para os problema mais antigos... mais primitivos... até mesmo os problemas... inconscientes para o homem do mundo moderno... do do judeu... então a parábola... seria a forma escolhida... para... Kafka... éh: estabelecer... uma determinada... ou uma precária comunicação com o mundo... mas a pa/ as parábolas que Kafka colocava na sua obra... de acordo com Walter Benjamin... haviam perdido... Toda e qualquer relação... entre: o significado... e o objeto a que se referiam no passado... eram parábolas incomunicáveis... ou parábolas fechadas... ou cujo código de FÉ... já não podia ser mais... decifrado... à época em que Kafka... escreveu... se sabe que Walter Benjamin quando escreveu esse ensaio... quatro anos antes de morrer... morreu aos quarenta anos... éh: foi na no início da sua amizade com Bertold Brecht... e: era possível que ele... refizesse essa posição... há: algumas referências de Walter Benjamin... éh se arrependendo dessa posição judaica a respeito da:... do estilo de parábola de Kafka... por uma influência de:... Brecht que não gostava de... de Franz Kafka... mas essa é um: uma passagem bastante curiosa... o ensaio de Benjamin (2s) é o mais significativo... da década de TRINTa... em torno desse ensaio... vai se criar... uma grande divisão... a divisão consistiria... em como classificar... Kafka de acordo com o seu recurso... éh: de linguagem... Kafka seria um escritor alegórico?... essa é a linha defendida por George Lukács... Kafka seria um escritor simbólico?... essa é a linha defendida pelo melhor... biógrafo de Kafka... que é Max Brod... ou Kafka seria um escritor que utilizasse a parábola... à maneira do *Talmude*... a a parábola SÁdica... ou a parábola judaica... no mais legítimo sentido do termo... dependendo da resposta que se dê... a isso... se pode tomar... uma definição...

filosófica... para a... o posicionamento de Kafka... dentro do seu mundo... dentro do seu universo... bom (3s) há muitos ensaios nesse período a respeito de Kafka... éh que mereciam registro... mas eu/ áh uma uma:... uma coisa curiosa... é que esses ensaios escritos sobre Kafka no período de trinta... a quarenta... são todos eles... éh:... éh:... éh bastante dogmáticos... são bastante fechados sobre um certo aspecto da obra... não há uma abertura... como agora:... se pode examinar Kafka com muito mais... mais liberdade... se você apanha por exemplo... a famosa obra que qualquer aluno de mestrado conhece *Mimesis* de Auerbach... há uma pequena passagem... em *Mimesis*... que pode até passar... éh: sem que... se perceba... é uma passagem... em que ele conta uma história passada na Te/ na Tassália... éh: e diz que essa história é: uma história... tipicamente kafkiana... talvez... possa se repetir a história aqui sem perda de tempo... rapidamente... Auerbach conta que:... na Te/ na Tassália ou Tessália... éh:... o indivíduo foi ao mercado... era um in/ peregrino na cidade... foi ao mercado comprar peixe... era um viajante... comprou o peixe... e quando ia saindo do mercado encontrou-se com um amigo... um amigo de juventude... e esse amigo... era um:... um pretor... era um fiscal era uma autoridade municipal... perguntou quanto ele pagou pelo peixe... e ele respondeu que pagou xis pelo peixe... o indivíduo ficou escandalizado... entrou no mercado... procurou o comprador de peixe... deu um escândalo... chamou... os soldados... jogou o peixe no chão... pisou mandou que pisasse todo aquele peixe estragou tudo... e no fim pediu desculpa ao amigo ao amigo por ele ter sido explorado se despediu e foi embora... nem ele recebeu o dinheiro do peixe... nem ficou com o peixe... e ficou sem nada... então essa história é tipicamente kafkiana... quer... dizer é o/ é absurda... e simultaneamente é insolúvel... então você vê que: áh... contando essa pequena história... Auerbach diz que... que são antecedentes de Kafka... éh a situação... seria... de Kafka seria sempre uma situação... de uma ação insoLÚvel... ou de uma ação sem nenhuma esperança... em que todo esforço é inútil... mas essa é uma atitude... éh:... um:

gauche não é? uma atitude... de uma certa forma... éh: éh: éh desumana ((ruído)) as coisas não têm solução... embora a ação possa aparecer apa/ é contingente aparentemente tem uma contigên:cia...mas a solução jamais é alcançada...

Borges... também tem um artigo... pequeno... com os exemplos... sobre o modo e o tom... dos antecedentes de Franz Kafka... eu... li o artigo de:... o ensaio pequeno de:... Borges... e confesso que achei... sem nenhuma significação os exemplos que ele dava... não é?... aquela maneira saxônica de:... de:... Borges escrever... e os exemplos que ele dá... não combina absolutamente com a obra de:... de Kafka... mas há uma frase... curiosa... diz o seguinte... “o escritor... cria sempre os seus precursores”... ele inverte a a posição... e na realidade parece que o destino de Kafka... é: justamente esse ELE é quem CRIA os seus precursores... então a palavra kafkiana... só pode existir depois de Kafka e nunca foi aplicada antes... a situação existe... mas o termo foi forjado a partir de Kafka... como se existe a palavra... não é?... dantesca... é: é: essa coisa... uma vez eu tava numa banca de revista e tinha um homem assim dos seus sessenta anos... comprando um livro... O processo de Kafka... eu achei curioso... que eu nunca vi ninguém comprar livro em Recife não é?... em geral as pessoas em Recife não compram livro... e o indivíduo estava comprando livro... aí eu disse “o que é que o senhor tá comprando?” ele disse “eu estou comprando O processo de Kafka” eu digo “e é bom?”... ele disse “É Ótimo... eu já li os contos”... não é?... e eu: “o que é que o senhor: r/... por que é que o senhor gostou disso?”... ele aí disse a mim disse “olhe é porque ele criou o termo kafkiano”... não é?... eu digo “só por isso” ele disse “o senhor acha pouco?” ((risos)) aí eu achei... não é?... eu achei que ele tinha razão... “o senhor acha pouco?”... não é? uma resposta:... suficiente... é o problema ... que combina com essa questão... Kafka cria os seus próprios precursores... não é verdade?... mas as anedotas que:... Borges... conta a respeito de Kafka são tão equivocadas... que eu não pretendo reproduzir nenhuma... bom... o que acontece... é que... quando se fala dos antecedentes de Kafka... nós ficamos imaginando sempre

uma situação abSURda... mas nem tudo em Kafka se reduz... ao absurdo... ou então... nós... estamos colocados num conceito errado de realidade... é possível que Kafka tivesse um conceito de realidade diferente do nosso... para escrever com a naturalidade que ele possuía... ora... Kafka é um escritor realista?... essa é uma pergunta que se tem feito muitas vezes... ele próprio nunca confessou... éh: éh se era um escritor romântico ou realista... éh... isso nunca importou ao Franz Kafka nem uma vez na sua vida... o que ele pretendia mesmo... e que confessou várias vezes a seus amigos... era escrever com extrema simplicidade... e mais... e vigiar... naquilo que escrevia... qualquer intromissão... indevida... do sonho... como Kafka sonhava muito... não é? o ... e e os sonhos... éh:... vinham sempre a: a ... éh influenciar... a sua obra... ele tentava separar cuidadosamente... toda aquela forma dramática do sonho... e aquela forma... POÉTica dos seus contos... e: essa separação cuidadosa... de: entre o sonho e a obra... é:: é que vai definir... uma técnica peculiar... no estilo de Franz Kafka... que nós vamos estudar... daqui a pouco... ora... o que eu queria chamar a atenção para um aspecto muito simples... essa essa discussão... acadêmica... uma discussão... dentro das universidades europeias... éh: éh:... que foi provocada... evidentemente por George Lukács... que foi o escritor que mais incomodou... Franz Kafka... até que ve/ ele refizesse... já no fim da vida determinadas posições... é: uma posição... curiosa... então você considera Kafka um escritor de vangua: rda... ou você considera Kafka um escritor realista?... se você considera Kafka um escritor realista... esse realismo é decadente?... se você considera Kafka ainda realista... esse realista... realismo é crítico?... se você considera de vanguarda... essa vanguarda... é:... experimental?... como a vanguarda por exemplo de Joyce... na época em que escreve o *Ulisses e Finnegans Wake*?... então se pergunta se Kafka é um escritor de vanguarda... que tipo de vanguarda Kafka é portador... ou se é um escritor realista... há uma confusão tremenda dentro desse campo... a primeira confusão... que se estabelece em torno disso... é a apropriação indébita que os surrealistas fazem de Kafka... então os su/

surrealistas EMPOLGARAM a obra de Kafka... éh:... a tutelaram como se fosse sua... e Kafka nada tem a ver com os surrealistas... primeiro porque... precedeu os surrealistas e segundo porque... exercia um controle efetivo sobre o sonho... o que não acontece com o surrealista puro... em segundo lugar... o problema do: do: do: do surrealismo em Kafka... engana muito... porque a preocupação... de Kafka era... escrever BEM... e não escrever espontaneamente... ou escrever automaticamente aquela escritura automática dos surrealistas... não intervinha no processo de escrever de Kafka... embora ele tivesse a compulsão de escrever depressa... *O julgamento*... foi um conto escrito numa só noite... éh: e mesmo quando ele estava trabalhando intensamente no romance como *O processo* ou *O castelo*... ele queria terminar aquilo... a:: a todo vapor... Kafka jamais... éh: escreveu sem uma disciplina... racional cada frase cada palavra... éh::... era meditada era refletida... éh: vagorosamente... é um engano pensar... que a sua escrita era uma escrita automática... mas Lukács diz uma coisa... interessante... e sem querer... xi/ éh: is/ talvez até inconscientemente... chega a definir por isso... por esse paradoxo... uma das posições... que eu acho mais simpáticas na observação de Kafka... Lukács diz numa certa obra do passado... o seguinte que hoje no mundo de hoje... é muito difícil... encontrar uma pessoa que saiba fazer... uma mesa ((bate na mesa)) decente... não é?... não se encontra um artesão que faça uma mesa decente... como no tempo de Miguel Ângelo... então ele diz que: relacionar a artes... a arte... no sentido do artesão... a dignidade da arte em saber fazer as coisas do artista em saber fazer as coisas... relaciona com a medida de séculos... então são os séculos... portanto a medida historicista... que vai... que vão da:r... os séculos à arte... a sua dimensão a sua dignidade... e Kafka... se coloca justamente no sentido... di/ diferente... primeiro... Kafka não está absolutamente interessado... isso que é uma raridade nos escritores modernos... com a questão do tempo... o tempo como categoria... é praticamente eliminada... eliminado... da obra de Franz Kafka... não é um escritor de preocupações

temporais... ao contrário... e segundo porque Kafka não escreve em termos de séculos mas em termos de Eras... então você tem que imaginar Kafka... éh: escrevendo em termos de eras... então você tem que imaginar Kafka impulsionando... num tempo mais antigo... do que a própria consciência do homem... então... o que eu quero referir... é o estado PRÉ-consciente... que possa determinar... ou que possa dar uma determinada causalidade... à obra de Kafka... esse é um detalhe... um detalhe que interessa... de vez em quando eu estou consultando... essas notas... ((barulho de papel)) mas também de vez em quando eu tô negligenciando as no/((rindo)) as notas... por uma questão de tempo... eu tô muito preocupado com o tempo da palestra não é verdade?... aliás eu preciso saber que tempo eu disponho... pra:... pra usar esse material aqui ao lado... a... bom não... o pessoal tem que receber Figueiredo não é?... todos nós temos que receber João Figueiredo hoje... ele vai trazer dinheiro a gente tem que ir lá... quinze pras onze ((risos)) não é?... bom (5s) ((ruídos)) ora... é: justamente esse fato... de não examinar Kafka do ponto de vista da sua antiguidade... ou do ponto de vista de uma PRÉ-consciência... um ponto de vista anterior: r... a qualquer formalização literária... que faltam... aos escritores comunistas... então os comunistas encaram a obra de Kafka... de um ponto de vista muito imediato... isto é como uma obra que foi escrita... entre duas guerras mundiais... e cuja repercussão... cujo significado cuja repercussão... encontrará a sua resposta... na fase da formação do fascismo... ou traduzindo em termos filosóficos... na fase mais aguda... do pensamento irracionalista... o processo que vai desde Schopenhauer... até Mussolini... seria o processo ideal... para encarar e interpretar a obra de Kafka... esse é um erro dos comunistas... se você examina como eu disse em termos de eras e não em termos de séculos ou em termos historicistas puramente... você terá uma outra dimensão... kaskiana... ora em mil novecentos e quarenta e seis... há um semanário comunista famoso... Action... semanário Ação... que colocou uma: uma espécie de enquête uma pesquisa de opinião pública... a pesquisa era... simplista... mas era irônica... e:... e:

insidiosa... isso foi feito em Paris... perguntava o seguinte... “as obras de Kafka devem ser queimadas?”... não é?... que/ ((dirigindo-se a uma pessoa da audiência)) você queria... ligar o gravador era? (9s) ((ruidos)) certo... então se perguntava... se essa o/ se a obra de Kafka devia ser queimada... isto é sacrificada né? vedada ao público... e as opiniões... como acontece sempre nesse tipo de pesquisa... foram... foram divergentes... meio a meio... o problema não está na pesquisa em si... está no fato mesmo simbólico por que queimar a obra de Kafka?... à época os comunistas eram unânimes em que Kafka devia ser... submetido ao processo inquisitorial devia ser sacrificado devia ser queimado... e um dos argumentos mais válidos... era o seguinte... Kafka... não queria ele próprio queimar a sua obra?... ao fim da vida ele... escreveu a Max Brod... que era o seu melhor biógrafo e seu maior amigo... amigo de vinte e dois anos... dizendo que queimasse todos os seus manuscritos... é claro que Brod não cumpriu esse desejo... é um desejo ambíguo de Kafka... mas no dia dois de junho... na véspera dele morrer... ele inclusive corrigiu... à noite... provas... tipográficas... de trabalhos seus... quer dizer... ele corrigiu provas até a véspera de sua morte... como também Marcel Proust fez não é?... corrigiu provas até a véspera de morrer... sendo que Marcel Proust... o único leitor que tinha na ocasião era a sua governanta... não é?... e: o: o: Kafka... no sanatório... sozinho... durante a noite corrigiu as suas últimas provas... e o escritor que quer queima:r... que quer destruir a sua obra não procede dessa forma... este desejo ambíguo de Kafka... como se explica?... éh:... Kafka era:... um: indivíduo... que colocava sempre e:ssas essas armadilhas... mas jamais ele caía na própria armadilha que criou... não é verdade?... quase todo escritor... éh: moderno... utiliza esses recursos de despistamentos... Joyce faz isso... a vida to:da... Guimarães Rosa no Brasil também faz isso não é verdade?... o despistamento do leitor... mas Kafka tinha uma consciência bastante lúcida... do que ele queria... ele sabia que Max Brod não ia destruir a sua o:bra... tanto que continuou escrevendo até o fim... a pesquisa do: semanário... Ação... era uma pesquisa... só para destruir... uma possível imagem de

Kafka que começava a se formar... no após guerra... e o resultado... foi essa divisão de opiniões... então você tem... o seguinte... queimar obras a obra de Kafka por quê?... porque ele é um contrarrevolucionário... se dizia à época... um contrarrevolucionário... justamente pelo fato... de que a sua... a sua obra... contesta o princípio de autoridade como eu disse ainda há pouco... quer dizer... mas por outro lado... também pode se encarar essa obra... como uma... CRítica vioLENTa contra o capitalismo cruel... o que nós chamamos hoje o capitalismo selvagem... contra... todo o sistema burocrático... e contra toda a máquina... da justiça do seu tempo... O processo é o primeiro... exemplo que se dá... então toda justiça... toda burocracia... e TODa forma capitalista... ou toda forma opressiva da liberdade... receberia de Kafka... uma vigorosa contestação... então não se pode dizer que um escritor desse... seja contrarrevolucionário... contrarrevolucionário... em que sentido?... então ficava só uma pequena margem... para que os comunistas dogmáticos se apegassem... à:: à: aos seus argumentos... e essa margem... de um lado era o problema famoso... da alienação... que hoje não se discute mais... Kafka é um escritor alienado... e essa alienação consiste no aspecto pueril... da sua obra... e Kafka é um escritor alienado também... porque mascara o significado da sua obra... e na realidade essa obra... talvez não tenha nenhum senti:do... a se apresentar... ao público... talvez seja uma obra destituída de qualquer sentido... se uma obra é destituída de qualquer direção... de qualquer sentido... essa obra... além de ser alienada... seria também reacionária... bom... sem querer aludir aqui... ao problema: judeu... que está na raiz de todo de toda essa questão... Carrus... escreveu um magnífico ensaio sobre se/... Kafka em mil novecentos e quarenta e nove... e toma a sua defesa nesse ponto... se é preciso uma nova perspectiva... dentro do próprio comunismo... para se recondicionar a imagem de Kafka... essa perspectiva é dada aos comunistas... não pelos próprios comunistas mas pelos existencialistas... e depois pela: interpretação fenomenológica da obra kafkiana... um detalhe que mais adiante... nós podemos estudar... ora (2s) o

problema do reacionalismo aqui não tem... nenhum sentido... vocês ficam com essa opção... se o sentido da obra de Kafka é oculto ou se não existe sentido algum... ou se é irracional totalmente essa obra... ou por outro lado... se essa significação da obra de Kafka... é TTotalmente oposta à significação... ou à direção... do partido comunista... quando me refiro ao partido comunista... não me refiro só ao partido comunista francês... que a respeito de Kafka foi muito mais liberal... me refiro ao partido comunista... no âmbito fechado da cortina de ferro... sobretudo na própria Tchecoslováquia... contribui para isso... as interpretações psicanalíticas de... de: de:... KAFka... que são... as mais equivocadas e até as mais risíveis não é verdade?... eu mesmo conheci aqui em Recife... há anos passados um dominicano... que escreveu... um livro sobre Kafka... um livro sobre religião e literatura... literatura e cristianismo... um desses livros enciclopédicos que não acabam nunca não é?... e: lá existia um artigo sobre Kafka... era Kafka... relacionado com o seu pai... ele baseou-se em Cartas a meu pai... de Kafka... e a interpretação era puramente psicanalítica... o que acontece é que os psicanalistas sempre falam sobre as coisas indefinidamente não tem fim não é?... daqui a dois séculos vocês ainda estão falando sobre Kafka... desse ponto de vista... eles encaram a coisa... apenas na relação (3s) conflituosa entre Kafka e o pai... compreendeu?... o texto básico é *Cartas ao meu pai de Kafka*... A: *metamorfose*... o princípio de autoridade de *O castelo*... o conto *O julgamento* o famoso conto de Kafka... toda essa coisa... então eles se apegam a isso... e... e vêem em Kafka... éh:... um:... essa puerilidade... éh:... e existe mesmo... Kafka... pessoalmente era uma pessoa... éh: era bastante ingênuo... e: a sua obra... chega às vezes até a comover por essa... fragilidade... infantil que contém... então eles gostam de examinar Kafka com relação... a: a uma espécie de inconsciência... de determinados temas da sua infância... por exemplo um ensaio de Jean-Paul Weber... não é? *Domínios temáticos*... um ensaio que eu nunca vi traduzido... aborda justamente desse ponto... quando ele examina... os animais... de: que há na obra de Kafka... ou a conversão homem animal

animal homem... ele não examina do ponto de vista por exemplo da reificação... um ponto de vista mais moderno... mas examina do ponto de vista de uma:... uma inconsciência... ou uma PRÉfiguração simbólica... de Kafka o tempo todo... por exemplo... *A metamorfose* é considerada... como uma autobiografia simbólica... o inconsciente do autor recorda TODa a sua vida passada... do nascimento ao surgimento do sentimento de culpa... então isso é um plano... você não pode interpretar Kafka o tempo todo... a partir... a partir de detalhes... propriamente: biográficos... ora... querer alcan/ encontrar um significado nisso é muito pobre... Kafka uma vez ia na rua... e encontrou um pai de um amigo dele... não sei a pronúncia certa que eu não sei bem alemão M. sabe Wervfel não é?... algo com w e r v f e l... ((locutor acidental pronuncia o nome)) isso... lá vocês é quem sabe ele sabe mai:s... não é?... encontrou o pai... desse amigo na rua... e acabava de publicar... *A metamorfo:se*... e o velho estava horrorizado com aquelas coisas não é? tinha Lido... e que:/... interceptou Kafka na rua e: disse... “o que é que significa isso?”... essa transformação do homem no inseto não é?... Kafka era muito querido... entre as pessoas... do do seu círculo... inclusive entre os mais ve:lhos... ele disse “não é nada... veja o senhor as coisas que estão acontecendo lá em ca:sa... as coisas que estão acontecendo lá em casa” não é?... deu esse detalhe... então os psicanalistas se apegam a pequenos detalhes assim... a pequenas referências até irônicas de Kafka... e tomam a coisa ao pé da letra... mas não há nada disso... em outras ocasiões... Kafka desmente esse tipo de: de interpretação... não há razão nenhuma:... pra reduzir a a: obra de Kafka a um sentimento de culpa... a um conflito entre pai e filho... que é um conflito que vai entre o verdadeiro pai de Kafka até Abraão... compreendeu?... a coisa não tem... não tem fim... não tem nenhum sentido... mas o ponto de vista por exemplo... do: infantil:mo... kaskiano é muito explora:do... inclusive porque é a única margem que REStá ao comunismo dogmático para atacar Kafka é esse lado... Kafka é um escritor infantil... um escritor Imaturo... que procura reduzir todos os fenômenos... da humanidade a

uma relação conflituosa... entre pai e filho essa coisa toda... e por aí a polêmica vai perdendo... o sentido todo... a restauração verdadeira... de Kafka... é empreendida primeiro... por Roger Garaudy como eu ah: disse ainda há pouco... e depois por Aragon... o poeta francês Aragon... também intenta uma reabilitação de Kafka... ambos propõem... uma significação simbólica... mas do ponto de vista... puramente fenomenológico quer dizer... um novo tipo de consciência... éh:... Kafka teria dentro da literatura internacional... quer dizer até aí:... isto é até surgir a obra de Kafka... áh:... o pensamento literário... era um pensamento... éh: cuja consciência era uma consciência só impregna:da... de fora para dentro... quer dizer... Kafka seria o indivíduo que colocou... a consciência... dentro de uma diMENSão de uma dimensão diferente... por exemplo... uma dimensão po/ que não se importava com o problema do tempo... e que queria apreender as coisas no seu estado natural... então... E:ssa... essa forma de virginda:de consciente kafkiana... é uma virgindade... a consciência enTREgue... éh a: uma tomada da realidade TTotalmente nova... totalmente inÉdita... éh pode ser confundida também... com esse pré:... in/... éh pré-consciência simbólica... quer dizer... uma disponibilidade in/extraordinária que Kafka tinha... para apreender as coisas do mun:do os efeitos que o mundo provocava... em si... a forma como ele traduzia isso literariamente... era só uma questão de técnica... Aragon tem um ensaio... muito bonito a esse respeito... e procura justamente conciliar... os motivos kafkianos... da virgindade da consciência... ou de uma nova visão da realida:de... com:... a intenção... política e deliberada que a obra possa ter adiante... ou o aspecto profético dessa... dessa obra... mas a a divisão é... é extraordinária... você vê por exemplo... se você considera Kafka um escritor simbólico... se considera Kafka um escritor que utiliza a parábola... ou se considera Kafka um escritor que utiliza alegoria... ainda teria uma quarta posição... a posição por exemplo de Hauser... que diz que é impossível considerar esses três planos de interpretação... e que a metáfora da realidade... seria a chave para se interpretar... Kafka... Kafka

estaria fazendo apenas uma metáfora uma GRANDe metáfora da realidade... enquanto que o plano simbólico... é insuficiente o alegórico e o... plano da parábola... justamente porque:... a parábola... tal qual... Walter Benjamin... colocou: na base da obra de Kafka... é uma parábola... da incomunicação... ou do fechamento da fé... se não existir fé... manifesta... em Kafka... a parábola perde o seu sentido... não existe parábola... sem um fundamento religioso... por trás disso... e Hauser considera... na opinião dele considera Kafka um escritor ateu... também considera Proust... nesse mesmo sentido... no sentido etimológico do termo... um homem sem Deus... um escritor puramente ateu... baseado na teoria... do... do ateísmo... ele não podia lançar mão da parábola... porque a fé... estava totalmente ausente... estava ausente da sua obra... então ele não dá a Kafka... essa esperança... éh:... ou esse misticismo que outros escritores encontram... Walter Benjamin... tem uma outra dimensão porque é um escritor judeu... até se converter ao marxismo... ora... a definição... de Walter Benjamin... literalmente é a seguinte... ele diz assim... “os relatos de Kafka são parábolas incomunicáveis... sem nenhuma visão determinada do mundo... à diferença... das parábolas talmúdicas... que se fundavam... numa FIRme doutrina”... compreendeu? então... a diferença entre a parábola de Kafka... e a parábola... do dos judeus antigos... dos livros sagrados dos judeus... está no fato... dessa incomunicação... ou na ausência desse fundamento de fé... não existe nenhuma doutrina... Walter Benjamin... conta uma: história... interessante... que é a lenda de Elias o mendigo... e diz que isso é uma coisa tipicamente kafiana... kafiiana... é um antecedente também... de Kafka... Elias... vagueava... pelo deserto... e encontrou um grupo de peregrinos (3s) ao redor de uma fogueira... mas ele era um estranho dentro daquele grupo... mas o convidaram a a participar... da fogueira e da refeição... e pra passar a noite começaram a contar histórias... cada um contava uma história... essa história refletia... um desejo... ou refletia talvez... um sonho... e pediram que Elias contasse também... algum sonho seu... ou revelasse algum desejo... latente... e

Elias resistiu... mas terminou contando... o sonho... disse “bom... o que eu desejava é que se realizasse... efetivamente um sonho que eu tive uma noite destas... eu sonhei... que saía deste deserto... e: entrava num:... numa espécie de reino... nesse: reino eu era o rei... e: nesse... reino... eu tinha um castelo... um castelo imenso” e descreve o castelo as coisas que o castelo tem... mas altas horas da noite... ele é desperta:do... por uma invasão de bárbaros... os bárbaros assaltam o castelo... e ele consegue fugir... e se salva... então perguntam... os peregrinos a: Elias o mendigo... “o que é que restou... do desejo do seu sonho?... ou que se salvou... dessa fuga?”... o que é que ele desejava MAIS como rei... conservar?... ele disse... “a camisa que eu tinha no corpo”... então essa esse é um conto kafkiano... é uma lenda talmúdica... está no Talmude... e: Walter Benjamin... a relata... com o intuito de mostrar a diferença que há... para Kafka... enquanto que Elias... o fundamento da sua lenda... ou o fundamento do seu sonho.. ainda se ampara no escrito religioso... na de Kafka há um desamparo total... da fé... ao que nós chamamos a ausência de Deus... essa relação... entre a ausência de Deus... entre o ateísmo... quer dizer o homem privado de Deus... é explicada no campo filosófico... desde Nietzsche... foi Nietzsche quem forjou... justamente:... a questão... de que a nossa época... ou a época de Nietzsche... era uma época uma geração sem Deus... o homem está privado de Deus... não é? essa formulação que se encontra em Nietzsche é comumente aplicada à obra de:... de Kafka... éh:: uma geração que não... dispõe... do amparo... ou da presença de Deus... uma geração sem Deus... em termos de arte... isso pode ser interpretado de uma forma substitutiva... a arte teria que substituir... essa ausência divina... a arte teria que funcionar... como a camisa de Elias o mendigo não é verdade?... vocês encontram... desde a lenda... do grande inquisidor... de Dostoiévski... esse mesmo tema... a crucificação... de Cristo... vocês encontram isso... em Nietzsche vocês encontram isso... no próprio Flaubert... não é? na confissão... que Flaubert faz... da sua arte como uma religião... justamente porque o artista não tem... Deus... é

uma expressão... pesada... de de Flaubert... Kafka poderia eu pergunto... se equiparar... a esse... ateísmo... que procura... na arte um veículo de sacralização ou de divinização?... aí se esboça uma terceira uma terceira corrente... muito mais SÉria... do que aquelas puerilidades dos comunistas de mil novecentos e quarenta e cinco... então o problema vai se agravando... eu poderia encarar Kafka... como um escritor... judeu... que perdeu o seu credo... e que encontra na obsessão da literatura... uma forma substitiva... da fé?... bom... é uma indagação... mais adiante... vamos ter algumas respostas... para isso... Max Brod... não não sei se... a biografia de... Kafka foi traduzida para o português... existe em francês... existe em espanhol ... nunca vi em português não sei por que... mas é a única biografia válida dele... é a de Max Brod... Max Brod defende a posição... simbólica dentro da obra de Kafka... eu insisto nesse aspecto da sim/ do simbolismo... da alegoria... e da parábola... porque a partir daí vocês vão escolher uma definição TAMBÉM... para interpretar Kafka... porque a definição é muito subjetiva... eu não sei... de que lado vocês se encontram... também não defini: o meu... mas Brod insiste (4s) nesse detalhe... de que a obra de Kafka deve ser interpretada apenas do ponto do vista simbólico... NUNca do ponto de vista... alegórico... o simbolismo... de Max Brod... chega a tal extremo... que ele nos dá uma imagem... de da de Kafka como pessoa... uma imagem de santidade... primeiro ele tenta... tirar a impressão... que foi a primeira impressão... de que se teve de... da personalidade de Kafka... de que Kafka era uma pessoa mórbida... que Kafka era uma pessoa doentia... de que era um indivíduo... não é? bruno:so... um: indivíduo... neurótico... não... primeiro ele mostra o perfil de Kafka... nos anos juvenis... pelo menos na fase em que ele tinha saúde... perdeu essa saúde por volta dos trinta e poucos anos... mostra um indivíduo alegre... um indivíduo... bem relacionado com os amigos... um: in/ um camarada... bastante leal... que falava pouco de si... compreendeu?... e: éh:... e/ mas sobretudo um camarada bem autêntico... por exemplo um sujeito BEM sincero... com uma autocrítica bem aguçada... e diz também que Kafka era...

de certa forma... fiel a alguns princípios do judaísmo... por exemplo... mostra como ele frequentava... éh: o: éh:... éh: companhias de teatro de ciganos... como ele tentava amparar do seu próprio bolso os ciganos pobres... ciganos judeus... é claro... mostra como: Kafka... éh:... se devotava a: a: a leituras judaicas.. aquela obsessão de escrever em judeu que ele sempre te/ éh: em: iídiche... que ele sempre possuiu... éh essa coisa toda ao fim da vida Kafka desejava ir para a Palestina... ser garçom... ou ser trabalhador no campo... não é? e terminar ali seus dias... então ele... reúne todos esses elementos para mostrar... uma determinada fidelidad/... fidelidade de Kafka... ao judaísmo... mas essa imagem não não nos convence... quer dizer... ou essa imagem não encontra uma ressonância perfeita na sua obra... mas ele insiste... em que seja interpretado Kafka... do ponto de vista simbÓlico... como um escritor proFUNDamente religioso... e não como um escritor ateísta... éh: et cetera... diz assim textualmente “não se deve confundir... alegoria... com símbolos... Kafka JAMAIS... é alegórico.... mas sim... em troca simbólico no mais ALto sentido da palavra”... e acrescenta essa frase... enfática... “somente quem ama profundamente a vida... pode escrever como Kafka”... não é?... o amor que Kafka tinha à vida... porque a gente pensa que Kafka era um desenraizado... ou um desapegado da vida... ou um desesperado.... Brod que conviveu com ele vinte e dois anos... nos dá uma imagem diferente... disse “não... só quem ama a vida... pode escrever como Kafka”... e faz uma defesa de uma coisa... que parece.... paradoxal para nós... faz uma defesa do otimi:smo de Kafka... e não do seu prolatado pessimismo... e: mais... o aPEgo que Kafka tinha à natureza... e: a apologia que Kafka fazia do amo:r... ele não ex/ não torna explícito... o a: a/ que forma de amor... é: era essa... a que ele se refere... porque: vocês sabem que Kafka teve três noivas não é verdade?... e não se casou... a vida inteira... havia uma inapetência de Kafka para o casamento... e só ao fim da vida é que ele teve uma companhia por dois anos... que foi Dora Dymat Dymat... e e: não se casou... dizem os psicanalíticos porque tinha medo de ser pai não é?... porque temia o próprio pai é

uma interpretação... que eles dão... mas a verdade é que... nas obras de Kafka a gente encontra sempre... o problema do:... do:... do sensualismo... de uma forma muito:... muito estranha... por exemplo... as cenas eróticas que nós encontramos em Kafka são todas cenas públicas... o indivíduo pratica o ato de amor em público... há: uma cena em que é praticado na:... no vestíbulo de um:... de uma: de uma casa... outra... por trás de um balcão de uma cervejaria:... noutra cena... naquilo que se imaginava fosse o tribunal:... outra na casa do próprio advogado:... e assim por diante... essa questão... quando... Max Brod se refere... ao aPEgo de Kafka ao amor:... é uma questão... bastante... enigmática... que tipo de amor Max Brod se refere?... não sei/ não sei... e ele não define propriamente esse aspecto... mas eu volto a um ponto de vista... curioso... que é esse ponto de vista do:... Weber... sobre o infantilismo de Kafka... diz o seguinte “toda a obra de Kafka... repousa sobre um simbolismo... inconsciente”... e verifica-se isso pelas inversões de sentido homem animal... vocês têm três exemplos clássicos... desse problema da inversão de sentido... e dessa questão do simbolismo inconsciente... você tem isso no conto Relatório para uma academia:... que é feito por um macaco que se conv/ né?... a conversão de um macaco... você tem na própria Metamorfose... e tem num conto tipicamente judaico... que é Josefina, a cantora dos ratos... então você tem três exemplos ca/ clássicos... é de que o simbolismo de Kafka é um simbolismo SÓ inconsciente... quer dizer... ele não tinha nenhuma intenção... ou não tinha nenhuma consciência... não tinha NENHuma direção para o seu tema... segundo essa interpretação... psicanalítica... de Kafka... que eu recuso e nós todos recusamos... evidentemente... ora... Kafka às vezes depõe... nos diários ou nas cartas... ou em depoimentos a amigos sobre a sua... a sua obra... alguns depoimentos são bastante singulares... outros... depois se contradizem... e alguns deixam o leitor mais perplexo ainda... do que se tivesse lido a obra... sem nenhuma explicação do próprio autor... do ponto de vista... judeu... a... acham que Kafka... perseguia alguma coisa... como a terra

prometida... como Canã... há mesmo um ensaio muito boni:to... de Politzer... que é Parábola e paraboxo/ paradoxo em Kafka... em que ele partindo de:... da Mímesis de Auerbach... compara o estilo de Kafka... com o estilo das escrituras... quer dizer um estilo interioriza:do... numa oposição ao estilo aberto... e exteriorizado da Odisséia... é: é: um ensaio... bem feito... mas é uma construção... é um ensaio bastante hipotético... justamente essa passagem... em que se diz... que toda obra de Kafka nada mais é... do que uma perseguição da terra prometida... se baseia... na própria condição de judeu de Kafka... na insistência com que... e:le... lia Kierkegaard... que trata também do tema de Isaque... não é verdade?... trata de uma forma magistral... a leitura que ele fazia de Temor e tremor... que é um/ foi uma leitura que ele fez até perto de morre:r... e depois pelo fato... desse depoimento que eu vou ler aqui... diz Kafka... em trinta de janeiro de mil novecentos e vinte dois... dois ano anos antes de morrer diz o seguinte “segundo os homens... não há OUtra escolha... senão procurar a terra prometida em Canã... ou procurá-la no outro lado do MUNdo... que é o deserto... pois não há... um terceiro mundo para os homens”... então eu vou

Projeto NURC/RE - Inquérito no 054 - Tipo: EF - Data: 15/03/78
- Duração: 23 min - Tema: A biblioteca nos programas de ação comunitária - Informante no 65 - Sexo: F - Idade: 58 (3a faixa etária)
- Formação: Serviço Social - Profissão: professora universitária

Inf. - eu quero dizer a vocês... que eu achei MUITO feliz a IDEIA... da coordenação do curso de biblioteconomia... de incluir... entre os TEMAS... a serem debatidos esta semana... este tema de hoje... que a mim me cabe vir aqui expor... que... é a função da bibliote:ca... nos proGRAMas de ação comunitária... e MAis especificamente... a função do CURSo de biblioteconomi:a... no programa comunitário da Universidade Federal de Pernambuco... por isso que eu quero me congratular... com o curso de biblioteconomia... e quero agradecer esta oportunidade de ter este contato com vocês... porque toda vez que um professor tem oportunidade de contactar com os aLUNos... isso é muito gratificante para ele... essa troca de ideias... quero dizer que eu não vim aqui fazer uma paLES:tra... no sentido da paLAvra... mas eu vim conversa:r com vocês... de modo que eu gostarei MUITO... que vocês partici:pem... vocês façam indagaçõ:es... vocês perGUNtem... vocês interVENham... toda vez que julgarem necessário (3s) tratando da bibliote:ca... nos programas de ação comunitária... nós temos que partir inicialmente de mostrar... uma das características da universidade de nossos dias ou da universidade mode:rna... que é... que ela DEVe exercer uma ação diREta... sobre a comunidade... antigamente... a universidade tradicional... exercia uma ação indireta... porque isolada da comunidade ela preparava... pessoas para agirem quando DEla saíssem... para atuarem... FOra dela... mas não enQUANTo estavam sendo formados... não enquanto estavam sendo preparados... a visão atual... é que... universidade e MEIO devem se unir... deve haver uma PONte de ligação... entre a universidade e a comunidade... e esta PONte de ligação... entre universidade e comunidade chama-se extensão universitária... hoje fala muito em

extensão... fala-se muito em programa de extensão... mas muitas vezes nós não paramos pra refletir que É extensão universitária?... extensão universitária... Nada mais é do que a universidade IR à comunidade... a universidade aBRIR suas portas à comunidade... não se isoLAR do seu meio... mas trabalhar com o meio... é toda atividade extramu:ros... que se realiza através... de... cu:rsos... prestação de serviços dire:tos... estágios... e muitas outras formas (3s) o que caracteriza os dois componentes essenciais... da extensão universitária... são a INtegração... e a REtroalimentação... integração... porque é Ela que UNE... universidade e meio... constituindo aquele TRIpé sobre o qual repousa TOda a estrutura... universitária de nossos dias... ensino... pesquisa e extensão... durante MUItro tempo se pensou que a finalidade Única da universidade era o ensino... e isso ainda marca MUItro... as nossas universidades... como se fosse esse o seu principal papel... Já se está tendo uma compreensão do papel da pesquisa... da necessidade de pesquisa... dos professores não apenas ministrarem aula mas pesquisarem... mas aINda não houve uma conscientização... de que ALÉM do ensino e a pesquisa há OUtro... outra função da universidade... a extensão... a: sua relação com o meio... a sua integração no meio... e é à extensão então que compete inteGRAR... compleTAR... UNIR... ensino e pesquisa... adaptando às reais necessidades do meio... por isso é que a extensão é uma REtro alimentação... é através da extensão... que a universidade TEM condições... de conhecer realmente... objetivamente... se está preparando profissionais para a realidade onde ela está inserida... se está dando resposta... às necessidades da comunidade... então a gente conclui... enquan:to... a universidade... não der IGUAL importância a essas três funções... ela realmente não está cumPRINdo o seu objetivo... como nós entendemos hoje que deve ser uma universidade (3s) agora como distinguir extensão universitária de aÇÃO comunitária?... será que é a MESma coisa? (3s) não é a mesma coisa... QUANdo os programas de extensão... têm determinadas características... Eles se transformam em programas de ação comunitária... então

conclusão primeira... todo trabalho da universidade em termos de ação comunitária é um trabalho de extensão... embora NEM todo trabalho de extensão seja um trabalho de ação comunitária... porque é preCiso que tenha CERtas características... e qual é essa característica... que diSTingue... esse trabalho que nós chamamos de ação comunitária?... é todo trabalho que tem como objetivo primeiro... despertar na comunidade... o sentido... de que ela é a princIPAL responsá:vel pela solução dos seus problemas... de que é a comunida:de... são os comunitários que JUNtos... poderão dar as soluções efeTivas aos seus problemas... mostrar que to:das as pessoas têm... em um determinado grau... capacidade capacitação... PAra resolver seus problemas... quando se está fazendo um trabalho NESTa li:nha... nós realmente podemos considerar este trabalho como aÇÃO comunitária... a universidade... principalmen:te a universidade... nossa... de Pernambuco... está interessada em que os trabalhos de extensão tamBÉM tenham este enfoque... então o que caracteri:za ação comunitária é o trabalho que le:va à par-ti-ci-pação social... e que será participação social?... fala-se muito hoje em dia em participação social... como é que/ o que é que nós entende:mos por participação social?... nós vemos que há DUAS correntes... há duas conotações... porque nós sa/ há muita gente que diz... “participar... é... levar os outros a agir juntos”... e outros “participar é levar as pessoas a usufruir benefícios”... um dá uma conotação mais aTiva e outra mais paSSI:va à participação... um fica muito mais numa área assistenciali:sta... de prestação de serviços... são aquelas pessoas de boa vontade que vão pras comunidades... levar COIsas pra aquela comunidade... ensinar coisas... e durante muito tempo ESTa foi a conotação principal dos trabalhos de extensão... e talvez por isso que os trabalhos de extensão não TENham realmente cumprido seu objetivo... porque Eram os professores e os alunos da universidade... que iam ensiNAR... as comunidades a fazer determinadas coisas... e não prepaRAR as comunidades para que ELAS mesmas se habilitassem a fazer... descobrir as potencialidades dessa

comunidade... descobrir as reais necessidades (3s) hoje em dia nós estamos convencidos que a necessidade de participação é uma necessidade Básica de todo ser humano... ele tem tanta necessidade de participar como tem de garantir a sua subsistência... e isto é/ hoje em dia é visto de tal maneira... que há um profissional... que especificamente sua área de atuação é Esta... e é o profissional DE serviço social... nós somos educadores sociais... mas temos uma área específica de trabalho nosso... que é levar contribuir... para que se tenha esse sentido de participação mas participação ativa (3s) então o trabalho de ação comunitária é dentro deste enfoque de preparar as comunidades para a participação social... e é esse trabalho que a Universidade Federal de Pernambuco está pretendendo... desenvolver entre as suas atividades de extensão... eu acho que só pelos que/ as poucas palavras que eu já disse aqui... já dei a perceber... que é uma tarefa que não é Fácil... porque é uma tarefa que envolve uma mudança de mentalidade (3s) é muito mais cômodo receber... as coisas... do que trabalhar para conquistar as coisas (6s) a Universidade Federal... ao implantar esse programa não desconhece as suas dificuldades... e principalmente porque sendo feito através da extensão... deverá... manter aquelas mesmas características de trabalho de extensão... que é um trabalho que envolve professor e aluno (4s) ora envolver professor e aluno é mexer em Toda estrutura da universidade... porque vai envolver departamentos... vai envolver coordenação de cursos... e se nós pensamos também... que se a gente entra numa área de ação comunitária... em que: nós vamos descobrir uma Série de problemas INTER-relacionados INTERligados... nós sentimos que é uma atuação INTERdisciplinar... nós não vamos encontrar um problema isolado um problema único... mas uma Rede de problemas interligados... há enfoques de saúde há enfoques urbanistas há enfoques educacionais... Todos envolvendo/ pode haver... a prioridade dum desses aspectos mas os ((batendo na mesa)) Outros estão ali presentes... e tratar um sem tratar os outros é inútil... então é um programa que vai envolver uma Rede de departamentos

(3s) CO:mo fazer isto?... é difícil? é... será impossível?... vocês é que vão dar a resposta... porque só será possível com vocês todos... todos nós juntos... descoBRImos como fazer? não estamos começando... e o que é que nós estamos fazendo até agora?... nós procuramos sensibilizar aqueles departamentos... que estavam que se mostraram... mais disponíveis pra esse trabalho... e eu quero dizer de forma muito gratificante... que um dos primeiros departamentos... que se mostraram disponíveis pra esse trabalho foi o departamento de biblioteconomia (3s) o reitor da universidade constituiu em setenta e sete um grupo... de representantes... de alguns departamentos... para pensar:r... COmo levar essa idéia a toda a universidade... e faz parte desse grupo... o departamento de biblioteconomia:a... o departamento de psicologia:a... o departamento de e/... de economia:a... o departamento de medicina social... no momento foram esses os departamentos que mais interessaram e mais se... se mobilizaram pra esse tra/ tipo de trabalho... então durante o ano de setenta e sete o que nós fizemos foi nos reunir... pensar:r... interpreta:r... fazer encontros com outros departamentos... e: já numa linha de execução... estabelecer... os primeiros projetos... naturalmente que... se: extensão é ir à comunidade... as atividades de extensão... sob esse enfoque de ação comunitária... serão realizadas em Núcleos de extensão... localizados de preferência... em áreas... consideradas mais carenciadas... então esse grupo começou a pensar que Áreas deviam ser prioritárias?... ONde começar a trabalhar?... e partindo daquilo que já existia... alguns alunos começaram a trabalhar... em Vasco da Gama... onde já existia... um programa em funcionamento... Vasco da Gama por isso pode se considerar... como um núcleo pioneiro... se bem que ainda não tem as características de um núcleo de extensão... porque não envolveu ainda professor e aluno... os alunos estão participando mas muito mais numa linha de voluntariado... quando nosso sentido... é fazer muito mais... como at/ estágios curriculares... e que haja responsabilidade de professores... e de alunos... ao mesmo tempo... o curso de

biblioteconomia... SEMpre pioneiro dessa área... lançou a ideia... de um programa... de dinamização da biblioteca popular de Casa Amarela... NESte momento... tinha surgido... um convite... para que... os alunos de biblioteconomia... voltassem a essa biblioteca... e transformassem essa biblioteca em campo de estágio... então a ideia de C. e que depois ela vai completar... era que se fizesse um estágio não um estágio como de outra biblioteca... mas um estágio DENTro do enfo:que de um trabalho de ação comunitária... ENtão seria transformar... aquela biblioteca... num núcleo... de extenSÃO comunitária... num núcleo assim dis/ de irradiaÇÃO... para toda a comunidade... como ponto de partida precisava se conhecer essa comunidade... então... C. já estava trabalhando comigo nesse grupo... juntamos esforços e nós vimos que o profissional de serviço social o alu:no de serviço social poderia ser chamado lo:go... para fazer o levantamen:to... dos recu:rsos... daquela comunidade... em termos de ampliação... e pensamos então... primei:ro as escolas... porque escola e biblioteca estão sempre andando mui:to juntas... uma equipe... de cinco alunos... de serviço social sob a minha supervisão... concluiu esse levantamento... escolas particula:res... públicas... do bairro... vendo não somente assim... as condições dessas escolas em termos... de possuir ou não biblioteca... as condições COmo esTavam... funcionando essas bibliotecas... como também em termos de procu:ra da biblioteca... o que cada escola... pensava a respeito... de uma integração maior com a biblioteca do bairro... que espera:va daquela bib biblioteca... também foi auscultado... os problemas mais senti:dos por aquelas escolas... e que: co:mo a biblioteca poderia colaborar para a solução daqueles problemas... foi auscultado também... qua:is as entida:des que funcionavam naquela área e que estavam dispoNÍveis para a solução desse problema... não só as entidades como comunitários... que líderes naturais existiam naquela... naquela área... do conhecimento daque:le professorado... o resultado deste levantamento... foi a foi apresentado já... ao curso de biblioteconomia... evidenciando-se... uma necessidade imperiO:sa... mas

imperiO:sa... da colaboração... do curso de biblioteconomia...
 para que realmente a biblioteca pudesse atender às
 necessidades... foi constatado de imediato... que as as escolas
 que mantêm: bibliotecas ou coleções de livros chamam
 bibliotecas... não es esse/ não tá havendo dinami:smo por
 fa:lta de gen:te... treina:da... que po:ssa... orienTAR o trabalho
 da biblioteca... foi constatado... que... não há pessoa:l... pra
 realizar essas tarefas... ao mesmo tempo... sentiu-se que a
 Secretaria de Educação... dentro dessa mesma li:nha de
 desperta:r na comunida:de... esse espírito de colaboração...
 está desenvolvendo progra:mas nessa área trazem:do os
 alunos e os pais dos alunos pra ajudarem nas tarefas da
 escola... sendo assim portanto... um elemento humano que
 poderá ser mobiliza:do se:... orienta:do... pelos alunos de
 biblioteconomia... foi sentido assim uma SÉrie de problemas
 graVÍssimos... não somente em termos de... subnutrição(4s)
 como problemas na área de educação:... na área de
 relacionamento familiar... e o que foi também interessan:te...
 foi que se sentiu... que os próprios professores JÁ TIñham
 assim uma noção... de que... a função da bibliote:ca... não
 seria ape:nas... simplesmente... de fornecer livros... mas que
 ela fo:sse aquele elemento que congrega:sse(3s) os
 comunitários em torno de interesses comuns... para através
 da formação de grupos... poder se dar uma solução a esses
 problemas... então... to:da uma gama de atividades... está aí
 (3s) nós sentimos que aos poucos... como vocês viram... FOI
 o aluno de serviço social TROUxe subsídios... agora vocês
 vão planejar um trabalho de dinamização... vocês vão sentir a
 necessidade de convocar outros departamen:tos... vamos
 dizer o departamento de educaçã:o... o departamento de
 nutriçã:o... à proporção de que vocês forem identifica:do
 MAIS esses e/ esses problemas... e aSSIM realmente... vai a
 biblioteca vai se constituir num NÚcleo de ação comunitária
 (4s) pode parecer... que eu tenha trazido hoje pra vocês esse
 exemplo... porque eu vinha falar pra bibliote/ pra alunos de
 biblioteconomia então eu queria valorizar isto... ou então
 porque era a experiÊncia que eu tinha por causa da
 sensibilidade social de C.... a sua disponibilidade maior... mas

eu quero é dizer a vocês que reALmente esse foi o primeiro projeto... MAS eu quero friSAR que eu acho... que... sendo o primei:ro ou não sendo o primeiro... eu não ente:ndo eu não acE:Ito... ação comuniTÁria sem colaboração de bibliotecário... porque se eu disse no começo... que:... ação comunitária... esse trabalho de educação... de con:scientização... para que... os próprios comunitários aSSumam a solução dos seus problemas... conscientiza:r... é educa:r... é elevar o NÍvel cultural... nós dissemos que todas as pessoas TÊM em maior ou menor... escala... capacitaçã:o... para essa participação... mas isso DEve ser desenvolvido... se as pessoas nunca tiveram oportunidade... eles precisam ser treina:dos... para isso há profissionais especificamente profissional de serviço social... que vai realizar essa taREfa... de treinamento... mas outros profissionais devem estar ali presen:tes... principalmente TOdos aqueles que estão na área de educação... e eu não vejo co:mo a gente dispensar a colaboração de bibliotecário... mas você:s melhor do que eu... estão convencidos disso... e por isso que eu de:ixo nessas minhas palavras finais dessa primeira dessa breve exposição... que a gente tem feito... lan:ço assim... essa sugestão... CO:mo ampliar este programa?... VAmos deixar MORRER este programa? (3s) CO:mo... aproveitar vocês em outros programas?... essas são as indagações finais que eu faço aqui... mais uma vez agradecendo a oportunida:de de ter lançado Essa mensagem a vocês... muito obrigado

Projeto NURC/RE - Inquérito no 259 - Tipo: EF - Data: 10.08.79
- Duração: 35 min - Tema: O advogado e a justiça do trabalho -
Informante no 286 - Sexo: M - Idade: 56 (3a faixa etária) - Forma-
ção: direito - Profissão: juiz do trabalho

Inf. - excelentíssimo... senhor presidente da Ordem dos Advogados... seção Pernambuco... excelentíssimo... senhor presidente do Instituto de Advogados de Pernambuco... excelentíssimo senhor presidente... da Associação de Magistrados de Pernambuco... excelentíssimo senhor Presidente da Associação... dos Magistrados Trabalhistas de Pernambuco (5s) senhores advogados... senhores juízes da Justiça do Trabalho aqui presentes e funcionários da Justiça do Trabalho... minhas senhoras... meus senhores (5s) o excesso de afazeres... e de preocupações (3s) me levariam... dentre outras circunstâncias... a hesitar... quanto à aceitação do convite... que me foi FEIto... para fazer uma palestra na Ordem dos Advogados... MAS... o apreço que eu tenho a esta casa... é tão grande... tão vinculado me sinto... à Ordem dos Advogados de Pernambuco... que não poderia deixar de atender... à convocação... que me foi feita (4s) eu me proponho a dizer... alguma coisa desprestend/ desprezensavelmente (3s) a respeito de aspectos... da advocacia trabalhista (3s) ao fazê-lo... devo entretanto de saí:da... fazer uma referência... a que eu não poderia me omitir... ao fato de se encontrar presente... um dos a/ o advogado... meu velho amigo... que eu considero... o paradigma do advogado trabalhista... quero me referir... creio que todos já sabem de quem se trata... ao doutor M. C. B. ((aplausos))... alguma coisa do que eu vou dizer... representa quase uma repetição... de um trabalho... que eu apresentei num dos encontros de advogados de Garanhun:s... e que; pelo tema... versado... não pode deixar de ser abordado... dada a natureza do assunto que eu me proponho desenvolver... não é que esse trabalho... tenha algo importante... mas é que o que ali foi DIto... deve ser

mantido... não só por refletir a minha convicção... como também porque os aspectos legais... não foram modificados desde então... eu me ocuparei aqui... do delicado problema do patrocínio... profissional... dos advogados... nos processos trabalhistas... problema também relativo e correlato ao primeiro... dos honorários advocatícios... problema da representação... de ser um advogado... pode ser preposto... do empregador na Justiça do Trabalho... ainda que não seja empregado da empresa... problema de se o estagiário pode recorrer (3s) se o sindicato pode recorrer e quando pode (3s) são questões... que frequentemente... estão sendo abordadas em processos trabalhistas... e que têm além do seu interesse jurídico... o inegável interesse prático (7s) a consolidação das leis do trabalho... permite... que as partes... postulem... diretamente... na Justiça do Trabalho (3s) é a chamada amplitude dos ius postulandi (3s) ao contrário ainda do que ocorre nas outras jurisdições... na Justiça do Trabalho... a lei é exPREssa ... no sentido de que as partes POdem... ajuizar reclamações... independentemente... da presença do advogado... tem sido de algum tempo pra cá muito questionado... e até há pouco tempo houve uma conferência uma palestra de um juiz do trabalho... nesta mesma casa... do presidente de uma das juntas de conciliação e julgamento desta capiTAL... o doutor J. F. S.... em que ele sustentou... com muita firmeza... o ponto de vista de que... em face do estatuto da Ordem dos Advogados... não mais poderia prevalecer... essa disposição da lei trabalhista... que admite... a presença da parte na Justiça do Trabalho... sem a companhia do advogado (3s) estou convencido (3s) de que... seria a solução mais conveniente (3s) seria realmente de grande alcance... que a LEI determinasse... a obrigatoriedade do patrocínio... da causa trabalhista por advogado... a situação atual (3s) representa... como diz o ministro R.... uma inferioridade... processual do empregado... mas todos sabem... que geralmente o empregado se siTUA... em relação ao empregador... numa situação de inferioridade econômica... a essa inferioridade econômica se somam inegavelmente... inúmeros casos... por inferioridade de

natureza processual... em que consiste essa inferioridade processual?... é que o empregador... não sente necessariamente... mas ele tem muito mais possibilidade... de constituir um advogado do que um empregado... então é muito frequente... o empregado se apresentar... na Justiça do Trabalho desacompanhado de advogado... ou MESmo acompanhado de advogado... mas após Ter apresentado a sua reclamação VERbalmente... e: a parte contrária o empregado:r... ter ao seu lado... um patrono... que: necessariamente propiciaRÁ... à empresa... uma assistência mais completa do que aquela do trabalhador desassistido... o trabalhador que não tem:... assistência nenhuma (4s) por outro lado... não se justifica... que um empregado POSSa:... acionar... sem advogado... porque:... as questões jurídicas... que se apresentam num processo... evidentemente não podem... ser abordadas por um leigo... como é que pode... o empregado recorrer e interpor o recurso de revista?... como é que pode... o empregado contestar uma isenção de competência?... como é que pode aquele analfabeto ou que se não seja analfabeto mas jejuno em coisas jurídicas... contra argumentar... em relação... àquilo que foi alegado... pela parte contrária assistida por advogado?... de tudo se infere que o sistema atual geralmente aceita... prejudica o trabalhador... e não condiz... com o interesse maior... da justiça... procurando obviar essa situação... surgiu a lei número cinco mil quinhentos e oitenta e quatro... que atribui aos sindicatos... a obrigação... de quando convocados para isso... prestarem assistência judicial e trabalhista... aos empregados... associados ou não... que percebam salário igual ou inferior... a dois salários mínimos... atualmente dois salários-referência... evidentemente que isso representou um grande passo... porque antes do advento da lei... cinco mil quinhentos e oitenta e quatro... o sindicato poderia... patrocinar ou não a seu critério... a causa do associado que postulasse a assistência... e agora essa assistência se torna obrigatória... mas apesar desse passo posiTlvo... a verdade é que aqueles trabalhadores que percebem salário... superior a dois salários-referência...

continuam desassistidos... esses empregados também muitas vezes... tão necessitados quanto aqueles outros que percebem salários mais reduzidos... ficam... naquela situação... de desigualdade... que eu acabei de expor... de sorte que eu estou convencido... de que se torna urgente... a reformulação da lei... para que se torne obrigatório o patrocínio da causa trabalhista POR advogado... mas... não foi dada a: a: solução não consiste apenas na reformulação da lei... haveria uma necessidade de se montar uma estrutura... para que essa assistência... se tornasse realmente eficaz (3s) poder-se-ia... atribuir ao sindicato... a obrigatoriedade... de conceder advogado ao trabalhador... independentemente do salário por ele percebido... poder-se-ia cogitar também uma outra situação... seria a constituição de advogados de ofício... para que em relação... às causas trabalhistas... com grande amplitude... fosse deferida a assistência a quem quer que provasse... dentro de critérios mais amplos que os atuais... o estado... de necessidade... falo empregado... mas poderia também falar do empregador... porque há empregadores... tão necessitados economicamente QUANTO os empregados... e há trabalhadores... tão jejunos... em matéria jurídica quanto os empregados... de sorte que o que me parece razoável... é que se estabeleça... através de lei... a obrigatoriedade da presença do advogado... e correlatamente... se determine ou se se estabeleça um sistema... em que as partes... possam facilmente... a obter... aquele advogado que a defenderia (3s) quanto ao problema legal da revogação... de que estaria revogada... a disposição da CLT... que estabelece a... o patrocínio da causa... que estabelece a presença das partes independentemente de advogado... estaria revogado pelo estatuto da OAB... eu compartilho da opinião de D. M.... é que ANTES... do atual estatuto da OAB... já havia disposição análoga... e nunca se questionou... na vigência da: do estatuto anterior atual da OAB... esse problema... de que as partes poderiam questionar... independentemente de advogado... o que se torna necessário é a reformulação da lei... o anteprojeto da consolidação das leis do trabalho... que está em análise e esTUdo... ao que tudo indica será

submetido... logo mais... à consideração do Congresso Nacional... SANA... cont/ éh: reSOLve... essa dificuldade e esse problema... estabelecendo essa obrigatoriedade... problema correlato a este... é o dos honorários... do advogado... que ao meu ver... assume uma peculia/ uma peculiaridade... digna de nota... tão somente pelo fato... de que no ca:so de um advogado patrici/ patrocina:r... a causa de um emprega:do... o advogado quer dizer o advogado da parte contrária... que seria vencedor... não teria como receber da parte vencida que era o empregado... os seus honorários... nós sabemos que realmente isso acon/ ocorreria em grande... em grande número de situações... quer dizer o empre/ o advogado da empre:sa... vencedora essa empresa... não teria como obter da parte vencida... o: pagamento... dos seus honorários... isso ao meu ver... é uma situação difícil de contornar... mas só ela não deveria servir de óbice... a que... se estabelecesse a obrigatoriedade desse patrocínio profissional... recebendo os empregados o: custo o o o recebendo... o advogado os seus honorários... sempre... que as condições financeiras da parte vencida... O permitisse (6s) diz a lei também um outro aspecto da minha palestra de hoje... diz a lei que o empregador artigo oitocentos e quarenta e três da CLT... poderá se fazer representar na audiência por prePOSTO... que tenha conhecimento dos fatos em apreciação... as expressões da lei levaram a jurisprudência... eu diria a jurisprudência predomiNANTE... a adotar o entendimento... de que um advogado... somente pode funcionar... representando a empresa como preposto... se for empregado... se dessa mesma empresa... a dedução se faz essa conclusão se ded/ se TIra vamos dizer assim... do fato de a lei se referir... àquele que tenha o conhecimento do preposto deva ter conhecimento... dos fatos em apreciação... nunca entendi dessa forma... nunca entendi... sempre sustenTEI... que a emPREsa o empregaDOR... pode se fazer representar... por qualquer pessoa que ELA entenda que tenha conhecimento dos fatos em apreciação... a empresa quando indica o preposto ela está correndo um risco... o risco da designação de uma pessoa... cujas declarações em juízo

obrigará:o... o preponente obrigarão a própria empresa... de
 sorte que se ela indicar... alguém como seu preposto... que
 não tenha conhecimento da matéria de fato... evidentemente
 a empresa sofrerá... os prejuízos decorrentes... da ignorância
 daQUEle... que deveria esclarecer o juízo... a respeito dos
 fatos que são que serão... submetidos a julgamento...
 ademais... se a lei fala... que o preposto deve ser alguém que
 tenha conhecimento dos fatos em apreciação... não se pode
 inferir daí... que o preposto só por ser empregado... só pela
 circunstância de ser empregado... tenha conhecimento... dos
 fatos em apreciação... sobretudo nas grandes empresas... nas
 empresas que têm grande número de estabelecimentos que
 têm grande número de empregados... de organização
 complexa... frequentemente o preposto empregado que é
 indicado... não pode ter conhecimento diREto... daqueles
 fatos em apreciação... de sorte que o meu entendimento... na
 interpretação do artigo oitocentos e quarenta e três da CLT...
 é de que a empresa... po:de indicar... qualquer pessoa como
 seu preposto... apenas podendo ocorrer se o juiz indagar
 desse preposto... que ele não tem... e ele deve ele o preposto
 declarar que não tem conhecimento dos fatos em
 apreciação... a/ empregado ou não esse preposto... aí o juiz
 tirará... dessa extrairá dessa declaração do preposto... as
 consequências processuais cabíveis... porque se o preposto
 não sabe esclarecer empregado ou não... evidentemente a
 empresa sofrerá prejuízo... em decorrência da falta de
 esclarecimento que DEve ser feito... pelo representante
 indicado... pelo empregador (4s) o novo código do processo
 civil... estabelece (12s) ((ruídos)) no artigo trezentos e
 quarenta e quatro... que é DEFESO a quem ainda não depôs...
 assistir ao interrogatório da outra parte... ((ruído)) mas
 diante desse dispositivo... que teri:a segundo muitos
 aplicação subsidiária... aliás é respeitável esse entendimento...
 alguns juízes... trabalhistas... vêm negando ao advogado
 preposto... ao advogado que é ((ruído)) preposto que
 cumula... a condição de advogado com a condição de
 prepo:sto... o direito de assistirem... ah de assistir... o
 interrogatório da outra parte (4s) trata-se de matéria

delicada... porque se nós fôssemos se ele fosse apenas preposto... não haveria dúvidas ao meu ver... quanto à aplicação da norma no código de processo civil... mas ele sendo advogado preposto e também advogado... será lícito ao juízo... obstar não ao preposto... mas ao advogado... a: presenciar... o interrogatório... da outra parte?... recentemente... essa matéria foi objeto de apreciação... em mandado de segurança... julgado pelo TRT da primeira região... estabeleceu... aquele tribunal que prevalece na hipótese a condição de advogado a condição DO advogado... o direito de permanência do advogado preposto no recinto da audiência... decorre do estatuto da OAB... que assegura ao mesmo a permanência e livre trânsito nos órgãos judiciais... em sessão ou fora dela... esse me parece também... a ((ruído)) interpretação... mais correta... que se pode dar... nesse caso... em que o advogado é cumulati/ cumulativamente paTROno... e preposto... não se poderia dar mesmo ao meu ver... uma interpretação restritiva... porque essa interpretação restritiva tolheria ... o exercício... da atividade profissional... pelo advogado (5s) PODE o preposto recorrer? (4s) é uma indagação que interessa aos advogados... porque se o preposto pode recorrer... nós teríamos a usurpação... de um ato típico de advogado por quem não é advogado... esse aspecto me parece muito importante... muito tempo se admitiu... e ainda hoje há quem admita... que o preposto pode recorrer... aquele que é tão somente preposto... eu não quero me referir àquele que acumula a condição de preposto com a de com a de/ advogado... que aí ele estaria recorrendo não como preposto mas como advogado... mas aquele que é exclusivamente preposto que até pode ser bacharel em direito... mas não está nos autos constituído como advogado... pode o preposto recorrer? entendo que não... porque além... di isso ferir... o princípio segundo o qual... somente pode praticar ato de advocacia o advogado... ou alguém habilitado na Ordem dos Advogados... além disso a própria legislação trabalhista... ao se referir ao preposto... concede a esse preposto a faculdade... de representa:r... a parte nas audiências... ora se é facultado de representar as

partes na audiência... então evidentemente... esse poder do preposto se esgota em primeira instância... se esgota em primeira instância (4s) dúvida houve também... hoje me parece superada... a respeito de se o estagiário pode advogar... pode advogar ou não... se o estagiário pode recorrer... mas... embo:ra... o estatuto da ordem enseje alguma dúvida sobre isso... existe o proibimento... da Ordem dos Advogados muito claro a respeito... de sorte que... eu tenho como pacífico... ninguém mais autorizado para dar essa interpretação do que a própria Ordem dos Advogados... de que o estagiário o estagiário pode recorrer (5s) PO:de o sindicato recorrer:r? (4s) PO:de o sindicato recorrer? (4s) a lei... concede ao sindicato... artigo setecentos e noventa e um da CLT... o poder de representar... os seus associados... a exposição em caráter genérico (3s) mas nós observamos... que existe também na lei trabalhista um artigo... o artigo oitocentos e setenta e dois... parágrafo único da CLT... que diz expressamente que nas ações de cumprimento... naquelas ações que visam à execução de uma sentença normativa... poderá... o sindicato reclamar... a diferença salarial poderá reclamar em nome do associado... a diferença salarial... independentemente da outorga de poderes... essa é a única hipótese da lei trabalhista... em que se admite que o sindicato possa formular em nome de associados... independentemente da outorga de poder... de sorte que salvo essa hipótese... eu não posso compreender... como é que um sindicato possa... representa:r... judicialmente o associado... e muito menos... interpor recurso... em nome do associado... eu entendo que a interposição de recurso... é privativa de advogado... e no processo trabalhista po:de não ser através de advoga:do... dada a amplitude do ius postulandi a que já me referi... mas não posso compreender como o sindicato po:ssa... recorrer de uma decisão sem outorga de poder... porque isso também representaria uma atribuição ao órgão sindical... de uma: competen/ de um órgão de um ato... que é... privativo... de advogado... MESmo nos casos em que o sindicato pode recorrer... eu entendo que só pode fazer através de advogado... eu não posso admitir... não isso me parece que

contraria TOda a sistemática do nosso direito... que o presidente do sindicato o diretor do sindicato possa recorrer de uma decisão... em nome de um seu associado sem SER por intermédio do advogado do sindicato... mesmo na hipótese que o sindicato pode recorrer... deverá fazê-lo através... de advogado... constituído pelo sindicato... outro aspecto a que eu quero me referir... e que me parece digno de nota... é:... a atuação do advogado... na hora da conciliação... o sentido ético... que deve orientar a atuação do advogado... na fase de conciliação... nós sabemos que nessa fase... as partes é que se/... é que sabem das suas conveniências... na hora em que se propõe um acordo em que se cogita de um acordo... as partes devem falar livremente... nessa hora... a interferência de um advogado chega a ser descabida... mas numa visão realista das coisas... temos de admitir que um/ o advogado... exerce em relação ao seu constituinte uma influência... quer dizer o constituinte segue a orientação do advogado... o advogado é que vai dizer ao seu constituinte... até onde ele poderá chegar para conciliar... e muitas vezes... POde ocorrer eu não sei se ocorre muitas vezes mas POde ocorrer... que nessa hora... o outro advogado... deixe de se conduzir... na conformidade... dos princípios éticos que orientam... a atividade profissional... no afã talvez de perceber honorários... então po:de o advogado não deve fazê-lo nem sei se... nes/ se/ o fa:zem mas é admissível que isso ocorra... pode o advogado induzir... o seu constituinte... a um acordo ruinoso... está me parecendo que nessa hora... o advogado deve se imbuir... de uma forma peculiar... daqueles princípios éticos que orientam a sua profissão... cabe ao advogado... estimular... eu quero admitir que cabe ao advogado estimular a conciliação... porque a conciliação... é mesmo o objetivo primordial... da Justiça do Trabalho... e além disso é... pode ser frequentemente o é... uma solução que melhor consulte... aos interesses das partes INcertas... inseGU:ras... quanto aos destino das suas pretensões (3s) mas o advogado nessa hora ele DEve... esclarecer corretamente o seu constituinte... deve dizer da conveniência do acordo do caso concreto... até que ponto... pode a parte transigir... a partir daí a transigência...

se tornaria prejudicial:l... ao constituinte... tudo isso evidentemente em termos de orientação... e de aconselhamento... (11s) ((ruído)) essas as observações... que me parecem mais dignas de atenção... a respeito do assunto que acabei de abordar... é possível que alguma coisa ou muita coisa do pouco que eu disse... éh: seja susceptível de controvérsia... eu diria mesmo... que eu nada disse... que não seja susceptível de controvérsia... que essa controvérsia aliás se reFLEte... nas decisões dos tribunais... e nos comentários da doutrina... de sorte que:... a minha pretensão maior... é apenas de suscitar... determinados problemas... e me daria por satisfeito se:... os comentários que acabei de fazer... ensajassem... alguma indagação ((aplausos))

Projeto NURC/RE - Inquérito nº 343 - Tipo: EF - Data: 27/04/88
- Duração: - Tema: A educação no período imperial - Informante
nº 414 - Sexo: F - Idade: 77 anos (3ª faixa etária) - Formação: Pe-
dagogia - Profissão: professora

Inf. - vou falar um pouquinho sobre ()... qual seria a situação?... onde é que eu tenho que botar ele?... em que altura? em que altura?

Doc. - tá bom aí... tá bom

Inf. - aqui tá bom? aqui tá bom... qual seria a situação... da educação... por ocasião da independência do Brasil?... nós vimos... nós já vimos ((ruído))... nós já vimos a fa/... a fase... após a via:/ reforma do Marquês de Pombal... que você acha desse período? (2s) vimos a reforma do Marquês de Pombal... o que é que vocês acham da reforma?... o que é que vocês acharam? nós vimos naturalmente () nós vimos naturalmente que houve... na modificação na reforma do Marquês de Pombal... a priMEIra reforma de ensino do Brasil... houve pontos naturalmente positivos... e houve pontos negativos... a gente sabe que o ensino ficou muito fragmenta:do... em vez de haver aulas... colégios... organizados... com a estrutura... com a sequên:cia entendeu? com graduação... hou/ houve depois disso... depois da reforma... as aulas se dispersaram em ah escolas isola:das... aulas régias.... eram aulas isoladas... isso... foi o que a independência... que ah o Brasil encontrou... por ocasião da independên:cia... a situação da educação era... precária... nós tínhamos nessa época... um ensino secundário e primário com aulas régias... mas uma ausência de um plano organizacional... inclusive porque elas foram foram inauguradas e foram instaladas... somente treze anos depois... e havia dificuldade de professores... havia dificuldade de ver:bas... porque mesmo quando instituído o sub/ o subsídio literário as verbas não chegavam para pagamento dos

professores... de modo que havia isso... MAS... por outro lado... nós tínhamos um ensino superior já iniciado... por que o ensino superior já estava iniciado? quem iniciou? (4s) vocês devem estar lembrados que foi na época do Dom João Sexto né? quando ele veio para o Brasil... quando a corte portuguesa se mudou para o Brasil... o ensino superior foi iniciado... então nós já tínhamos escolas de medicina... na Bahia e no Rio... nós tínhamos uma academia militar... e nós tínhamos também uma academia naval... além de alguns cursos de economia... e algum/ um curso também de botânica... anexo ao jardim botânico... essa era a situação do ensino superior... de qualquer maneira... mesmo ele tendo sido... criado escolas tendo sido criadas... para atender... às necessidades da corte... quer dizer portanto... com o fim prático imediatista ser/sem se pensar absolutamente em melhoria do Brasil... não era nisto que ele (es)tava pensando... apesar disto... as aulas/ ah: o ensino superior estava iniciado e continuou... no império... porque:... mas a/ ali/ agora além di:sso nós tínhamos uma grande massa de analfabetos porque como eu disse as aulas re/ régias eram muito poucas... principalmente aquelas aulas primárias... que aqueles que queriam estudar... geralmente aprendiam como vocês sabem nos engenhos... nas fazendas... e na na e quando já já tinha vida urbana... naturalmente nas cidades... mas sempre com: esses professores particulares... com os tí:os com os parentes... que ensinavam que davam a BAse pra ir pras aulas régias... que constituíam o ensino secundário DA época... eu eu eu entrei pela situação da educação antes de entrar na na situação do Bra/... do Brasil... agora na É:poça... a situação socioeconômica do Brasil... era a seguinte... nós vimos um resumo ali... naturalmente era um país que estava começando... um país que... começava a ter liberdade a ter independência... e isso influenciou muito para o interesse que se voltou logo em relação à educação... aqui tudo que a gente/ que se reclamava... apare/ veio à to:na nessa época porque o entusiasmo... pela liberdade pela conquista da independência fez com que... as pessoas naturalmente... com maior capacidade intelectual e tudo

e: principalmente os deputados da assembleia constituin:te... se interessassem pelos problemas da educação... aliás a gente sente que foi uma característica... do império... a preocupação com refor:mas... o tempo todo houve VÁrias reformas educacionais... embora não fossem... de GRANde porte... mas era preocupação de mudar de procurar melhora:r... e na constituinte a gente notou muito isso... isso influiu muito esse fato... agora na realidade... nós já estávamos numa situação BEM diferente daquela do Brasil colônia inicial... quando a gente estudou os jesuítas...nós vimos que no início nós não tínhamos nem classe média... e que no fim... quando... quando eles já foram expulsos do Brasil.... já estavam se/ começan:do a surgir:... uma classe média... e com também com a vinda da corte... essa classe média foi crescen:do... foi se amplian:do quer dizer... novas... novas profissões foram surgindo... e isso naturalmente... essas novas profissões exigiam certos conhecimentos... exigiam portanto escolas... o crescimento de classe média... faz/ fez com que surgissem... novas escolas... ou com que se procurasse também a educação (3s) nós já tínhamos visto o colégio exterior e tudo mais não precisa nem mais falar disso né? (4s) Otaísa Romanelli naquele livro que vocês estudaram... vocês pensem/ lembrem-se que ela faz... uma observação muito interessante... a respeito da procura de esco:la e do tipo de esco:la... que essa classe média procurava... (es)tão lembrados? (2s) não é possível () você estudou... () você estudou pois bem... ela lembra justamente isso que... as escolas inicialmente eram para quem? era para a elite não é? para os grandes produtores... e assim foi continuando... mas quando começa a surgir uma classe média... quando come/ que começa geralmen/ real/ realmente com a mineração e com os mineradores... essa classe média não procurou outro tipo de instrução a não ser um/eh... a gente já sabe que naturalmente havia profissões que demandavam pouca instrução... mas essa classe média que foi por exemplo os mineradores foram enriquecendo e tinham potanto/ portanto... recursos econômicos para mandar os filhos estudarem... então eles procuraram... o tipo

o mesmo tipo de esco:la... aquele mesmo tipo de esco:la... assim... mais intelectual... aquele tipo de escola que leVava ao ensino superior... eles procuraram a MESma esco:la... das classes ma/ mais poderosas... por quê?... naturalmente porque todo mundo sa:be que:... eles queriam melhorar de *status*... na é:poca... já se considerava ter um curso superior... ter mesmo um curso se/ o curso secundá:rio da é:poca... () ou outra... já se considera:va um: equivalen:te ao título de no:bre... então quem tinha o curso superior tinha o equivalente ao título de nobre... então a classe média procurou... o mesmo tipo de escola... lembrem-se dessa observação né? que vocês leram... o mesmo tipo de escola ele procurou se unir... àquela escola... mais intelectualizada... não procu/ ninguém procurou... o ensino profissional... isso é bom pra a gente pensar como... desde aí o ensino profissional foi relegado sempre a um segundo plano não é?... porque naturalmente eles não procuram... e não procurava porque como ela diz... eles iam se unir com quem?... o ensino manu/ o trabalho manual era um traba:lho de escravos... era o trabalho de todos aqueles que não tinham realmente/Livres... mas que não tinham outras condições de vida... então é claro que eles não iam procurar um tipo de tra/ um tipo de estudo desse... eles iam procurar um tipo de:... de: estudo mais elevado... e também... de toda maneira... o Brasil da é:poca não... não comportaria cursos TÉCnicos... no sentido de hoje né?... a gente tem que ver isso também a sociedade não comportaria... mas então depois dessa observação... vamos fazer assim uma sequência... das diversas épocas... das e/ das etapas do ensino no: no no como: vamos dizer no império e também... do tipo de ensino... a gente vai olhar um pouco o ensino secundário... o ensino superior... o ensino... profissional primário e feminino ((risos))... de cada um a gente vai ver um pouquinho viu ? pra a gente ter uma visão mais geral... logo ali... eu botei assim legislação inicial... a legislação inicial foi instala:da... ou por outra feita a independência... instalou-se como vocês todos sabem a assembleia constituinte... e aí:... como eu disse no iní:cio... é que re/se refletiu... justamente aquele élan todo pela educação...

aquele entusiasmo... que o povo estava... em relação... a melhorar a educação no país... na assembleia constituinte houve uma Série de debates... e... Martim Francisco... irmão de José Bonifácio... ((voltando-se para o gravador)) eu estou de costas pra ele... esqueci... totalmente... atrapalho/?

Doc. - tem nada não

Inf. - eu acho que tudo isso vai sair... as minhas perguntas que eu faço eu não me lembrei mais que eu (es)tava gravando de jeito nenhum ((risos)) Martim Francisco... ele apresentou o que se chamou memória... instituindo a educação como dever do Estado... provando que era dever... a expressão era essa... “a educação é um dever do suserano para com os vassalos”... entendeu? quer dizer... era um dever dar educação... já aí vinha a ideia de oferecer educação... de oferecer pelo menos... uma instrução simples... primária... a todos os cidadãos... de modo/... veio essa ideia... veio também... a educação como um dever do Estado... e a ideia de graduação do ensino... distribuição racional de escolas... a assembleia constituinte... lembra/... ele/ os constituintes lembravam que deveria haver escolas... vamos usar a linguagem de hoje?... primeiro grau segundo grau e terceiro grau... sendo que as escolas primárias... eles falavam mesmo no termo primário... as escolas primárias deveria haver... em todos os lugares... do Brasil... qualquer povoadinho... as escolas secundárias seriam mais para o as sedes assim dos municípios... e escolas... superiores naturalmente seriam teriam deveriam ser públicas... nós não tínhamos também... tanta gente para ir pra a escola superior uma vez que a escola era toda... era mesmo realmente para a elite né?... a elite aí já com duas classes... a média superior... vamos dizer assim... e a: classe... a: classe... da aristocracia rural (5s) essa ideia de graduação de ensino foi muito importada da França... nós aí estávamos sofrendo/... nós tínhamos saído da influência portuguesa... né? da colônia nós sofreremos muita influência portuguesa... mas já no fim... nós estávamos começando a sofrer a influência das ideias francesas... você veja que já... a reforma/ a reforma de Pombal já foi muito baseada... na na

filoso/... numa filosofia importa:da da França... e depois...
no na independência mesmo com a vinda da corte...
porque naturalmente... muitos costumes muita coisa veio da
Europa... a missão francesa também influenciou... naturalmente
pra isso... e nós estávamos importando muito da cultura
francesa... no império a gente nota em tudo... até na domina/
na denominação das escolas... as escolas no império
geralmente eram liceus... liceu é a escola secundária francesa
até hoje... então eram liceus provinciais às vezes os ateneus
geralmente... eram liceus... e tudo mais... nós sempre nos
preocupávamos... em produzir... em fazer... de acordo com...
a linha de educação francesa...

L.A. - ()

Inf. - copiaram?

L.A. - não

Inf. - se quiserem eu volto depois pra copiar... ((dirigindo-se ao documentador)) atrapalha você ou você para? (11s)

L.A. - ()

Inf. - pelo menos você () vocês viram também... vocês sabem
que a consti/ a assembleia constituinte de mil oitocentos e
vinte e três foi dissolvida né?... todo mundo... estudou em
história... foi dissolvida... por Dom Pedro Primeiro... e que
a constituição de mil oitocentos e vinte quatro... a primeira
constituição BRAsileira... foi uma constituição ou-tor-
ga:da:... quer dizer foi feita naturalmente ga/ constituição
de gabinete... nessa constituição... ela era talvez mais restrita
em matéria de educação... mas assim mesmo... ela instituiu
ou por outra apresentou... o termo primário... e:... como
princípios básicos da constituição... estavam a gratuidade
e a liberdade de ensino... os princípios de gratuidade e
de liberdade de ensino se repetiram em todas as nossas
constituições... a gratuidade:de ele ele falava do ensino
primário... a gratuidade/ portanto o termo primário apareceu
na constituição... o termo primário é um pouco mais elevado

né?... do que a escola de primeiras letras... o primário pelo menos a/ ABRANge alguma coisa mais... então ele definiu o termo primário e:... a instrução primária é gratuita a todos os cidadãos... como dizia a constituição... e dizi/ e falava também... não diretamente mas indiretamente na liberdade/ que havia liberdade de profissões... mas responsabilizando e tudo que: dá a entender que deveria haver uma uma inspeção () indiretamente diz... porque eles deviam portanto se responsabiliza:r... fazer os trabalhos corretamen:te isso em em liberdade de profissão EM geral... estaria incluída também a do magistério... então... houve: liberdade no ensino particular... e a gente vai olhar um pouquinho quando chegar mais para o fim do império... que nessa época os colégios particulares surgiram em grande número... tanto colégios... mais simples inferiores... mais comerciais... como também... colégios realmente... bons... que se preocupavam realmente com a educação... houve assim uma GRAN:de desenvolvimento no ensino par/ no ensino particular no império... isso foi também ((ruído)) uma característica do império... a a/... o ensino part/ o desenvolvimento do ensino particular... principalmente na segunda metade... (6s) em mil oitocentos e vinte e sete... prosseguindo... houve... em se/ a seguir à constituição... houve a primeira lei nacional do ensi:no... eu quero lembrar isso... embora seja uma lei que se fosse uma lei nacional... com ares de:... de lei geral... ela foi se: diri/ se dirigiu principalmente... ao ensino primário... mas não usava mais a expressão primário... usava escolas de primeiras letras... quer dizer porque realmen:te dá uma ideia de: um:... assim de uma escola mais simples... primeiras letras... quer dizer parece dá a impressão... de só alfabetização... e alguns conhecimentos... realmente essas essa:... ge/lei... ela foi a pri/ a a Única lei do ensino que se referiu... lei nacional.. do ensino primário até mil novecentos e quarenta e seis... não quer dizer que o ensino primário ficasse regido por ela até mil novecentos e quarenta e seis... mas foi a Única a nível nacional... porque depois o ensino primário foi entregue às províncias e aos estados... na república... de modo que ela foi a única lei assim... e essa

lei instituí:a... realmente ela aborda:va vários aspectos... ela falava da/ de... dava o currículo do ensino de primeiras letras... o currículo seria naturalmente a leitu:ra... a leitura e a escrita... e eu quero lembrar que a le/ a leitura era feita... a/ depois naturalmente que aprendiam a técnica... eram feitas... era feita só na: constituição brasileira na história do Brasil... era uma maneira portanto de se estudar a história... a matemática entrava assim num nível muito pequeno... então era: matemática era: pra a escola primária... era naturalmente as quatro operações... frações... ordinárias e decimais sistema mé:trico:... sendo que... aí é muito interessante a gente ver... sendo que PARA as meninas... era suficiente as quatro operações... já daí ((rindo)) começa uma discriminação... menina não precisa estudar matemática... ou talvez não tenha capacidade... a gente não sabe qual é/ qual qual foi a ideia... entendeu?... de modo que as meninas só faziam as quatro operaçõ:es... e as outras horas que eram consagradas à matemática... elas iriam aprender prendas domésticas

L.A. - aprender o quê?

Inf. - prendas domésticas... () (5s) bom mas também ela instituiu além do currículo... criou aqui no Brasil aquilo que a gente chama sistema monitorial... nós hoje ainda temos monitores né?... e esses monitores... são assim uma herança... mais ou menos dessa época... esse sistema mono/ monitorial... que era sistema lancasteriano... ele foi criado na Inglaterra... entendeu? e proporcionava a um professor abranger até quinhentos alunos ((risos))... () quinhentos alunos... mas o/ porquê na Ingl/ na Inglaterra estava em processo de industrialização... o Brasil não precisava disso... nós sempre transplantamos... então a gente transplanta... um tipo de: uma... um mé:todo de ensino que era muito necessário lá... e que aqui/... há um livro muito interessante que fala sobre... verbas no império e tudo diz que aqui havia uma dificuldade enor:me... de trabalho... de verbas e tudo... ele geralmente... era muito... era muito organizado assim muito: rígido... então consistia assim um grupo de alunos... dois a dois... que eram o: decuriões... então dois/ aqueles grupinhos

de dez dois a dois... mas acontece que:... era na base da memorização... então era o aluno que tinha aprendido estudado a lição... entendeu? naturalmente fazia com que outros estudassem e ia verificar se eles tinham aprendido... não era nem transmitir alguma coisa... ou explicar... era verificar a memorização dos outros... e havia os monitores que: eles controla:vam... mais ou menos diversos grupos... de modo que isso realmente no Brasil não pegou muito e e depois ele foi... se adaptando a nossa realidade... então já: no Ginásio Pernambucano quando foi cria:do... um aluno a/ de uma classe mais adiantada... ajudaria o professor de outra... ali já tem um:... a ideia pegou mas pego:u se adaptando... na realidade mesmo... como era o mé:todo/ () sim porque na Inglaterra dava muito bem mas para o Brasil não DAva... nós não tínhamos a menor necessidade de adotar um:/... de expandir a escola aqui/... quando nessa época a escola era muito pouco procurada... e houve até uma época no império que até:... se chego:u... a quase a gratificar e a pagar professor ir pra escola... quer dizer que não havia portanto esse interesse porque nós não tínhamos assim... não sentíamos a necessidade de instrução... a gente vê hoje... quando todo mundo PELO menos o primeiro grau a pessoa tem que ter né? pra pra conseguir um emprego mínimo... mas naquela época não havia não havia... as profissões não exigiam tanto... sim mas também é preciso lembra:r que:... a/ pela primeira vez também...se instituiu no Brasil com essa lei a carreira do professor... então o professor deveria ser seleciona:do... havia uma SELEção para o professor... havia... o que a gente chama hoje gratificação adicional por tempo de serviço... quer dizer o professor iria aumentando os vencimentos... de acordo com o tempo de serviço... e havia também pela primeira vez aposentadoria... quer dizer porque até aí ensinava... acabou deixou deixou... com a aposentadoria do professor... essa lei foi em quin:ze de outubro de mil novecentos e vinte e sete... eu não sei se é por isso o dia do professor é quinze de outubro... se não é é coincidência ((rindo))... entendeu? mas a/ pela primei/ a priMEIra lei sobre a carreira do professor dia quinze de outubro é provável que seja né?... de modo que

ESSA lei realmente como eu disse atingiu... o ensi/ o ensino primá:rio... mas nada disso se referia ao ensino de segundo grau... quando muito o sistema monitorial... era o único que poderia adquirir () é a carreira do professor...

L.A. - ()

Inf. - áh mas... é notado também no império em relação ao ensino superior isso... () sobre o ensino superior... a criação dos cursos jurí:dicos... vocês notem que Dom João Sexto criou vá:rios cursos... mas não criou o curso de direito... não interessa:va... a Dom João sex/ ao: governo portuguê:s... que o Brasil... tivesse a sua/ o seu pensamento jurídico as suas leis... entendeu?... e naturalmente o curso de direito iria levar a isso né?... então nós teríamos que obedecer às leis portuguesas... uma vez que... o Brasil independente então houve assim essa preocupação de cria:r e foram criados em mil oitocentos e vinte e sete os cursos jurídicos como vocês sabem em São Paulo e Recife... eles foram criados aqui em mi/ no Recife foi onze de agosto de mil oitocentos e vinte e sete... era... era considerado/ era feriado antigamente/ até () não hoje ainda é feriado na universidade... era feriado em geral eu me lembro quando eu era menina no colégio Onze de Agosto era feriado... feria:do mesmo... pra todo mundo... mas agora é feriado na universidade e é por isso... por isso que se considera o dia da universidade onze de agosto... porque a criação dos cursos jurídicos quer dizer... foi um ma:rcos portanto porque... como dizem alguns autores... o Brasil criando os cursos jurídicos... ficou LI:vre da influência... da ma/ ma/ em termos jurídicos da influência portuguesa... livre totalmente da influência portuguesa (4s) bem até aí... também começa ((ruídos)) () um pouquinho antes surgiu... ele constata:va mais ou menos daquela linha... de aulas ré:gias () ... não tínhamos ainda...uma organização escolar realmente... porque essa lei não organizou assim o ensino secundário... apenas em Pernambuco... houve em mil novecentos/ em mil oitocentos e vinte e seis... a criação do Liceu Provincial de Pernambuco... conhecem ele?... Ginásio Pernambucano hoje... ele vem daí:... criou-se como

Liceu Provincial de Pernambuco... e ele criou-se assim... não somente agrupando aulas régias... mas dando assim uma certa graduação... uma certa organização diferente... isso por causa da influência do seminário de Olin:da... a/ a eu falei a vocês não falei no seminário de Olinda?... pela influência do seminário de Olinda eles organizaram assim... mas esse foi um fato isolado... a criação do Liceu Provincial de Pernambuco foi um fato isolado... eu tenho um filmezinho aí... tenho um filmezinho aí que passa o Liceu Pernambuc/ o Ginás:sio Pernambucano: ... o Liceu de Artes e Ofí:cios também criados no império... as meninas da da... sexta-feira passada ()... de modo que a re/... em relação ao ensino superior () foi isso... e também já que estou falando nisso vou lembrar uma coisa... realmente... apesar de nós termos escola de medicina... depois escola de engenharia... porque... a Escola de Engenharia do Exército né? se transformou a escola de segundo grau... se transformou em politécnica... nós temos tínhamos também OUtras escolas superiores... a PREFERÊNCIA foi para a escola de direito... para as escolas jurídicas... a preferência... re/ realmente foi pra elas... então isso se continuou até mesmo... na primeira república TOdi:nha... ah/ vamos dizer... a MAtrícula nos cursos jurídicos era muito maior do que nos outros ((ruído)) ()... por que terá sido? quem quer falar? vocês estão mudas? vocês são mudas?... por que essa preferência pelo curso jurídico? já se dizia que o Brasil era um país de bacharéis... (3s) por quê? por que a preferência?... olhem... pensem bem no tipo de curso... acontece que... quando a gente fala... no: direito... no estudo de direito a gente só pensa no direito... na legislação e na profissionalização não é?... aquele que vai advoga:r () direito civil... comercial... todos esses direitos... trabalhista e tudo mais então a gente só pensa nisso... mas acontece que o curso de direito era um curso que dava uma formação muito bo:a... cultural e humanística... então da/ dava realmen:te... uma cultura geral ao aluno... viu?... e por isso ele era preferido... não somente pela nossa... tradição já que se gostava de humanidades... como também porque ele abri:a... um leque ENOR:ME... de oportunidades para

o aluno... para o egresso de artes... porque realmente do curso de direito... saíam aqueles que iam administrar... se era bacharel em direito... ele... podia ser um administrador... podia ocupar cargos... saíam geralmente os políticos... os jornalistas... escritores... quer dizer... eles davam assim/... havia vários caminhos... de modo que era por isso que ele era tão... tão preferido... não é BEM/ e também saíam aqueles que iam advogar... que iam exercer a profissão realmente... mas não era somente... a maioria nem ia pela profissão... a maioria não eu me lembro de Carlos Maciel... que morreu há pouco tempo um juiz que foi professor daqui:... que morreu moço quarenta e oito anos... e que viveu... no tempo dele que já era muito recente... ele dizia que quando aconte/ quando os alunos/ aquele aluno que se interessa:va muito realmente... pela... pela: le:i... pelo: pelo dire:ito em si... ele chamava... são os juristas... então o que eles queriam realmente era:... a/...re/ realmente era uma cultura mais... diferente... uma filosofia diferente... literatura era muito mais isso... de modo que por isso ele começou a ser muito preferido... porque realmente ele dava mais né?... ajudava muito o aluno... bem a gente estava nesta situação... com a lei geral sobre o ensino... foi com com:/... vamos dizer assim o governo central... dirigindo o ensino superior...com aulas régias... esparsas... portanto pouco ensino particular inicialmen:te... apesar da liberda:de... quando em mil oitocentos e vinte/ e trinta e quatro... você veja bem a constituição foi em mil oitocentos e vinte e quatro... em mil oitocentos e trinta e qua:tro... houve... o ato adicional à constituição... este ato adicional à constituição entre outros itens que não interessam à gente... são sobre o ensino... DEScentralizou o ensino primá:rio... e o ensino secundá:rio... então ele dizia... “transfere... às províncias... o direito de legislar”... ()... sobre o ensino primá:rio e secundá:rio... então o en/... vamos dizer assim o governo centra:l do impé:rio... delegou às províncias... o direito de legislar... e administrar o ensino primá:rio e o ensino secundário... logo o ensino foi/... primário e secundário foram DEScentralizados... agora me digam... me FAlem por favor... o que é que vocês Acham dessa descentralização?...

É boa essa descentralização?... seria boa?... seria bom para o ensino?... todo mundo mudo eu acho que ninguém quer/ quer gravar a voz ((risos)) só eu... estão calados (5s) o que é que vocês acham?

L.A. - ()

Inf. - bem minha gente... no Brasil... vocês acham que o ensino deveria ser centralizado?

L.A. - ()

Inf. - na época isso foi naturalmente atendendo assim a:... vamos dizer assim o anseio de federalizar de distribuir o poder pelas províncias... quer dizer... foi portanto o aspecto político... mas TAMBÉM... havia muita gente/ muita/ uma pregação muito grande sobre co/... que era melhor administrar de perto... e realmente é:... a gente tem mais possibilidade de atender à realidade de cada um... mas será que isso funcionou? (3s) vocês acham que todas as províncias estavam em condições de arcar com as despesas do ensino primário e secundário?... tinham condições iguais?... vocês acham que São Paulo que já ia enriquecendo... com café e tudo... poderia estar nas mesmas condições do/ do Amazo: nas do Piauí: ou mesmo de outros es/ dos outros estados não?... então havia assim... realmente uma diferença MUITO grande de condições

L.A. - havia uma dependência da economia nas áreas mais desenvolvidas ()

Inf. - agora eu quero lembrar isso... então competiria ao governo central... vamos dizer diminuir um pouco essas essa diferença... isso não ho:uve então não houve assim uma colaboração... do governo central... vocês que estudaram financiamento vocês veem que o governo... vamos dizer assim... a união tem o dever de assistir financeiramente os estados né?... na medida de suas deficiências... foi isso o que faltou... isso que só foi entendido mais ou menos de trinta para cá... entendeu? mas até aí não... então ne/ houve

necessariamente esse desNível da educação dos estados... hoje apesar de tudo ainda há um certo desnível né? apesar de haver um/ uma: assistência financeira da união... mas a gente sente que há:... naturalmente as condições continuam diferentes um para outro... mas aí houve totalmente... então isso foi a grande FA:lha... do ato adicional essa omissão completa... da união em relação às províncias (3s) mas o ato adicional também... trouxe assim... eu acho como ponto positivo... talvez... a criação de escolas normais ((ruídos)) (15s) criação de escolas normais por isso... porque: uma vez que cada es/ cada província ia ser responsável pelo seu ensino... ela teve que organizar o seu sistema... teve que organizar o ensino... primário e secundário... teve que organiza/... assim o número de sé::ries... e naturalmente o currículo então houve diferença na no interesse entre o currículo... de cada província... mas... acontece que nós não aproveitamos realmente dessa descentralização pra atender à necessidade de cada estado... o que aconteceu... ()... o que aconteceu foi isso... que os estados/ nós tínhamos como eu disse... logo no princípio... uma preocupação muito gran:de... com o ensino... europeu... com o ensino francês principalmente... então o/ os est/ as províncias quer dizer... as províncias organizavam os seus currí:culos... o seu ensino primário por exemplo... elas organizaram... em sete sé:ries... curso elementa:r e complementa:r... quer dizer quando realmente... os alunos... já iam tarde para a escola e frequentavam talvez uns dois ou três anos... aqueles que frequentavam... então não era/ eram uns currículos assim completamente fora da realidade... eram uns currículos copiados da Europa... infelizmente foi isso que aconteceu na maioria das das províncias... só aos poucos o/ o currículo/... muito grande... muito exten:so... e... completamente fo:ra/... não a/ não atendi:a realmente... era melhor uma escola primária de três anos bem feita... bo:a... que preparasse o aluno... pra depois ele ()/ porque a maioria não ia mesmo mais continuar:... do que uma escola desse tipo... porque eles iam aprender conhecimentos que não interessa:vam... desinteressan:tes... e que não/ nem alcançavam porque

deixavam logo... inicialmente deixavam... geralmente... não se ia pra escola tão cedo... ia à escola mais tarde precisava trabalhar e abandonava a escola... bem isso era a escola primária... vamos dizer a escola primária... popular... () modo que isso foi uma falha... mas ao mesmo tempo... as escolas nor/ a criação das escolas normais... foi um ponto positivo... porque... ca/uma vez que as províncias se sentiram res:ponsá:veis... pelo ensino... elas sentiram a necessida:de de prepara:r o professor... então a primeira escola normal... foi no Rio... município da corte... primeira escola normal... mas era muito sim:ples... era uma escola tão simples que o direto:r... ele era o diretor e era o único professor... mas pelo menos tinham algum estudo... depois disso houve uma escola em São Paulo também... mais com um treinamento em serviço... do que mesmo aulas... e orientação... Pernambu:co... fundou a escola normal... em mil novecentos em mil oitocentos e sessenta e quatro... de modo que es/ ela está aí ho:je como Institutos/ Instituto de Educação de Pernambuco... era na época... escola normal oficial... então... mudou... agora era EXclusivamente para homens vocês sabem né?... uma vez que as mulheres... não iam trabalhar... a escola normal inicialmente foi para homens... a escola normal Pinto Júnio:r... que veio depois ... é incrível mas eu não me lembro agora da da:ta... parece que foi mil oitocentos e setenta ou coisa que o valha... eu não me lembro por que eu tenho até um histórico da/... o/ do primeiro estatuto da Pinto Júnior em casa... mas não me lembro da data agora... a escola Pinto Júnior... é que foi a primeira escola realmente em Pernambuco aberta para moças... o statu:/ o regimento dela diz... “escola normal para senho:ras”... a escola normal só depois de algum tem:po no fim do império é que ela começou: a atender uma clientela feminina... isso com muitas recomendações... para que as meninas ficassem de um lado e os meninos do outro e as mães pudessem vigiar... ainda tem essa

L.A - () mas mesmo assim os currículos eram diferentes né?

Inf. - não... aí: no caso... no caso das escolas normais não... porque elas iam aprende:r... o que era chama/ éh/... o conjunto que

chamava pedagogias... entendeu?... era mais isso... não é?
()... então o o: ligeiro/ ah uma ligeira (psicologia)... de
modo que aí como elas eram exclusivamente profissional:... o
currículo era igual... agora o que era diferente era o currículo
de/ das escolas secundárias ((ruídos)) de meninos... esse era
totalmente diferente... de modo que... houve isso (6s)

L.A. - ()

Inf. - () depois do ato adicional... os os o/ também começaram
ser organizados os liceus provinciais... eu falei no de
Pernambuco porque foi antes... mas o... Liceu Provincial
da Bahia foi muito conhecido... Liceu Provincial do
Rio... então vários currículos começaram a organizar...
agrupando aulas régias... e liceus... (mil oitocentos e vinte
e seis) em Pernambuco... e Aí houve então da parte do
governo central... a criação também... de um grande colégio
secundário... no Rio... que foi o colégio de... de: de Pedro
segundo... eu estou dizendo de: porque outro dia eu já
li... que o correto é isso... colégio DE Pedro segundo e não
colégio Dom Pedro segundo... como a gente chama... então
o colégio de Pedro segundo instituído no Rio... já teve
uma organização GRADUA:DA... ele foi organizado por
sete séries... com um currículo enciclopédico... viu?... mas
sempre vocês sabem sempre com aquela preocupação... dos
programas franceses dos livros franceses... existe um livro
aí: Maria... Maria não sei o que lá Ribeiro... não é? aquela...
existe um livro aí... que fala sobre a/ organiza/... a educação
no império... em que a auto:ra... lembra... que: eh foi
recomenda:do... e nos colégios particulares se adotou muito...
compêndios franceses... uma vez que... eles eram muito
melhores e muito mais bem feitos do que os livros feitos
no Brasil... então você veja a preocupação que nós tínhamos
era até isso... até os livros que os alunos estudavam... eram
os: preferencialmente em francês... nós... olhávamos todo
o programa em francês... mas o colégio Pedro segun:do...
ficou sendo então... o mais importante... e acontece que
foi/ ele ficou e se TRANSformou... no estabelecimento
padrão de ensino... até mil novecentos e sessenta e um...

agora vamos ver o porquê... deixa aquele () adicional agora que eu vou vou... falar sobre o secundário... porque vocês se lembram... que o ato adicional... descentralizou o secundário né?... o primário continuou descentraliza:do até mil novecentos e quarenta e seis... quando houve uma lei... nacional... isso mesmo não ficou/ não foi TÃO seguido assim não... rigorosamente seguida não... o ensino normal vai ser descentralizado... porque nasceu pelas províncias... atendendo ao ensino primário... e como o ensino primá:rio... das escolas públicas... Era o ensino popular... o governo central não se interessou por ele... mas ele começou a se interessa:r pelo ensino secundá:rio... por quê?... por que ele se interessou pelo ensino secundário?

L.A. - ()

Inf. - ()

L.A. - ()

Inf. - eu estou falando agora ()

L.A. - ()

Inf. - () mas aqui nã/ no Pedro Segundo não... no Pedro Segundo não... foi abe:rto... foi abe:rto... isso aí era geralmente pra menina... não... bem... (que é que eu estava dizendo... sim...) eu esta:va (5s) eu estava lembrando isso não era? que o: governo central... que o governo central começou a se preocupa:r com o ensino secundário... até o fato de ter descentraliza:do o ensino secundário apesar de ter dito que as províncias é que deveriam legislar sobre o ensino secundá:rio... o governo central começo:u... INDÍretamente a... entrar no ensino secundário legislando (dando) normas... por quê? a única função do ensino secundário era preparar para o: pa/ para... o ensino superior... igualmente o ensino superior começou a fazer EXIgê:ncias... para os alunos que iam entrar... entendeu?... e começaram a exigir inicia:lmente... exame no Pedro segundo... então SÓ... entrava numa escola superior mesmo que ela fosse em Pernambuco

direito... quem tivesse feito o exame no Pedro segundo... então os exa:mes... era aquele tipo de exames parcela:dos... exames por disciplina... então você vinha fazer o exame no Pedro segundo... e depois mesmo... bancas instituídas no município da corte... então você de qualquer esta:do do Brasil... seria difícil né?... você teria que:... se:... sair PARA o colégio de Pedro Segundo para estuda:r... fazer lá... ou então para fazer os exames... no Rio de Janeiro... pra poder ingressar... depo/ naturalmente isso veio... essas dificuldades todas fez com que... se fosse abrindo um le:que... e se começou então... os liceus provinciais... começaram... a pedir... que eles também pudessem ter o direito... de nos seus cursos fazer exa:mes preparatórios... e os alunos poderem entrar numa escola... numa escola superior... foi concedido isso aos liceus provinciais... conTANTo QUE... eles adotassem o mesmo programa do curso... então já começa a uniformizar... já começa a descentralizar... embora pela lei... não não... não existi:sse esse poder... do ens/ do governo central... eles começaram a centralizar pelo inte:resse que tinham de preparar os alunos nas escolas superiores... agora depois disso com o desenvolvimento do ensino particula:r... este direito foi também estendido aos ensinos particulares... e na república se continuou... e: na re/ na:... na reforma de Epitácio Pessoa em mil novecentos e um... ele instituiu... Colégio Pedro segundo como padrão... e até os livros antigos... se vocês encontrarem um livro antigo... até mesmo isso o autor sempre botava assim... éh: professo:r qualquer coisa... do colégio equiparado ao Pedro segundo... a preocupação era ser igual ao Pedro segundo... vocês vejam então... que na realidade a gente começou... não somente com a dualidade dos sistemas... o sistema... a/ central a nível nacional no império depois federal... e os sis/ e os sistemas provinciais... de ensino... então nós tínhamos isso... e ao mesmo tempo... nós tínhamos... um ato adicional... que mandava que as províncias legislassem sobre o ensino secundário... e o/ na realida:de o ensino secundário sendo dirigido pelo governo central... então na realidade/ é sempre no Brasil é muito isso lei pra um lado... e realidade pra

outro... não é isso mesmo?... a gente vê muito vê muito isso...
 () já que C. perguntou... uma menina perguntou... se... o
 ensino secundário não seria feminino eu quero lembrar que
 esse ensino secundário nos liceus provinciais... eles eram
 frequentados realmente... por rapazes... o Pedro segundo
 abriu... o curso feminino mas não deu certo... não foi muito
 frequentado... ele abriu realmente... o curso feminino... já no
 fim do império mas não deu certo... no entanto o ensino
 secundário: o feminino... () desenvolveu-se no império
 muito... à custa do ensino particular... viu?... porque no
 ensino particular não era somente/... quer dizer havia
 colégios masculinos e colégios femininos... então... você veja
 no império... várias ordens religiosas entraram aqui... então/
 ordens religiosas femininas abriram colégios femininos...
 ordens religiosas masculinas abriram masculinos não é isso
 mesmo?... então... em relação ao ensino particular houve um
 desenvolvimento muito grande... o livro também de Maria
 é: Maria José Ribeiro () parece... esse livro também diz/
 que fala sobre a educação no império... ele aborda o tipo de
 ensino secundário feminino no Rio de Janeiro... então diz
 que no município da corte... claro que havia colégios... muito
 simples... femininos... mas... inferiores... e também
 masculinos não é? e havia aqueles que eram... (muito rudimentar/
 vamos) vamos dizer assim de terceira categoria... mas
 havia também colégios bons... e nos colégios femininos da
 corte... DIRIGIDOS... por moças estrangeiras... repare
 sempre alguém de fora... influenciando no ensino... o... currículo
 feminino realmente... era muito diferenciado... nos outros
 colégios também nós tínhamos um currículo diferenciado...
 lá... eles haviam/ além... do estudo... geralmente do francês...
 o francês era indispensável... o inglês era menos mas também
 se estudava... mas o principal era o francês... o português...
 era mais... abandonado... entendeu? não nas escolas... era
 muito mais o francês... mas se estudava um pouco de
 literatura... estudava também Artes... pintura... música...
 prendas domésticas... geralmente... isso de uma maneira
 geral... em todos os colégios femininos... secundários
 femininos o currículo era mais ou menos esse... prendas

domésticas... e ain:da... um pouco de:... do que chamavam pedagogia... ligei:ras noções... porque era realmente... as moças que iam pra esses colégios particulares... estavam se preparando pra mãe de família... então por isso davam algumas noções sobre educação... e nos colégios femininos do Rio de Janeiro... dirigidos pelas senhoras estrangeiras... os principiAIS colégios... eles ofereciam... à moda da França... matinês musicais... saraus... rendez-vous como chamavam... quer dizer... então à noite havia por exemplo saraus musicais... e depois/ e depois disso danças... até duas horas da madrugada:da () porQUE: elas precisavam saber viver em sociedade... era a preocupação... portanto você veja que era um ensino ALTAMENTE elitista... quem era que ia pra um tipo de colégio desse?... era naturalmente a classe mais alta ... que ia pra um colégio desse... entende? deveria ser um colégio CARO... realmente... porque um colégio que dava todo esse ensinamen:to... e ainda.... proporcionava etique:tas... boas maneiras... hábitos de condu/de se conduzir em socieda:de... seria necessariamente um colégio rico... agora nós tivemos outros colégios femini:nos... os de ordem religiosas em geral... não tinham não tinha isto... não podia ter... a/a/as freiras não iam oferecer danças nas sa/nas as/nas: aulas delas... mas os colé:gios... de estrangeiras... dirigidos por estrangeiras... no Rio de Janeiro... ofereciam tudo isso... de modo que era... REALmente os colégios femini:nos... tinham uma educação artística... né? porque realmente a pessoa/todo mundo aprendia pintu:ra... todo mundo aprendia de/... aprendia desenho aprendia pintura aprendia pia:no... piano principalmente né?... devia também aprender outros instrumentos... e ainda aprendiam/... aí aprendia... francês: todo mundo era/ bom-tom falar francês... falar francês e ler em francês... literatura france:sa... era o que mais se fazia... todo mundo fazia... eu disse eu digo sem:pre que: quando minha mãe morreu... eu fiquei três anos na casa de minha avó... e me espantava muito porque ela vivia lendo em francês... e rezando em francês e fazendo tudo em francês... pois bem é claro ela tinha estudado no colégio... tinha que aprender francês... de modo que era essa o ensino feminino

REALmen:te... se a gen:te for considera:r... o ensino femini:no... a gente hoje acha graça... mas PAra a realidade da é:poca... ele era mais adequa:do... elas não estavam se preparando para uma profissão estavam?... não estavam se preparando para um curso universitá:rio... então... o ensi:no que era ministra:do às mo:ças... era um ensino NECESSÁ:rio para a vida delas futura... era um ensino realmen:te... assim... adequado à realidade que elas iam viver... agora... depois... começaram logo ainda no fim do impé:rio... começaram os colégios particula:res... a/a:... instituírem os cursos normais... então aqueles cursos normais... que eram somen:te... ini/ o/ oficiais... começaram a ser adota:dos... nos colégios particula:res... e foram... essas alunas que iam freqüentar... se interessaram logo muito pelos colégios particulares... Maria José () diz que realmen:te... o colégio particu/ que o ensino normal... desenvolvi:do nos colégios particulares atendi:a... à classe a a classe que frequentava geralmente esses colégios... atendia por quê?... elas não deixavam de ter nada daquilo... de a:rte... de prendas domé:sticas... tudo daquilo/ literatu:ra tudo que estudavam... mas elas iam aprender ALÉM disso... para as disciplinas pedagógicas... então iriam ter o diplo:ma... então Maria José () diz que ele funcionava um pouco como um seguro de vida... por quê? é... seguro de vida... por quê?... os cursos normais... particula:res... por quê? elas iriam ali estudavam né?... não/iam ser mãe de família casar e mãe de família ninguém estava pensando em trabalhar... mas se algum dia precisassem... elas teriam um diplo:ma que proporcionaria um trabalho adequado à mulher... entendeu? porque na é:poca... quando as mulheres começaram a trabalhar... o único trabalho realmente que existia pra elas... seria professora primária... agora nas escolas normais... quem ia pra escola normal...depois que ela foi feminina... ou quem ia pra Pinto Júnior... porque era foi a escola normal gratuita... até os professores da escola Pinto Júnior... eu sei também porque meu pai foi... professor da escola Pinto Júnior ATÉ: determinada época não sei se quarenta ou cinquenta... eles não recebiam... NADA... era/eles ensinavam ali de graça gratuitamente... entendeu?... de modo que era uma escola

assim gratuita então quem procurava a moça que procurava é porque queria ser professora... é porque queria trabalhar... mas não as que iam pra colégio particular... a: a Pinto Júnior foi criada por uma sociedade... fundada no império sociedade propagadora de instrução pública... pouca gente sabe mas ela ainda existe... e hoje são os professores que formam... a sociedade... foi mantida por essa sociedade... durante muito tempo... de modo que é FOI esse o panorama do ensino feminino na época... isso em Pernambuco e isso em outros estados...em Pernambuco a gente sabe que ATÉ pouco tempo... todo colégio de interior de freiras (tudo isso) tinha uma escola normal... tinha o curso normal... depois caiu... de se/ de: setenta e um pra cá o normal... caiu... agora... há um movimento nacional pra revitalizar o ensino normal... é: esse aí... esse foi o panorama do ensino feminino... CLARO que houve no meio disso... houve mulheres que estudaram... que fizeram o curso secundário... mas muito poucas... exceções... eram apontadas... como fulana de tal primeira bacharel do Brasil () houve isso... umas que se formaram em direito se formavam em medicina mas eram pouquíssimas e dentro do Brasil eram muito poucas... eram exceções... (6s) em relação ao ensino profissional (3s) antes disso vocês queriam falar alguma coisa? [()

L.A. - [() Marista?

Inf. - Maristas?

L.A. - é mais antigo que o colégio Damas

Inf. - é mais antigo é? ah isso eu não sei meu filho não esse o Salesiano que eu falei foi por causa do ensino profissional... porque maristas... salesianos... das mas

L.A. - [Nóbrega... eu acho que o mais antigo é o Nóbrega

Inf. - [()... Nóbrega e jesuíta

L.A. - é o mais [antigo

Inf. - [eles voltaram em mil oitocentos e oitenta e três... ()

L.A. - [()]

Inf. - [mais () Nóbrega... Salesiano... sim mas co/... e falando ainda em ensino particular... eu quero lembrar já que você lembrou as ordens religio:sas... que houve no império... alguns colé:gios particulares que se notabilizaram... o colégio do CARAÇA... dirigi/ em Minas Gerais... dirigido pelos padres lazari:stas... era um colé:gio que realmente... não se limita:va... a:... ensinar os alunos para os exames preparatórios... não se limitava a i:sso... mas dava uma formação muito bo:a... a disciplina era muito rígida pro ensino daquele tempo... e: (3s) a: a disciplina era rígida dava uma formação bo:a... e também eles davam realmente... ao lado... do do das matérias de exame... eles davam realmente uma formação cultural... se preocupavam muito com o futuro... mas eram quase exceções... outro colégio foi o de Abílio César Bo:rges... na Bahi:a... ele foi... ele teve a:... vamos dizer assim... o grande: Mérito... de abolir a palmatória ((rindo)) no colégio dele... porque disse que quando era criança... ele não suporTava ver a palmatória na mesa do professor... e sentia uma angústia muito grande... foi por isso que no colégio dele a disciplina era:... ao conTRÁRIO dos lazaristas... era uma disciplina mais humana... mais leve... é isso aí... isso ele dizia muito... mas também... se preocupou assim... enquanto os outros se preocupa:vam com ensinar aQUEla disciplina que você ia fazer o preparatório... o aluno aprendia disciplina por disciplina... ele instituiu o ensino assim de três quatro discipli:nas... para o aluno aprender ao mesmo tempo... o que foi muito criticado na época... foi também muito criticado porque porque: em vez de apelar no ensino dele você veja o que é... em vez de apelar para a memó:ria do aluno... a/ apelava mais para o raciocí:nio de modo que ele recebeu também críticas por isso... e isso a gente sabe que... é considerado um ponto positivo na educação... em vez de memoriza:r... entender... vamos dizer assim... a memória veio valorizar o raciocínio... isso em relação ao ensino particular... agora isso que eu disse sobre em relação ao ensino particular... foi tudo secundá:rio viu?...

o normal... é profissional é verda:de... valia alguma coisa... MAS como estaria o ensino profissiona:l... na época do império? (4s) na realidade apesar de nós termos... já uma classe média... em desenvolvimen:to em franca ascensão... nós não tínhamos um ensino profissional assim... de nível muito eleva:do... no nível superior:r... é claro nós tivemos a escola de Mi:nas... em Ouro Preto... num local ()... e tivemos também:... a transformação da escola central () em escola de engenharia... que não deixa de ser... um ensino TÉCnico né?... profissional... mas no ensino se/no ensino de nível mé:dio... nós praticamente não tínhamos um ensino profissional... eu digo que não tínhamos um ensino profissional... porque ele era de um nível tão rudimentar... que não atingia o nível médio... não não você não precisava fazer um curso secundá:rio... ou estar fazendo um curso secundá:rio... pra aprender uma profissão... o que havia inicialmen:te foi... outro tipo de () muito simples... era apenas o aprendizado de profissões... o nível de instrução de quem aprendia... era o nível primário... então o ensino pro/ o ensino profissional realmente... que não era procurado por ninguém de classe MÉdia... era um ensino desse tipo... e foi... durante muito tempo... mais um ensino assistencial... aqui em Pernambuco... por causa()... nós temos/ vocês todos conhecem o prédio do Liceu de Artes e Ofícios?... o Liceu de Artes e Ofícios foi... foi criado nesse tempo... aqui em Pernambuco... houve também uma criação do Liceu de Artes e Ofícios no Rio de Janeiro... aqui em Pernambuco... foi um grupo... um grupo de operários... eram portanto profissionais... que resolveu funda:r... esse ensino se não me engano... eles se reuniram... e funda:ram... o Liceu... para... para profis/ para o aprendizado de profissões... ensinarem profissões... foi assim que ele começou... HOje... a gente sabe que depois de muito tempo (nesse tipo) o ensino profissional foi comprado pela Universidade Católica vocês sabem não sabem? pelos jesuí:tas... e eles está/ eles estão mantendo lá... pelo menos até quando eu sabia... eles estão mantendo lá: cursos profissionais... quer dizer cursos profissionais hoje habilitações é profissionais a nível secundário... cursos

técnicos... ele/ ele não está fora portanto da linha dele... mas foi criado assim... criado... fundado por... cinco operários... que se reuniram e resolveram ensinar a profissão... então realmente... era um aprendizado rudimentar... aquilo que se precisava

L.A. - professora mas pra quem exatamente era esse: Liceu?... quem era que frequentava exatamente?

Inf. - a clientela?

L.A. - é

Inf. - a clientela... só podia ser clientela... pra quem se interessava em ser marceneiro... ser carpinteiro... () (quem era que ia?) você acha que uma pessoa de classe: média... filho de comerciantes... ia? ()

L.A. - ()

Inf. - então o ensino profissional () lá em baixo... e o secundário lá em cima... ora em mil novecentos e quarenta e dois... o ministro/ () ((risos)) me assustou porque eu me esqueço totalmente... em mil novecentos e quarenta e dois... o ministro da educação Gustavo Capanema... quando apresentou a reforma do ensino secundário... definiu assim... “o ensino secundário... é a estrada real da universidade”... expressão dele... agora outra expressão “o ensino profissional é para formar os jovens para a sociedade”... agora a constituição de trinta e sete... já separava... porque dizia isso... “deve-se incentivar o ensino profissional PARA as classes menos favorecidas”... quer dizer... ora a gente já tinha essa tendência... já era da nossa formação da nossa cultura... e vem a constituição diz isso... quer dizer a constituição definiu... ensino para uma classe e ensino para outra classe...

L.A. - ()

Inf. - () além disso... além disso houve assim... no Pará... houve um aprendizado agrícola os salesianos... instituíram o aprendizado em Santa Rosa... em Niterói... salesiano sempre

gostou de te:r... o ensino profi:ssional... aqui eles têm ainda a escola Dom Bosco né?... ali no na:... quando a gente passa na BR... San Martin se não me enga:no... a escola Dom Bosco é uma escola profi:ssional... sempre tive:ram... mas isso é da tradição do Dom Bosco manter escolas... sempre manteve escolas assim porque ele começo:u... realmente a fazer a catequese dele no meio dos alunos pobres das crianças pobres da Itália... então você veja... de modo que... realmente no império o que havia era isso... o ensino profi:ssional (iniciando... e no nível) primá:rio... e isso continuou um pouco na primeira república também... isso continuou durante muito tempo... porque:... em mil novecentos e nove... já na primeira república... houve uma le/ um decreto-lei... que manda criar... em todos os esta:dos do Brasil... escola:s de aprendizes artífices... o nome era este... escola de aprendizes artífices... mas a CONDIção para entrar... era que fossem crianças caren:tes... e que tivessem e que:... que a nível de ensino fizessem ao mesmo tempo o curso primário... quer dizer então a gente vê que o ensino profi:ssional REALmente... era um ensino de baixo nível... né?... depois aos poucos é que ele foi... se elevando... o ensino primário no império... eu quero apenas lembrar... porque eu falei a: a: a propósito do ato adicional... eu quero agora lembrar que ele foi... to:do né?... organiza:do pelas províncias... entendeu?... os currículos todos a nível provincia:l... de modo que ah em poucas esco:las... cada província de acordo com as suas possibilidades... organizava... suas esco:las... isso completamente independente nunca houve... nenhum interesse do governo central em relação ao ensino primário... a/ agora os colégios particulares mantinham... o ensi/ geralmente... eles mantinham as escolas primárias/ o ensino primá:rio e o secundário (3s) aqui em Pernambuco também quero lembrar... em relação aos colégios particulares... além dos colégios de ordens religio:sas... Damas... por exe/ Damas tem cem anos fez cem anos (o ano passado...) damas... cristãs... dorote:ias... que vieram... vocês vejam bem elas vinham da Europa... então elas Já traziam natura:lmente... as italia:nas... italianas abriram as doroteias pela primeira

vez... francesas e belgas abriram o Colégio das Damas... então já havia toda influência europeia no currículo... que/ o seu currículo era livre não havia nenhuma determinação... elas organizavam o seu currículo de acordo com as suas idéias... de acordo com aquilo que traziam... agora sempre nesta a linha... de da:r uma educação femini:na... assim... culturalmente mais is/ mais ri:ca... e a () educação artística também ()... agora fundado por particula:res... houve dois grandes colégios em Pernambu:co... que fi/ que: ficaram até talvez a primeira república um pouco mais... mil novecentos e trin:ta... ou trinta e tantos... foram os colégios (Pritaneu) e o colégio Santa Margarida... a:mbos... funda:dos por senho:ras... quer dizer LEIgas... quer dizer foram os dois grandes corre/ colégios leigos... com regime de interna:to... na época havia muito interna:to hoje a gente não vê... mas havia interna:tos... porque geralmen:te... o povo/ não havia colégios assim no interior... e os pais gostavam de mandar os filhos... para interna:tos... onde eles pudessem morar e estudar... de modo que havia/... no livro de Valdemar de Oliveira ele descreve muita coisa sobre o colégio Pritaneu porque: Valdemar de Oliveira foi educado... justamente pela dona e fundadora do colégio (Pritaneu)... então ele conta como a: aquelas alunas que vinham de fo:ra... que vinham de interna:to... elas traziam/ até com:pras vestidos e tudo... elas saíam com a direto:ra... ou com a secretária pra fazer compras na cida:de... então a diretora cui/ cuidava () como se fosse uma (avó ou uma tia...) naquela época ninguém chamava professora de tia... mas na realidade fazia essa função... porque elas eram inte:rnas... vinham para aqui... e tinham liberdade de sair naturalmente (com parentes e tudo) pra passear () passeio... porque pra casa era mais difícil... a condução era muito difícil pra o interior... mas foram grandes colé:gios... de/ mas eram colé:gios de classe... naturalmente de classe mais elevada... de classe a... porque não era todo pai que podia arcar/... embora na época não houvesse e/ essa inflação (nem tudo tão ca:ro...) mas o pai podia arcar com as despe:sas... de uma hospeda:gem... tinha hospeda:gem tinha alimentação e tudo... então viviam ali assim... muito com

uma vida de: as/ muito assistidas ()... porque realmente a gente tem que pensa:r... que o ensino particula:r... no império e na primeira república... (fez muito... fez muito pela) educação brasileira se houve aqueles fra:cos... e se houve aqueles que só se preocuparam em preparar e treinar... () então... houve também colégios que se preocuparam realmente com a instrução maior... vou encerrar

Projeto NURC/RE - Inquérito nº 344 - Tipo: EF - Data: 05/05/88
- Duração: 50 min - Tema: Gêneros artísticos - Informante nº 415
- Sexo: M - Idade: 59 (3ª faixa etária) - Formação: Arquitetura -
Profissão: professor

Inf. - nós vimos em aulas em aulas passadas... os pontos referentes... ao método estético e sua adoção na crítica de obras-de-arte... e o problema da autonomia da arte... tudo isso foi desenvolvido... e: discutido a partir de um texto de Lionelo Venturi que foi objeto inclusive de exercício escolar... e que Lionelo Venturi defende a autonomia da arte desdobrando aqueles três aspectos... autonomia... da atividade artística... autonomia... do gênero artístico e autonomia da obra de arte... nós vimos que: a estética... se situa no campo da filosofia... e que para o estabelecimento do juízo crítico da obra de arte o estabelecimento de um juízo de valor é necessário a adoção de métodos técnicos... e: com referência aos gêneros artísticos a preocupação de se identificar quais são os valores de cada gênero... e: apreciar... as formas de comunicação... de expressão dos sentimentos do do artista em função dos valores desses gêneros (3s) nós verificamos e discutimos que cada gênero da ar/cada gênero artístico dispõe de uma matéria própria... e no nosso caso em particular... que a arquitetura... possui valores que são exclusivos desse gênero... que são valores não de representação mas valores de realidade como luz sombra temperatura ruídos silêncios odores etc (5s) há necessidade de... se fixar uma orientação para a crítica de arte... e um dos processos indicados... para uma crítica mais correta e mais segura... se volta para a questão dos valores estéticos dos gêneros artísticos... no caso da arquitetura em particular aqueles valores de realidade a que eu me referi... mas é importante... que se destaque que:... a substância da obra de arte é a intuição (6s) que não é: um problema não é que... um: não é um teorema... mas... um sentimento místico (4s) que pode ser traduzido também por uma visão de mundo

(3s) o:u o que nós... já chamamos aqui já nos referimos... o universo do artista... (6s) essa intuição... que nós dizemos que é a SUBstância da obra de arte... ela é revelada através da matéria artística... no caso dos gêneros artísticos através da matéria de cada gênero... e por não serem estas matérias ricas como forma de expansão da intuição do artista nós dizemos que essa que essas matérias são () são acidentais (3s) significando com isso que o artista embora... possa ter dentro de si um universo completo uma visão COMpleta do seu universo... e que pode até desenvolver o universo... mentalmente como um sistema... através dos gêneros... pintura arquitetura escultura música et cetera... ele não tem condições por serem matérias po:bres... de revelar e expressar toda a substância da intuição (5s) só: no caso do sistema filosófico é que essa é que essa/ toda substância da intuição é revelada então nós dizemos que... o sistema filosófico é substancial... entendeu?... não entendeu... o artista... é dotado de um sentimento místico de uma visão do mundo de um universo... e todo o esforço dele vai ser desenvolvido no sentido de expressa:r esse universo através da obra de arte... mas no caso dos gêneros artístico as matérias são insuficientes são po:bres pra revelação de todo esse universo então ele revela acidentes... da mesma forma que você pode imaginar... que num território geográfico você dispõe você você/ ele é formado por acidentes... por exemplo... rios montanhas flore:stas va:les éh: e assim por diante... nós podemos chamar... no caso do território geográfico... como acidente geográfico... então PARtes do: território... acidentes do território... compõem o território inteiro... então você pode dizer que PARtes do universo do artista nós poderíamos chamar de acidentes do universo... ou parcelas do universo total... no caso dos gêneros artísticos... ESSA intuição que pode ser completa total substancial... no caso dos gêneros artísticos ela só pode ser revelada através de acidentes... então nós dizemos que os gêneros artísticos são acidentais... SÓ no caso do sistema filosófico... que pode ser (3s) um conjunto... de ideias... de conceitos e de ideias... revelados pelo filósofo é que... nós podemos dizer

que... o sistema filosófico é substancial porque o filósofo pode revelar TODO o conteúdo TODA substância de sua intuição do seu sentimento místico... do seu universo... que ele pretende revelar e expor através da sua obra... então... esse é um ... um conceito que deve ser bem firmado... que os gêneros artísticos (3s) são acidentais (4s) e que o sistema filosófico (3s) é substancial (5s) ora... SE... a substância da obra de arte é a intuição e a intuição está contida tanto nas obras... elaboradas a partir da eleição que o artista faz por determinado gênero... então nós podemos dizer que o artista... vamos supor o artista artista plástico ou o músico... eles são filósofos (3s) porque eles são dotados de uma... intuição filosófica... assim como nós podemos dizer que o filósofo... é um artista (5s) então tanto o artista pode ser chamado de filósofo... como o filósofo... pode ser chamado de artista... por quê?... porque... ambos... são dotados de um sentimento místico... de uma visão de mundo... de uma filosofia... que procuram revelar o artista através da matéria do seu gênero... e o filósofo através do seu sistema... há alguma dúvida com relação a isso? (3s) você... que... fez uma interrogação no início tem alguma dúvida? SE a substância da obra de arte... é a intuição e tanto o filósofo quanto o artista são dotados de intuição esse sentimento místico ou visão de mundo o que o que diferencia o artista do filósofo é a forma de expansão de seu sentimento estético... enquanto que o filósofo usa o sistema e através de imagens ideias conceitos... ele pode expor todo o seu sistema filosófico o artista tem uma limitação imposta pela matéria do seu gênero... então o arquiteto... que dispõe de uma matéria que embora seja rica porque é mate/ é realidade a realidade espacial... mesmo assim há limitações desta matéria que dificultam a exposição do sentimento inteiro... da substância... de toda a substância... do seu universo... então ele fica limitado por imposição de sua matéria assim como fica o pintor o músico o escultor e assim por diante (6s) essa intuição artística que é como chama Lionelo Venture um sentimento místico... ela é dotada de duas qualidades que devem ser destacadas... uma... se chama de

ubiquidade (5s) ou seja a intuição nós podemos dizer que ela é ubíqua (3s) que significa isso?... que na obra de arte... todos os fragmentos todas as partes da obra de arte contêm... a intuição do autor da obra contêm a intuição do artista se você:... apanhar um quadro... e fragmentar esse quadro em pedacinhos... cada fragmento desse... em cada fragmento desse está contida a intuição artística a intuição filosófica ou o que a gente chama de sentimento místico visão do mundo cosmologia... então essa qualidade de... de estar presente a intuição em cada fragmento da obra do autor... nós chamamos de abíqua... ela está presente a intuição está presente em todos os fragmentos da obra artística... e ela é tautológica (4s) significando... que o artista... que é dotado de um sentimento... filosófico... ele revela sempre esse mesmo sentimento com formas diferentes... por exemplo nos diferentes capítulos de um romance é a mesma intuição apresentada por formas diferentes através de situações diferentes de cenários diferentes... então... tautologia significa a exposição e a expressão do sentimento SEMpre do mesmo sentimento que é único no artista com formas diferentes... em diferentes quadros por exemplo de um... pintor... você vai encontrar a mesma intuição exposta por formas diferentes... isso que nós chamamos de tautológica... é uma qualidade da intuição (5s) tautológica... e ambígua em cada fragmento da obra... nós vamos encontrar a intuição presente (8s)

L.A. - ()

Inf. - pra nós cujo interesse maior se volta pra a arquitetura... nós vamos procurar o sentimento estético a visão do mundo... o sentimento artístico a/ as as expressões que vocês possam considerar como sinônimos de intuição... nos valores (3s) do espaço e são todos valores de realidade (4s) nós temos no caso da pintura uma luz que é representação da realidade... nós temos no caso uma sombra na no quadro de pintura da obra pictórica que é REpresentação da realidade... mas nós temos uma luz... uma sombra (3s) e assim por diante o:u se nós quisermos dizer de forma mais completa uma atmosfera... que é composta por um conjunto de elementos

nós temos... realidades (3s) valores de realidade através DOS
 quais o arquiteto... expõe a sua... intuição seu sentimento...
 revela o seu sentimento (9s) alguma indagação? (9s) Essa
 intuição artística que é/ que DEve ser revelada através da
 obra de arte... ela: ao longo da história se apresentou de
 forma contida... nós estamos falando ainda de intuição...
 falamos que ela é substância da obra de arte... falamos que
 ela... é a é o que dá conteúdo à obra de arte... falamos de duas
 qualidades da intuição... que é a qualidade de ser ambígua...
 estar presente em todos os fragmentos da obra... de uma
 qualidade que nós chamamos de tautológica significando que
 o artista diz sempre a mesma coisa revela sempre a mesma
 intuição por formas diferentes... essa intuição podendo ser
 revelada na obra de arte... de forma contida... ou de forma
 liberada (6s) de forma contida... sujeita à regras... normas...
 sistema (3s) no sistema “a priori” (7s) e essa... postura...
 durante a elaboração da obra artística de sujeição a regras
 a normas... e ou a um sistema “a priori” ocorreu em todos
 os períodos que nós chamamos de clássicos... ou se vocês
 quiserem chamar de racional/ períodos... clássicos ra/ ou
 Racionalistas (6s) e nós também chamamos de formalistas
 (5s) em que a forma é sempre ditada por um sentimento

L.A. - ()

Inf. - como é?

L.A. - ()

Inf. - ()

L.A. - () cânone () [cânone

Inf. - [() cânone cânone não porque o artista na
 intuição liberada ele tem sempre a liberdade... de dar a forma
 (3s) ditada por seu sentimento... não uma forma... prefixada..
 muito embora o artista tenha inclusive a liberdade de adotar
 uma forma que já foi usada

L. A. - mas ela pode ou poderá ()

Inf. - na medida em que você repete a forma... ela pode consolidar [o que a gente chama de um estilo

L.A. - [() é um estilo

Inf. um estilo mas é mas sempre nos movimentos de intuição liberada quando ao artista não é imposto... não é imposta uma forma... ou um sistema ou uma lei... ele pode adotar ou não.. uma forma... já conhecida quer dizer ele tem liberdade inclusive de adotar uma forma que de/ passou a ser utilizada por artistas da intuição contida... um dos exemplos muito frequentes a respeito disto é o/ é o da forma dos sonetos... os sonetos de Petrarca... que eram uma forma rígida de construir o poema... ele foi... imposto (4s) a todos os artistas clássicos ((ruídos)) de construir é elaborar o seu poema... na forma de soneto... naquela forma rígida... número de versos... número de estrofes... número de sílabas... como como rimar que era uma regra de Petrarca estabelecida para o soneto... ela foi utilizada.. por poetas da intuição contida... mas nós temos exemplos de poetas românticos ((ruídos)) poetas românticos no século dezanove utilizando a forma do soneto... considerado por eles como uma forma que satisfaz a sua índole o seu sentimento... a exposição do seu sentimento estético (4s) então você veja que o que acontece é que entre os artistas clássicos racionalistas formalistas... há uma preocupação de uma subordinação à regra a um sistema a uma lei... e: funciona aí tanto a matemática... como a geometria... PRINCIPalmente a geometria elementar... as formas simples e as cores primárias... então nós tínhamos... por preferência nos artistas racionalistas... o cone as formas geométricas simples... o cone a esfera... o cilindro (6s) no plan/ isso em três dimensões no plano você tinha o quadrado (4s) o círculo (4s) o retângulo mas aí o retângulo era o retângulo áureo que era definido por/ pela regra de ouro o retângulo chamado retângulo de ouro... que é construído a partir do quadrado com uma fórmula... uma regra... específica para a construção deste retângulo... as cores eram as primárias não eram/ o... vermelho (4s) o azul... e o amarelo... entrava nisso o branco... que é o a união

de todas as cores e o preto... a ausência de cor... então eles procuravam se limitar à utilização dessas cores primárias e mais branco e preto (5s) além das formas geométricas simples... então o artista racionalista... clássico formalista ele está sempre subordinado a uma regra a um sistema a uma lei... enquanto que:... o artista da intuição liberada... ele escolhe a forma ditada pelo seu sentimento... sendo que ele tem inclusive a liberdade de em determinadas situações adotar uma forma já conhecida... até uma forma que é utilizada por artistas clássicos... racionalistas... mas ele nunca se repete... enquanto você... na: intuição contida tem sempre uma repetição tem sempre um padrão tem sempre a regra tem sempre a lei no caso da intuição liberada você encontra sempre uma variação... não uma uniformidade mas uma multiformidade... então a construção contida... pare/ aparece sempre como um produto intelectual enquanto que... a: construção liberada segundo/ vamos dizer numa... postura liberada em termos de execução da obra... ela é sempre um produto mais subjetivo a forma é sempre um produto da subjetividade não de uma forma preestabelecida ou um produto como se fosse um produto intelectual (3s) ENtra nisso aqui da intuição contida... a célebre discussão... do belo na arte... então o belo... para os artistas formalistas era uma característica do objeto... por quê? porque se: no caso da escultura... a anatomia perfeita era uma ExiGÊNCIA para a construção da escultura da figura humana... toda vez que a escultura era executada segundo essa regra... ela atingia ao que os estetas... caracterizavam como o belo na arte... então o belo era do objeto... enquanto que nos artistas da intuição liberada os estetas... que admitiam... a produção da obra de arte sem a subordinação à regra ao sistema... o belo era muito mais do observador do que do objeto quer dizer o belo era um belo entre aspas... significava aquela obra artística dotada de sentimento estético... dotada de intuição (4s) o belo era como eu disse entre aspas... aquela obra artística dotada de sentimento estético e de intuição... que caracterizava a obra de arte... que dava... SENTido à obra de arte que era a presença da intuição na obra... desse sentimento místico

dessa visão do mundo dessa cosmologia (8s) um outro aspecto interessante dessa... desse problema da intuição... que a gente pode chamar de: sentimento filosófico (4s)

L.A. - professor

Inf. - diga

L.A. - () visão liberada ()

Inf. - normas ou impostas num sistema () ou impostas por ele mesmo por ele próprio...claro... que você tem normas técnicas as quais você deve obedecer... mas que não/ que não são propriamente vamos dizer assim que não estão DENTro da obra mas fora dela o programa de necessidade de uma comunidade estabelecido por exemplo para uma escola dita administrativa um hospital é está sujeita a regras e a e a normas que são impostas pelo usuário ou pela condição () os próprios códigos de urbanismo e obras estabelecem normas e regras... que devem ser obedecidas pelo arquiteto quando faz o seu projeto de arquitetura ou quando faz a sua proposta urbanística... são regras e normas... mas quando você vai observar a obra de arte você se abstém da esses condicionantes do/ exteriores da/ à obra... e analisa as coisas que estão dentro dela... claro que até o que for liberado está subordinado a a materiais a tintas a telas dimensões e ATÉ ao tema... porque pode ser que um: um interessado num determinado assunto contrate um pintor... é impondo a ele um tema que deve ser pintado... então... é uma imposição além das questões de ordem técnica há outras questões que fazem com que o artista se deixe subordinar... a determinadas... exigências... que são exteriores à obra... mas pintar... a natureza a figura humana ou a natureza morta como assunto e como tema a partir daí... do momento () a partir do momento em que ele começa a executar a obra... toda a sua carga sentimental é é rebatida relatada sobre o seu trabalho independente da das exigências que são vamos dizer dos bastidores... da obra

L.A. - () o artista tem uma regra pessoal

Inf. – pessoal ?

L.A. - ()

Inf. - o que acontece é que... você tem o caso da intuição contida sempre você estando subordinado sempre à regra... você tem aqui uma repetição... mas uma repetição e uma forma

L.A. - [()

Inf. - [é o que acon/... o que acontece é que você tem em determinados períodos... um sentimento coletivo... que faz com que certas formas se repitam... e se caracterizem no estilo... mas me:smo no gótico você vai observar que embora alguns elementos sejam repetidos as formas os espaços as dimensões e as estruturas... são... frutos de concepções di/ diferentes... você/ nos castelos medievais você vai encontrar muito éh: no ()... na Alemanha também esses castelos eles nunca têm a mesma forma porque eles são sempre ajustados às condições do local... do terre:no da to/ da topografi:a das condições locais quer dizer no tem:po dele... ele é ele é sempre a mesma forma em qualquer ciclo geográfico enquanto que o castelo medieval ele muda de forma... de situação de DEsenho tanto em plantas como em em em concepção espacial... () em função do progra:ma da exigência do usuário ou do ciclo geográfico... quer dizer há sempre uma modificação você tem um padrão o que você encontra como padrão é o templo grego que se repete mas ele é resultado de uma regra de um problema de uma lei rígida assim como aconteceu no renascimento... os tratados de como de como construir ou de como poetar ou de como pintar... eram tratados que estabeleciam regras RÍGIdas para a elaboração do quadro éh no:: no gótico... o fundo do quadro era de ouro porque eles entendiam que o sentimento deles limitado e o ouro significava o céu... no renascimento a perspectiva era uma exigência da estética renascentista para o fundo do quadro... mas não era qualquer perspectiva era a perspectiva exata como a matemática... a perspectiva CORRETA do ponto de vista geométrico... então e nem essa era uma regra... sempre... então o artista a intuição liberada...

que parece em determinados momentos aceitar uma imposição da estética renascentista com o fundo do quadro em perspectiva ele podia até adotar a perspectiva como fundo de quadro mas essa perspectiva era deformada... assim como a figura humana como o homem é considerado como o centro vamos dizer do interesse como o centro do universo é o homem: é: resgatado dessas das suas imperfeições... ele poderia ser assunto de um artista... contemporâneo dos renascentistas... mas de intuição liberada no caso dos pintores () de Veneza mas já... não obediente à anatomia... não àquelas proporções estabelecidas... sete cabeças e meia pra o tamanho do corpo e as proporções de () de um braço e entre outros das partes do corpo em função da dimensão do corpo... é o artista de Veneza que era/ que era/ os artistas de Veneza contemporâneos dos renascentistas... clássicos de: Florença... usaram os mesmos temas e os mesmos assuntos e algumas características adotadas pelos pintores florentinos... mas deformando a figura... não usando a perspectiva exata... sem preocupação das cores primárias... então eles eram acusa/ eles eram... eh eh chamados de EXcelentes pintores mas péssimos desenhistas... eles eram considerados excelentes pintores dominavam éh com muita maestria a cor mas como eles deformavam a figura como eles apareciam com a fig/ não conheciam o desenho... a anatomia... eles eram considerados péssimos desenhistas no entanto eles foram grandes artistas por quê? porque a estética... do século quinze exige para a obra de arte a presença da intuição e não a obediência a cânones a receitas a regras e a lei (8s) então essa:... essa questão da intuição contida e da intuição liberada... é uma questão presente em toda a produção artística no mundo ocidental... desde a Grécia até o século vinte... ela vai aparecer em todos os gêneros... pintura música arquitetura literatura e assim por diante... uma outra questão importante para a compreensão... de problemas estéticos (5s) é a questão... que os estudiosos de filosofia chamam de transcendental (6s) e imanente (5s) nas fisi/ filosofias classificadas como transcendentais... nós temos sempre uma dualidade... criador (3s) criatura (5s) enquanto

que: nas filosofias... que são classificadas como... imanentes (3s) o criador se confunde com a criatura (17s) nós temos exemplos inclusive de arquitetos do século vinte... em que... arquitetos em que: você pode perceber claramente... a transcendentalidade da sua obra arquitetônica assim como em alguns outros você pode perceber que eles são/ podem ser classificados e colocados como artista da imanência (4s) nos artistas (5s) formalistas (5s) arquitetos... a obra se basta a si mesma (5s) a obra se basta... a si mesma (5s) nós percebemos claramente... numa num estudo de relação entre a obra e a natureza essa dualidade a obra e a natureza... alguns deram... em: teoria quatro... você... fez um trabalho cita a casa Savoy e Le Corbusier... como um exemplo... de uma dualidade entre a casa e a natureza... ao mesmo tempo há exemplos de: obras arquitetônicas e aqui nós/ no caso da dualidade e da transcendentalidade nós vamos vamos lembrar a obra de Le Corbusier ((ruídos)) no caso da imanência nós temos como exemplos... Loy Duray... Frank Loy Duray (5s) defendia a idéia de uma obra identificada com a natureza... era um processo que ia além da integração:... era mesmo uma forma de Identificação da casa com a natureza (3s) e ele dizia sempre que a casa não estava no deserto a casa era do: deserto... a casa não estava na cascata... todos nós conhecemos o exemplo da casa da cascata de Loy Duray... a casa era a cascata estava na cascata era DA cascata... e não estava na cascata a casa era DA cascata essa relação entre obra e a natureza... atingia também o usuário... você não tinha o homem na casa mas o homem DA casa... então cada obra... era um caso particular... de concepção arquitetônica... enquanto que no racionalismo... nas filosofias da transcendentalidade no caso da arquitetura... você tem um edifício um espaço uma obra para um homem ideal... para no geral seria um homem padrão... no caso da imanência... que atinge também a arquitetura... a casa o espaço é sempre um espaço singular para uma individualidade para uma SINGularidade e não para o geral ... então... vo/ vocês percebam o seguinte você tem um homem NA casa... pode ser um homem na casa numa obra...

racionalista numa obra transcendental formalista e tem um homem DA casa... numa obra... organicista que era o caso de Loy Duray que: defendia o organicismo... que é também sinônimo de romantismo (3s) ou se vocês quiserem dizer podiam até dizer que a obra de Duray é gótica (4s) ou barro:ca... é claro que em cada período desse há características próprias... significava a repetição de determinado sistema determinados programas... mas que caracterizavam sempre uma relação mais estreita... entre... o espaço arquitetônico e o usuário do edifício... uma relação estreita sentimental subjetiva (3s) éh: ... dentro do espaço... tudo era conduzido no sentido de não se: perceber... claramente essa dualidade... então o homem era da casa e o usuário é do espaço... é elemento do espaço... enquanto que na arquitetura racionalista DE certo modo... mesmo pra quem não é um racionalista há sempre uma preocupação de estar observando os detalhes porque o desenho é forte que o desenho destacado que as formas escultóricas são trabalhadas com uma determinada intenção... mes:mo do ponto de vista... vamos dizer senti:mental o observador seja o subjetivo ele se coloca no espaço arquitetônico transcendental éh esse espaço da dualidade... como um indivíduo () e que eh/ fica clara essa relação mais distante entre sujeito e o objeto técnico... enquanto que: nas obras de cunho organicista... sentimental e romântica... essa relação... essa dualidade fica mais... simplificada amenizada... e: em alguns casos éh: alguns estetas consideram até que ela inexistente porque... não há: propriamente uma dualidade sujeito e objeto... não há/ há um um em vez de ser uma: eh em vez de acontecer essa dualidade... acontece o que os estetas chamam de uma experiência estética... experiência estética é uma característica (4s) das proposições ou das propostas arquitetônicas... em que: os valores espaciais... Todos os elementos que compõem a obra... estão ... orientadas... pela preocupação de uma identificação entre o sujeito e o objeto... estético... entre a/ entre o entre homem e a casa e entre a casa e a natureza... natureza que circunda... o edifício (4s)

L.A. - [()]

Inf. - [é muito mais é muito mais a forma de expressão do que a contenção ou a liberação... ela é uma evidência muito mais de ordem formal... então você percebe na economia... inclusive na economia da expressão e da palavra... na racionalidade dos termos... você percebe... no mundo... dos filósofos eles têm um mundo organizado ordenado... éh... simplificado... matemático e geométrico... que é revelado inclusive através de uma forma de expressão que também é simplificada é geométrica é matemática é econômica... enquanto que nos: filósofos da intuição liberada você percebe que o mundo deles é mais complexo não tem aquela simplicidade do universo do mundo gótico contido e: a exposição desse universo é feita de forma muito mais subjetiva mais sentimental mais complexa até... quer dizer é menos clara... uma das características das obras contidas é: a clareza.../ inclusive no caso da arquitetura vale a clareza estrutural a leitura imediata quando você chegar numa obra e: encontrar uma clareza estrutural leitura imediata permita éh:... em que se evitam as surpresas... então você provavelmente... não é não é só esse indicador mas é um caminho que permite éh ir descobrindo a o sentimento estético do autor da obra... então a clareza seja estrutural seja: seja a clareza a clareza vamos dizer pictórica escultórica etc são características de qualidade dos artistas da intuição contida

L.A. - ()

Inf. - não sei

L.A. - ()

Inf. - provavelmente liberada né?... mas não tenho essa resposta pra [você imediatamente

L.A. - [()]

Inf. - [porque é muito singular muito particular a existência... de cada um

L.A. - ()

Inf. - é como você pode dizer assim o liberado tem uma regra [e que ele produz a obra com liberação... é a regra

L.A. - (()

Inf. - [mas

acontece que as obras têm formas diferentes... então ele tem uma/ quer dizer a liberação implica em você adotar formas de tratamento de sentimento... então no seu trabalho você como indivíduo... você tem você mesmo... vai ter formas diferentes para a revelação de seu sentimento () da intuição dependendo de determinadas situações enquanto que:: o artista da intuição contida está subordinado a uma regra rígida... ele recebe sempre a mesma forma... sempre o mesmo sistema... na execução da obra-de-arte... O importante que eu acho não é pro/ claro que interessa identificar onde o artista se situa... mas sendo contido ou liberado... o que caracteriza a obra-de-arte é a presença da intuição... então Essa forma de expressão parte sempre do subjetivo... de uma subjetividade uma coisa que está na alma do artista... seja ele contido ou liberado... porque pode parecer que a simples obediência à regra ao sistema e à lei... vai permitir a obra de arte... não... é necessário que a intuição esteja contida na obra... seja subordinada à regra mas contida nela... e ela SE revela... então a forma aqui no caso a forma é clara... mas como as formas se repetem... o sistema é rígido... e adotado por diferentes artistas... a intuição está escondida na forma... ela é de: de mais difícil assimilação... parece u/ parece um/ que é contraditório isso... parece uma contradição ora... a gente diz que... o artista da intuição contida se caracteriza pela clareza pela harmonia... pelo equilíbrio e assim por/ mas isso se refere sempre à forma... como essa forma se repete em diferentes artistas é o mesmo sistema na Grécia por exemplo... no renascimento E no racionalismo contemporâneo... fica mais difícil de você perceber as individualidades que estão escondidas na forma... uma regra... para o edifício contemporâneo era aquela

regra de le cobusier o piloti... a estrutura independente... o pano de vidro a janela corrida o teto jardim... centenas de arquitetos no mundo inteiro adotaram essa regra na concepção do edifício arquitetônico... então ficava muito mais difícil você identificar as individualidades que estão escondidas numa forma prefixada que era essa forma de... conceber o edifício contemporâneo... do que: os artistas da intuição liberada os escandinavos por exemplo... ou os seguidores de Loy de Loy Dural... que: na observação da forma você já começava a perceber características das singularidades... características de suas individualidades... então já através da forma você começa a: identificar o autor da obra enquanto que nos artistas formalistas clássicos... os artistas da intuição contida... não é através da forma que você vai buscar só através da intuição... tá claro?... você veja que se você for à forma de um soneto rígido e for procurar as individualidades... de cada poeta através dessa forma você não encontra... MAS nos ar/ nos poetas da intuição liberada... que: em alguns casos até repetiam a forma adotada anteriormente criada por eles... você já poderia perceber uma personalidade um estilo literário que estava ali porque era a forma ditada pelo artista

L.A. - ()

Inf. - não sei aí eu:: talvez M. né? que se interessa muito por filosofia () a indagação dele é se: você poderia identificar... certas formas de expressão... éh: comparando a dialética marxista materialista com a dialética hegeliana

L.A. - ()

Inf. - agora nisso tudo para o arquiteto é muito importante... que ele se detenha... em todos os componentes do () arquitetônico todos os elementos que contribuem para o: estabelecimento dos valores da realidade espacial... até a presença humana... em aula passada eu fiz referência que essa sala... vazia não tem o mesmo significado dela cheia... então ela se completa... ela ela ela... ela se completa com/ como proposta arquitetônica como: como ideia de espaço

a partir do projeto do arquiteto ela se completa SE REaliza num momento em que ela está plena cheia... de estudantes... vale aí não só a palavra do professor o ruí:do dos alunos das indagações das vozes os ruí:dos e o silêncio como: os elementos de presença que interferem nos valores espaciais... e a acústica porque essa sala cheia tem uma acústica diferente da sala vazia... o mobiliário... a cor... das roupas... os reflexos de cor de luz e sombra que interferem na própria realidade espacial... então NEsse momento é que é possível a crítica completa... quer dizer o comentário arquitetônico... é como na igre:ja na hora do culto... do auditório repleto com um conferencista presente falando do teatro na ocasião da representação da cena teatral e assim por diante... então é necessário que o espaço esteja completo em sua inteireza e com todos os componentes previstos no projeto... na ideia do arquiteto dessa presença humana

E-book composto em Minion Pro, por LabLab
Design para o projeto NURC Digital.